

Dani Assis



SEM VIDA

*Ele deseja ardentemente a morte para conter sua dor.
Existirá alguém capaz de lhe devolver a vida?*



Dani Assis



SEM VIDA

*Ele deseja ardentemente a morte para conter sua dor.
Existirá alguém capaz de lhe devolver a vida?*

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

PRÓLOGO - OBERON

OBERON

CAPÍTULO UM - AGATHA

CAPÍTULO DOIS - AGATHA

CAPÍTULO TRÊS - OBERON

CAPÍTULO QUATRO - AGATHA

OBERON

AGATHA

OBERON

AGATHA

CAPÍTULO CINCO - AGATHA

CAPÍTULO SEIS - AGATHA

CAPÍTULO SETE - OBERON

AGATHA

OBERON

AGATHA

OBERON

CAPÍTULO OITO - AGATHA

OBERON

CAPÍTULO NOVE - AGATHA

OBERON

CAPÍTULO DEZ - AGATHA

CAPÍTULO ONZE - OBERON

AGATHA

OBERON

AGATHA

[CAPÍTULO DOZE - AGATHA](#)

[OBERON](#)

[CAPÍTULO TREZE – AGATHA](#)

[OBERON](#)

[CAPÍTULO QUATORZE – AGATHA](#)

[CAPÍTULO QUINZE - AGATHA](#)

[OBERON](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS - AGATHA](#)

[OBERON](#)

[UM ANO DEPOIS....](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[Agradecimentos](#)

[SEM CAMINHO PRÓXIMO LANÇAMENTO](#)

[Redes Sociais](#)

[Biografia](#)

SEM VIDA

Sem Vida

Copyright © 2017 Dani Assis

Todos os direitos dessa obra são reservados a autora

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

O compartilhamento desse livro em quaisquer meios digitais ou físicos configura crime ferindo a lei de direitos autorais.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei número 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais são meras coincidências.

Capa, projeto e diagramação: Francine C. Silva

Primeira edição – 2018

DEDICATÓRIA

*“À mulher que me deu a vida e me amou
incondicionalmente,
além de me ensinar a ser a pessoa
honrada e corajosa que sou.
Um dia estaremos juntas de novo.”*

*“A única coisa tão inevitável quanto a morte,
é a vida.”*

Charles Chaplin



PRÓLOGO

Oberon

Três anos antes

— Obe, meu voo chega às nove, está ouvindo? Não se atrase.

Ouçô sua voz ao telefone e começo a olhar em volta vejo que nossa casa se parece com um presídio pós motim. Quando Lara saiu quinze dias antes para viajar de encontro a irmã que deu à luz, eu fiquei sozinho com os inúmeros trabalhos e projetos que tinha para entregar nesse meio tempo.

E apesar da saudade no meu peito para tê-la em casa o mais breve possível, pânico toma conta de mim porque sei que vou levar a maior bronca da história quando ela entrar aqui e vir que consegui sujar toda a louça da casa, todas as toalhas, sem contar com a quantidade de objetos fora do lugar.

Nem se eu tivesse uma dessas varinhas mágicas dos filmes de fantasia conseguiria deixar essa casa aceitável novamente até a hora de buscá-la.

— Não vou, estou contando os minutos para te ver.

Nos dez anos que estamos juntos, essa foi a primeira vez que passamos tantos dias longe um do outro. Sempre tenho que sair para fotografar em outras cidades, estados ou países, mas Lara na maioria das vezes está comigo, porque além de minha mulher é minha sócia em nosso estúdio fotográfico.

— Eu também, amor! E diz para mim, você terminou de tratar as fotos de capa da próxima edição da revista?

— Sim, terminei hoje.

Ela continua esticando a conversa para falar de trabalho, e a única coisa que consigo

pensar é: as horas se encurtam cada vez mais rápido e meu tempo para dar um jeito em nossa casa só diminui.

— Amor, quando você chegar a gente conversa sobre isso, tudo bem? Preciso enviar uma proposta por e-mail sobre aquele catálogo de viagem.

Minto, mas é a única maneira de fazê-la desligar mais rápido.

Ela assente e nos despedimos. Assim que desligo meu telefone jogo-o sobre a bancada da cozinha e começo a correr como um louco dentro de casa, carregando um saco de lixo nas mãos.

Nesse momento só existem duas opções: colocar para lavar ou colocar no lixo.

Ah, droga! Nem tudo eu posso colocar no lixo, então decido alocar quase tudo para lavar e a pilha que se forma na lavanderia seria ótima para o treino de um escalador. Abro a geladeira e numa passada de mão jogo todos os restos de alimentos no saco aberto no chão, faço a mesma coisa com os restos sobre a bancada e a pia, em seguida corro para a sala e recolho copos e pratos espalhados pelo ambiente, além dos sapatos pelo chão e camisetas estiradas no sofá.

Olho para o relógio e não acredito como o tempo passou tão rápido e vejo que falta apenas uma hora para sair e buscá-la no aeroporto. Volto a atenção para minha saga e tento a todo custo organizar a maior parte da casa, ao menos os cômodos principais já que esses serão os que notará primeiro.

Corro até o estúdio que fica ao lado de nossa casa, ocupando parte do mesmo terreno, mas com uma entrada independente para manter a privacidade tanto dos clientes quanto a nossa e ergo sobre meus braços suas flores favoritas.

O vaso repleto de gérberas rosas e laranjas vão deixá-la feliz quando chegar, e talvez até esqueça como quase destruí nossa casa. Começo a sorrir com a simples lembrança de como o rosto de Lara se ilumina toda vez que vê essas flores em algum lugar.

E é tudo o que eu consigo por agora.

Subo para o nosso quarto e alço a última camiseta limpa da gaveta e saio apressado para buscar minha mulher, para buscar a luz da minha vida.



Ela caminha a passos firmes, mas com extrema suavidade, seu corpo mexe de um lado para o outro e sinto minhas mãos arderem antecipadas na vontade de tocá-la, foram longos e tortuosos esses dias longe da mulher que não sei mais viver sem ter.

Assim que a distância entre nós não passa de poucos metros, corremos de encontro ao outro para matar a cobiça inflada dentro de nós.

Não falamos nada, nossas bocas não foram feitas para falar nesse momento; elas são usadas para saciar o desejo e a saudade que estávamos sentindo. E no meio desse aeroporto onde milhares de pessoas circulam todos os dias, as únicas pessoas que existem nesse instante são: Lara e eu. O único som que ouço é o da sua respiração contra mim e o único toque que anseio com cada vez mais força é o das suas mãos passeando por meu corpo.

— Obe... — ela sussurra entre meus lábios quando interrompe nosso beijo em busca de mais ar.

— Estava com saudade de você — respondo, sem afastar nossas bocas.

— Ainda estou com saudade de você, Obe. Quero chegar em casa e começar a matá-la no nosso quarto. — Sorrio com a menção de ficarmos os dois à sós.

— É o que eu mais quero.

Solto-a contra minha vontade e recolho sua mala do chão, começamos a caminhar, felizes, em direção ao nosso carro. Abro a porta para ela entrar e guardo sua bagagem e em poucos minutos estamos seguindo de volta para nossa casa.

— Amor, o bebê é lindo. Eu fiquei pensando quando tivermos o nosso, como será lindo também.

— Você quer um bebê, Lara? Podemos começar a treinar agora mesmo, o que acha? — Estico minha mão para sua coxa e começo a provocá-la.

Minha intenção era só provocar para esquentar as coisas até chegarmos em casa, mas o tiro sai pela culatra quando ela se debruça sobre mim e sussurra:

— Pode ser agora sim. Aqui no carro. — Suas mãos chegam muito próximo do botão em minha calça e tenho certeza que vou sucumbir o resto do trajeto.

— Lara, não brinque assim.

— Por que não? — Ela continua com a mão zanzando por mim. E sinto todo o sangue do meu corpo se mover para apenas um lugar.

— Isso é tortura — respondo. Troco de marcha para reduzir a velocidade do carro

quando vejo que o sinal à nossa frente acaba de mudar de cor e ficar vermelho.

A essa hora da noite a quantidade de carros na rua é pouca e quando paramos no semáforo, só existe mais um carro duas faixas após o nosso.

Observo o cruzamento para ver se posso furar o sinal vermelho e sair dessa via e começo a acelerar lentamente.

— Oberon, estou cansada de dizer para não passar quando o sinal está no vermelho.

— Eu sei, Lara. Não estou passando, só estou olhando.

— Por que está acelerando então?

— Lara, não é seguro ficar parado aqui a essa hora. — Estico meu pescoço para olhar o lado esquerdo da via e ter a certeza de que é seguro ultrapassar, mas...

Mal termino de falar e ouço uma batida violenta na janela vindo do lado direito, justo onde Lara está.

Tudo começa a acontecer em velocidade reduzida, e de repente é como se o tempo e espaço não existissem e transformo-me em um mero espectador dos fatos.

Alguém parado ao lado do vidro estilhaçado estica sua mão para dentro do meu carro e empunha uma arma contra Lara e antes de poder fazer qualquer coisa, como: gritar, pular sobre ela ou continuar acelerando, ouço o estampido curto e certo e vejo seu rosto que até segundos atrás estava radiante em felicidade, apagar e manchar em vermelho.

Sem consciência alguma do que posso fazer, estico meu braço para tentar protegê-la de alguma maneira e a pessoa em pé ao lado do carro aperta o gatilho mais uma vez e dessa vez sinto o queimar em mim e Lara se projetar para a frente e voltar para trás, com os cabelos grudados na pele.

Tento desesperadamente soltar meu cinto de segurança, mas minhas mãos não obedecem minha vontade e meus dedos escorregam sobre o fecho, deixando-me ainda mais atormentado e quando consigo finalmente me libertar, jogo meu corpo para cima do dela e pela primeira vez encaro o homem parado ao lado de fora.

Porque nesse momento não vejo mais nenhuma saída para Lara e eu, então se é para ele continuar atirando que seja em mim e não nela.

Ele é alto e forte, e esconde o rosto sob um capacete. Quando estou pronto para receber a sentença final de um desconhecido que nem ao menos nos deu chance de falar, ele meneia a cabeça de um lado ao outro e começa a se afastar do nosso carro, noto-o guardar a arma na região lombar, em seguida ergue sua moto do chão e sobe nela, sem nenhum tipo de pressa, e

antes de arrancar com a moto ele olha para mim mais uma vez e continua seu caminho, deixando-nos para trás.

Com a luz da minha vida jogada em meus braços, grito desesperado por ajuda e tento entender porque alguém faria algo assim.

— Lara, LARA. — Grito, clamando por uma resposta que não vem. — Amor, fala comigo. Olha para mim, por favor. SOCORRO, SOCORRO... — Grito ainda mais alto.

Até que vejo um carro parar ao nosso lado e corajosamente abaixar os vidros.

— Por favor, alguém me ajuda, por favor... — O tom da minha voz vai diminuindo até sumir, quando apreendo que qualquer esperança está se esvaindo segundo a segundo.

Puxo Lara contra mim e aperto seu corpo com força contra o meu, minhas lágrimas e seu sangue se misturam e agora só o que me resta é sentir meu peito inchar e se inundar com a dor da perda daquela que iluminou meus dias.

As vozes e os sons das sirenes começam a nos cercar cada vez mais altos e próximos, entretanto, não se fazem mais necessários. Por fim, começo a cantar sussurrado sua música favorita, balançando-a contra mim.

É dessa forma que Lara sempre gostou de dormir em meus braços.

Dois meses atrás

Diga-me quantos anos podemos viver sem que estejamos de fato vivos? Quanto tempo você acha que um homem pode rastejar pelo mundo e fingir para todos que ainda está bem?

Acho que a resposta é para sempre.

A receita é simples, mas extremamente dolorosa de preparar. Acordar e sorrir para o espelho e pensar na dádiva que é começar um novo dia.

Besteira.

Não existe dádiva nenhuma em viver se você só rasteja, embrenhando-se por todo canto desse mundo, procurando arduamente que um dia toda a dor desapareça feito fumaça.

É assim, não é? O tempo cura tudo.

Ouvi isso tantas vezes que se ainda hoje alguém repetir essa frase para mim, faço-o engolir cada palavra. Porque o tempo não cura nada, o tempo só faz essa erva daninha aumentar e nos consumir cada vez mais.

O tempo até agora só me mostrou que essa conversa retórica é uma baboseira inútil de quem nunca perdeu nada, nem ninguém.

— O senhor vai ficar hospedado quantos dias? — questiona a atendente da pousada imunda que parei para me hospedar.

— Não sei ainda. Horas, dias, semanas?

Ela franze os lábios em desgosto com minha resposta malcriada e termina de preencher meus dados numa folha de papel. Em seguida, entrega-me uma chave, tomando cuidado para não tocar minhas mãos. Talvez ela tenha medo ou repulsa de mim, assumo que não estou nos meus melhores dias e minha aparência possa parecer um tanto rústica para ela.

Não me importo. Facilita as coisas.

Pego as chaves de sua mão e começo a caminhar em direção ao quarto, ao passar pela porta analiso o lugar e vejo que é um pouco melhor que o último que fiquei, esse ao menos tem banheiro e lençol na cama.

Jogo-me sobre o colchão e puxo meu telefone do bolso para ver quantas chamadas não atendidas tenho.

Muitas. Ignoro todas.

Não entendo por que insistem em me ligar se sabem que não vou atender?

A persistência em todos eles ao falar de Lara, deixa-me ainda pior, por isso decidi que não atenderia mais nenhuma. Mas, com uma tática secundária meu telefone agora sobrecarrega-se em mensagens de texto.

Rolo todas no visor sem ler nenhuma, porém, uma delas chama minha atenção.

Oberon, sou Sara, enfermeira do seu pai. Ítalo está tentando, sem sucesso, falar com você. A saúde de seu pai está cada vez pior, seu irmão não tem mais como arcar com esses custos sozinho. Eu mesma não recebo salário há meses, mas continuo aqui. Imploro que atenda seu irmão e ajude seu pai.

Deixo o telefone cair sobre meu peito e respiro fundo, assimilando o que acabei de ler.

Depois da morte de Lara não consegui continuar levando a mesma vida de antes, até porque não existia mais vida nenhuma, ela era tudo para mim. Cada piscar de olhos que eu dava era para ela, cada respirada era para ela, cada sopro de voz era para ela.

E enterrar minha mulher — brutalmente assassinada por um psicopata — fez-me ser enterrado com ela, mesmo que eu ainda respire, coma e ande, não estou mais vivo.

Quando saí daquela cidade meu pai estava começando a adoecer, mas nada que inspirasse muita preocupação; foi só de um tempo para cá que as coisas começaram a piorar.

E mesmo eu não respondendo nenhuma mensagem, meu irmão Ítalo ainda passa algumas informações sobre tudo, mas nunca me pediu nem um centavo. Não tinha como eu saber que as coisas estavam assim.

Merda!

O único dinheiro que tenho é o que ganho tirando fotos de pessoas nas ruas, o que recebo é suficiente apenas para comer e pagar esses poleiros onde me hospedo, nunca conseguiria ajudar meu pai com os trocados que tenho no bolso.

Para isso, eu teria que voltar e abrir o estúdio novamente, teria que voltar para o lugar onde perdi minha vida.



CAPÍTULO UM

Agatha

— Agatha, o aluguel vence em cinco dias.

Eu mal coloco os pés dentro de casa e Eli me recebe com a cobrança do aluguel. E para me chamar de Agatha em vez de Tha — apelido que me deu logo que nos conhecemos — é porque as cartas de cobrança começaram a chegar todas de uma vez.

— “Oi” para você também, Eli!

— Oi. Desculpa, mas não tem como eu bancar essa casa sozinha, faz três meses que estou fazendo isso e não dá, você precisa achar um trabalho, ou vou entregar a casa e ir morar com o Roger. — Ela baixa a cabeça e o tom de voz quando profere a última frase, deixando-me totalmente sem reação.

— Vai me deixar na rua?

— Não estou deixando você na rua. Estou dizendo que não tenho grana para bancar essa casa sozinha.

Ergo minha mão encerrando a conversa e continuo o caminho até meu quarto. Eli é uma ótima amiga, mais que isso, é como uma irmã, nos conhecemos no primeiro ano da faculdade. Ela recém-chegada à cidade e eu também, dividimos a mesma república por anos, mas logo que conseguimos nos inserir no mercado de trabalho e estávamos com um salário razoável, decidimos sair e alugar um espaço para nós duas. Nossa casa é grande e confortável, mas custosa também.

E desde que fui demitida do banco — inacreditáveis quinze meses atrás — as coisas estão indo ladeira abaixo, meu dinheiro praticamente acabou e há três meses não consigo pagar

muito mais que alguma comida da casa e poucas contas de consumo e entendo que não existe nenhuma condição de ela continuar a pagar por tudo sozinha. Mas se não for para continuar morando com Eli, vou ter que voltar para a casa dos meus pais, e isso é algo que agita meu peito toda vez que penso, porque se aqui — uma grande metrópole — não consigo trabalho, imagina numa cidadezinha minúscula como a deles?

Ela vem andando atrás de mim e continua a falar.

— Você precisa pensar em qualquer trabalho, Tha.

Eli senta em minha cama enquanto eu começo a tirar minha roupa.

— E você acha que eu estava fazendo o que até agora, brincando no parque? — Jogo as peças que acabo de tirar no chão e deito na cama.

— Você tem um cesto para roupas naquele canto, por que jogar as peças no chão?

— Eli, pelos Deuses do Olimpo, hoje eu não estou com saco para suas implicâncias, o quarto é meu e se eu quiser deixar a roupa pendurada no teto, eu vou deixar.

Ela respira alto e começa a balançar a cabeça.

— Amiga, eu sei que está frustrada por não conseguir trabalho em nenhum banco, mas depois de todo esse tempo desempregada, acho que está na hora de abrir o leque.

Sento na cama e cruzo minhas pernas ficando de frente para ela.

— E o que você sugere, que eu vá vender bala na rua?

— Não, estou dizendo que você é formada em administração, não existe curso mais versátil que esse. Mande currículos para outros setores.

— Eu mandei, Eli — respondo, esfregando as mãos no rosto. — Estou fazendo isso, tem uns três meses, mas até agora nada. Eu vou as entrevistas, mas as coisas não acontecem, o mercado está estagnado. Hoje eu parei em frente a uma loja de roupas e vi que eles tinham vaga para balconista...

— Você entrou para ver a vaga?

Baixo minha cabeça e começo a observar minhas unhas.

— Sim.

— Você sabe que isso não é vergonha nenhuma, não sabe?

Eu sei que não, mas para mim que cheguei a gerência da maior agência bancária da cidade, estou vivendo um choque de realidade, é como voltar um passo atrás de tudo que conquistei com anos e anos de estudo.

— Sei disso, mas mesmo assim... — ergo a cabeça e a encaro nos olhos — é difícil. Imagine se um dia você tivesse que sair da clínica, abandonar tudo e mudar de área?

Ela vira o rosto e inspira. Sei que ela entende como isso é complexo para mim.

— Olha, o Roger está procurando alguém para trabalhar com o amigo dele, eu ia passar para a Paty, mas talvez seja uma boa para você.

— O que é?

— Eu não sei ao certo, mas parece que o cara ficou fora por uns anos e agora está reabrindo o estúdio fotográfico dele, pelo que entendi ele é bem-conceituado na área, é um fotógrafo de mão cheia, mas Roger diz que ele perdeu todos os clientes e agora está na correria para consegui-los de volta. Ele precisa de alguém para ficar lá e atender o telefone, enviar orçamentos, essas coisas. Pode ser melhor para você, talvez o estúdio dele cresça novamente e você possa exercitar seu lado administrador até conseguir outro emprego.

Eli se acomoda na cama um pouco mais, ficando bem próxima de mim e toca meu braço, encorajando-me.

— Amiga, é sério. Não dou conta de bancar essa casa sozinha, talvez seja a hora de pensarmos em nos mudar para um apartamento no centro, algo menor e menos dispendioso. Não quero deixar você desamparada, mas eu só posso bancar essa casa no máximo, por mais dois meses.

Aceno concordando. Eli sai do quarto e logo em seguida volta com um cartão nas mãos e o entrega para mim.

— Liga para ele.

— Vou ligar, obrigada.

Ela assente e sai novamente e dessa vez fecha a porta, deixando-me sozinha com meus pensamentos e um cartão nas mãos.

No pequeno cartão de visitas está escrito apenas *Oberon Kallis* com um número de telefone. Esse nome é de origem grega como o meu, sei porque é o nome do meu falecido avô e ele sempre dizia como nossos nomes ficavam bonitos e harmoniosos juntos.

Nunca conheci ninguém além do meu avô com esse nome. Enfim, levanto da cama e pego meu celular e devagar aperto os números na tela.

A ligação chama: uma, duas... seis vezes, até que é encerrada. Confiro o número e ligo de novo, ela é encerrada outra vez.

Estranho!

Vou até a cozinha procurar por Eli e a encontro preparando um lanche.

— Ele só tem esse número? — questiono, erguendo e balançando o cartão próximo do meu rosto.

Ela enfia um pedaço de pão não boca antes de me responder, dando de ombros.

— Acho que sim.

— Chama e depois a ligação é encerrada.

— Tenta mais tarde.

Decido tentar mais uma vez e após o quarto toque ouço uma voz grave e impactante do outro lado.

— Alô.

— Oi, boa tarde! Meu nome é Agatha e gostaria de falar com Oberon.

— Se você tem esse número é porque tem um cartão meu, então, já sabe com quem está falando.

— Eu... eu pensei que outra pessoa poderia ter atendido, porque nas vezes anteriores a ligação foi rejeitada.

— Eu estava dirigindo, mas com a insistência parei o carro para atender — fala, seriamente.

Já pude notar que o cara é um poço de simpatia.

— Desculpe, posso ligar outra hora se preferir.

— Pode falar, Agatha. Se você ligar em outra hora, pode ser que eu esteja ocupado e tenha que parar outra vez.

Olho para Eli e aponto para o telefone em minha orelha e faço uma careta, gostaria de estar com essa chamada em viva voz para ela perceber que doce de pessoa é o tal amigo do Roger.

— Seu amigo Roger disse que você está procurando uma pessoa para trabalhar em seu estúdio fotográfico.

— Sim, eu estou. Você tem interesse? Qual é sua experiência na área?

Fico alguns segundos em silêncio tentando formatar um currículo mental que se encaixe em um estúdio de fotografia.

— Olá? — Ele pergunta.

— Oi, desculpa. Eu estava...

— Pensando? É difícil fazer uma entrevista assim no susto?

— Não, não é isso, é que... bom, eu sou formada em administração, pós-graduada em relações exteriores e...

— Obrigado por ligar, Agatha. Não é o que estou procurando.

— Você nem esperou eu terminar de falar — rebato, insultada. Ele nem ao menos me deu oportunidade de dizer o que sei.

— Pelo pouco que disse, sei que não é o perfil que procuro.

— Talvez não, mas de qualquer forma você pode esperar que a pessoa entrevistada tenha no mínimo a chance de dizer o que sabe.

Ouçoo inspirar do outro lado, seguido por mais alguns segundos de silêncio.

— *Ok*. Termine.

E agora já com um currículo pré-formatado em minha mente, volto a falar de onde parei.

— Trabalhei como gerente administrativo em uma grande instituição financeira, tenho muita experiência em liderar equipes, coordenava uma com mais de vinte colaboradores, mas devido a uma reestruturação interna no banco...

— Você foi demitida — afirma.

— Sim, eu fui — sussurro.

— E agora procura uma nova oportunidade no mercado, mesmo que não seja na sua área de formação? — Dessa vez ele soa calmo e condescendente.

— Sim, procuro.

— Entendo. Bom, eu desejo boa sorte a você, mas infelizmente não é o que estou procurando.

— E o que está procurando? — questiono, numa última tentativa de conseguir me encaixar na vaga. Olho para Eli e ela está com uma sobrancelha erguida ouvindo a minha parte da conversa.

— Você é insistente. — Oberon resmunga.

— Eu preciso do trabalho — contraponho, baixo o tom da minha voz e fico de costas para minha amiga para conversar com ele quase num tom de súplica.

Ele expira profundamente do outro lado antes de responder.

— Estou procurando alguém que já tenha trabalhado com fotografia, ou que tenha alguma noção sobre essa arte. Alguém que tenha uma visão aberta, que consiga me ajudar a enxergar os detalhes num ensaio, numa foto. Além de conhecer sobre luz e sombra. E fora isso, alguém que ajude nas questões burocráticas do dia a dia do estúdio.

Ouçõ atenta o que ele diz e lembro do meu professor de artes no ensino médio, quando dizia que eu tinha que aprender a liberar minha mente e enxergar a beleza de cada coisa no mundo.

— Eu desenho — digo, apressada.

Ele solta um riso irônico.

— Obrigado por ligar, Agatha. Mas acho que não foi bem isso que eu quis dizer.

— Não, é sério! Olha só, eu sei desenhar a lápis. E nas aulas de desenho eu aprendi sobre luz e sombra e sou formada em administração, então além da visão artística também posso auxiliá-lo nas questões burocráticas do estúdio.

Mais uma vez fica em silêncio, ao ponto de eu me perguntar se ele continua ouvindo.

— Roger entregou meu cartão para você? — pergunta, curioso.

— Na verdade, ele entregou para a namorada dele, que entregou para mim.

Mais alguns segundos de expectativa.

— Passa no estúdio amanhã às nove, vou enviar o endereço por mensagem de texto para esse número que me ligou — ele faz uma pausa — e leve seus desenhos.

— Obri... — Tarde demais, ele já desligou.

Viro para Eli e ela está com os dois olhos arregalados em minha direção.

— Você disse que desenha? Foi isso que eu ouvi, Tha?

— Eu desenho — afirmo, convicta.

— Desde quando? — Ela cruza os braços.

— Parei de desenhar quando entrei na faculdade, fiquei tão focada nos números que abandonei. Mas eu sei desenhar alguma coisa. Ele disse que precisa de alguém que conheça sobre luz e sombra. Eu aprendi sobre isso.

— Sério? Agatha e suas habilidades — ela enfia mais um pedaço do lanche na boca e continua a falar enquanto mastiga —, e agora eu fiquei curiosa, quero que desene alguma coisa para eu ver.

— Vou ter que comprar alguns lápis, folhas e outras coisas, ele pediu para eu levar

amanhã. E talvez depois disso eu desenhe algo para você. — Pisco um olho para ela, que começa a sorrir.

— Espero que dê certo. Roger disse que a vida desse Oberon está uma bagunça e ele é bem difícil.

— Não consigo imaginar alguém mais difícil que meu antigo chefe — digo, dando de ombros.

Visto-me novamente e saio de casa poucos minutos depois para ir atrás do material que preciso comprar. Ando algumas quadras até uma papelaria que temos aqui perto e faço uma lista mental do que preciso: lápis 2b, 6b, limpa tipos, borrachas e folhas.

Há quanto tempo eu não desenho? Acho melhor comprar algumas folhas a mais para treinar, além de pesquisar um pouco sobre fotografia e tudo o que ele possa perguntar.

Não quero voltar para casa amanhã e ter de dizer a Eli que mais uma entrevista de emprego não deu em nada.

Pago por minhas compras e volto para casa animada e extremamente ansiosa, primeiro com a possibilidade de poder desenhar um pouco, segundo porque qualquer dinheiro que eu conseguir com esse trabalho vai ser de grande ajuda.

— Agatha, vou para a clínica e depois para a casa do Roger, não me espere acordada. E antes que esqueça, amanhã quero ver um desenho seu. — Ela grita da sala e ouço a porta da frente bater, anunciando sua ida.

Aproveito que estou sozinha e pesquiso sobre técnicas de desenho a lápis, para reavivar tudo que aprendi anos atrás.

Sento no centro da minha cama e apoio uma das folhas em uma prancheta, começo a rabiscar aleatoriamente, mas não passam disso, rabiscos. Por mais que eu tente, nada toma uma forma e as folhas se acumulam amassadas ao redor da cama.

Se eu chegar lá amanhã com isso, certamente não vou conseguir essa vaga, será mais uma porta na cara, mais um “não”.

Eu preciso relaxar, desligar meu cérebro.

Tento lembrar das palavras de meu antigo professor de artes, quando dizia: *Agatha, use menos a lógica e mais seu coração, deixe sua mente esvaziar lentamente de tudo o que não é essencial e absorva o que tem em seu coração, só assim vai conseguir exprimir seus sentimentos num papel.*

Fecho meus olhos e tento não pensar em nada, nem nas contas atrasadas, no dinheiro

que devo mandar para minha mãe e pai e que há meses não consigo, nem na casa que podemos perder, muito menos na minha autoestima que está cada vez mais baixa, tento por alguns minutos apagar tudo e deixar minha mente limpa afastando os pensamentos agoniantes de uma vida adulta que não teve dó de passar por cima de mim como um rolo compressor e começo a dar passagem para relembrar minha infância, calma e alegre. O coração me leva para os passeios com meu avô, para os parques aos finais de semana, as brincadeiras e a roda gigante que morria de medo na infância, mas mesmo assim fazia questão de ir só para sentir aquele friozinho no estômago, e aos poucos posso sentir os traços se formando mentalmente antes de seguir para o papel, meus dedos mexem-se sozinhos e a folha branca começa a ganhar vida.

A minha vida vai começar a ganhar vida.



CAPÍTULO DOIS

Agatha

Abro meus olhos, ainda sonolenta e fico alguns segundos fitando o nada, naquele intervalo entre a consciência e o estado de sono. Mas quando vejo as folhas desenhadas do dia anterior jogadas pelo chão, percebo que é hoje a entrevista no estúdio e saio da cama num pulo, imaginando que perdi a hora.

Fui dormir bem tarde por conta dos desenhos, no fim reviver aquela época em que eu passava horas e horas com os lápis nas mãos, trouxeram-me uma alegria e um relaxamento que há tempos não sentia.

Sempre amei meu trabalho, dei muito duro para chegar onde cheguei, mas isso acabou por me afastar de todo o resto, mal tinha tempo para sair, ver meus pais, ou ter uma vida social condizente com meu estado civil e idade. Fiquei tempo demais com a cara nos livros para conseguir o melhor emprego, depois fiquei tempo demais trabalhando para conseguir a melhor promoção e agora estou aqui sem nada, saindo para uma entrevista com um punhado de lápis numa mão e folhas de papel na outra.

Cá estou ansiosa e desesperada para conseguir uma vaga de emprego em algo que nunca sequer ponderei.

Decido parar de pensar e saio apressada para tomar um banho e me vestir, de nada adianta ficar discorrendo dos porquês. Nesse momento, só preciso de dinheiro nas mãos, sem levar mais nada em conta.

Quando saio do banheiro ainda enrolada numa toalha, abro meu armário para escolher uma roupa e percebo que todas as minhas peças são formais demais, todos os anos de trabalho

no banco, fizeram-me montar um guarda roupa executivo digno de dar inveja. Elas são apropriadas para qualquer entrevista de emprego, mas começo a questionar se um estúdio de fotografia pede por algo tão formal.

Meus olhos vagueiam de um lado para o outro e percebo que tenho apenas dois tipos de roupa, uma parte é inteiramente formal, a outra é totalmente casual, mas não um *casual chic*, está mais para casual “vou limpar a casa”. Entre as opções decido que nesse caso o melhor é pecar pelo excesso, que pela falta, escolho um dos conjuntos mais bonitos e corro para terminar de secar meus cabelos e me maquiar.

O endereço que Oberon me enviou, fica do outro lado da cidade, mas nesse horário chego lá de carro em no máximo vinte minutos. Engulo um pedaço de bolo rapidamente para não me atrasar e recolho todo o material de desenho e guardo na minha pasta, junto também um currículo impresso e meu cartão de visitas e parto, confiante que vou conseguir esse trabalho, mesmo que seja temporário.

— Ah, não! Liga carro, vamos...

Depois de algumas tentativas, ele liga e consigo sair da garagem. Precisei vender meu modelo anterior para pagar umas dívidas e mandar algum dinheiro para meus pais, e fiquei com um modelo bem mais modesto, que serve perfeitamente para rodar pela cidade, mas por ser um carro sentimental, nem todos os dias ele está na mesma sintonia que eu, então, algumas vezes ele quer ficar em casa, enquanto eu preciso sair.

— Essa é a rua... — murmuro, virando uma esquina.

Observo os números nas casas, procurando pelo que preciso. A rua é tranquila e residencial, não parece haver qualquer empresa por aqui. Continuo com o carro numa marcha lenta, focando minha atenção em todas as casas.

E então eu vejo seu número, estaciono do outro lado da rua e antes de descer, abro meu celular para conferir a mensagem novamente, pois se esse número está correto, aquela casa em nada se parece com um estúdio. É um imóvel grande e bonito, num terreno ajardinado, com muros baixos. Parece com as casas da cidade dos meus pais, aquelas antigas, que poderiam ser tombadas pelo patrimônio histórico. Dentro do mesmo terreno, de um lado uma casa e do outro um galpão, que imagino ser o estúdio. Mas está tudo tão surrado e mal pintado, que me gera dúvida. Então, lembro das palavras de Eli em que dizia que ele tinha ficado alguns anos fora, e só posso conceber ser essa a razão para a casa estar num estado tão ruim.

Apanho minha bolsa e pasta e saio do carro, atravesso a rua e paro de frente ao

“estúdio” e começo a procurar por uma campainha, não encontro e resolvo empurrar o pequeno portão para entrar, caminho pelos passantes do jardim até chegar a porta, bato nela e aguardo ser atendida.

Nada.

Bato de novo, dessa vez um pouco mais forte.

Nada.

Giro a maçaneta e ela abre, empurro e coloco um pouco da minha cabeça para dentro.

— Olá.

Silêncio.

Termino de entrar e vejo que este é de fato um estúdio de fotografia, todo mobiliado para tal com várias câmeras, batedores de luz, fundos infinitos, sombrinhas, iluminação e tripés. Mas, não há ninguém aqui.

Meus olhos passeiam por todos os cantos, observando os objetos dispostos em cada parte do ambiente, não entendo muito bem desse tipo de negócio, mas imaginava que tudo seria mais organizado, e olha que não sou das mais disciplinadas nesse mundo.

Como receber um cliente aqui? Eu não sei.

Os minutos passam e continuo de pé esperando que ele apareça. Estou esperando ser atendida a exatos dezessete minutos.

— Será que ele esqueceu?

Pego meu celular e passo uma mensagem para Oberon, dizendo que estou aguardando no estúdio. Espero por mais uns dez minutos e nem ele chega e nem minha mensagem é respondida.

— Que ótimo! Belo emprego esse.

Guardo meu telefone e saio do estúdio, talvez tenha alguém na casa que possa me dar uma informação sobre seu paradeiro.

Ando pelo acesso que liga a casa principal ao estúdio e atinjo com batidas a porta de entrada, esperando ser atendida desta vez.

Nada.

— Isso é um desrespeito — sussurro, irritada.

Bato mais forte, aliás muito mais forte, tão forte que a porta se abre.

— Oi, bom dia! É a Agatha, marcamos hoje — falo, encaixando mais uma vez minha

cabeça porta a dentro.

Nada.

— Oberon — chamo.

Nada.

Entro na casa. Não sou nenhum tipo de invasora, contudo, a porta abriu e talvez não tenham me ouvido, como tenho horário marcado isso não faz de mim uma intrusa, faz?

— Bom dia.

Silêncio.

Começo a observar o lugar e noto que é extremamente organizado e limpo, muito diferente do estúdio. Imagino que ele permita que a faxineira só entre na casa, o estúdio é área proibida.

E então ouço alguém falar. Na verdade, ouço um murmuro.

— Oi, tudo bem? — chamo novamente.

Não responde a mim, mas continuo a ouvir alguém e instintivamente começo a caminhar no sentido da voz.

— Olá.

Conforme aproximo-me mais, ouço a voz nasalada e começo a ficar preocupada, talvez a pessoa não esteja sentindo-se bem e acelero meu passo, percebendo que agora eu de fato acabei de invadir uma casa.

Quando chego ao final de um corredor e paro em frente a uma porta aberta, vejo um homem deitado no chão. Paro abruptamente e o observo sem saber o que fazer, ao redor dele vejo vários copos vazios e duas garrafas que daqui parecem ser de uísque. Ele se revira de um lado para o outro e murmura palavras desconexas, bêbado e quase inconsciente.

Será que esse homem é o Oberon?

Sua aparência causa-me estranheza, nem de longe é o tipo de homem que estou acostumada a conviver. Seus cabelos mal cortados caem pelo rosto, a barba longa resvala com seu rosto colado ao chão, os braços nus e definidos exibem dezenas de tatuagens. Se eu o visse andando pela rua, pensaria seriamente em atravessar com medo.

E de repente dou um pulo para trás, sobressaltada pelo grito que ele acabou de dar.

— Ah, meu Deus!

Em seguida dá início a uns sons estranhos e começa a vomitar. Os movimentos de seu

corpo são intensos, mas mesmo assim ele não afasta o rosto do chão e entendo que se não fizer nada, ele sufocará no próprio vômito.

Jogo minha bolsa e pasta no chão e ajoelho-me ao seu lado, ergo seu rosto tentando afastá-lo da poça de vômito.

Que sorte a minha que sempre cuidei de meus primos pequenos, constantemente acometidos por viroses e estou acostumada com esse tipo de adversidade, sem tirar que Eli não é do tipo que bebe socialmente e sempre precisa de ajuda no fim de uma noite.

Quando seu corpo para de agitar, ele fecha os olhos e parece desmaiar.

— Acorde. Você está melhor? Acorde — balanço seu corpo, enquanto falo.

Seu estado é deplorável, como posso deixá-lo aqui e fingir que isso nunca aconteceu?

Droga, não posso deixar uma pessoa assim.

Tiro meus sapatos e os jogo para um canto para ter mais firmeza e o arrasto com dificuldade pelo chão, ele é grande e alto, preciso fazer muita força para conseguir colocá-lo num lugar limpo.

— Cara, você é pesado.

Saio do quarto e começo a vasculhar a casa procurando por mais alguém e paro enfeitada de frente a uma das portas que acabei de abrir.

— Isso é lindo — sussurro.

Todas as paredes e o teto são forradas com fotografias. Todas. Do chão ao teto, não há espaços vazios, são todas de uma mulher, de todos os ângulos, cores e tamanhos. O efeito visual é lindo, parece que entrei num outro mundo. Não há nenhum móvel no quarto, somente as fotos, elas chamam tanto a minha atenção que até esqueço que tem um homem caindo de bêbado no outro cômodo.

— Droga! — Fecho a porta e saio em busca da lavanderia, pego alguns produtos e panos de limpeza, volto para o quarto e começo a limpar o chão, antes que ele se deite outra vez.

Ouçoo murmurar novamente e seus olhos se abrem e param em mim ajoelhada sobre seu chão.

— Oi — digo.

— Oi — responde, quase inaudível.

Seus olhos piscam lentamente e duvido que ele saiba onde está.

— Está melhor? — pergunto e continuo a limpar o chão.

— Você é o quê? — indaga.

O que eu sou, como assim?

— Veio me buscar? — persiste.

Termino de limpar e jogo todos os panos e a luva dentro do balde e falo:

— Olha, nós tínhamos marcado uma hora hoje.

Ele estreita os olhos e com o cenho franzido continua a falar com uma voz vacilante.

— Minha hora já passou há tempos, está atrasada.

— Não estou, não.

Ele continua largado sobre o chão, mas eu me levanto e passo minhas mãos por minha roupa, ajeitando-a.

— Está sim, mais de três anos atrasada. Todo esse tempo estou esperando você vir me buscar.

— O quê? — indago, tentando situar a conversa.

Por que estou tentando dialogar com um cara caindo de bêbado, que não deve saber nem o próprio nome?

— Qual seu nome? — questiono, assustada com a possibilidade de estar na casa errada.

— Oberon. Sou eu quem você deveria ter levado, não ela.

— O quê? — Essa conversa está cada vez mais confusa. — Bom, é você mesmo, marcamos hoje, mas vejo que não está em condições de me receber.

Com dificuldade ele começa a se levantar, falha e cai sentado.

— Você costuma beber assim? — pergunto, girando meu dedo em sua direção.

Ele não responde, mas solta um riso mordaz.

— Olha, isso não faz diferença. Sorte a sua eu ser um poço de solidariedade e não deixar você sufocar no próprio vômito.

Oberon fica em silêncio. Eu o observo novamente e vejo seus olhos começarem a se fechar outra vez.

— Acho melhor você ir tomar um banho, está com um cheiro horrível e essa roupa está imunda.

Posso ver seus lábios se esticarem com um sorriso sob a barba densa que tem no rosto.

— Você é engraçada.

— Não imagina o quanto.

Seu corpo começa a se agitar novamente e percebo que vai começar tudo de novo, olho para os lados e vejo uma porta que tenho certeza ser a do banheiro, entro nele e no canto esquerdo vejo o chuveiro. Abro e deixo a água escorrer livre e volto para o quarto.

— Abri o chuveiro você pode ir... é... tirar esse vômito de você... por favor.

— Que diferença isso faz para onde vai me levar?

— Não vou levar você para lugar nenhum com esse cheiro — digo. Uso a mesma firmeza que tempos atrás usava com meus primos para que eles obedecessem minhas ordens e torço para que funcione com esse homem à minha frente.

Ele me encara e dessa vez não desvia, não sorri, não fala, só perscruta meu rosto e corpo por uns trinta segundos ao ponto de deixar-me constrangida por estar aqui, dizendo para alguém que nunca vi na vida que deveria tomar um banho.

Bom, de qualquer forma funciona e ele se levanta e cambaleando segue para o banheiro.

Que tipo de emprego essa pessoa pode me oferecer?

Contra todos os meios conhecidos de boas maneiras e educação, estou de pé dentro do banheiro de um possível empregador, esperando que esse termine o que nem podemos chamar de banho. Nem durante os meus devaneios mais insanos, poderia prever que algo assim aconteceria.

Contudo uma força invisível impede que eu simplesmente dê meia volta e saia pela mesma porta que entrei. Oberon nem sequer nota que estou aqui, olhando-o com toda a minha atenção, não é possível desviar meus olhos um milímetro dele, seus movimentos são lentos e desconexos, por vezes passa as mãos pelo cabelo molhado tentando-os tirar do rosto, por outra passa as mãos pela barba ou meramente recosta a cabeça nos azulejos atrás de si.

Pergunto-me por que beber a esse ponto? Que tipo de diversão pode haver em perder totalmente o controle? Lembro das duas únicas vezes em que fiquei bêbada e jurei que uma terceira não aconteceria, durante a bebedeira até pode-se achar alguma graça. Mas o depois é o problema, pensei que morreria, que meu fígado também estava saindo do meu corpo junto com todo o resto, fora a dor de cabeça alucinante, meu cérebro aparentava ter crescido uns dez centímetros e não queria mais permanecer dentro do meu crânio.

Por isso, quando vejo alguém nesse estágio, como o que ele está, sinto uma mistura de

dó e raiva. Tenho certeza que ele se arrependerá quando todos os sintomas da ressaca surgirem.

Quanto tempo estou aqui olhando para ele?

Quando me dou conta do tempo que estou observando-o, noto que isso já passou do que possa ser aceito como normal e estou prestes a entrar na categoria *voyeur*.

— Acho que pode sair — falo, sem muita força. — Ouviu?

É claro que não. Ele continua com a cabeça recostada na parede, olhando para o alto e eu dou mais alguns passos em sua direção para vê-lo melhor e percebo que ele adormeceu.

— Não acredito que você dormiu assim. É sério, você planeja se matar hoje? Porque está bem próximo disso, ou morre sufocado no próprio vômito ou morre afogado com a quantidade de água caindo em você.

Esbravejo para ninguém, porque dessa vez ele apagou literalmente, não esboça nenhum movimento, e por um minuto tenho medo de que ele tenha morrido mesmo.

— Ah, merda!

Fecho o chuveiro rapidamente e encosto meu ouvido próximo de sua boca.

— Está respirando.

Continuo abaixada, encarando seu rosto sem saber ao certo o que fazer, se o deixo ali ou se o arrasto de volta para o quarto.

Sabe-se lá que horas ele vai acordar, pode ser que ainda fique doente e morra de uma pneumonia com essa roupa toda molhada.

Atino que ele é amigo do Roger. Vou ligar para ele, talvez saiba o que fazer com Oberon.

Levanto-me e volto para o quarto para pegar meu telefone na bolsa e começo a digitar seu número.

— Alô.

— Oi, Roger. É a Agatha, tudo bom?

— Oi, Agatha. Tudo bem, onde é para ir dessa vez?

— O quê? Ah, não! Não, é isso. — Toda vez que meu carro decide que está cansado demais para continuar andando e para nos lugares mais inusitados, de preferência no meio de uma avenida lotada, é para Roger que peço socorro, ele já veio a mim tantas vezes, que nem podemos mais contar. — Sabe o seu amigo, o tal de Oberon?

— O que tem ele? Você não foi a entrevista? Ele disse que era hoje.

— Sim, sim. Eu cheguei à entrevista, é que...

— E conseguiu o emprego? Olha, se ele foi meio grosseiro, releva. Ele não está muito amável desde que... bom, é assim mesmo, é só relevar e fazer seu trabalho.

— Roger, para de falar e me escuta. Eu estou dentro da casa dele...

— Dentro da casa dele? Como conseguiu entrar? — pergunta, chocado.

— A porta estava aberta.

— Ele viu você aí? Acho melhor você sair antes que ele te veja. Sério! Sai agora!

— Roger, pelo amor de Deus, você está pior que a Eli, caramba! Eu cheguei para a entrevista e ele não estava no estúdio, esperei um tempão até que decidi vir bater na casa, para ter alguma informação. Mas ninguém atendeu e a porta estava aberta... bom, resumindo, eu entrei e encontrei o cara caindo de bêbado no quarto e agora ele apagou, como você é amigo dele, pensei que pudesse vir ajudá-lo ou me passar o telefone de alguém da família. Eu disse para ele tomar um banho, e o cara está desmaiado sentado debaixo do chuveiro todo molhado.

— Eu não acredito que você fez isso! — Ele diz, totalmente em choque. — Agatha sai da casa dele e sai antes de ele acordar. Deixe-o como está, ele se vira.

— Roger, ele quase sufocou no próprio vômito e depois quase se afogou com a água do chuveiro. Eu já vi você e Eli bêbados, mas nada se compara ao que estou vendo aqui.

— Agatha, escuta. Sai da casa dele, volta com a ponta dos pés pela mesma porta por onde entrou e finge que nunca esteve aí. Não tira nada do lugar, não mexa em nada, entendeu? Não olha para nada, só dá meia volta e sai.

— E a família dele? Quem mais mora aqui?

— Ninguém mora aí além dele. Você ouviu o que eu disse? Sai da casa dele, AGORA!

— Tudo bem, vou sair. Nossa!

— Se ele não se lembrar de você, talvez, ainda tenha uma chance de arrumar esse emprego.

— Ok! Entendi! Estou saindo.

Encerro a ligação com uma ponta de revolta. Que tipo de amigo Roger é? Estou dizendo que o cara está quase morrendo e seu conselho é *largue-o onde está*. Perfeito!

Guardo meu telefone, volto para o banheiro e decido arrastá-lo de volta para o quarto. Dessa vez é um tanto mais fácil, as roupas molhadas facilitam deslizar seu corpo pelo chão.

— Talvez Roger tenha razão, isso é muito estranho — murmuro.

Consigo, enfim, trazê-lo até o mesmo lugar que estava antes, porém ainda sinto pena em deixá-lo assim, isso não se faz com um ser humano. Então, primeiro eu o coloco sentado e encosto suas costas na cama, depois subo nela e passo meus dois braços por baixo de suas axilas e começo a puxar com toda a minha força até que caímos os dois para trás sobre a cama.

— Argh! — Rolo por baixo dele e levanto para terminar de ajustá-lo. E sem nem me dar conta dos meus atos, quando percebo já tirei de seu corpo a regata e a calça ensopada pela água, deixando-o só de cueca.

— Talvez eu tenha sido um pouquinho invasiva agora, peço desculpas — cochicho.

Eu já fiz isso tantas vezes com Eli, que fiz com ele ignorando o fato de que não o conheço.

Rapidamente o cubro com o lençol. Mas, agora que ele está deitado e coberto, começo a imaginar o corpo que acabei de esconder. Apesar da aparência pouco convencional, ele é muito bonito. Não sou fã do estilo que usa, mas não posso mentir e dizer que meus olhos não passearam por ele por alguns segundos, seus braços são inteiramente cobertos por tatuagens, uma parte de seu abdômen, peitoral e costas também, são muitos desenhos, alguns consigo identificar claramente, mas outros não, pois eles se amontoam uns sobre os outros, mas mesmo assim é possível notar os músculos sobressalentes que o deixam totalmente definido.

Mudo a direção do meu olhar para seu rosto, a barba esconde metade dele, e o cabelo caindo sobre a testa também, tento imaginar alguns dos homens que conheço e penso se aquele estilo cairia tão bem sobre eles, como cai em Oberon.

— Não — sussurro, chegando à conclusão que nenhum deles ficaria tão bem assim.

Ele se mexe na cama e eu me assusto.

Hora de ir! Aliás, passei da hora de ir. Corro pelo quarto e calço meus sapatos, pego minha bolsa, o balde e panos que usei para limpar o chão e tiro qualquer vestígio que mostre que alguém passou por aqui.

Antes de sair do quarto, olho mais uma vez para ele deitado sobre a cama e espero que quando acordar, lembre-se que tinha uma entrevista a fazer.

Enfim, retiro-me apressada e deixo os itens da lavanderia limpos e de volta em seus lugares e saio pela porta da frente, fechando-a atrás de mim.

Atravesso a rua e entro no meu carro, fico ainda alguns minutos observando a fachada da casa e do estúdio, antes de verificar a hora. Vejo que ainda não são nem meio dia.

— Bom, não foi hoje que consegui um trabalho.



O restante do dia passa tão devagar, que chega a ser um tormento estar em casa sozinha por tanto tempo, depois que voltei da *pseudo* entrevista que eu deveria ter feito com Oberon, não consegui pensar em outra coisa que não fosse o tempo que fiquei dentro de sua casa, as cenas se repetem incansáveis vezes dentro da minha cabeça, tento afastá-las do meu cérebro, mas é inútil pois elas teimam em voltar.

Passo o dia imaginando se ele acordou e em que estado. E se estivesse num estágio de coma alcoólico? E se voltou a vomitar? Roger poderia ao menos passar por lá para saber se ele está bem. Que espécie de amigos são?

Olho para o relógio em meu quarto e vejo que o dia passou e a noite chegou, decido passar uma mensagem a Eli, que saiu de casa ontem à tarde e emendou com o trabalho hoje e é provável que tenha ido novamente para a casa do Roger.

Acho que a ideia dela de ir morar com ele, vai além das contas para pagar da nossa casa, talvez eles já tenham planejado isso há um tempo e estão adiando por minha causa. Preciso procurar um cantinho menor, aliás bem menor para morar e seguir minha vida, nosso casamento foi bom enquanto durou, mas ela e Roger se dão tão bem e eu adoro o cara, não é justo prendê-la a mim numa responsabilidade que não tem e atrapalhar o andamento normal de seu relacionamento.

Você volta ainda hoje?

Sim, estou terminando de jantar e volto para casa, devo chegar daqui a uma hora. Saudade de mim?

**Não, é só para saber se está viva,
não confio em seu namorado.**

**Hahaha, vocês se amam, não seja má com
ele.**

**Não sou, sou má com você por
me deixar sozinha.**

Eu te amo, logo estou aí, beijos.

Solto o telefone e vou buscar minha pasta com o material de desenho, senti-me tão bem ontem desenhando, que o desejo de riscar as folhas em branco e dar-lhes vida voltou a me encantar.

Faço como no dia anterior e deixo minha mente vagar, sem rumo e sem ancore, meus dedos começam a se mover sobre o papel, e como qualquer arte ela deve brotar do coração, minhas mãos são apenas ferramentas e não ponto principal. Quando sinto que estou totalmente integrada ao desenho fico surpresa com o que acabara de sair de mim. Seguro a folha entre meus dedos e sorrio observando cada detalhe do desenho.

— Não poderia ser diferente, Agatha. Você tirou até a roupa dele — digo, segurando a figura de Oberon nas mãos.

Estou tão envolvida com o desenho que não percebo o telefone tocar ao meu lado, quando finalmente me dou conta, a chamada entra em caixa postal, aperto rapidamente para ouvir o recado e sou tomada por um misto de satisfação e alívio.

Ele não morreu.

— Agatha, boa noite! É o Oberon. Havíamos marcado uma entrevista hoje, mas eu tive um contratempo e me ausentei. Podemos remarcar para depois de amanhã no mesmo horário? Se puder é só responder uma mensagem de texto confirmando. Obrigado.

Envio em passo acelerado uma mensagem, confirmando que estarei lá no horário marcado, e ele retorna outra dizendo apenas *Ok! Obrigado.*

Ele não se lembra.



CAPÍTULO TRÊS

Oberon

— Como ele está, Ítalo?

— Nada bem, você não vai vir para vê-lo?

— Ainda não.

Desde que voltei para essa cidade, não consegui ver meu pai, aliás não fui ver ninguém, e deixei claro que também não queria que ninguém viesse me ver. A única coisa que fiz foi ligar para meu irmão e dizer que reabriria o estúdio para ajudá-lo nas despesas médicas e para Roger que mesmo sabendo que eu não queria ninguém por perto, acampou de frente ao estúdio até conseguir falar comigo.

O dinheiro que recebia pelas fotos tiradas nas ruas nas diversas cidades que vivi, era suficiente para mim, mas não é suficiente para cuidar dele. E mesmo querendo dar meia volta e atear fogo nesse estúdio com tudo o que há dentro dele, não desejo a morte de mais ninguém rondando minha mente, dizendo que eu poderia ter feito alguma coisa para impedir.

Seria tudo tão mais fácil e indolor se a morte, enfim, viesse me buscar e encerrasse de vez a desventura que é minha vida. Se ela ouvisse e pensasse em atender meu clamor diário, eu já estaria ao lado de Lara.

Nunca fui um homem religioso e acho que nunca serei, mas Lara era, ela acreditava que ninguém que atenta contra a própria vida receberia o reino dos céus, e mesmo duvidando, esse é o único motivo pelo qual continuo perambulando nessa terra. Porque se tudo pelo qual ela cria é real, não quero correr o risco de ir parar em outro lugar que não seja o mesmo que ela. E por tudo o que é mais sagrado, se existe um paraíso é para lá que minha esposa foi.

Passar a vida sem Lara é uma dor insuportável, mas só de pensar em passar a eternidade longe dela é um suplício do qual não tenho capacidade de entendimento suficiente para aceitar. Por isso, a morte é algo que anseio todos os dias, cada maldito minuto, mas quero que *ela* venha me buscar, porque eu não posso ir até *ela* por minhas próprias mãos.

— Ele chama por você, Obe. Eu entendo que não queira ninguém na sua casa, mas não custa vir até aqui. Você pode vir com Roger, ele sempre vem nos visitar e saber do pai.

— Avisa ou diz para a Sara avisar se precisar de mais alguma coisa, ok? — murmuro.

— Cara, a gente sente saudade de você. Lara morreu faz muito tempo, você precisa viver pelos vivos e parar de viver pelos mortos.

Ítalo é um grande cara, um irmão que qualquer um gostaria de ter, se não fosse pelo péssimo hábito de dizer o que temos que fazer e sentir.

— Ligue se precisar de alguma coisa.

— Você vai atender as ligações?

— Sim.

Encerro a chamada para não lhe dar chance de prolongar qualquer outro assunto. Olho ao redor e observo meu estúdio. Nada aqui dentro está no lugar, assim como nada dentro de mim. É engraçado como sinto que aqui sou eu de verdade, sou eu sempre à espera de Lara para dar um jeito em tudo, para dar um jeito em mim. Mas, é dentro da nossa casa, que a sinto ao meu lado, sua presença é quase concreta, como se ela fosse entrar pela porta a qualquer minuto.

Foi muito difícil voltar a viver nessa casa, Lara sempre gostou de tudo organizado e limpo, e eu sempre fui um baderneiro. Se ela pudesse ver como a casa está hoje, como a mantenho agora, ficaria feliz no marido que me tornei.

Deixo meu telefone na bancada do estúdio e saio para atravessar o jardim em direção ao nosso lar, assim que atravesso a porta principal sinto seu cheiro inebriando meus sentidos, e a sensação de sua presença me acolhe. Não existe um objeto que esteja fora do seu lugar, um prato, um copo, uma peça de roupa, nada, absolutamente nada. Mantenho todos os cômodos impecavelmente limpos e organizados, assim como Lara gostava.

E não aceito ninguém aqui dentro, recebo possíveis clientes sempre no estúdio. Nem minha família, nem amigos, nem ninguém entra dentro dessa casa, nem hoje e nem nunca mais.

Continuo caminhando pelo corredor até chegar ao quarto que construí para ela, na

verdade, preparei-o para mim, é o local onde posso ficar o mais conexo dela. Abro a porta e fico alguns instantes olhando para tudo.

Termino de entrar e passo meus dedos pelas paredes e imagino que é sua pele que estou tocando. São milhares de fotos, de todos os formatos e cores, preenchendo cada centímetro de paredes e teto, não há um espaço vazio, colei-as uma sobreposta a outra, porque não existia espaço entre nós, e aqui nesse espaço ainda não existe.

Quando me deito no chão, conecto-me a Lara e passo horas relembrando cada momento que passamos juntos, cada ano, dia e hora em que pude dividir minha vida com ela, quando estou aqui experimento que ainda estou vivo, fora daqui sou apenas um ser vagando sem vida.

Olho para o teto e começo o ciclo de pensamentos contemplando imagem por imagem, lembrando do dia em que cada uma foi tirada, de cada fala e sorriso. E ao mesmo tempo em que essa é a única coisa que me mantém de pé e vivendo outra vez nessa casa, também é a que me traz mais dor, porque toda vez que saio e fecho a porta desse cômodo, sei que não vou nunca mais ouvir sua voz ou sentir seu toque.

Tem dias que dói mais, tem dias que dói menos, hoje é daqueles dias que dói demais e a única coisa que me ajuda a passar pelos dias mais dolorosos é beber até que o próximo dia chegue e torcer para que o próximo seja um dos que doem menos.

Caminho até a cozinha e abro uma das diversas garrafas de uísque que tenho dentro do armário e tomo uma dose atrás da outra, e assim repito até começar a sentir o entorpecimento da bebida no meu organismo. Primeiro sinto meu rosto aquecer, depois minhas mãos formigarem, e aos poucos continuo até que eu não sinta ou lembre de absolutamente mais nada.



Acordo e mesmo antes de abrir os olhos, sei que quando eu mexer um milímetro que seja minha cabeça a dor vai fazer eu desejar nunca mais colocar um gole de álcool na boca. E por outro lado, assim que eu começar a sentir a dor excruciante dentro do meu crânio a dor no peito será amortizada, por isso, sempre escolho beber novamente, porque esse tipo de dor é

muito mais suportável e aceitável para mim.

Giro meu corpo na cama e... na cama? Enfim, abro meus olhos e levanto meu corpo apoiando-me em meus cotovelos e me vejo deitado na cama.

Por que eu deitei aqui?

Eu nunca me deito nessa cama, nunca. Desde que voltei para essa casa durmo na sala, entro nesse quarto para me vestir e banhar, mas nunca deito nessa cama.

Como vim parar aqui?

Tiro o lençol para sair rapidamente e vejo que estou só de cueca.

Quando, eu tirei minhas roupas? Não me lembro de me despir, por que eu faria isso e ainda dormiria nessa cama? Não importa o grau de bêbado em que esteja, eu jamais fiz isso.

Ignorando por completo a dor em minha cabeça e a revolta do meu estômago, começo a olhar ao redor, tentando entender o que aconteceu. Encontro minhas roupas largadas no chão, completamente molhadas e tenho um flash de ter ido ao banho.

Aperto meus olhos bem fechados, tentando reconstruir cada cena na minha mente. Lembro-me de alguém ter me dito para ir ao banho, um vulto. Não, uma mulher? Alguém disse que eu estava sujo de vômito, lembro de sentar sob a água e esperar por Lara.

Quem me disse para tomar banho?

Forço meu cérebro a colaborar, mas não consigo juntar as peças. Pego a garrafa no chão e olho para o rótulo, preciso recordar de não comprar mais dessa marca, acrescentar visões não é algo que preciso lidar nesse momento.

Sigo para a cozinha e retiro de uma das gavetas duas aspirinas e tomo com suco de laranja, deixo-me desabar em uma das banquetas e espero que os comprimidos façam efeito, em seguida olho para o relógio pendurado na parede e vejo que já é noite. Apaguei por quanto tempo dessa vez?

Quando já sinto meu estômago mais calmo, volto para me vestir e sigo para o estúdio novamente, recordo de ter deixado meu celular lá logo depois de ter falado com Ítalo, quando pego o aparelho na mão para verificar novas mensagens, noto uma da garota que eu deveria ter entrevistado hoje pela manhã dizendo que estava no estúdio esperando por mim.

— Merda! — Esqueci completamente que havia marcado com ela.

Ligo para seu telefone, mas a chamada não é atendida. Assim que sua voz entra pedindo para deixar um recado na caixa postal, eu digo para ela que tive um contratempo e

pergunto se podemos remarcar para dali dois dias.

Alguns minutos depois recebo a confirmação via mensagem de texto dizendo que ela virá. Aproveito o tempo que tenho para organizar coisas mínimas dentro do estúdio, mas logo desisto, não estou com ânimo para fazer nada por aqui e largo tudo voltando para minha casa.

Paro de frente ao quarto das fotos e reluto segurando a maçaneta em minhas mãos, travo uma batalha interna decidindo se entro e me deixo levar novamente.

Encosto minha testa na porta e continuo a apertar a maçaneta sem chegar em nenhuma solução, o aperto é tão forte que posso sentir meu peito ser literalmente prensado dentro do meu corpo.

E então desisto.

Beijo a porta fechada e me despeço dela, não vou incomodá-la de novo, só por hoje não vou.

Pego minhas coisas e vou até o sofá para tentar dormir mais uma vez, o que geralmente é difícil sem beber, mas por hoje prefiro rolar nesse móvel até que a manhã chegue.



CAPÍTULO QUATRO

Agatha

— Então você serviu de babá para o cara, é isso? — Eli pergunta, sentada sobre minha cama ainda usando pijama.

— Não, não é isso. Eu não fui babá de ninguém, foi uma espécie de boa ação, ajudar ao próximo.

Eli ergue uma sobrancelha, enquanto ouve-me contar como achei e ajudei Oberon durante sua bebedeira.

— Sei.

— Não sabe nada — empurro o edredom de cima de mim e me levanto. — Se você o tivesse visto teria feito a mesma coisa, agora me surpreende é seu namorado, que se diz amigo dele e mesmo assim o deixar à mingua daquela maneira. Mancada do Roger, Eli!

— Roger disse que ele não quer visitas.

— E por quê?

— O pouco que Roger disse é que ele está num tipo de luto eterno desde que a mulher morreu. Quando comecei a namorar, ele já estava por aí perdido no mundo, nunca conheci nem ele e nem a mulher.

— Coitado, isso é triste. Então aquelas fotos... — murmuro, parando no meio do quarto, antes de seguir para o banheiro.

— Que fotos?

— Nada, umas fotos que vi na casa dele, devem ser de sua mulher. Eli, pelo amor de

Deus, Oberon não pode saber que entrei na casa dele, avisa seu *namorado* para ficar de bico calado. Roger disse que se ele não se lembrasse de mim, eu teria chance de conseguir o emprego.

— Agatha, você acha mesmo que ele não vai lembrar? Por favor, amiga... isso é impossível.

Ela se joga para trás e se ajeita deitada em minha cama.

— Claro que não, é muito possível. Você mesma já se esqueceu de várias coisas, ou então sua memória é seletiva.

— Lá vem você de novo, faz muito tempo que não bebo assim, por que sempre tem de lembrar?

Eli ergue o corpo e se apoia nos cotovelos, fingindo-se ofendida por um momento.

— Porque eu sempre estou sóbria e tenho que aguentar os shows do seu namorado e os seus.

— Que engraçadinha! É só você deixar de ser tão santinha, e beber com a gente. Agora, vá logo para essa entrevista e volte empregada, tempo é dinheiro.

Ela finalmente sai da minha cama e me sopra um beijo antes de sair do meu quarto.

Sigo para meu banho e quanto termino paro de frente ao armário. Eu havia escolhido usar a mesma roupa, mas achei melhor não, é mais fácil não ser reconhecida se eu estiver diferente. De qualquer forma, minhas roupas são uma variação do mesmo, por fim, só mudo a cor do conjunto social que vou usar.

Recolho minha pasta com todo o material de desenho e sigo para a garagem.

— Você está tão camarada comigo, que estou me surpreendendo, hein? Muito obrigada, merece até um beijinho.

Converso com meu carro e beijo o volante, agradecendo por ele estar há três semanas consecutivas sem apresentar nenhum tipo de problema. Sem dúvida é seu novo recorde.

Dirijo pela cidade com o som ligado num volume bem alto, e canto acompanhando a voz de Adele no rádio. Quando paro no sinal vermelho, vejo algumas cabeças virando em minha direção e percebo que minha tentativa de alcançar as mesmas notas de Adele são ridículas. Mas, isso não me impede de tentar e me divertir com seus maiores hits.

Cerca de vinte minutos depois, estaciono meu carro no mesmo lugar da vez anterior, verifico a hora e vejo que estou dez minutos adiantada. As portas do estúdio continuam

fechadas, talvez ele só as deixe assim ou talvez esteja caindo de bêbado mais uma vez, de qualquer forma não vou ajudá-lo hoje, daquela porta eu não passo.

De repente, a visão dele molhado na cama surge em minha mente, mas eu rapidamente a afasto para os confins do meu cérebro.

Isso não é hora de ficar pensando nele seminu, Agatha! O cara nem faz seu tipo, ele parece um motoqueiro selvagem, todo despenteado e tatuado, daqueles que andam com um canivete no bolso e quem sabe ele ande mesmo.

Balanço minha cabeça de um lado para o outro, para me ajudar a voltar à realidade dos fatos, eu preciso desse emprego e preciso convencê-lo que sou a melhor para a vaga, independente do que ele faça em suas horas vagas.

Com minha carga de autoconfiança renovada, puxo minha pasta do banco do passageiro e saio do carro, seguindo para a porta de entrada do estúdio.

Assim que estou de frente a ela, eu bato.

Uma

Duas

Três

Quatro

— Ah, não! Ele está de brincadeira, *né?* Como consegue manter um cliente desse jeito? — reclamo.

Suprimo a vontade de girar a maçaneta e entrar como da outra vez, então, olho para meu celular para verificar se há uma nova mensagem dele, mas não existe nenhuma.

Quando levanto minha mão para bater novamente, ouço uma voz chamar meu nome.



Os dias em que passo sóbrio, ou melhor as noites em que passo sóbrio são geralmente olhando para um ponto no teto nesse interminável ciclo insone em que vivo, idealizando a vida que não tenho mais e como ela seria hoje em dia se ainda fizesse parte de mim. No teto da sala meus olhos visualizam como num projetor caseiro as cenas da vida que perdi, nesse filme trágico um dos personagens não existe mais, então, a história nunca terá um final feliz, sendo sempre interrompido numa determinada e fatídica cena, dia após dia a mesma tomada de ação cruel volta para me lembrar como minha vida se tornou um filme mal-acabado.

Noto os primeiros raios de luz do amanhecer entrar pela janela e atingirem meu rosto e inspiro o ar longamente, preparando-me para começar mais um dia, mais um que finjo para todos que ainda estou aqui.

Muitos deles não se convencem mais disso, mas desde que voltei simulo o melhor que posso; atendo as ligações que recebo, trabalho, alimento-me e sigo como um robô treinado para suas ações diárias.

A de hoje é entrevistar uma amiga da namorada do Roger para trabalhar comigo no estúdio.

Levanto-me do sofá e recolho o travesseiro e a manta que me aqueceram durante a noite desperta e sigo para me preparar para mais um dia. Depois de tomar um banho e trocar de roupa, caminho até a cozinha para preparar alguma coisa para comer, são quase nove horas da manhã e em breve a tal de Agatha estará aqui.

Resolvo comer apenas algumas torradas e um farto copo com suco de laranja e observo o movimento da rua por trás das vidraças da minha cozinha. As pessoas caminham pela rua calma em que vivo, cada uma seguindo para suas tarefas do dia a dia, cada uma com seus próprios problemas e dilemas para definir.

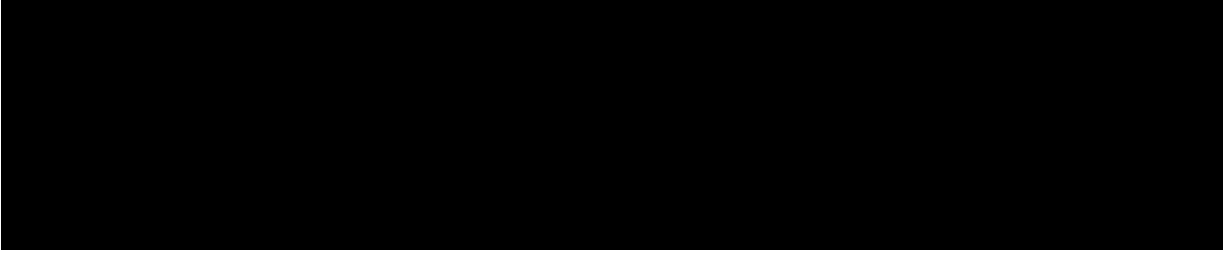
Quando um carro estaciona de frente à minha casa no outro lado da rua, desvio meus olhos para o relógio de parede no canto oposto da cozinha e vejo que faltam dez minutos para o horário marcado com Agatha.

Continuo a observar e posso ver que uma mulher está atrás do volante, ela conversa

consigo mesma por uns minutos e se mexe desassossegada. Levo o copo de suco a minha boca e sorvo mais um gole, assistindo seus movimentos dentro do veículo surrado.

Depois de alguns minutos, por fim ela desce e entra de corpo inteiro no meu campo de visão, vestida formalmente com um conjunto de saia e terno de um mesmo tom e equilibrando-se em saltos altíssimos, meus olhos seguem seus passos até a entrada do estúdio.

Termino meu suco e lavo meu copo, guardando-o de volta dentro do armário e antes de sair de casa para recebê-la, certifico-me de que tudo esteja em ordem. Quando abro a porta e acesso a varanda, vejo-a com uma mão para o alto batendo na porta e antes que bata mais uma vez, chamo seu nome.



— Agatha?

Dou uns dois passos para a direita e ele entra no meu campo de visão. Está saindo da varanda da casa e em breve cruzará o jardim para chegar até o estúdio.

— Sim, sou eu.

Ele continua vindo em minha direção e vê-lo aparentemente sóbrio, com o cabelo penteado para trás, vestindo uma calça jeans preta rasgada no joelho e uma regata branca com braços expostos e totalmente tatuados, faz-me notar que ele parece sim, um motoqueiro selvagem, mas é bonito. Não, não... ele é *muito* bonito.

Quando chega bem na minha frente, estende uma mão para mim.

— Oberon.

Minha vontade é dizer “eu sei”. Mas, é claro que não faço isso.

— Agatha — aperto sua mão.

Ele continua segurando minha mão e franze o cenho, estreitando os olhos.

Ah, meu Deus! Ele está me reconhecendo?

— Eu conheço você? — pergunta.

— Não, eu acho que não — apresso-me em dizer. — Eu não me lembro de você, se já o tivesse visto antes eu lembraria, com certeza lembraria... quer dizer, não com tanta certeza... mas... é que eu não... é... talvez sim, do banco. Isso, eu trabalhava no banco da cidade, pode ter me visto lá.

Ele continua segurando minha mão e inclina levemente a cabeça tentando se lembrar de onde já me viu, mas parece aceitar a ideia de ter me visto no banco.

— Pode ser. Eu tenho conta na agência principal.

— Pois então, era lá mesmo que eu trabalhava.

Finalmente solta minha mão e se vira para abrir as portas do estúdio. Entro depois dele, e vejo que tudo continua na mesma desordem.

Ele aponta para um sofá num canto, contudo, para sentar tenho que tirar meia tonelada

de filmes, papéis e lentes. Como ele consegue manter a casa tão organizada e o local de trabalho tão desordenado?

Por fim consigo abrir uma brecha e me sento esperando por ele, que circula pelo ambiente.

— Você quer beber alguma coisa?

— Oi?

São nove horas da manhã e ele está oferecendo-me uma bebida? Será que ele bebe o dia inteiro, que tipo de pessoa consegue beber álcool tão cedo? Que pergunta idiota, ele consegue, vide seu estado anterior.

— Não, eu não bebo — repondo. — Obrigada por oferecer.

Oberon me olha com uma expressão denotando surpresa e diz:

— Não bebe água?

— Água?

— Suco, talvez.

— Ah, claro! Água. Eu pensei... quer dizer, não pensei nada. Sim, água está ótimo.

Seus olhos estreitam novamente e ele deve imaginar que sou uma toupeira.

— Eu vou pegar.

Ele sai do estúdio e eu fico à espera de seu retorno com um copo cheio de água e não uísque.

— Você disse que desenha. Trouxe alguns de seus trabalhos? Tem um portfólio para me apresentar?

— Portfólio?

— Sim, um portfólio.

Ah, caramba! Era para ter montado um? Ajeito meu corpo no sofá e cruzo minhas mãos sobre o meu colo, pensando em como não pensei nisso. Mas também quando foi que precisei de algo do tipo?

— Entendo, um portfólio...

— Sim, aquela pasta com os trabalhos de um artista para apresentar a outra pessoa.

— Artista?

Cristo! Estou aqui como uma administradora e ele está falando dos trabalhos de um artista? Como saio dessa? Os desenhos que fiz em casa não estão aqui, somente o dele e esse

não posso mostrar agora.

Ele aperta o topo do nariz impaciente e fecha olhos por uns três segundos e noto que se antes ele desconfiava que eu poderia ser uma toupeira, agora tem certeza.

— Eu não trouxe um portfólio, quando nos falamos eu pensei que poderia desenhar aqui para você.

Ele solta o nariz e olha outra vez para mim.

— Então, comece — fala, estendendo as mãos.

— Claro, só um instante.

Abro minha bolsa e tiro os lápis, borrachas, limpa tipo e todo o restante do material. Quando vou pegar as folhas em branco, vejo o desenho anterior que fiz dele.

Ai, caramba! Afasto-o mais para o fundo da pasta e alço apenas as folhas em branco.

— Tem alguma coisa em especial que queira que eu desenhe?

Ele balança a cabeça em negativa.

— *Ok!*

Começo a olhar tudo à minha volta para decidir se desenho algum objeto dentro do estúdio, mas é tudo tão desorganizado, que não consigo focar em algo isolado. Fecho meus olhos por alguns segundos para limpar minha mente e começar. Mas, ouço-o inspirar ruidosamente e isso traz-me de volta.

— Vai demorar muito? Você sabe mesmo desenhar? — questiona, impaciente.

— Sim, eu sei.

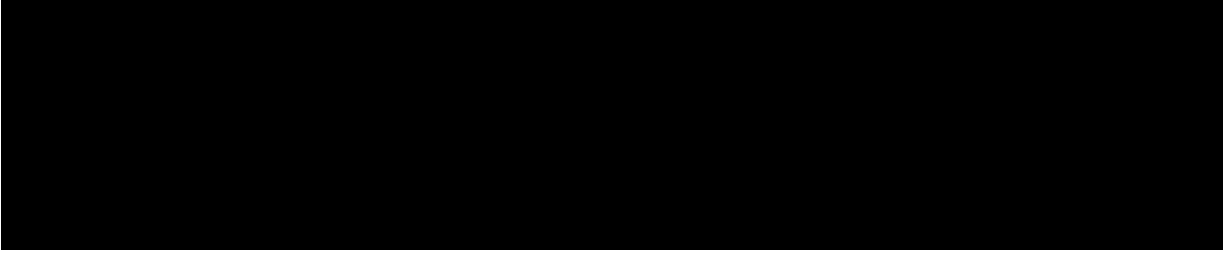
— Então, por que não começa?

— Estou decidindo.

— Pode decidir um pouco mais rápido, por favor?

Assinto, balançando a cabeça. Mas, continuo com meus olhos fixos nele, e lembro de Eli dizendo que ele está num luto eterno. Só pode ser por isso que seu semblante transmite tanta dor e sofrimento.

— Posso desenhar você? — investigo.



Que tipo de pedido é esse?

Ela poderia desenhar qualquer coisa, desenhasse uma lâmpada, por que me desenhar? De qualquer forma, minha curiosidade é atiçada, que tipo de rabiscos essa mulher fará para depois chamar de desenho?

— Vá em frente.

Agatha puxa as folhas para o colo e afasta os longos fios castanhos que caem sobre seu rosto, em seguida segura um dos lápis com dedos longos e finos e começa a desenhar. Não consigo ver o que ela faz, já que puxa sua prancheta para o alto, parece que vou ter que esperar pelo resultado final.

Ela ergue seu olhar para mim algumas vezes e depois baixa a cabeça para a folha, noto seu rosto à medida que emprega o máximo de atenção no que faz, mordendo um canto da boca e franzindo o cenho em alguns momentos. Chega a ser bonito ver uma pessoa tão concentrada e dedicada em algo como está agora, ela age como se sua vida dependesse desse desenho.

E depois de uns quinze minutos, termina e eleva a folha para me entregar, com um sorriso envergonhado, entretanto, satisfeito.

Quando olho para o que achei que seriam só rabiscos, fico entorpecido e magnetizado com o que vejo.

Então é isso o que eu sou?

É nessa pessoa que me tornei?

É assim que os outros me veem?

É assim que a mulher sentada a minha frente me vê?

Meus olhos lentamente sobem e pousam em Agatha e depois descem para o desenho nas minhas mãos.

Faz tanto tempo que não olho para mim, faz tanto tempo que ninguém olha para mim. Em todo o tempo que estive fora fui um fantasma vivendo de cidade em cidade, aperfeiçoando-me na arte de ser invisível aos olhos de todos, evitando ao máximo as pessoas para que ninguém mais me importunasse e com o tempo as pessoas acostumaram com o meu novo *eu*.

Sou eu? Eu sou assim agora?

Levanto uma mão e toco minha barba, há quanto tempo não corto os pelos que crescem no meu rosto? Há quanto tempo não corto os fios que nascem em minha cabeça?

Se eu não soubesse que ela acabou de me desenhar, iria perguntar a ela quem é esse homem tão atormentado, quem é esse homem com esses profundos sulcos na testa, com esse profundo olhar de tristeza e solidão. Era o que eu perguntaria se não soubesse que estou segurando em minhas mãos a mim mesmo.

Quando volto a realidade, percebo que Agatha está ansiosa à minha frente, esperando por um veredito sobre sua arte. E eu sou obrigado a esconder qualquer sentimento que transpareça em meu rosto e ser o mais casual possível com ela.

No entanto uma coisa chama a minha atenção, por que tudo o que pergunto para ela é precedido por esse sorriso? E por que será que a cada palavra que diz a sensação de que a conheço de algum lugar só aumenta?

Ela fala sobre seu trabalho anterior e explica como o mesmo funcionava e sinceramente pouco me interessa, porque o desenho nas minhas mãos chama muito mais a minha atenção do que qualquer coisa que ela já tenha feito antes.

É como se um espelho estivesse nas minhas mãos. Como riscos pretos numa folha branca podem mostrar-me tão claramente?

Olhando para essa folha eu vejo como estou, vejo profundamente a dor e o flagelo do meu semblante.

E como ela consegue sorrir tanto assim para mim, mesmo vendo-me dessa forma?

Ela emenda uma palavra na outra, mal toma fôlego entre elas, cada vez mais nervosa e inquieta e, mesmo assim, não para de sorrir, todas as palavras pulam de sua boca dentro de um sorriso.



Eu fico sem saber se estes gestos silenciosos significam que ele gostou ou odiou o desenho em suas mãos.

E conforme ele toca o próprio rosto, estranhamente sinto vontade de passar as mãos por sua barba também, sinto uma curiosidade insana em saber qual a textura daquele emaranhado de pelos pendurados em seu rosto.

— Você é boa — fala, quebrando o silêncio.

— Gostou? De verdade?

— Sim, é como se eu estivesse olhando-me no espelho, coisa que raramente faço. Não havia reparado que minha barba estava assim tão longa.

Ah! Por isso, ele estava passando a mão por ela.

— O que mais sabe fazer? — ele questiona.

Por fim, uma pergunta que sou treinada em responder. Prontamente começo a lhe dizer toda a minha experiência em administração, além de falar sobre os anos que passei trabalhando no banco.

Ele ouve tudo o que digo em silêncio, cada palavra, sem esboçar nenhuma reação, e depois que termino de explicar toda minha vida profissional, ele assente e toma o desenho mais uma vez em suas mãos, observando-o atentamente.

— Quando aprendeu a desenhar?

Achei que Oberon faria mais perguntas relacionadas a minha vivência profissional, mas sua curiosidade se atém apenas a sua cópia em papel.

— No ensino médio. Eu fazia um curso de desenho, mas depois que fui para a faculdade, deixei de lado.

Ele assente novamente.

— Não posso pagar o que você estava acostumada a ganhar no antigo emprego. Mas, se estiver disposta a aceitar o quanto posso pagar, o trabalho é seu.

Começo a bater palmas e me chacoalhar no sofá, radiante de felicidade. Oberon se

afasta e franze o cenho, sem entender minha reação.

— Graças a Deus! Desculpa, é que eu estou há muito tempo sem trabalhar. Eu aceito, aceito o que me oferecer.

— Pode começar quando?

Olho ao redor e imagino que esse lugar precise de uma organização urgentemente. E a ideia de poder fazer alguma coisa que não seja dentro das quatro paredes do meu quarto, anima-me demais.

— Agora mesmo.

— Tem certeza? Se você quiser pode começar amanhã.

— Hum! Não, tenho certeza. Posso começar hoje.

Ele balança algumas vezes a cabeça e depois dá de ombros antes de responder.

— Ok! Então, vou separar todos os clientes que estou atendendo no momento, todas as propostas, orçamentos e contatos para você estar ciente de tudo.

Assinto e ele se levanta, seguindo para o fundo do estúdio onde tem duas mesas, cada uma com um computador e telefone. Como ele não me chamou, continuo sentada no mesmo sofá, recolho meu material de desenho e o guardo de volta na minha pasta, inclusive o desenho que acabei de fazer dele.

Oberon senta em uma das mesas e concentra sua atenção no computador à sua frente, em silêncio. Os minutos passam cada vez mais lentos, ele deve estar lá e eu aqui há quase uma hora. Não tenho mais para onde olhar e meu corpo já dá sinais de impaciência de me manter na mesma posição.

— Seu estúdio é bem legal! — digo, tentando puxar algum assunto.

— Obrigado.

Está na cara que ele não é do tipo que gosta de conversar. Esfrego minhas mãos uma na outra, pensando numa nova tentativa em manter algum assunto.

— Faz tempo que você trabalha com fotografia?

— Sim

— Hum! E você trabalha com que tipo de fotos?

— Todas que paguem.

— Ah! — Olho para ele e vejo que continua atento a tela do computador. — Hoje em dia não dá muito para escolher, temos que pegar qualquer coisa que apareça pela frente.

Entendo você.

Ele inclina a cabeça para o lado e olha para mim, e sob aquela barba e cabelo não consigo identificar muito bem que expressão ele tem no momento.

— Não, acho que não. Eu trabalho com o que amo, por isso não importa que tipo de foto estou tirando, desde que esteja tirando fotos. Pode ser de um animal, de um objeto, de uma pessoa, de uma paisagem, tanto faz. Tenho um fascínio maior por pessoas, mas desde que me paguem, o prazer é o mesmo em todos os trabalhos. Mas, parece que não é assim para você, não é?

Seu olhar está pregado em mim, ele espera por uma resposta, mas não consigo formular uma. Oberon deve achar que desdenhei desse trabalho, que estou pegando qualquer coisa que me apareça, e na verdade estou mesmo, mas isso não significa que o trabalho dele seja menos importante ou realizador. Abro a boca para responder, entretanto, seu olhar é tão intenso, que meu cérebro sempre tão astuto por hoje deve estar de folga, já que a resposta que sai da minha boca beira o ridículo.

— Eu não sei.

— Não sabe?

Permaneço sem responder absolutamente nada. Então, de repente ele suspira e aperta os lábios numa linha fina, levantando-se, dá a volta na mesa ficando de frente para mim e encosta nela, cruzando os braços.

Rapidamente meus olhos escorregam por seus braços nus cruzados, porém volto meu olhar para seu rosto quando ele começa a falar.

— Agatha, eu entendo que esse trabalho esteja aquém do que você deseja para sua vida. É só olhar para você e fica claro que seu lugar não é aqui, mas enquanto estiver trabalhando comigo, gostaria que não subestimasse esse espaço, espero que seja tão competente aqui, como tenho certeza que era no seu trabalho anterior.

Ele entendeu tudo errado. Velozmente levanto do sofá e fico de pé bem perto dele e começo a minha explicação.

— Não é isso, desculpe. Eu estou muito feliz com esse emprego, muito mesmo. Vou dar o meu melhor aqui, pode ter certeza disso. Nunca subestimaria seu trabalho, desculpe se dei a entender isso, suas fotos são realmente lindas, eu acho que nunca vi fotos mais bonitas...

— Onde viu fotos minhas? — Ele descruza os braços e apoia as duas mãos na mesa, segurando-a. Seu peitoral se estufa e parece que a regata que está usando será rasgada a

qualquer momento, deixando-o desnudo da cintura para cima, e isso me atrapalha, porque não consigo decidir se é extremamente assustador ou extremamente sensual.

— Eu... eu... — minhas mãos sobem para minha testa e cabelo enquanto penso em algo. As únicas fotos que vi foram aquelas coladas em todas as paredes e teto dentro daquele quarto em sua casa, mas obviamente eu não posso dizer isso a ele, então penso numa saída mais astuciosa. — Procurei na internet. Estava curiosa e digitei seu nome no *Google* e várias fotos do seu trabalho surgiram.

Merda! Minha língua é sempre maior que minha boca.

— Não são as minhas melhores fotos, as que viu devem ser fotos comerciais ou de produtos, as melhores são autorais.

— Ah! — Graças a Deus, tem fotos dele na internet! Obrigada por existir *Google*! — Vou gostar muito de ver essas também, tenho certeza que devem ser muito bonitas.

E de maneira instintiva toco seu braço, enquanto abro meu melhor sorriso mostrando o quanto estou feliz em estar aqui nesse emprego.

Oberon atenta para meu rosto e pisca algumas vezes, entreabre os lábios e depois gira a cabeça lentamente observando minha mão tocando sua pele.

Logo percebo que meu contato pode ter incomodado e recolho minhas mãos para dentro dos meus bolsos, envergonhada por ter sido tão descuidada e expansiva. Meu sorriso se desfaz e por um momento não tenho para onde olhar.

— Eu vou sentar, enquanto... você termina... o que estava fazendo antes — artigo, apontando para o sofá.

— Sim, eu... já estou terminando de puxar todas as informações — diz, e aponta para o computador atrás de si.

— Eu espero, não tem pressa. Vou sentar, então...

Viro-me e volto para meu lugar, o silêncio volta a reinar por mais uns vinte minutos até que ouço meu nome novamente.

— Agatha.

— Sim.

— Você pode vir até aqui.

— Claro. — Levanto-me e sigo ficando de pé próximo à sua mesa, ele arrasta uma cadeira para eu me sentar ao seu lado.

Aponta para a tela do computador e começa a me mostrar os arquivos e listagens com as informações completas sobre seus clientes. Diz também, que todas as ligações são transferidas para seu telefone celular, mas que ele vai reprogramar a função para que eu atenda diretamente no estúdio, além de me explicar como funciona o envio das propostas de trabalho e me passar uma lista de perguntas que preciso preencher toda vez que um novo cliente ligar solicitando um orçamento.

— Entendi.

— Você terá dúvidas no decorrer do trabalho, isso é natural, então poderá me perguntar. Se eu não estiver aqui, me ligue. Mas, em algumas sessões externas, vou precisar de você para me auxiliar, então, seu trabalho não será só aqui dentro.

— Claro, o que precisar.

— Eu vou dar uma saída agora, se eu não voltar até às cinco, você pode ir embora, é só fechar a porta da frente e deixar a chave dentro do vaso ao lado da porta.

— Dentro do vaso, *ok*!

— Essa ficha é para você preencher com os seus dados, seu pagamento será quinzenal.

Seguro a ficha nas mãos e começo a lê-la enquanto a palavra “pagamento” ressoa como música para meus ouvidos.

Até que me dou conta que ele está olhando para mim e estende uma das mãos. Eu na minha infinita estupidez, penso que ele está me oferecendo uma mão gratificando-me pelo trabalho e estico a minha apertando a sua.

— Você pode se levantar? Para eu passar.

— Ah, claro! — Solto sua mão imediatamente, corando.

A mão estendida era para eu dar espaço e não para me cumprimentar, já que estava sentada ao lado dele e para passar ou teria de pular a mesa ou pular sobre mim.

Ele deve achar que sou uma tapada completa, até eu estou achando nesse momento. Observo ele sair do estúdio batendo a porta atrás de si, deixando-me para trás no meu primeiro dia empregada.

Puxo meu telefone e passo mensagem para Eli, dizendo que estou trabalhando e que em quinze dias, terei meu primeiro pagamento. Ela retorna a mensagem parabenizando-me e diz para eu largar o celular, se não quiser ser dispensada já no primeiro dia.

— Que chata! — sussurro.

Porém faço o que ela diz e guardo meu telefone. Olho ao redor e vejo que posso começar dando um jeito nessa bagunça; tiro meus saltos, *tailleur* e os coloco num canto e parto para a organização.

Logo na entrada tem um balcão e duas poltronas, com uma mesinha lateral tomada por revistas, inclusive no chão. O meio do estúdio imagino que seja onde a mágica acontece, pois tem estruturas completas para a produção das fotos, com fundo infinito, batedores, iluminação e todo o mais, além do sofá onde eu estava, pufes, e várias estantes. Ao fundo podemos chamar de “escritório” onde ficam as duas mesas, com um armário cada uma, além dos computadores, impressora, copiadora e os telefones.

E no meio de tudo isso temos a bagunça; revistas, folhas, roupas, sapatos, objetos dos mais variados tipos, caixas e mais caixas e imagino que tudo isso um dia já foi um produto para ele fotografar. Mas por que deixar tudo tão bagunçado?

Oberon precisa passar por uma palestra sobre 5s urgentemente. Apesar de sua casa ser tão limpa e organizada, não entendo por que ele mantém o estúdio assim. E tendo em vista que eu não sou das mais organizadas também, não estou sabendo lidar com toda essa desordem, se Eli entrasse aqui teria uma síncope em poucos segundos.

Como não sei onde exatamente guardar cada item, decido organizar as seções e manter os objetos próximos uns dos outros, mas de uma forma mais ordenada. Os papéis que encontro pela frente vou empilhando e tudo o que está espalhado pelo chão, ou dentro das caixas eu recolho e guardo próximo das estantes.

Aos poucos o lugar começa a ganhar outra cara e podemos andar sem tropeçar e sentar sem ter que brigar com o sofá, fiquei tão entretida com a organização que sequer notei o tempo passar, quando me dou conta já passei há tempos do horário de almoço.

Calço meus sapatos novamente e saio em busca de alguma lanchonete, ando por umas três quadras até encontrar um lugar bom e barato para comer.

Depois de saciar minha sede e fome, caminho novamente para o estúdio. Quando entro sinto orgulho de mim, por ver como está diferente.

— Agora sim, esse lugar está apto a receber clientes.

O tempo passa e nem o telefone toca e nem Oberon volta. Será que ele vai passar a maior parte do tempo longe daqui? Bom, por um lado é bom, ele não gosta muito de interagir e parece que seu prazer é maior bebendo sozinho dentro de casa.

Sento no sofá e pego uma revista para ler, mas somente folheio as páginas, porque meu

pensamento continua curioso a respeito dele. Há quanto tempo será que a mulher dele morreu? Eli disse que ela ainda não namorava o Roger, mas eles já namoram há quase três anos, então é provável que deva ter mais tempo que isso.

Ele está de luto há anos? Ele devia amar muito a mulher, para manter aquele quarto cheio de fotos e beber tanto assim.

Quanto tempo será que ele ficou casado? Será que tinha filhos? Por um momento paro de folhear a revista e me concentro nas perguntas em minha mente, quando ouço a porta da frente se abrir.

Largo a revista e levanto para olhar quem é, vejo Oberon parado próximo ao balcão observando tudo à sua volta.

Seus olhos circulam e avistam cada canto do estúdio, sua boca abre e fecha, e, posso notar que suas sobrancelhas estão erguidas.

Eu começo a sorrir, tenho certeza que ele não imaginaria que no meu primeiro dia, já deixaria o estúdio assim.

— O que você fez? — murmura.

— Organizei o máximo que pude, vou mostrar a você onde deixei...

— Por que fez isso? — Ele para de olhar para o estúdio e começa a andar na minha direção.

— O quê?

— Por que mexeu em tudo dessa maneira? Por que tirou do lugar?

Ele para a um palmo de distância e seus olhos invadem os meus esperando uma resposta.

— Não joguei nada fora, mantive tudo. Eu só organizei tirando todas aquelas caixas espalhadas pelo chão, aqui no sofá por exemplo que estava cheio, agora está tudo na estante bem aqui atrás.

Ele fecha os olhos e começa a respirar profundamente, e por um momento imagino que esteja sentindo alguma dor.

— Você está bem? — inquiri.

Ele abre os olhos e não diz nada, mas não para nem por um segundo de me olhar, ele varre meu rosto e eu não sei o que fazer, além de me sentir altamente constrangida.

— Desculpe. — Não sei ainda pelo que estou me desculpando, mas sinto que devo.

Ele fecha os olhos novamente e balança a cabeça sinalizando uma negativa, e, enfim, afasta-se de mim, passando as mãos pelo cabelo e barba.

— Acho que você pode ir, Agatha. Até amanhã. — Ele vira as costas para mim, e segue para sua mesa no fundo do estúdio.

Assinto em silêncio e recolho minha bolsa e casaco, seguindo para a saída. Antes de sair olho para ele mais uma vez e o vejo de pé em frente à mesa ao lado da dele, com as mãos na cintura e a cabeça baixa.

Fecho a porta atrás de mim e ando até meu carro.

Imaginei que ele fosse gostar de ver tudo arrumado, mas pensando bem, eu deveria ter perguntado antes se poderia mexer nas coisas dele. Bato minha cabeça contra o volante algumas vezes, culpando-me pela importunidade.

— Droga, que idiota você é, Agatha. Que idiota!

Bem, ele disse “até amanhã” então talvez não tenha sido tão ruim assim. Não! Foi péssimo! Ninguém faz aquela *cara* por achar algo bom.

Chega de pensar, melhor voltar logo para casa, giro a chave no contato e não ouço nada.

— Não... não faz isso carro.

Giro de novo e nada.

De novo.

De novo.

De novo.

— Merda! Logo agora, logo aqui, logo no primeiro dia! — esbravejo.

Pego meu celular e passo uma mensagem para Roger.

Preciso de socorro!

**Estou no meio de uma reunião, onde você
está?**

Em frente ao estúdio de Oberon.

**Peça para ele te ajudar, não consigo sair
daqui em menos de uma hora e meia.**

Está louco? Não vou pedir ajuda para

ele. Espero por você.

Agatha, não sei a que horas vou chegar aí.

**Então, vou de ônibus, não se preocupe,
voltamos depois. Bom trabalho, beijos.**

Até parece! Não tenho coragem de voltar lá e pedir ajuda para ele, de jeito nenhum!

Analiso minhas opções: esperar, largar o carro aqui ou pedir ajuda para Oberon. E largar o carro parece a mais oportuna nesse instante.

Decido tentar mais algumas vezes por desencargo de consciência e na última o carro faz um som, quase ganhando vida novamente, mas morre em seguida.

Droga!

Saio e abro o capô, para ver se é algo que eu mesma consiga arrumar. Porém é inútil, a única coisa que consigo fazer é olhar atentamente para as centenas de peças e imaginar o que cada uma delas significa.

— O que está fazendo?

— Ahhh! Que susto! — Grito e quase caio para dentro do motor. Viro e Oberon está parado atrás de mim, com os braços cruzados.

— O que está fazendo? — Ele repete.

— Meu carro não quer ligar — respondo, apontando para a lata velha à minha frente.

— E você sabe o que fazer? — Oberon inclina a cabeça e ergue as sobrancelhas, mas continua com seus braços cruzados.

Empertigo meu corpo antes de responder, já que sua pergunta me pareceu um tanto debochada.

— Bem, eu estava analisando para saber se eu sei ou não sei.

Ele olha para mim, dos pés à cabeça.

— E se você souber?

— Então, eu arrumo — respondo. Sem entender onde ele quer chegar.

— Vestida assim? — Ele aponta para meu corpo.

— O que tem minha roupa?

Ele não responde. E não entendo o que possa ter de errado com minhas roupas, estou

muito bem vestida, ele com essas roupas rasgadas, não tem condição de apreciar ou identificar o que é uma mulher arrumada.

— Precisa de ajuda?

— Não.

Ele ergue um canto da boca, e acho que aquilo é quase um sorriso.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Que resposta é essa? A mais idiota que eu poderia ter dado, é claro que preciso de ajuda.

— *Ok!*

Oberon se afasta e senta na calçada em frente à sua casa para me observar. Eu continuo por mais alguns minutos olhando para o motor, e mexo em algumas peças, mas a única coisa que consigo é sujar meus dedos de graxa.

Giro minimamente minha cabeça e ele continua sentado lá.

Que vergonha! Por que esse carro tinha que quebrar logo hoje?

No entanto, não tem mais nada que eu possa fazer, então fecho o capô e pego minha bolsa de dentro do carro, o tranco com a chave e começo a andar para encontrar o ponto de ônibus mais próximo.

— Onde você vai? — Ouço ele correr atrás de mim.

— Embora. Depois eu volto para pegar o carro.

— Então você não precisa *mesmo* de ajuda?

Dessa vez sou eu que não respondo.

— Abre o carro — ele ordena.

— Não precisa se incomodar, ele sempre dá problema, depois eu volto com o Roger para pegá-lo.

— Não estou incomodado. E por que esperar pelo Roger se eu estou aqui, prefere sair andando com esses sapatos a me pedir ajuda?

— O que tem meus sapatos?

— Qual o problema em me pedir ajuda?

— Não queria incomodar. Já fiz muito por hoje — sussurro.

— Não estou incomodado. Agora se prefere sair andando por aí, sem ao menos me dar

a chance de olhar seu carro, então me verá muito incomodado.

— Roger está acostumado e...

— Roger acabou de me ligar, dizendo que está em reunião e você estava parada em frente ao estúdio com um carro que quebra ao menos uma vez por semana e que não iria me pedir ajuda, se eu poderia sair e ver o que estava acontecendo.

— Ele fez isso? Aquele... aquele...

— Por que não quer aceitar ajuda?

— Já disse, não queria incomodar.

— Vai abrir o carro ou vou ter que tomar as chaves da sua mão?

E sem ter muito mais o que dizer, estendo minha mão para ele entregando a chave. Oberon abre o capô e antes de começar a mexer no motor tira a regata que está usando.

Oh, meu Deus!

Surpresa por sua ação, viro de costas por um instante, erguendo minhas mãos até a boca.

Por que ele tirou a camiseta? E agora, como posso não olhar para ele?



CAPÍTULO CINCO

Agatha

Dou alguns passos e encosto na parede atrás de mim e aguardo, enquanto ele habilmente revira todas as peças do motor, tento vagar meus olhos para todos os lados, mas eles teimosamente sempre voltam para o ponto inicial. Que no caso é: Oberon, sem camisa, debruçado sobre meu carro.

Tenho a sensação de estar dentro de um filme *hollywoodiano*, onde a mocinha para numa estrada isolada com seu carro quebrado e de repente um *bad boy* lindo e musculoso oferece ajuda, vindo em sua direção lentamente com o sol escaldante brilhando atrás de si. E enquanto caminha para ela com um pedaço de estopa nas mãos sujas de graxa, o suor escorre devagar em pequenas gotículas colando seus cabelos à testa, já seus músculos são como...

— Ei! Está dormindo?

Sinto um toque no meu ombro e rapidamente volto a realidade e encontro Oberon de frente a mim, com olhos semicerrados.

— Hã?

— Estou chamando e você não responde.

— Desculpe. Eu estava meio distraída.

— Seu carro.

— Você consertou?

— Ainda não. Achei que fosse a bateria, mas provavelmente foi o alternador que queimou e...

Ouçoo o que ele diz e fixo meus olhos em seu rosto forçando-os a não descer em direção

ao seu tórax nu a poucos centímetros de distância. Ele continua a explicar o que acha ser o problema atual do meu temperamental automóvel e eu puxo em minha memória se já ouvi a palavra “alternador” nas centenas de vezes em que esse carro foi ao reparo, e a repito mentalmente várias vezes, confiando que meu semblante pareça o mais despreocupado possível.

— O que foi? — Oberon pergunta.

— Nada! Estou tentando lembrar se “alternador” é uma das coisas que já foi consertado nele antes.

— Se foi ou não, está queimado novamente, se fosse somente a bateria eu daria uma carga nela e pronto, mas, nesse caso não vai funcionar, preciso de um eletricista aqui para arrumar.

— Um eletricista?

— De carros — ele responde.

E a impressão de que ele acha que sou meio pancada volta com toda força.

— Eu sei que é de carros, não sou tão burra assim.

— Não disse que era.

— Mas pensou — sussurro, afastando-me e seguindo para baixar o capô. Seu humor combina perfeitamente com sua aparência, ambos rústicos e ríspidos.

— O que está fazendo?

— Vou baixar o capô e ir embora. Não tenho como encontrar um eletricista agora, já está anoitecendo, vou deixar o carro aqui na rua e amanhã vejo isso. De qualquer forma é até bom que quebrou em frente ao trabalho.

Depois de fechar o carro, viro-me para ele que continua a me observar com as mãos na cintura e a camisa jogada sobre o ombro.

Sério, qual a necessidade de ficar assim, se não está mais mexendo no carro, por que não se veste?

Ele é o tipo de homem que nunca havia visto sem camisa tão próximo de mim, e desde o momento em que tirei a roupa molhada de seu corpo, a imagem dos desenhos em sua pele ficam girando em minha mente, e como se isso já não bastasse agora vou ter que acrescentar uma dose de Oberon sem camisa, debruçado sobre o motor do meu carro.

— Obrigada pela ajuda. Eu vou indo — indico o fim da rua com as mãos.

— Vai chamar um táxi?

— Ah, não! Vou de ônibus mesmo, um táxi para o outro lado da cidade a essa hora, vai me custar uma fortuna. E andar faz bem.

Vejo seus olhos baixarem para meus pés novamente, e gostaria de entender qual o problema dele com meus sapatos.

— Ok! A avenida principal fica a quatro quadras daqui, lá encontrará várias linhas de ônibus.

— Quatro quadras, entendido. — Pisco e faço um sinal positivo para ele e começo a caminhar sem olhar para trás.

Depois de uns dez minutos andando, começo a perceber que meus sapatos de fato não são a escolha ideal para esse tipo de modalidade. Eu que iniciei minha caminhada a passos fortes e destemidos, agora começo a reduzir a velocidade cada vez mais.

— Ah! Quantas quadras já andei mesmo? Meu Deus, qual o tamanho das quadras desse bairro? Credo!

Avisto um movimento maior de carros e ônibus no fim da rua, mas o fim da rua ainda é um ponto distante e não vou conseguir chegar tão rápido com esses saltos, além do que a irregularidade desse calçamento, faz-me pisar como em ovos.

E a única solução para quem pretende chegar em casa ainda hoje, é tirá-los dos pés e seguir descalça até o ponto de ônibus. Assim que os tiro, sinto o chão frio, sujo e acidentado sob a sola dos meus pés e imediatamente noto o alívio causado pela liberdade momentânea.

— Agora sim.

Conforme cruzo com as pessoas vindo no sentido contrário ao meu, as vejo olhar para meus pés e depois para os sapatos em minhas mãos.

Será que nunca viram uma mulher com pés cansados na vida? Que coisa chata!

E a cada passo que dou, fico mais próxima da avenida principal e começo a sorrir para mim mesma, feliz por estar quase lá.

Até que ouço o rugido de uma moto, assustando-me, viro para o som e noto que ela está parando ao meu lado, e o homem sobre ela com a cabeça coberta por um capacete, ameaça descer e vir em meu sentido.

Começo a olhar para todas as direções, apavorada, procurando por mais alguém próximo de mim que indique a presença desse homem. Mas, não há ninguém, abraço minha

bolsa contra meu peito e dou alguns passos para trás, minhas pernas amolecem e meu cérebro não consegue se decidir entre correr e gritar. E o meu pavor aumenta quando observo-o dar a volta na moto.

— Fique onde está ou eu vou gritar — imploro, num tom vacilante.

Ele hesita e estaca seu corpo não movendo mais suas pernas, no mesmo momento leva as mãos ao capacete...

— Eu vou gritar, vá embora.

E lentamente o suspende, expondo pouco a pouco seu rosto para mim.

— Ah, meu Deus! Desculpe, eu não reconheci você.

Ele assente e inspira longamente, antes de baixar a cabeça por alguns segundos, deixando-me ainda mais envergonhada em ter confundido meu chefe com um assaltante. Nem por um segundo imaginei que era ele sobre a moto, mas se for analisar melhor, dificilmente um assaltante usaria uma moto como essa.

— Eu assustei. Uma moto, vindo em minha direção... eu...

Por fim, ele ergue a cabeça e a meneia algumas vezes.

— Tanto faz — diz, com maxilar rígido e seu olhar duro.

— É sério, mil desculpas! Nunca pensei que pudesse ser você aqui, e... o que está fazendo aqui?

— Eu moro aqui, e você ainda está andando na minha rua. — Solta, nada cortês, com certeza ele ficou bravo. — Além do que não é comum nesse bairro, mulheres andarem descalças pela rua. — Ele indica os sapatos em minha mão.

— Ah! — Sorrio, timidamente, olhando para meus sapatos. — Eu só tirei para caminhar mais rápido, as quadras no seu bairro são bem longas.

Ficamos os dois por uns dez segundos em silêncio, um olhando para o outro e eu decido falar primeiro para quebrar o constrangimento desse momento.

— Bom, eu vou indo, então. — Estico meu braço, acenando para ele. — Estou bem perto agora, e por favor me desculpe, de verdade.

Giro meu corpo para seguir e solto o ar que inconscientemente estava segurando dentro do meu peito todo esse tempo.

E antes que possa dar mais alguns poucos passos, ouço-o murmurar meu nome.

— Agatha?

— Oi — respondo, de pronto.

— Eu vou sair agora para comprar algumas coisas para casa, se você quiser uma carona.

— O quê?

— Nada. Se não ouviu, não é nada.

— Eu ouvi.

— Então, ótimo.

Não sei o que responder, não sei se é gentil recusar ou se é gentil aceitar, depois das gafes sequenciais que dei com ele.

— Está pensando, não é? Como pela manhã?

— O quê?

— Humpf! Por que pergunta se ouviu o que eu disse?

— Desculpe.

— Bom, uma oferta de carona não deveria demandar tanta análise, então depois de me confundir com um ladrão, entendo que não...

— Sim, eu aceito. Obrigada. — Apresso-me em dizer, interrompendo-o.

Mais segundos constrangedores caem sobre nós, e talvez fosse melhor se eu tivesse dito não.

— Onde você vive?

— Do outro lado da cidade.

Ele assente sem dizer nada e puxa um capacete que estava preso à moto e entrega para mim. Eu seguro a peça, sabendo que devo colocá-la em minha cabeça, mas eu nunca usei um, na verdade, eu nunca subi numa moto antes.

Ele veste o dele e sobe sobre a moto e logo percebe minha hesitação.

— O que foi?

— Nunca andei de moto antes.

— Hum! Está com medo?

— Não sei ainda.

Oberon desce da moto e retira o capacete de minhas mãos e imagino que sua paciência tenha terminado e sua oferta também. Mas, ele me surpreende, abrindo os fechos da peça e levando-o até a minha cabeça e em seguida o coloca em mim.

— Não precisa ter medo. E calce seus sapatos novamente.

Ele dá as costas para mim e sobe na moto outra vez, eu faço o que diz e o sigo para subir também, um tanto desajeitada por estar usando saia, mas consigo sentar no banco e encaixar meus pés nos apoios corretos.

— Eu sei que isso pode parecer um tanto desconfortável para você, mas vai precisar passar os braços por mim, tudo bem?

Eu balanço minha cabeça, concordando. Não com a parte do desconfortável, mas, não é hora para pensar sobre isso. Lentamente estico meus braços e os coloco um de cada lado do seu corpo, sentindo o couro da jaqueta que usa entre meus dedos.

Logo escuto o rugido da moto sendo ligada mais uma vez e ele sai levando-me para meu primeiro passeio em duas rodas. Eu deveria ser menos medrosa, mas não consigo, o temor inicial de cair a cada curva, faz-me apertar sua cintura mais forte, e só quando ele toma uma linha reta e estável é que posso deixar meu corpo relaxar minimamente e absorver o efeito que estar aqui causa, é como se estivesse voando, sentindo somente as poucas nuances da pista que dão mais veracidade a sensação que estou num voo rasante pelo céu.

E assim continuo com os olhos fechados, aproveitando cada segundo desse passeio tão renovador, entregando-me completamente. Mas, quando ele diminui a velocidade e volta a fazer uma curva, assusto-me apertando sua cintura com muito mais força.

— É só uma curva — diz.

— Desculpa — digo, afrouxando o aperto de minhas mãos sobre ele.

— Estamos do outro lado da cidade e agora para onde é sua casa?

Descrevo para ele meu endereço e como chegar e em menos de dez minutos estamos estacionando na minha rua. Desço e tiro o capacete, entregando-o em suas mãos.

— Obrigada.

— Você mora aqui?

Ele retira seu capacete também e aponta para minha casa.

— Sim.

— É muito bonita. — Seu olhar acompanha toda a fachada e eu me viro para olhar também. Essa casa é, de fato, muito bonita, com jardim e grama rasteira em toda a frente e vidraças que vão do chão ao teto, tem uma iluminação e visual privilegiados.

— É sim, nos mudamos para cá alguns meses depois que fui promovida no meu

trabalho anterior.

— Nós? — Ele muda a direção de seu olhar para mim.

— Eli e eu, minha amiga dos tempos de faculdade, a namorada do Roger. — explico-me.

— Hum! Bom, já vou indo. Até amanhã. — Oberon ergue os braços para vestir seu capacete novamente, mas para com as mãos no alto quando ouvimos alguém gritar:

— Agatha, por que não atende o celular?

Viramos em direção a quem brada e vejo Roger e Eli vindo em nossa direção, mas assim que ele nota a pessoa ao meu lado, abre a boca e inclina a cabeça.

— Oi, Roger. — Oberon diz, sem ânimo.

— Obe? O que está fazendo aqui? — Roger volta a si e pergunta, surpreso.

— Você disse para ajudá-la, lembra? O carro dela está quebrado em frente ao estúdio.

— Sim, mas...

— Já vou indo. Até amanhã.

— Não, espera! Cara, nossa! Estou surpreso por vê-lo andando de moto e...

— Não tem nenhuma surpresa nisso, sempre andei de moto — responde, ríspido.

— Sim, mas é que depois...

— Estou atrasado, Roger. Depois falamos.

Vendo o clima indigesto que acabou de se instaurar, Roger para de falar, mas caminha para mais perto de nós.

— Não quer entrar e tomar alguma coisa?

— Você mora aqui também? — Oberon questiona.

— Não, minha namorada.

Oberon olha para mim e depois para Eli que continua de pé na entrada da casa, um pouco mais adiante.

— Não acho educado me chamar para uma casa que não é a sua, Roger. Boa noite! — Ele liga a moto.

E eu sinto que devo dizer algo, e não o deixar ir embora assim, afinal eu causei desordens demais por um dia.

— Quer entrar, tomar alguma coisa? É minha forma de agradecê-lo pela carona, e por ter sido... é... — Solto as palavras umas sobre as outras, num ímpeto frenético.

Roger sorri para mim, antes de falar.

— A dona da casa te convidou, não acho educado recusar, e aí o que diz?

Nós três nos entreolhamos, enquanto espero ansiosa pelas próximas palavras que sairão de sua boca.

Ele olha para os lados, e imagino que esteja pensando em formas de recusar o convite insistente vindo de Roger e de mim, Oberon não se assemelha com alguém que queira confraternizar nesse momento, e em seguida baixa a cabeça por alguns segundos antes de sussurrar um “ok”.

— Sério? — Roger diz, impressionado.

Oberon semicerra os olhos, enquanto encara Roger. Mas, não oferece a ele nenhuma outra resposta.

— Quer estacionar sua moto mais próxima da entrada de casa? — pergunto, trazendo a conversa para um tom casual.

Ele meneia a cabeça numa resposta negativa.

— Tudo bem, então vamos entrar, por favor.

Seguro o braço de Roger, e o puxo comigo seguindo mais à frente, à medida que Oberon ainda desce de sua moto.

— Por que chamou ele para entrar, Roger? — murmuro.

— Porque ele é meu amigo e nunca aceita nada, mas mesmo assim eu convido todas às vezes que o vejo. E foi você quem reforçou o convite, poderia ter ficado calada.

— Eu fiquei sem jeito, eu dei trabalho demais para ele hoje.

— Ah, é?

— Esquece, e o que está fazendo aqui, não disse que sua reunião demoraria horas?

— Eu disse uma hora e meia e esse tempo já passou. Tentei falar com você e não consegui, então viemos para cá, Eli e eu.

Chegamos à entrada da casa e paramos em frente a Eli que nos aguarda com dois olhos esbugalhados no rosto. Eu me viro para trás e vejo que Oberon acabou de amarrar — seja lá o que foi que ele acabou de amarrar na moto — e agora caminha em nossa direção.

Assim que para na nossa frente, Roger o puxa pelo ombro e o direciona para ficar de frente a Eli.

— Essa é Eli, minha namorada.

Oberon oferece a ela um aceno de cabeça e em seguida uma de suas mãos. Eli segura sua mão, um pouco relutante, talvez também esteja surpresa por conhecê-lo.

— Muito prazer, Roger sempre fala de você. — Eli diz, sorrindo.

— Roger sempre gostou de falar demais, não faz muito tempo que voltei para a cidade, é um prazer conhecer a mulher que laçou esse cara. — diz, e esboça um meio sorriso para Roger.

— Laçou de jeito, não é, amor? Estamos juntos há quase três anos, começamos a namorar pouco depois de você...

— Vamos entrar, não entendi por que estão conversando na porta — falo, e arrasto Eli para dentro de casa.

— Roger, senta com ele na sala que vou com Eli preparar alguma coisa e voltaremos logo.

Continuo arrastando Eli até a cozinha, quando ela começa a resmungar.

— Calma, Tha. Por que está tão afobada?

— Eu? Não estou.

— Claro que está, mas entendo você. Meu Deus, ele dá medo, não é? Você veio de carona com ele? E de moto?

— Ele não dá medo — afirmo.

— Claro que dá, olha para ele. Quando Roger falou dele imaginei um outro tipo de pessoa, mais parecido com os nossos amigos atuais. — ela bate com o indicador no queixo.

— Eli, agora não é hora de bancar a psicóloga, ajuda a preparar alguma coisa e levar para eles. Afinal de contas meu chefe está sentado em nosso sofá.

— Não preciso ficar nesse desespero, para mim ele é um amigo do Roger.

Olho para Eli com espinhos saltando das minhas órbitas e ela prontamente entende o recado.

— Já vou, fica calma! E conta para mim, como foi o dia de trabalho? — pergunta, enquanto abre alguns saquinhos de *snacks* e amendoins e despeja numa tigela.

— Não sei. Pareceu bom, depois pareceu péssimo, depois foi vergonhoso, e aí meu carro quebra, confundo-o com um assaltante e venho de carona com ele numa moto. Em uma palavra: excêntrico.

— Uau! Deve ter sido mesmo, para você estar assim.

— Assim como?

— Assim, *agitadinha*.

— Fica quieta.

Abro a geladeira e começo a observá-la, indecisa em o que pegar de bebida.

— O que levo para eles beberem?

— Ah é mesmo, seu chefe é meio bêbado, não é? — ela diz, em meio a um sussurro.

— Ele não sabe que eu o vi assim, pelo amor de Deus controle sua língua.

— Leva cerveja, leva água, leva suco, põe na mesa e ele escolhe.

— Perfeito!

Faço como ela diz e monto uma bandeja com tudo e levo para a sala com Eli logo atrás de mim, carregando alguns petiscos. Abaixo-me em frente à nossa mesa de centro e coloco todas as bebidas sobre o móvel de forma que eles possam escolher o que beber.

Roger prontamente abre uma cerveja e enche a mão com um punhado de amendoim e joga boca a dentro.

Eli senta-se ao lado de Roger e eu me sento ao lado dela, ficando nós três de frente para a poltrona onde Oberon está.

— Agatha, senta na outra poltrona.

— Hã!?

— Você ouviu, Agatha. Nós três sentados um ao lado do outro, parece que estamos num tipo de julgamento e o réu é o Obe. Senta lá do lado dele.

— Por que não senta você? — pergunto, disfarçadamente.

— Porque é uma poltrona e só cabe uma pessoa, e eu pretendo ficar ao lado da minha namorada. Qual o problema em sentar lá?

Eu juro por Deus que vou arrancar todos os fios de cabelo da cabeça de Roger quando Oberon for embora. E quando me viro para frente para me levantar, Oberon está com o corpo inclinado, cotovelos sobre os joelhos e as mãos cruzadas olhando para mim com uma expressão questionadora que chega a causar calafrios e uma vontade súbita de me desculpar pelo embaraço.

Engulo a seco a profundidade de seu olhar e coloco no rosto o meu mais caloroso sorriso, levanto-me e sento na poltrona ao lado dele.

— Não vai beber nada, Oberon? — digo, simpática.

Ele gira a cabeça e fita-me impiedosamente antes de responder.

— Eu não bebo.

Roger que estava sorvendo um gole de sua cerveja, cospe o líquido num acesso de tosse. Eli começa a bater em suas costas para trazê-lo de volta à vida.

Eu entendo a referência de Oberon, e percebo que ele está oferecendo a mesma resposta que eu dei a ele quando ouvi essa pergunta no estúdio.

— Não bebe água? Suco, talvez? — revido.

Ele se mantém imóvel e não traz nenhuma reação que indique que entendeu a minha piada, e eu começo a entrar em pânico.

— Eu estava respondendo do mesmo jeito...

— Sim, eu entendi.

— Ah! Achei que...

Enfim, deixa de me olhar e pega uma cerveja na mão e suga quase metade do conteúdo de uma só vez.

— Vocês se conhecem há muito tempo? — Eli pergunta.

— Uns vinte anos, mais ou menos — Oberon responde.

— Sério? — Indago, surpresa.

— Sim, nos conhecemos na escola primária e estudamos juntos até o ensino médio, quando Obe seguiu para a fotografia e eu para a engenharia.

— Que bacana, uma amizade que dura tanto tempo, é bonito de ver.

— Obe é meio difícil às vezes, mas nada que uns safanões não resolvam.

Eles continuam a conversa animados, lembrando os velhos tempos. Na verdade, a parte do “animados” está mais para o lado de Roger, porque meu chefe responde monossilabicamente a maior parte do tempo.

Quando percebo que Eli está olhando para Oberon por mais tempo que deveria eu a chamo para me acompanhar até a cozinha deixando os dois a sós na sala.

— Eli, para de encarar Oberon como está fazendo.

— Não estou.

— Claro que está, você olha para ele como se estivesse vendo um *E.T.*

— Que exagero... é que ele é diferente, você viu a quantidade de tatuagens, eu nunca conheci nenhum homem com a aparência dele. O que será que ele fez nesses anos que estive

fora? Será que ele é uma boa pessoa?

— Não acredito que está julgando-o pelas tatuagens que tem, isso é ridículo.

— Não é não.

— Claro que é, deveria se envergonhar.

— Você deve ter achado a mesma coisa quando o viu pela primeira vez.

Não respondo, abro a geladeira novamente e pego mais cerveja para repor as que estão no fim na mesa, e saio deixando-a para trás.

— Quando vai encontrar seu pai? — Ouço Roger dizer a Oberon, antes de chegar a sala e paro no corredor observando-os, sem que me vejam.

— Não sei. — Oberon responde, seco.

— Você precisa visitar seu pai.

Roger se inclina na direção de Oberon, mas ele se afasta e estreita os olhos antes de responder:

— Você precisa cuidar da própria vida, assim como o Ítalo.

— Queremos ajudar você.

Roger insiste, mas percebo que Oberon está prestes a soltar a cerveja na mesa e sair daqui.

— Não preciso de ajuda.

— Precisa voltar a viver, conversar, sair, rever seus amigos.

Agora sim, ele vai bater em Roger.

Oberon desce a cerveja e o líquido se agita, caindo um tanto pela mesa.

— É o que estou fazendo agora, não acha?

Alguns segundos de silêncio seguem até que Roger volte a falar.

— Nós só queremos ver você bem, o mesmo cara de antes.

— O mesmo cara de antes morreu. Se não querem conviver com esse, o problema não é meu.

— Não fala assim, cara. É seu pai e seu irmão, e eu também era como um irmão para você. — Roger se aproxima novamente e coloca uma mão no peito.

— Vocês continuam sendo as mesmas pessoas para mim, isso não mudou. O que não aceitam é a pessoa que eu sou agora. E isso não deveria ser pauta de discussão na vida de vocês. Deveriam deixar eu viver o que sobrou da minha vida do jeito que acho mais

conveniente.

— Vou repetir, queremos você bem.

— Estou bem.

— Não está não, está vivendo numa bolha, você é só uma sombra do que era.

Oberon inspira longamente e os dois fazem mais alguns segundos de silêncio e eu espero para ver se é a melhor hora para entrar na sala, até que Eli sussurra atrás de mim.

— O que está fazendo?

— Nada.

Continuo a andar e os dois olham para mim, cessando a conversa. Reponho a bebida na mesa e sento-me ao lado dele novamente, enquanto Eli ocupa seu posto ao lado de Roger.

— Amor, você sabia que a Agatha desenha?

— Desenha?

— Sim, mas ela ainda não fez nenhum para eu ver, deve ter feito no estúdio, já que conseguiu o emprego, o que ela desenhou, Oberon?

Que um buraco se abra agora e me engula com cadeira e tudo o mais.

— Eu — ele responde.

— Você? — Eli pergunta, rindo.

— Sim — reafirma, sério.

— Como assim? — Eli e Roger proferem em uníssono.

— Ela me desenhou.

— Você desenhou ele? Cadê o desenho? — Eli questiona.

— Outro dia eu mostro, Eli. — Tento dar um fim a conversa, mas a insistência prossegue.

— Não, eu quero ver agora. Onde está?

Aperto meus olhos, imaginando formas não naturais de morte para esses dois à minha frente. Mas, rendo-me e levanto, vou até a minha pasta e na volta separo um espaço na mesa de centro, para tirar o desenho que fiz dele e mostrar aos dois enxeridos que se dizem meus amigos.

Pego a folha de dentro da minha pasta e dessa vez sento novamente ao lado deles, para que possam olhar o desenho.

— Meu Deus! — Eli diz.

— Caramba, Agatha! — Roger completa. — Está incrível, você é uma artista, e depois de todo esse tempo que nos conhecemos eu nunca pensei que tivesse esse talento. O que você achou, Obe?

Viramos os três para ouvir quais as impressões de Oberon e noto que sua mão direita está entrando dentro da minha pasta, e na hora não entendo o que ele possa estar procurando dentro de uma bolsa que não lhe pertence. Até que sua mão sai puxando uma folha e quando percebo que folha é, meu coração para por alguns segundos antes de voltar a bater.

— Quando fez este? — Ouço ele perguntar.

— O que?

— Quando fez este? — Ele gira a folha para mim, expondo mais um desenho dele.

— Outro desenho, este também está ótimo. Ela deve ter feito quando voltou...

Antes que Eli termine a infeliz frase, belisco sua perna para que ela feche sua boca o mais rápido possível. Ela entende e para de falar, passando a mão pelo lugar que acabei de marcar em sua pele.

— Quando voltou? — Ele pergunta.

— Quando estava pesquisando sobre seus trabalhos na internet.

Oberon assente, sem fazer nenhum outro tipo de questionamento, e minha vontade é enfiar um saco inteiro de amendoins na boca de Eli, para ela aprender a ficar com o bico fechado.

Ele segura a folha riscada entre seus dedos e a mesma atenção que dedicou para o desenho anterior faz agora com esse, e lembro de suas palavras quando diz que olhar para os traços no papel era o mesmo que se olhar no espelho. De repente o silêncio na sala é profundo e todos incluindo a mim, não conseguem tirar os olhos de Oberon.

E como um tapa que arde e estala na pele do rosto, e mesmo sem entender como sou capaz de compreender a dimensão da inacessibilidade que circunda esse homem sentado diante de mim, eu compreendo. Não sei como, nem o porquê, mas eu o enxergo, eu enxergo tudo.

Roger não tem nenhuma chance de trazê-lo de volta à vida, nem seu pai, nem seu irmão. Na verdade, vendo-o sentado ali, em silêncio e tão distante, descubro que talvez ninguém mais nesse mundo seja capaz de fazê-lo. E sinto tristeza por ele, deve ser um árduo caminho seguir adiante num estado de autoexílio como o que ele se submete.

— Posso ficar com ele? — indaga, erguendo a cabeça e o desenho para mim.

— Sêrio?

— Com os dois. Posso ficar com os dois?

— Estou surpresa por querê-los. Sim, sã0 seus.

Retiro da mã0 de Eli a outra folha e entrego para ele, que começa a comparar os dois em suas mã0s.

— Obrigado — diz, depois de alguns segundos.

— É, Obe, Agatha alêm de ser ótima administradora também tem uma veia artística muito boa, tenho certeza que ela será excelente no trabalho com você. — Roger diz, e eu viro para ele pedindo com meus olhos para se calar.

— Preciso ir. — Oberon se levanta e segue para a porta.

Nós três levantamos e seguimos atrás dele.

— Mas, já? Fica mais, cara!

Oberon segura a maçaneta e a gira abrindo a porta, depois olha por sobre os ombros para Roger e Eli e diz:

— Obrigado por me receber, foi um prazer conhecer você.

Em seguida se vira devagar para mim.

— Amanhã tenho uma sessão de fotos em uma cidade do interior, voltamos no fim da tarde. Talvez, seja melhor vestir e calçar algo mais confortável para o trabalho. Saímos às nove.

E sem esperar por uma resposta minha, vejo-o sair porta a fora segurando as duas folhas na mã0. Quando se aproxima de sua moto, dobra o papel e guarda dentro do bolso da jaqueta que acabou de vestir.

E tão sombrio quanto chegou, ele parte.

— Meu Deus, ele é muito assustador. Roger que tipo de amigo é esse? Não sei se quero ver ele de novo, não.

— Ah, amor! Ele é uma excelente pessoa, do tipo que tira a roupa do corpo para dar para o outro, que passa fome para deixar você comer. Ele só está triste. Senti muita falta dele, Obe ficou muito tempo sem dar nenhum tipo de notícia.

— Agatha, não vai entrar não? Fecha a porta — diz Eli, e eu retomo o senso e fecho a porta voltando para dentro de casa.

— Eli, você é bem exagerada, sabe que ele perdeu a mulher e por isso está assim, onde

isso é assustador?

— Agatha, não estou falando dele estar em luto, eu entendi essa parte. Estou falando que tudo nele assusta; a aparência, o jeito de falar, o olhar, o mover-se, as tatuagens, o cabelo, a barba, essa moto. Eu fiquei meio assustada, ainda mais depois de ver você descer da garupa dele. Mas, Roger pode ter razão, deve ter sido só uma primeira impressão, ele foi bem-educado em todos os momentos.

— Foi a primeira vez que ele aceitou sentar e beber algo comigo desde que voltou, amor. Não vou afastá-lo, muito pelo contrário, quero trazê-lo para mais perto. — Roger diz, com um ar saudoso.

— Desculpa, não quis dizer isso para te deixar triste, pode trazê-lo quantas vezes quiser, convide-o para sairmos para jantar em algum lugar também.

Eli se aproxima de Roger e o beija no rosto, em seguida passa seus braços ao redor dele e o abraça. Eles são realmente fofos juntos, e sinto sorte por ter ganho mais que amigos, eles são praticamente irmãos que não tive.

Mas, Eli está me devendo uma, e não vou deixar passar.

— Elizabeth, eu ainda estou pensando no que vou fazer para punir essa sua língua. Quantas vezes eu te avisei? O próprio Roger disse que eu só consegui o emprego porque ele não se lembra de que entrei em sua casa, e aí vem você e quase me entrega, está louca?

— Desculpa, na hora não percebi. Mas, é muito estranho que ele não tenha te reconhecido, não acha? Será que ele não está fingindo. O que acha, amor?

— Acho que se ele tivesse visto Agatha na casa dele, ela não estaria aqui para contar a história, aquele lugar virou uma espécie de santuário para ele. Que mantém tudo nos mínimos detalhes, ele limpa e arruma tudo até a exaustão. Consegui entrar lá apenas uma vez, logo que ele voltou e quando o vi ajoelhado no chão, esfregando cada centímetro daquele lugar, fiquei arrasado. É claro que assim que ele me viu dentro de sua casa, praticamente me expulsou de lá e agora o máximo que chego é até o estúdio ou o jardim.

— Em compensação o estúdio estava um lixo, Roger. Demorei horas para colocar tudo em ordem, e mesmo assim quando ele voltou e viu, achei que ia me demitir naquele instante, ele não gostou nada de eu ter arrumado — narro.

— Ah, o estúdio estava mesmo. Mas, a história é que no dia que Lara morreu, eles haviam recebido várias encomendas de uma empresa que produziriam umas fotos, a empresa disse que mandaria tudo em dobro e que eram presentes para Lara. E do jeito que as caixas

chegaram, elas ficaram por mais de três anos. Lara nunca teve a chance de tocar e receber os presentes, e ela gostava de ajeitar as coisas no estúdio a maneira dela, por isso Obe não tocou em nada desde que voltou, eram os presentes de Lara.

— Você está brincando, não é? Por que não me disse isso antes, por que não me deu essas informações? De fato, haviam vários itens como roupas e sapatos femininos — reclamo.

— Achei que ele diria algo para você.

— Pois é, ele não disse. E se eu soubesse disso, teria ido com mais tato, eu simplesmente revirei o lugar inteiro. Cristo! Por isso, ele fez aquela cara de quem enfartaria a qualquer minuto. Foi chocante, Roger, pensei que ele desmaiaria, juro! — junto minhas mãos em agradecimento aos anjos que me protegem. — Enfim, já passou. Oberon não me demitiu e acho que nem vai, se disse que vamos viajar amanhã, então é porque meu emprego está garantido.

— Que complicação, não? Minha cabeça está até doendo, então, ele tem TOC de limpeza pela casa, mas pelo estúdio não? — Eli pergunta.

Roger olha para cima, tentando analisar a pergunta de Eli, antes de respondê-la.

— Esqueçam isso, senão vou passar a noite aqui explicando os apegos de Obe pelas coisas da mulher. Vou tomar um banho.

Roger marcha para o quarto de Eli, e ela o segue, deixando-me sozinha com meus pensamentos.

Lara era o nome de sua mulher, o amor dele deve ser muito profundo mesmo para viver assim por mais de três anos. E aquele quarto cheio de fotos? Ela era realmente muito bonita, e pelas imagens que vi, eles devem ter vivido *muita coisa* juntos.

Quem sabe um dia ele melhora, papai sempre diz que não existe dor que doa para sempre, que um dia ela começa a diminuir até se tornar um leve incomodo, e que todos são capazes de viver com um leve incomodo. Torço para que esse dia chegue para ele também.

Por fim, vou terminar de organizar a sala e cozinha, sozinha, duvido que Eli e Roger saiam do quarto por hoje, e lá no fundinho sinto um pouquinho de inveja, faz tanto tempo que não tenho ninguém para dividir meu quarto. Quando Pedro e eu viemos para a faculdade, achei que ficaríamos juntos para sempre, que terminaríamos nosso curso juntos, trabalharíamos juntos, casaríamos, e teríamos muitos filhinhos.

— Humpf! Que idiota! — profiro, em voz alta.

Eu era tão imatura, que mal percebi que aquele garoto do interior quando chegou à

cidade grande, queria tudo, menos continuar com a caipirinha ao seu lado. Desde então, tive alguns namoros, mas nada que passasse de alguns encontros, e em dias como o de hoje, que vejo a cumplicidade e o amor que meus amigos experimentam um pelo outro, sinto meu quarto vazio demais.

Bom, a cota de autopiedade foi atingida com sucesso, hora de tomar um banho e dormir para enfrentar mais um dia de trabalho amanhã.

— E sem carro, que droga! — rosno.



CAPÍTULO SEIS

Agatha

Na manhã seguinte acordo disposta e pronta para enfrentar um dia que tenho certeza será de grande conhecimento, totalmente diferente do que já fiz na vida, e mesmo esperando que uma porta se abra na minha área novamente, estou começando a me divertir com a possibilidade de aprender sobre esse lado mais artístico do trabalho.

Decido seguir seu conselho e escolho uma roupa mais casual.

Sinceramente? Quando termino de me vestir, fico parada olhando para o espelho. Nunca, nunquinha na minha vida eu trabalhei usando calça jeans, sandália rasteira e uma camisa solta, e não imagino algo mais confortável que isso, tão confortável que não parece que estou indo ao trabalho e sim ao supermercado.

Resolvo tomar a opinião de Eli, antes de sair de casa.

— Eli, Eli... — bato à sua porta.

— O que é? Hoje eu só vou trabalhar à tarde, por que me acordou?

— Desculpe, mas preciso de um conselho. Ele disse para eu ir mais à vontade, o que acha?

Dou uma volta completa em frente a ela, que continua com um semblante sonolento e sem reação.

— Você está perguntando da sua roupa?

— Acorda, Eli, é claro! Ele disse que vamos viajar e para eu usar algo mais confortável, mas nunca usei algo assim para trabalhar, tenho medo de estar confortável demais.

— Tha, seu chefe anda todo rasgado, despenteado e barbudo. Acha mesmo, que ele vai

achar você muito “confortável”? Acho até que você ainda está muito bem vestida.

— Ai! Você pela manhã é de um humor espetacular, hein? Tchau, deseje-me sorte.

— Sorte — ela diz e fecha a porta voltando para a cama.

Saio de casa bem mais cedo, porque como vou precisar pegar dois ônibus, não quero correr o risco de chegar atrasada.

E é o que acontece, pouco antes das nove estou na rua de Oberon, e conforme vou me aproximando mais e mais de sua casa, avisto meu carro com o capô levantado e as portas abertas.

— Ah, não!

Começo a correr em direção a ele. Não acredito que arrombaram meu carro, tudo bem que não havia nada de grande valor, mas mesmo assim, é um transtorno enorme, se quebraram os vidros, onde vou conseguir dinheiro para repor?

Corro ainda mais rápido, e dessa vez fico feliz pela sugestão do “calce algo mais confortável” porque meus pés respondem ao comando do meu cérebro facilmente, e quando estou bem próxima, vejo um senhor sair da frente dele, vestido com um macacão e uma chave de fenda nas mãos.

Estaco no lugar, totalmente ofegante, que mal tenho condição de perguntar o que ele está fazendo ali.

— Bom dia — ouço uma voz grossa e rouca atrás de mim, fazendo-me virar com rapidez. — Por que está respirando assim? — Oberon pergunta.

— Eu... eu... corri até aqui — respondo com as mãos no peito. — Quem é ele? — aponto para o senhor de macacão.

— Um eletricista de automóveis. Chamei para vir olhar seu carro, você deixou as chaves comigo ontem.

— Deixei?

— Você tem uma mania estranha de responder perguntas com perguntas.

— Não estava esperando por isso, quando vi meu carro de longe, achei que tinha sido furtado.

— Por isso veio correndo? Achei que você estava fugindo de possíveis assaltantes andando em motos — diz.

Aish!

— Se me viu correndo, por que pergunta?

Ele não responde, e arqueia uma de suas sobrancelhas.

— Vamos.

— E o meu carro?

— Quando ele terminar, vai deixar a chave com a vizinha — diz, e sai andando em direção à sua casa.

Continuo ao lado do meu carro, e dou alguns passos para falar com o senhor que o está consertando.

— O senhor já sabe quanto custará o reparo?

— Tem várias peças para repor, além do alternador então ficará umas quinhentas pratas.

— O quê? — falo, desesperada.

Onde vou arrumar este valor? Meu Deus!

— Calma, minha filha. Deixo na conta de Obe, depois ele acerta comigo.

— O quê? — falo, ainda mais alto.

O mecânico franze a testa sem entender minha reação.

— Obrigada, eu conversei com Oberon, então — digo, disfarçando minha reação extremada.

Ele assente e volta para continuar o trabalho, até que avisto Oberon atravessando a rua novamente, vindo em minha direção.

— O que está fazendo? Não tenho tempo para ficar aqui parado. Eu carreguei o carro e estava só aguardando por você.

Assinto e começo a segui-lo, que abre uma porta de um carro preto antigo, estacionado na frente do meu. Esse carro combina perfeitamente com ele. Entro e me sento no banco do passageiro e sinto que essa viagem será muito mais do que posso esperar.

Ele começa a dirigir, sem dizer uma palavra. Espero que ele comece a falar primeiro, mas não acontece, os minutos passam e nada. E quero saber ao menos para onde estamos indo, que cidade é essa e como será o trabalho.

Abro minha boca algumas vezes para tentar começar um assunto qualquer que seja, mas desisto, ele não parece estar com muita vontade de conversar no momento, então eu só o observo de canto de olho esperando pelo momento certo para falar.

— Estamos indo para Pieza — diz, pressentindo o que eu queria saber.

— Pieza? — questiono.

Como podemos estar seguindo para Pieza e voltar no mesmo dia? São quase quatro horas de viagem até lá.

— Você ouviu, não?

— Sim, eu ouvi. Mas, Pieza é bem longe, e você disse que voltaríamos no fim do dia.

— E voltaremos, vamos chegar no começo da tarde, o trabalho leva três horas, assim voltaremos umas dezesseis horas e chegaremos em casa por volta das vinte.

— Entendo — respondo, e preparo-me para falar sobre meu carro. — Obrigada, por chamar o mecânico. Ele disse que vai colocar na sua conta... devolvo seu dinheiro amanhã, tudo bem?

— Não precisa, desconto do seu salário no próximo mês, não precisa me dar agora, sendo que ainda nem recebeu.

— Jura? — falo tão alto que Oberon afasta o corpo e olha para mim com o cenho franzido. — Quer dizer... muito obrigada, eu agradeço de verdade.

Antes de responder, observo sua face e vejo que seus traços suavizaram.

— Não se sente melhor, vestida assim? — Ele pergunta.

— Na verdade, não. Nunca trabalhei vestida assim, é um pouco estranho para mim.

— Hum!

Seus braços continuam se movendo entre o câmbio e o volante, e meus olhos grudam neles como abelha no mel.

— “Hum”? O que isso significa?

— Nada.

— Por que sempre fala das minhas roupas?

Seu rosto vira para o sentido oposto ao meu e ele faz uma curva com o carro para nos levar a via de acesso à rodovia.

— Eu falo?

— Sim — respondo.

Ele articula os lábios para começar a me responder, quando seu telefone começa a tocar, preso no painel. Minha curiosidade me faz olhar para a tela e vejo o nome Sara estampar o visor.

Ele não faz qualquer movimento que denote intenção em atender a chamada, e começo a imaginar quem pode ser Sara.

Será uma mulher que ele conheceu e não está à vontade para atender na minha frente? Ah, se for isso não ligo, ele pode atender e conversar à vontade. Ou será alguma cliente? Não, não é. Se fosse uma cliente, ele atenderia ou me deixaria atender, será que posso atender?

— Quer que eu atenda e diga que está dirigindo?

— Não — responde, sério.

Aish! Então não é cliente. Pensei que estava de luto, mas pelo jeito acho que não. O telefone toca até cair em caixa postal, mas alguns minutos depois começa a tocar novamente e o mesmo nome aparece. Essa é bem insistente.

— Quer que eu silencie o aparelho? — pergunto.

— O som está atrapalhando você?

— Hã? Não, claro que não. Pode deixar tocar se preferir.

— Eu prefiro, retorno para ela daqui a pouco.

— Tudo bem — murmuro.

Continuamos nosso caminho, mas num dado momento da viagem, acabo pegando no sono e cochilando por um tempo, quando abro meus olhos novamente, fico perdida sem saber quanto tempo se passou ou se já estamos próximos de Pieza.

— Você dormiu — ele diz.

— Sim, e nem sei quanto tempo, estamos próximos da cidade?

— Mais uma hora de distância. Está com fome? Quer parar um pouco?

— Não, não... podemos seguir.

Oberon balança a cabeça por algumas vezes concordando e continua a dirigir. Essa hora faltante demora mais que as três anteriores, porque nem eu, nem ele, abrimos nossas bocas para trocar uma palavra sequer, mas ele vira algumas vezes para mim, acho que para ter certeza que não adormeci novamente.

Será que ronquei? Que vexame, como pude deixar o sono me dominar ao lado dele?

— Quem é Beto? — ele pergunta, depois de muito tempo.

— Quem?

— Beto.

— Beto?

— Sim, Beto. Qual é a de repetir várias vezes a mesma coisa? Mania estranha.

— Não sei quem é Beto.

— Você estava falando o nome dele enquanto dormia, repetiu algumas vezes.

— Eu? — minha voz soa tão aguda que até eu me assusto. E me arrependo em ter respondido com outra pergunta. Droga!

— Se eu tivesse dormido não estaríamos na estrada e sim fora dela, então eu tenho certeza que era você quem estava dormindo e repetindo o nome Beto.

Beto? Ah, meu Deus! O Beto do financeiro, por que eu estava falando o nome dele? Que coisa estranha, não lembro de estar sonhando com ele. Constrangedor, além de dormir, ainda ficar repetindo o nome de um homem ao lado de outro, não que eu tenha qualquer coisa com nenhum dos dois, apesar de já ter saído com Beto algumas vezes um tempo atrás, mas faz tanto tempo, por que justamente agora e nesse carro, eu repetiria o nome dele?

— Não lembro.

— O nome parecia bem íntimo para você.

— Ínti... não, claro que não... um nome aleatório, não conheço nenhum Beto. Se eu disse esse nome dormindo, foi algum sonho sem nexo e o nome surgiu — falo, desconversando.

— Ok — ele diz, voltando sua total atenção para o trânsito.

— O que eu disse? — investigo, sendo vencida por minha curiosidade.

— Por que quer saber? Se foi um sonho sem nexo, deixa para lá.

— Foi... claro que foi.

— Está com medo de ter dito algo inoportuno na frente do seu chefe?

Fito seu rosto com atenção e vejo um canto da sua boca se erguer e mesmo seu rosto estando encoberto pela barba, ainda é possível notar como seu sorriso pode ser bonito se ele permitir que tome conta de verdade de sua face. E por um instante vejo que Oberon está se divertindo com o meu constrangimento, em vez de eu ficar ainda mais encabulada, apenas noto como isso o deixou mais leve e com uma expressão tão diferente da que estava carregando em todas as outras oportunidades em que o vi.

E como tudo isso rola como uma avalanche sobre mim, suas palavras de dor e amargura enquanto estava bêbado, o quarto com as fotos, a conversa dele com Roger sobre seu pai e irmão, a arrumação em sua casa, o motivo da desordem no estúdio; e num lampejo

entendo que ele não esteja realmente pronto para lidar com as pessoas que faziam parte de sua vida anterior, conviver com elas deve ser uma forma de mostrar a ele que aqueles dias não existem mais e que uma das pessoas daquele círculo está faltando.

E mesmo eu nunca tendo passado por algo semelhante em minha vida, posso sentir todo o peso que deve ser carregar essa dor o tempo inteiro sobre os ombros, manter-se sozinho pode ser uma forma de amenizar a aflição que sente.

— O que foi? Por que está me olhando há tanto tempo? Você não disse nada de mais, fique tranquila.

— Oberon.

— Sim.

— Em alguns dias o sol vai brilhar, mas em outros a lua vai chorar, o caminho avança mesmo assim. Às vezes estamos de pé pelas coisas que nunca compreenderemos, à medida que temos de encontrar e seguir nossa própria trilha. Conforme um dia passe, você se segura em outro, porque não existe nenhuma outra maneira de prosseguir na vida, que não seja assim.

Os traços de leveza em sua face desaparecem, ele liga a seta e leva o carro até o acostamento, desligando-o em seguida.

Eu volto a mim e percebo que o que acabei de dizer foi muito mais inoportuno que qualquer nome de um *ficante* durante o sono. Meus olhos seguem de um lado ao outro, tentando não olhar para ele, mas é quase impossível, porque agora com o carro parado e desligado, ele fixa seus olhos em mim com tamanha magnitude que presumo estar com meu corpo despido em praça pública.

Ele engole a seco e em silêncio e depois entreabre seus lábios, devagar, sem desviar sua atenção de mim por nenhum momento, seus olhos vasculham meu rosto até ele baixar a cabeça por alguns segundos, envergonhado e com cenho franzido. Ele deve estar refletindo por que alguém que acabou de conhecer e contratar está dizendo coisas assim para ele, e sinceramente nem eu sei.

Por um instante eu senti meu coração apertar por seu sofrimento, e pelo tempo de uma batida no relógio, desejei poder tirar toda essa angústia que paira sobre ele.

— O que você quis dizer? — pergunta, sussurrado. Sua voz é um sopro doce dentro desse carro.

— Eu não sei — respondo do mesmo modo.

Ele baixa a cabeça novamente e a balança algumas vezes, e como eu posso explicar a

ele que só estava sendo solidária, sem intenção de invadir sua privacidade?

Como pode ser tão impetuosa? Se ele não deixa seu pai, irmão e amigos entrarem mais uma vez em sua vida, como vai levar em consideração alguém que não faz parte de nada que lhe diga respeito?

— O que você sabe? — pergunta e dessa vez sua voz ganha um tom mais inflexível. Exigindo uma resposta urgente.

— Nada — respondo, quase inaudível.

Ele ergue um canto da boca, mas agora não é mais com a leveza anterior, dessa vez tem rancor estampado em seu rosto.

— Roger sempre falou além do que deve, é um problema que ele tem desde o colégio, sabia? Lembro de contar para ele que estava interessado na menina mais popular da escola no sétimo ano e pedi segredo porque não estava confiante o suficiente para dividir isso com ela ou outras pessoas, mas sabe o que ele fez? Mandou um bilhete para ela, assinando meu nome, marcando um encontro no fim da aula. Eu não estava pronto e fugi da garota.

Agora sou eu quem engole a seco, com medo de entender o que ele está tentando me dizer.

— Roger não disse nada demais.

— Ah, é?

— Sim.

— Então baseado em quê, você acabou de entoar um discurso de autoajuda para mim?

— Eu fiz isso?

Ele abre um sorriso completo dessa vez, mas totalmente desdenhoso, seus lábios se esticam em ambos os lados de sua face, mas ele não vai além disso, seu sorriso não sobe para seus olhos. E constato que não tenho mais para onde fugir.

— Desculpe.

— Pelo quê?

Sinto que minha língua tem espinhos e não consigo proferir as palavras que ele quer ouvir.

— Eu vi você.

— O que quer dizer, Agatha?

— Sua esposa...

— O que tem ela?

— Eu sei que está sofrendo pela morte dela e que isso já tem algum tempo, sei por que ficou tão bravo quando eu arrumei o estúdio... — digo, sem olhar para ele.

Minha visão está focada nas minhas mãos que analiso com a cabeça baixa.

Ele suspira longamente.

— Por que disse que me viu? Onde me viu?

Eu tenho certeza que vou me arrepender de dizer isso, mas tenho medo de uma hora ser pega na mentira e a situação ser ainda pior.

— Na sua casa.

— Continue, Agatha.

Fico em silêncio.

— Responda.

— Nós havíamos marcado e você não apareceu no estúdio, então fui até sua casa e bati na sua porta, ninguém atendeu.

— Continua.

Silêncio.

— Eu entrei e ouvi um murmuro, então, eu segui o som e vi você no seu quarto.

Levanto a cabeça e o encaro, esperando por sua reação, não tenho dúvidas que esse será o emprego mais rápido que tive, porque na melhor das hipóteses eu serei apenas demitida, na pior serei demitida e acusada formalmente por invasão de domicílio.

Suas mãos se erguem e ele as esfrega por seu rosto, esgrouvinhando todos os fios de sua barba.

— Você invadiu minha casa?

— Não foi bem uma invasão, foi...

— Não, não foi? Eu te conhecia? Já havia visto você algum dia na minha vida? Éramos amigos? Éramos da mesma família? Minha cliente? Qualquer porra que seja, que justifique invadir a minha casa?

— Não — respondo.

— Então, por que caralho, invadiu a minha casa?

— Eu ergui meu braço, bati na porta... — gesticulo, enquanto falo — e ela abriu, sozinha, eu comecei a chamar seu nome, e foi então que ouvi um murmuro.

— A porta abriu sozinha? Não passou pela sua cabeça fechá-la e voltar para trás?

— Desculpe.

Ele morde o lábio inferior e meneia a cabeça de um lado para o outro, irritado.

— Eu só quis ajudar.

— Ajudar?

— Se eu não tivesse entrado, você poderia ter sufocado no próprio vômito.

Nesse momento o vejo arregalar os dois olhos e a boca como um círculo, totalmente surpreendido.

— Porra, porra... então... ah, meu Deus. Era você? Pensei que tinha sonhado, mas não, havia mesmo alguém comigo no quarto. Eu não acredito nisso, não acredito que entrou na minha casa... e me viu no quarto.

Suas mãos agitam-se para todos os lados.

— Não planejei invadir sua casa, fui para uma entrevista de emprego, mas não pude ignorar você naquela situação.

Oberon solta um urro zombador, e passa as mãos pelos cabelos, deixando-os desgovernados.

— Você é engraçada — rosna.

— Não imagina o quanto.

Seus olhos estreitam na minha direção e sinto que vou ser deixada no meio dessa estrada.

— Era você mesmo, eu lembro dessas palavras. E você me mandou tomar banho. Foi você, não foi? E quem tirou minhas roupas, foi você?

— Sim.

— Você entrou na minha casa, levou-me para um banho, tirou minhas roupas, colocou-me sobre a cama e mentiu para mim, dizendo que nunca havíamos nos visto.

— Desculpe.

Oberon não diz mais nada e desce, deixando-me colada no banco, sozinha dentro do carro. Ele encosta no capô e bagunça os cabelos mais uma vez, em seguida começa a andar.

Para onde ele vai?

O vejo caminhar e se afastar cada vez mais, e experencio uma vontade avassaladora de segui-lo para onde estiver indo, mas, não o faço, continuo sentada sem mover um único músculo,

nem pisco os olhos para não perder um passo dele.

Continuo a observá-lo se distanciar, e um certo pânico toma conta de mim. Será que ele vai deixar-me para trás, com seu carro e equipamento?

Tento ordenar meus pensamentos, caso eu precise dirigir e ir atrás dele ou caso eu precise voltar com o carro ou ainda precise dizer ao Roger que ele fugiu mais uma vez.

— Oh, Deus!

Tiro meu celular do bolso e vejo que horas são, para ter ideia de há quanto tempo ele saiu, e não deve ter passado de cinco minutos, mesmo assim, não consigo mais vê-lo na estrada.

O que eu faço? Vou esperar, é isso. Uma hora ele vai ter que voltar, quão longe ele irá numa estrada no meio do nada?

O tempo passa e nada dele voltar, olho para ver a hora constantemente e passaram-se cerca de meia hora.

— Tempo demais — murmuro.

Estico meu braço e destravo a porta, descendo do carro.

— Vou atrás dele.

Mas, quando começo a caminhar, avisto um homem caminhando no horizonte.

— É ele?

Decido esperar que o corpo ainda distante esteja mais próximo de mim e quando consigo a proximidade necessária, o reconheço.

Volto rápido para o carro e o espero sentada. Depois de alguns minutos, ele alcança o veículo e antes de entrar, encara meu rosto. Não diz nada, senta e dá a partida, em seguida liga a seta e volta para a rodovia novamente.

O que esse silêncio quer dizer? Por que ele demorou tanto para voltar? O que estava fazendo? Perguntas que circulam constantemente em minha mente, deixando-me tonta na tentativa de achar uma resposta.

O fato é que seu silêncio é mais impactante que qualquer outra coisa que já ouvi sair de sua boca. Mas, se ele escolheu o silêncio, não serei eu a começar a falar outra vez.

Até que finalmente chegamos ao local onde as fotos serão realizadas, e nesse momento ele é obrigado a falar comigo, mesmo eu não gostando nem um pouco do teor.

— Você vai me ajudar e auxiliar no que eu pedir, e depois que o trabalho estiver pronto...

vou pagar pelos seus dias, e por um transporte adequado para sua volta, ligue para o Roger e diga para ele tirar seu carro da frente da minha casa.

Ouç-o calada e apenas assinto.

Droga!

Mil vezes droga!

Além de ser demitida, ainda serei deixada numa cidade há quase quatrocentos quilômetros da minha. Perfeito!

Ele segue e vejo que há algumas pessoas reunidas a uns vinte metros de distância, ele as cumprimenta sem muita euforia e eu vou para a parte traseira do seu carro, esperando para começar a descarregar o equipamento.

Observo-o de longe e agora tenho certeza absoluta que esse homem não vai se curar nunca mais, a doença chegou na alma e o consumiu por inteiro.

Dou de ombros para meus pensamentos agoniantes e decido passar logo a mensagem para Roger buscar meu carro e tirá-lo da sua rua.

Eu poderia dizer que sua atitude não me incomodou, mas eu estaria mentindo, pois é um tanto dolorido saber que nem meu carro ele quer em frente à sua casa.

**Roger, meu carro está consertado em frente à casa
de Oberon, as chaves estão com a vizinha dele,
você pode ir até lá e buscar mais tarde?**

**Ok! Pego com Eli quando sair do trabalho. Você já
reparou como dá mais trabalho que minha própria
mulher? Você é uma espécie
de irmã caçula do mal.**

**Não seja dramático, amigos são para
isso. Obrigada, irmãozão!**

Guardo meu aparelho novamente no bolso. Oberon para ao meu lado, eu afasto dando-lhe o espaço básico para abrir a porta traseira. Ele começa a descarregar o carro e uma pilha de coisas começa a tomar conta do espaço no chão.

— O que você vai fotografar? — pergunto, vacilante.

— Carros — responde, sem olhar para mim.

Viro a cabeça para a direção das pessoas que ele estava conversando e vejo uns quatro carros de modelos antigos estacionados, um ao lado do outro.

— Carros antigos?

— Sim. Para um catálogo vintage automotivo.

— Ok.

— Pega essas duas mochilas e vem comigo — diz ele, carregando dois tripés e mais uma bolsa.

Caminhamos em direção a três homens e duas mulheres. Dois homens usam barbas e tatuagens, como Oberon. As mulheres têm um visual parecido com o que uso agora, jeans, camisetas e cabelos presos em rabos de cavalo.

— Deixe aqui — Oberon aponta para o lado de um dos carros e eu deixo as bolsas no chão.

— Boa tarde — digo para todos eles.

Alguns respondem “oi”, as garotas acenam e sorriem para mim e, um deles vem e me oferece uma mão.

— Boa tarde. É fotógrafa também? — pergunta, enquanto aperta a minha mão.

— Não. — Oberon responde por mim.

— Não, sou assistente dele — digo, mas deveria dizer “era”.

O homem deve ter a mesma idade de Oberon, mas está vestido com uma camisa branca dobrada até os cotovelos, colete e gravata, além dos sapatos brilhantes e muito bonitos para completar o visual executivo, que estou tão habituada a conviver.

Olho para o lado e vejo um paletó sobre um dos carros e presumo que seja dele, e devido ao calor decidi tirar.

— Eu sou Yuri.

— Agatha.

— Nome bonito, forte.

— Obrigada.

— Vamos começar com o carro preto — Oberon diz, parando ao nosso lado, e, enfim, Yuri solta minha mão.

— Você é quem manda. Onde quer que o carro fique? — Yuri pergunta, olhando em

todos os lados.

— Coloque-o de ré naquela direção — diz, apontando para a esquerda.

— Rodolfo, estacione o carro onde Obe precisa.

Um dos homens entra no carro e logo estaciona onde Oberon solicitou.

— Agatha, traga as bolsas até o carro.

Assinto e abaixo para pegar as bolsas do chão.

— Pode deixar, eu levo para você, devem estar pesadas. — Yuri diz.

— Não precisa — respondo.

— É claro que precisa, suas mãos são macias demais para carregar peso.

Ele diz e recolhe as duas bolsas, carregando-as para mim. Olho para frente e vejo Oberon olhando-me com uma das mãos na cintura e olhos estreitos.

Ignoro e continuo caminhando até o carro, com Yuri ao meu lado.

Depois disso ele me dá mais algumas ordens e quando todo o equipamento está montado e pronto, seu trabalho efetivo se inicia.

São fotos e mais fotos, diria que são centenas de cada carro, de todas as posições possíveis e imagináveis.

— Preciso que direcionem todos os carros, pois o sol está mais à direita e a luz direta está refletindo sobre eles.

E assim eles fazem, mudam os carros de direção e ele continua a fotografá-los incansavelmente, eu o ajudo em tudo o que me solicita e fico ao seu lado todo o tempo, e depois de aproximadamente umas três horas a sessão encerra.

Ficar todo esse tempo debaixo do sol é bem cansativo. E como transmissão de pensamentos Yuri comenta:

— Trabalho excelente como sempre, Obe — diz, olhando para a tela da câmera na mão de Oberon. — Vamos tomar alguma coisa? Devem estar com calor e sede, vai matar sua assistente de desidratação dessa forma, cara.

Ele não diz nada, mas assente concordando com o convite.

Oberon pede para eu começar a guardar todo o equipamento e vou desmontando para embalar do mesmo jeito que vi antes de tirá-los de suas bolsas, quando tudo está guardado, dou início a saga de levar tudo de volta para o carro, mas quando estou na segunda bolsa, Yuri para ao meu lado novamente.

— Carrego para você.

— Não precisa, eu carrego.

— Faço questão — diz, sorrindo para mim.

Ele guarda as bolsas no carro de Oberon e o mesmo olha para as mãos de Yuri e depois para mim.

— Está muito pesado, Agatha? — Oberon pergunta.

— Claro que está, já viu as mãos dela? — Yuri interpõe.

— Perguntei para ela, Yuri. E acredite, Agatha é bem forte quando precisa, tão forte que consegue arrastar um homem — ele cospe as palavras.

— Não vejo como, com uma estrutura tão delicada.

— Tem mais alguma coisa para carregar? — indago, para desviar o assunto.

— Não.

— Yuri, eu preciso falar com minha assistente, você pode me dar licença?

— Claro, vou esperar por vocês ali — diz e sorri para mim, afastando-se.

Oberon põe a mão no bolso e o vejo pegar sua carteira, abre e tira dela algumas notas e entrega para mim.

— Tem o suficiente por seus dias, e para voltar para sua casa.

Sinto-me tão humilhada que tenho vontade de chorar. Mas, não farei em sua frente. Ele está certo, se sou forte o suficiente para carregar um homem, sou também para ser demitida e abandonada no fim do mundo.

Assinto e olho para os lados, tentando me situar para seguir na direção certa. Retiro minha bolsa, que havia deixado no banco do passageiro e antes de partir, volto para dizer minhas últimas palavras.

— Desculpe, por qualquer inconveniente que causei a você, nunca foi minha intenção. Quando o vi caído naquele quarto, eu não sabia de nada. Não sabia da sua esposa, nem de coisa alguma, eu fui apenas compelida a ajudar uma pessoa num dia ruim, jamais planejei invadir sua privacidade num momento tão seu. Desculpe-me, de verdade.

Ele não diz nada, mas observa-me com cuidado e percebo seu olhar se suavizar diante das minhas palavras. Ao final ele articula os lábios, tentando me dizer alguma coisa, mas desiste e vira o rosto balançando a cabeça em concordância.

Entendo que tenha ficado bravo, e olhando para ele agora, apreendo que sua raiva não

foi por eu ter entrado em sua casa, e sim por eu o ter visto durante seu momento mais frágil, aquele que esconde de todos.

Começo a caminhar e antes que Yuri venha até mim novamente, passo por trás dos outros carros e sigo para a rua, não estamos longe da rodovia e eu posso andar até lá e tentar uma carona, mas seria estranho demais até para mim. Como vi alguns pontos de ônibus nessa rua, prefiro pedir auxílio por lá.

Olho para o céu e vejo que uma tempestade se arma, e nada poderia ser pior para terminar meu dia.

Prossigo confiante, sem olhar para trás e logo avisto uma parada. Sento-me no banco e pergunto a uma senhora se ali passa algum ônibus que me deixe num terminal e ela confirma que sim.

— Obrigada.

— Hum! Hoje vai chover, o tempo está fechando rápido demais.

— Sim, parece que vai. Porque meu dia não foi ruim o suficiente — murmuro, em resposta.

A senhora diz qual o número do ônibus que devo pegar antes de entrar no dela.

— Ele demora, minha filha, é bem capaz que fique mais de uma hora esperando.

— Não tem problema. Obrigada.

Estou com cada vez mais sede, e se o ônibus demorar tanto assim, tenho tempo de sair e comprar algo para beber. Então, volto a andar e encontro um bar numa esquina do outro lado da rua. Entro e logo avisto as geladeiras com todo tipo de bebida, escolho um suco e uma garrafa com água, além de alguns *snacks* para comer na viagem e encaminho-me para o caixa.

Na saída ouço meu nome e só viro para olhar na segunda vez, observo atenta para dentro do bar e vejo Yuri de pé acenando para mim. Ergo meu braço devolvendo o aceno, e viro para continuar até o ponto de ônibus, mas ele continua a me chamar e sua voz está cada vez mais próxima até que sinto seu toque em meu braço.

— Onde está indo?

— Embora.

— Oberon disse que você havia ido antes para resolver assuntos particulares. Mas, não dá tempo de tomar nada com a gente?

— Ele disse?

Argh! Assuntos particulares, hein?

— Sim, você mora aqui na cidade?

— Não, moro na mesma cidade que ele — digo com firmeza, não devo mais nada para ninguém mesmo.

Yuri arregala os dois olhos, surpreso.

— Seu carro está aqui? — questiona, olhando para os lados.

— Não, vou voltar de ônibus.

— Por quê? — sua voz soa estridente — Por que vai voltar de ônibus? Oberon está indo para o mesmo lugar que você.

— É complicado — desvio meu rosto para responder.

— Posso levar você.

Eu quase grito “Jura? Eu adoraria uma carona”, mas, não sei quanto amigos eles são, eu o ouvi chamar Oberon de Obe, e pelo que percebi só seus amigos o chamam assim.

— Vocês são amigos?

— Quem?

— Você e Oberon?

— Pode se dizer que sim, inimigos não somos com certeza.

— Eu vou de ônibus — viro para seguir.

— Espera — segura meu braço novamente. — Não vou deixar voltar de ônibus.

— Por que, não?

— Vocês brigaram?

— É compli...

— É complicado, já entendi essa parte — diz, completando minha frase. — Mesmo assim, eu levo você. Eu vou pagar a conta e nós vamos.

E ele sendo amigo ou não de Oberon, não importa mais. Não devo satisfação da minha vida, e voltar de carona será, de fato, muito melhor.

Olho para o céu novamente e sinto um pingo de chuva cair na minha testa.

— Droga, essa chuva vai desabar logo, logo.

Corro para esperar por Yuri debaixo do toldo na entrada do bar, quando sinto meu ombro ser girado e Oberon entrar no meu campo de visão.



CAPÍTULO SETE

Oberon

A expressão daquela mulher pedindo-me desculpa depois que entreguei o dinheiro em suas mãos não sai da minha mente, a cena rodopia como um redemoinho corroendo minha paz e degradando ainda mais minha atormentada alma. Lembrando até onde posso chegar para afastar qualquer um que se atreva e chegar perto de mim.

Tomado pela raiva por ela ter invadido minha casa e visto tudo o que eu tento ocultar de todos aqueles que cercam minha vida, não pude pensar em nada que não fosse afastá-la o mais rápido possível de mim.

Minha casa é o único lugar onde posso vivenciar a dor, é o lugar onde não preciso fingir nada para ninguém e simular as coisas como um dia foram.

E ela me viu.

Viu o meu eu.

O que sou de verdade.

Ah, essa mulher! Como se atreve a entrar na minha casa? E me dizer para tomar banho, tirar minha roupa, e ainda fingir que nunca havia me visto?

Como ela conseguiu me colocar em cima da cama? Meu Deus, como ela conseguiu?

Droga! Eu não devia tê-la mandado embora daquele jeito. Como pude deixá-la sozinha numa cidade tão distante?

Ela me viu.

Viu o meu eu, viu o que escondi de todos. E por isso, a mandei embora. Ela já é grandinha, vai achar o caminho de volta.

E se ela não achar? O pior é que nem se eu correr agora consigo encontrá-la. Se alguma coisa acontecer com ela, Roger vai me matar, sua namorada vai me matar.

Bom, é o que quero mesmo, então aceito essa morte.

Ah, merda! Eles não vão me matar, vão fazer pior. Vão me deixar ser consumido pela culpa de deixar uma mulher, sozinha, no meio do nada.

Como vou encontrá-la?

— Ei, Obe! Aquela não é a sua assistente?

Gustavo diz e sou içado dos meus devaneios com tanta força que quase caio da cadeira quando olho para fora e a vejo conversando com Yuri, e assim que assimilo que é ela mesmo ali, sinto um imenso estado de alívio.

— Sim. E o que Yuri está fazendo lá?

— Não sei. Ele levantou e disse que iria ao banheiro.

Estreito meus olhos na direção dos dois conversando. Ela ainda está aqui, e aparentemente está bem. E ao mesmo tempo que ainda experimento raiva quando olho para ela, sinto um abrandamento também.

Essa mulher! Como pôde?

Não desvio meu olhar deles e vejo Yuri cada vez mais próximo dela. Mas, é um *pulha* mesmo, esse não perde a mania de ciscar ao redor de toda mulher que vê. Estar na presença dele é muito cansativo, se o dinheiro que está me pagando não rendesse quase três meses saldando todos os custos do estúdio e do meu pai, não teria aceitado esse trabalho.

Vejo-o tocar o braço de Agatha e voltar para dentro do bar.

— Eu já vou, vejo vocês depois. — Yuri diz, despedindo-se.

Ele é muito idiota.

Segue para a fila do caixa para pagar sua conta e eu abro minha carteira deixando uma nota de cinquenta com Gustavo.

— Paga a minha conta.

Saio apressado e paro atrás dela, ainda ansioso e culpado por tê-la deixado para trás. Giro seu ombro e quando me vê, noto sua fisionomia se fechar em desgosto.

Não posso culpá-la por isso.

— O que está fazendo aqui, Agatha?

— Por que quer saber?

E novamente a vejo insurgir contra mim e mais uma vez agradeço por ela estar aqui e não perdida pela cidade.

— Só me responda.

Ela respira profundamente e volta seu olhar para dentro do bar.

— Ele vai me levar até em casa. — Ela diz, depois de alguns segundos.

— Vamos, eu vou levar você para casa. — Seguro seu braço e a chamo para vir comigo, ela esbraveja dizendo que vai com Yuri, mas eu ignoro, abrindo a porta do meu carro para ela entrar. Com relutância ela se senta no banco do passageiro.

— Eu deveria agradecer a ele pela gentileza, e não o deixar ali sem explicação.

— Yuri é bem grandinho, ele vai entender.

— Claro que sim, esqueci que seu padrão de educação é bem distante do meu.

— Você não sabe nada sobre meu padrão de educação, mas se quiser testá-lo, talvez eu faça você descer do carro, só que dessa vez na parte mais deserta da rodovia, onde Yuri não a veja.

É a segunda vez que ela questiona minha educação e isso está deixando-me certamente a um ponto de perdê-la. Tenho certeza que nunca lhe faltei o respeito, posso ter usado por algumas vezes um tom mais ríspido, mas foi só. Essa mulher invade meu espaço a cada maldito minuto, a todo instante sou tomado por um transtorno diferente, e ela é a causadora de todos eles.

Eu fiquei três anos sem voltar para casa. Três malditos anos vivendo sozinho, por aqui e ali, sem criar nenhum tipo de amizade ou vínculo com ninguém e ela em dias, tirou-me mais vezes da minha zona de conforto do que qualquer outro sequer tentou.

E antes que eu realmente diga mais alguma coisa que beire a total falta de educação, decido ficar em silêncio e somente dirigir, até que a chuva começa a cair de forma vigorosa na estrada.

— Não estou enxergando quase nada. — Agatha diz.

— Talvez devesse se consultar com um oftalmologista.

Isso talvez tenha soado mal-educado o suficiente para ela. A observo de canto de olho e vejo seus lábios apertarem para não sorrir. Não era esse o objetivo, era para ela ter ficado brava.

Essa mulher é imprevisível, inconstante, sorri demais, fala demais, pergunta demais.

Argh! Não vejo a hora de chegar logo em casa.

Ah, merda! Enxergo em meio a chuva um amontoado de carros à minha frente e piso com força no freio, esperando que o veículo responda a esse comando e pare a tempo de nos livrar em segurança do grande pandemônio no meio da rodovia.



— O que aconteceu?

— Engavetamento, quase entrei — diz, e aponta para frente.

Espanto-me com o que vejo, devem haver uns dez carros, uns batidos nos outros.

— Meu Deus! Será que tem alguém ferido?

Tiro meu cinto rapidamente e alcanço a maçaneta para abrir a porta e sair para ajudar quem precise, e assim que coloco uma perna para fora, Oberon puxa meu corpo na sua direção, deitando-me sobre seu colo.

— Ei! — grito.

— Está louca! Não sabe que em um engavetamento não se deve sair do carro, ainda mais numa rodovia e chovendo? Quer ser atropelada?

Minha cabeça está sobre seu colo e eu olho para seu rosto baixado encarando o meu, vejo seus lábios movimentarem e o som da sua boca sair num tom de reprimenda, e mesmo assim só consigo avaliar sua face de um novo ângulo.

Ele é tão bonito!

E então constato que ele já parou de falar, contudo, eu continuo deitada sobre seu colo, olhando para seu rosto e me lembro que preciso falar.

— Não pensei nisso, obrigada por me alertar — digo e levanto meu corpo voltando para meu lugar e fecho a porta, desistindo de sair do carro.

— Vamos ficar aqui quanto tempo?

— Não sei, até liberarem a pista.

Escuto as sirenes de várias viaturas de resgate se aproximando e logo eles começam todo tipo de trabalho.

— Ah, não! Tem alguém naquele carro.

Percebo que um dos carros está completamente destruído e alguém está dentro dele. Os bombeiros chegam com vários equipamentos e iniciam o processo de serrar o veículo ao meio. Fico colada ao painel observando atentamente todo o desenrolar, torcendo para quem quer que

seja dentro daquele emaranhando de ferragens, esteja bem.

Mas, não é isso o que acontece, noto um corpo inerte e sem vida ser carregado pelos bombeiros para fora da lataria. É uma mulher, seu corpo está inteiramente manchado por sangue, suas roupas rasgadas e os cabelos empapados colados ao rosto. Experimento um profundo desalento por essa vida ceifada, poderia ser um de nós, se ele não tivesse freado a tempo.

Estou tão envolta em meus sentimentos, que não percebo o homem sentado ao meu lado, sucumbir ao próprio suplício.

Viro-me para ele e ouço sua respiração acelerar cada vez mais forte, até entrar em hiperventilação com respiradas rápidas e curtas, seu rosto está pálido como as folhas brancas que uso para desenhar.

— Oberon, você está bem? — aperto seus ombros. — O que você tem? O que eu posso fazer?

Ele não responde, e sua respiração está cada vez pior, noto seus olhos pregados no corpo sem vida ao lado do veículo despedaçado a frente, os bombeiros a carregam e colocam seu corpo num saco preto, deixando-o no acostamento.

— Não olhe. Não olhe.

Cubro seus olhos com minhas mãos e continuo pedindo para ele respirar com calma, que logo tudo estará bem.

Mas, não funciona, continua desesperado com a imagem à sua frente, então, abro minhas pernas e subo em seu colo, aproximando meu rosto bem próximo do seu e grito para ser ouvida e desviar sua atenção do que quer que esteja acontecendo lá fora ou dentro de sua cabeça.

— Olha para mim, por favor, olha para mim.

Aperto seu rosto entre minhas mãos e sinto os fios macios de sua barba deslizarem entre meus dedos.

— Olha para mim, só tem a gente aqui, não tem mais ninguém, só a gente, respira devagar, presta atenção na minha respiração e me acompanha.

E aos poucos ele começa a copiar e respirar com mais calma, sinto suas mãos se apoiarem na minha cintura, e eu continuo em seu colo, segurando seu rosto e guiando sua respiração até ter certeza que ele está bem.

Quando percebo que sua respiração normalizou, mexo-me para sair de cima dele, mas

ele aperta ainda mais minha cintura.

— Não. Por favor! — Seu pedido sai como um sopro de ansiedade e angústia.

Assinto em silêncio, compreendendo nem que seja um pouco o motivo de seu desespero. Depois vou perguntar para Roger como a esposa dele morreu, mas tenho certeza que algo aqui está relacionado ao dia de sua morte.

Fico em seu colo durante vários minutos, impedindo sua visão do que acontece na pista com nossos olhos cravados um no outro, não piscamos, não falamos, apenas permito que ele sinta todo o amparo que eu possa proporcionar nesse momento.

Até que um guarda rodoviário bate na janela ao nosso lado.

— É um guarda — falo, sem tirar meus olhos dele e nem ele de mim.

Oberon balança a cabeça minimamente, concordando, mas não se desvia de mim. Entendo que ele deseja que eu fale com o guarda, baixo o vidro e viro-me para falar com o oficial.

— Aqui não é lugar e nem hora, não acham?

— Não é nada disso, ele não estava sentindo-se bem, depois que tiraram aquela mulher do carro.

O guarda aperta os lábios, contrariado.

— Se você não entrou na batida, então pode passar pelo canteiro e pegar a estrada para voltar, vai demorar muito e nem é seguro estar aqui nesse momento.

Assinto.

— Faremos isso. Obrigada.

Ele se afasta do carro e eu fecho a janela novamente, voltando-me para Oberon.

— Você consegue dirigir?

Ele nega com a cabeça.

— *Ok*. Então faz o seguinte, baixa sua cabeça e tenta passar para o banco do passageiro, que eu dirijo.

Oberon assente e deita o corpo arrastando-se para o outro banco, passando por baixo de mim, quando consegue, eu assumo o volante e dou ré no carro, fazendo exatamente como o guarda indicou, ultrapassando o canteiro e tomando o caminho de volta.

Quando estamos a uma certa distância do acidente, ele relaxa mais o corpo sobre o banco, mas ainda está com seus olhos fechados.

— Está melhor?

Acena positivamente com a cabeça, mas não diz nada.

— Quer dirigir?

Novamente nega com a cabeça.

— *Ok.*

E o que eu faço? Continuo dirigindo até que ele resolva falar e abrir os olhos? A questão é que já passamos há muito da cidade que estávamos trabalhando e é quase noite.

Continuo seguindo no caminho contrário ao que deveríamos ir, e fico cada vez mais longe de casa. Estou dirigindo há tanto tempo que não posso mais fingir que está tudo bem.

— Oberon? — sussurro.

— Sim.

Graças a Deus, respondeu.

— Acho melhor pararmos e dar a volta para retornar.

— Você precisa voltar hoje? — ele pergunta.

— Nem se eu quisesse, pela hora é impossível voltar hoje.

— Então para no primeiro hotel que encontrar na beira da estrada.

Sem uma opção mais viável que essa, faço como ele diz, dirijo atenta para encontrar um hotel de beira de estrada e quando avisto um, dou seta e sigo para ele, torcendo para que nossa noite seja mais tranquila que nosso dia.

Estaciono na vaga posicionada em frente ao pequeno hotel e desligo o carro. Oberon continua alheio a tudo e eu observo seu rosto por alguns instantes antes de falar:

— Nós chegamos. — Seus olhos abrem devagar, estudando o local onde estamos por alguns minutos.

Noto um novo sentimento se avolumando dentro de mim. Será pena? Não, não é isso, está mais para empatia. Nunca experimentei um sentimento empático tão forte quanto o que tenho por ele nesse momento. O pânico que tomou conta desse homem foi tão denso, que sinto o peso de sua dor pairando em nós.

— Obrigado — ele diz.

Enfim, se vira para mim e analisa meu rosto atentamente, esperando que eu diga alguma coisa, mas não existe nada a dizer, não há nada que eu possa falar a ele nessa ocasião que não o faça reviver as cenas das quais tanto tenta fugir.

Apenas assinto, sem completar qualquer sentença.

— Vamos, você está cansado e eu também.

Pego minha bolsa que havia jogado no banco traseiro e desço do carro, dou a volta e ele continua sentado no banco do passageiro. Inspiro o ar da noite e vou até ele, abrindo sua porta.

— Vamos — repito.

Ele desce do carro e eu o fecho com a chave e seguimos os dois para dentro do hotel.

Após fazer nossas fichas, a atendente nos entrega duas chaves, nossos quartos ficam no andar térreo de frente para o estacionamento, uma porta ao lado da outra, no caminho até nossos quartos avisto um bar simples e acanhado próximo do hotel, e hoje seria o dia em que eu abriria uma exceção a minha regra de nunca mais beber algo que contenha álcool e seguiria até lá para pedir ao garçom encher meu copo.

Estamos os dois de frente aos nossos quartos, em silêncio, as chaves destravam as portas, mas nenhum de nós as ultrapassa, observo seu rosto e ele se mantém cabisbaixo, espero que diga mais alguma coisa, mas as únicas palavras que saltam dos seus lábios são:

— Boa noite, Agatha.

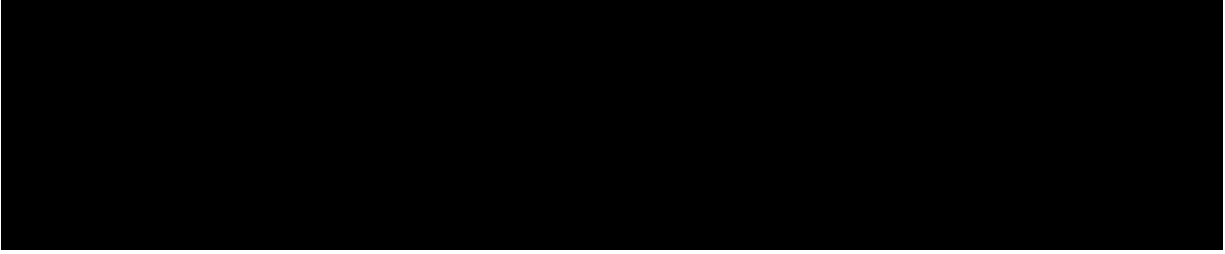
Meus olhos acompanham seus movimentos e, por fim, ele é o primeiro de nós a cruzar e entrar no quarto. O ouço fechar a porta e continuo imóvel antes de minhas pernas assumirem o comando e entrar no meu também.

O cômodo é modesto, mas limpo. Sento-me na cama e começo a pensar em tudo o que aconteceu hoje, tentando lidar e entender por que me sinto tão comovida por ele. Não consigo chegar a uma solução simplista e resolvo lavar de mim todos os eventos sucedidos.

— Um banho. Um banho resolve tudo.

Sigo para o banheiro e dispo-me de todas as minhas roupas e sentimentos e deixo a água levar de mim tudo e por incrível que pareça sinto-me muito mais leve e renovada, saio do banheiro e em vez de vestir novamente minhas roupas, jogo sobre meu corpo o roupão que estava disposto sobre a cama.

Abro o frigobar no canto do ambiente e tiro uma garrafa com suco de dentro dele, ao menos o dinheiro que recebi pelo trabalho custeará o que eu quiser comer aqui. Mas, de repente, ouço um alvoroço vindo do cômodo ao lado e aproximo-me da parede que nos separa encostando minha orelha para tentar ouvir mais alguma coisa.



— Boa noite, Agatha.

Entro no meu quarto, sem olhar para ela. Mas, sinto como se ela ainda estivesse de pé ao meu lado.

É exatamente por isso que não os quero perto de mim, porque não suporto ler todos esses sentimentos enquanto olham para mim, já é difícil o bastante ter que viver com essas emoções pregadas na minha alma, tê-los também nas pessoas ao meu lado, é um fardo pesado demais para carregar, prefiro manter distância e viver seguro e abrigado dentro do meu próprio mundo.

No rosto de Agatha reconheci tristeza, dor e pena. Quase acreditei que ela era diferente, quando ela insurge com o poder de suas palavras eu quase acredito que ela vê mais que isso, mas, enganei-me, ninguém vê. Nem eu vejo, por que ela veria?

Certifico-me que minha porta está trancada e as cortinas fechadas, e por fim, posso voltar a respirar. Caminho pelo quarto simples, apenas mais do mesmo, quantas e quantas noites vivi nesses lugares, pulando de um lado ao outro, esperando que um dia o tempo faça sua mágica e leve toda essa saudade que sinto. Mas, não funciona, ela não vai embora, nunca. Cada dia mais, ela me agarra num abraço apertado que eu não quero mais sentir, eu não quero mais. Quero apenas que seja um toque suave, carinhoso e disposto a acolher e não sufocar.

Por que essa saudade me sufoca tanto? Por que não consigo parar de sentir esse aperto no peito?

Por quê?

Por quê?

Por quê?

Cambaleio pelo quarto com a mão no peito, tentando arrancar à força essa sensação tão reprimidora que me consome desde o dia que ela foi tirada sem aviso de mim. Escoro-me pelos móveis para não cair e os objetos que encontro ao alcance de minhas mãos arremesso contra a parede, buscando aliviar todo esse esgotamento que estou sentindo.

— Eu quero que pare... por favor, alguém faz parar... — murmuro.

E quando o cansaço é grande demais para minhas pernas me manterem de pé, deixo-me cair de joelhos no chão sobre os cacos estilhaçados e aperto meu rosto, esperando que tudo passe.

Respiro como Agatha me disse antes para fazer, mas não adianta, só tem uma coisa que posso fazer nos dias ruins, beber.

O bar ao lado do hotel está a calhar para um dia como o de hoje. O lugar é uma espelunca, mas esses são os melhores para se esconder de tudo, nesses eu posso passar invisível ao mundo.

Vou até o balcão e peço à mulher uma garrafa de uísque, sigo para o canto mais escuro e encho meu primeiro copo, aliviando dose após dose a sede de cura que meu corpo exige.

Observo os ponteiros do meu relógio mexerem e eles não significam nada, pois o tempo não importa mais. Então, concentro apenas em manter meu copo cheio. O problema é que cada vez menos essa terapia funciona para mim.



Mais de duas horas depois com o aparelho de TV ligado e não sinto nem uma célula do meu corpo com vontade de dormir, muito pelo contrário, a única coisa que fiz foi ficar com ouvidos atentos para escutar quando Oberon retornar ao quarto, mas até agora nada, o vi sair a passos rápidos em direção ao bar, mas nada dele voltar.

E num ímpeto levanto da cama e resolvo ir até o bar. Se ele está bebendo, eu posso tomar algo hoje também.

Olho-me no espelho e tento ajeitar meu cabelo o melhor que posso com os recursos mínimos que tenho e saio em direção ao bar, a distância até o estabelecimento é tão curta que não deve passar de cinquenta metros.

A hora que abro a porta do bar, fico alguns instantes avaliando para escolher se prossigo ou volto para trás. O lugar é como esses bares mal-assombrados que vemos em filmes sobre vampiros; escuro, alguns bêbados, música alta ao fundo, e algumas pessoas prestes a começar uma briga. Mas, possuída por uma dose de coragem que raramente tenho, adentro o lugar, mesmo que Oberon não esteja aqui, ainda assim, vou pedir uma dose de qualquer coisa alcoólica e fechar essa noite.

— Oi, gata!

Um homem aparentando uns quarenta e cinco anos, segura meu braço. Puxo-me de seu aperto, e ele uiva para mim.

Jesus! Será que é um bar de vampiros e lobisomens mesmo, aqueles dos filmes alternativos?

Continuo para chegar até o balcão e sento-me em uma das banquetas, uma mulher com um pano pendurado nos ombros aparece e pergunta o que quero beber.

— O que você tiver de forte, por favor.

— O quão *forte* está acostumada, lindinha? — ela pergunta, mascando um chiclete.

— É que faz tempo que não bebo.

Ela revira os olhos e solta um sorriso esnobe. Em seguida pega uma das garrafas e

enche com uma dose de alguma coisa e entrega para mim.

— O que é? — pergunto a ela.

— Algo forte.

Seguro o copo e o viro de uma vez, tal qual vejo Eli fazer. Mas juro por Deus que quase explodo, o líquido desce queimando meu esôfago e se acomoda em chamas no meu estômago vazio.

— Argh! Cristo, isso é horrível mesmo — digo, chacoalhando-me.

A mesma atendente antes que eu peça qualquer outra coisa se aproxima de mim, e enche novamente meu copo e coloca uma pequena cuia com azeitonas à minha frente. Eu as como antes de tomar outra dose, na verdade, vou tomar só mais uma e sair. Oberon não está aqui mesmo, ele deve ter ido para um bar mais distante, ou sabe-se lá o que deve estar fazendo.

— Argh! Definitivamente o gosto não melhora na segunda. — Olho para a atendente e a vejo rindo no canto do balcão.

Se eu estou pagando ela não deveria debochar dos clientes assim, deve ao menos fingir e me atender melhor, e só para provar a ela que não sou uma adolescente ergo meu braço e peço para servir outra dose.

— Acho que para você duas doses são mais que suficientes, lindinha.

— Acho que a cliente aqui sou eu, lindinha. Pode encher, meu quarto é logo ali caso eu precise voltar rastejando — retruco.

— Você *que* manda — diz e enche meu copo.

Dessa vez, finjo que o líquido não queima. Olho para ela e a vejo rindo novamente.

Filha da mãe!

Chega dessa brincadeira não vou virar mais nada, ainda mais de estômago vazio. Jogo mais um punhado de azeitonas na boca e começo a fitar o nada pensando na minha vida. O tempo vai passando e começo a sentir o efeito do álcool agir no meu organismo, meus olhos são os primeiros a reclamar, sinto-os embaçados.

— Mais uma, lindinha? — a atendente pergunta.

— Sim. — E viro a quarta dose de algo altamente alcoólico que nem conheço o nome.

Sério, esse foi o último. A sensação inebriante da bebida no meu sangue está me deixando com reflexos lentos.

Caramba! Estou realmente tonta.

— Posso pagar uma bebida para a moça? — Alguém pergunta ao meu lado.

— A *moça* já bebeu demais, não precisa pagar mais nada — respondo, virando-me lentamente para o mesmo homem repugnante que me abordou quando entrei.

— Posso pagar o que quiser beber, não precisa ser o mesmo que está tomando agora.

— Não, obrigada.

— Tem certeza? Você sozinha num bar de beira de estrada, deve estar muito solitária.

— Não estou solitária.

— Vejo diferente de você. — Ele estica uma mão e começa a passar por meu cabelo —
Tão bonita.

— Não toque em mim.

Em vez dele levantar e sair, aproxima seu banco ainda mais do meu. E agora segura uma de minhas mãos.

— Não toque em mim — repito, puxando minha mão de seu toque com força.

— Nossa! Você é forte — ele diz, sorrindo.

Ergo minha mão para lhe dar um tapa e mostrar o quão forte eu sou, ao menos sou quando estou sóbria.

Ele está girando. Era para ele estar girando? E de repente vejo seu corpo cair para trás, estatelando no chão.

— Ela é mesmo.

Tento focar o homem no chão e em seguida olho para cima e vejo um Oberon. Não, não, tem dois deles.

Aish! Já é difícil com um, imagina dois...

O homem no chão se levanta rápido e começa a esbravejar.

— Seu desgraçado, está louco!

— Você reparou quantas vezes a *moça* disse “não” para você? Eu ouvi quatro vezes. — Os dois *Oberons* erguem as mãos e começam a enumerar. — A primeira foi “não, obrigada”, a segunda foi “não estou solitária”, a terceira foi “não toque em mim” e a quarta ela repetiu “não toque em mim”, e mesmo assim você não ouviu? Quem é o louco aqui?

— Desgraçado.

O homem, parte para cima de Oberon e tenta acertá-lo, mas ele desvia do golpe e o cara cai para o lado, ficando ainda mais enfurecido.

— Parem, agora! — A atendente grita. — Joca, vai embora! Se quiser que eu permita sua entrada aqui amanhã, é melhor ir embora. Agora.

O homem olha para a jovem mulher atrás da bancada e depois para mim, e por fim para Oberon. Ele cospe no chão e segue para fora do bar, sem dizer mais nada.

— Se não consegue manter um cara como Joca longe de você, então não deveria estar num bar como esse, lindinha. — Ela diz e me serve mais uma dose. — Essa é por conta da casa.

Que confusão!

Eu pego o copo sobre a mesa e o viro.

Hummm!!! Esse foi mais gostoso, não senti arder mais nada em meu esôfago. Incrível! Estou acostumando com a bebida.

— Quantos já bebeu?

Viro de novo para olhar Oberon, mas acho que viro muito rápido, porque sinto meu corpo inteiro girar.

— Eu não sei — digo, dando de ombros.

— Você está bêbada.

Ele bate no balcão e pergunta para a mulher quantos bebi.

— Cinco doses. — Ouço ela dizer.

— Cinco? É muito? Agora que meu estômago não reclama mais, posso beber outras. Põe outra aqui, lindinha — demando para a atendente com uma voz tão estranha, que sinto vontade de rir.

— Você a conhece? — Ela pergunta para Oberon.

— Sim.

— Então pode levá-la, porque se ela beber mais uma, não vai chegar nem na porta.

— Farei isso.

— Ei! Parem de falar de mim como se eu não estivesse ouvindo, eu decido quantas vou beber.

— Lindinha, amanhã você bebe mais, agora é hora de princesa dormir — diz, e pisca para mim.

— Não sou *plincesa*! — Nossa! Minha língua está grossa.

— Vem, Agatha. — Oberon diz.

— Sou uma cliente e exijo ser bem atendida — retruco, batendo meu indicador no balcão.

— Agatha, levanta, por favor.

— Ai! Que chato! Só você pode beber, por acaso?

— Você também pode e já o fez.

— *Quelo* fazer mais. Ei! minha língua está tão estranha.

— Ela está dormente, ou seja, você bebeu o suficiente.

Que chatice, eu nunca vi um bar onde a própria vendedora diz que não quer mais vender e manda o cliente embora dormir.

Pulo do banco e sinto minhas pernas fraquejarem e as mãos de Oberon apoiarem meu corpo para eu não cair.

— Agradeço.

Refaço-me e sigo colocando um pé em frente ao outro, mas é extremamente difícil e tropeço novamente.

— Merda! — ele diz e apoia-me outra vez.

— De novo, eu quase caio — falo, começando a rir.

Não sei por que, mas uma súbita vontade de rir, invade-me com tanta força que a única coisa que faço é gargalhar sem parar.

— Por que estou rindo? — questiono, rindo.

— Porque está bêbada.

— Por que você chora quando bebe e eu rio?

— Eu não sei, Agatha.

— Eu sei.

— Não precisa me dizer.

— Mas eu quero.

— Não precisa.

Rapidamente estamos de volta aos quartos. Ele pede a minha chave, e eu a encontro em um dos bolsos entregando para ele.

— Entra.

Eu obedeço e ele entra junto comigo.

— Vai dormir aqui também?

— Não.

— E por que entrou?

— Você faz muitas perguntas.

Ele me senta na cama e tira minhas sandálias e começo a rir novamente quando sinto suas mãos em meus pés. Depois disso ele vai até o frigobar e volta trazendo-me alguma coisa.

— Bebe.

— O que é?

— Refrigerante.

— E para que?

— Bebe, Agatha.

— Que chato!

Saio da cama, ficando de pé e retiro a lata de suas mãos, começando a beber todo o conteúdo. Ele para ao meu lado e espera.

— Por que bebeu tanto, Agatha?

— Eu fui atrás de você, ouvi que quebrou alguma coisa em seu quarto. — As palavras demoram mais que o normal para sair da minha boca.

Olho-o e vejo que também está me encarando, ele franze a testa por um momento, confuso.

— Sim, eu quebrei. Mas você beber não tem nenhuma relação com isso.

— Sabe por que você chora e eu rio?

— Não quero saber.

— Porque você quer esquecer, bebe achando que a tristeza vai passar, bebe para fingir que não tem mais nada aqui, mas não é assim que vai funcionar, não é assim que vai parar de doer. — Ergo minha mão e toco seu peito, indicando o local onde seu coração está.

Paro de falar por alguns segundos e olho seu rosto e noto todos os detalhes novamente, ele não desvia seu olhar de mim, mas ainda tem o cenho franzido.

Espontaneamente ergo meus dedos e passo por sua barba.



Não consigo falar, nem respirar, meu corpo está estagnado nesse chão e só meus olhos se movimentam e veem sua mão subir e me tocar. Seus dedos delicados se agarram a minha camisa e pode parecer loucura.

Não, com certeza, é loucura. Mas quase posso sentir parar de doer no exato lugar onde sua mão está.

Ela não diz mais nada, mas eu espero que diga. Devo estar louco, porque eu espero que seus lábios continuem a se mexer, e ela continue a falar. Se não é assim que vai funcionar, então me diz como é, eu quero saber o que fazer para parar de doer.

E seus dedos se movem mais uma vez e sobem ainda mais e sinto-os tocar minha barba.

— É macia.

Por que estou deixando-a tocar em mim? Por que anseio que ela continue a falar? Minha respiração que havia sumido, agora se acelera com seu toque. Luto para dizer alguma coisa que a faça se afastar e voar para longe de mim.

Agatha tira sua mão de mim, mas seus olhos continuam perscrutando meu rosto e eu não faço diferente, pois quero ouvir o que está se passando em sua mente, quero saber o que mais ela tem a dizer.

— Você está triste agora?

Eu estou triste? Eu não sei. Reviro minha alma pelo avesso à procura da resposta certa. Quero entender o que estou sentindo agora, é um amontoado de coisas, mas não é tristeza. Então, balanço minha cabeça em negativa.

Seus olhos brilham tanto, eles são como um chamado numa noite escura e fria, eles aquecem e convidam para um passeio ao ar livre numa tarde de outono. São lindos e não consigo me desviar deles.

E quanto mais eles acercam, mais os enxergo com clareza, seu rosto vem se aproximando de mim, e não sei o que fazer, não sei o que sentir, não sei o que dizer. Só espero que eles cheguem perto o suficiente para eu descobrir.

E então, sem aviso, eu sinto. Sinto seus lábios encostarem nos meus com delicadeza, sua boca aquece sobre a minha, e eu quase posso sentir parar de doer.

Por um minuto, a dor parou. Como se um anjo passasse sobre nós nesse instante e com sua misericórdia dissesse que já doeu o suficiente, e agora é hora de parar. Fecho meus olhos e absorvo a sensação da angústia diminuir.

É assim que faz parar de doer? Era isso o que ela tentara dizer?

E tão rápido quanto começou, deve acabar. Sinto meus olhos molhados e lágrimas que há muito tempo não permitia cair, escorrem por meu rosto, reavivando dentro de mim que a dor é inevitável, que a perda é inevitável e ninguém pode fazer parar.

— Agatha — sussurro, contra seus lábios.

Além do que ela está bêbada e fez e disse essas coisas sem nenhuma consciência. Por isso, deixo-a para trás e volto para o meu quarto.

Sento na cama e apoio minha cabeça nas mãos, tentando a todo custo entender o que está acontecendo.

Imagens de Lara voltam a rondar meus pensamentos, fazendo-me ajoelhar novamente nessa gloriosa tristeza, mas elas se misturam as de Agatha, fazendo-me... eu não sei, não sei o que elas fazem.

Volto ao meu quarto, sem pensar, só abro sua porta e a encontro caída sobre a cama, dormindo.

Não me admira que tenha dormido tão rápido, ela estava completamente bêbada. Caminho lentamente até ela e observo seu rosto, tão calmo e sereno. Não aparenta ter nenhuma angústia, nenhuma marca de um passado dolorido, nada que escureça sua alma. O oposto disso, parece com o rosto de um anjo.

Um anjo curioso e intrometido, um anjo que fala demais e pergunta demais.

Pergunto-me o que pode acontecer quando um anjo nos toca, como ela me tocou.



CAPÍTULO OITO

Agatha

Quando abro um dos meus olhos sinto a dor irradiar por toda a minha cabeça, uma dor forte e arrebatadora.

— Droga — murmuro, levando minhas mãos as têmporas.

Por que fui beber? Por quê? Eu sei que ressacas são massacrantes e mesmo assim eu bebi. Mexo-me e percebo que dormi sem tirar a roupa do dia anterior e estou atravessada na cama com as pernas para fora do colchão.

Lastimável.

Apoio-me sobre meus braços e começo a me sentar, sentindo um forte gosto amargo na boca e muita sede.

— Preciso de um analgésico, preciso muito mesmo de um analgésico — suspiro.

Saio da cama e começo a andar pelo quarto, vou até o frigobar pegar uma água e sorvo todo o conteúdo praticamente numa golada. Paro de pé com a garrafa na mão e olho para a porta do quarto, por um instante tenho um *flashback* de Oberon dizendo meu nome e que era melhor irmos dormir.

— Ah, Deus!

Solto a garrafa e levo minhas mãos a boca, forçando minha cabeça latejante pela dor a reviver todos os passos do dia anterior. E as memórias surgem como um tsunami varrendo tudo dentro da minha cabeça.

— Ah, Deus! Eu não fiz isso. Não... não pode ser...

Começo a andar desvairadamente pelo quarto, segurando meus cabelos e bagunçando-

os em seguida.

— Merda, por que eu fiz isso? Calma, Agatha. — Passo as mãos pelo meu peito de cima para baixo e respiro fundo recitando as mesmas palavras repetidamente. — Calma, Agatha, calma...

Ele estava bêbado também e, por isso, não vai se lembrar de nada. É isso, não preciso me alarmar. Já o vi bêbado e ele nem se lembrou de mim e, provavelmente nem iria se lembrar se eu mesma não tivesse me revelado. Mantenha a calma e aja como se nada tivesse acontecido.

Continuo a circular dentro do minúsculo quarto de hotel. Volto para a cama e sento escondendo o rosto entre minhas mãos.

— Ah, isso não está funcionando, não estou calma coisíssima nenhuma. — Ergo minha cabeça novamente e olho para o criado mudo ao lado. — O que é isso?

Estico minha mão e vejo um bilhete com meu nome no topo.

Agatha,
tome água e esses comprimidos,
quando estiver bem, vamos partir.
Oberon

— Está de brincadeira, não é?

Quer dizer que somente eu estava bêbada, porque ele estava sóbrio o suficiente para deixar um bilhete e dois comprimidos?

Ah, que vergonha! Que vergonha! Como vou encará-lo depois do que fiz?

Ergo meus dedos e toco meus lábios, recordando com mais vivacidade o contato suave que tivemos, eu só encostei meus lábios nos dele, mas ele não se afastou, continuou e pude sentir o sabor de sua boca contra a minha.

— Isso foi loucura! Como pude beijar o cara do nada, sem aviso? Que idiota, quando acho que já cometi todo tipo de gafe nessa vida, eu bato meu próprio recorde.

Recolho os dois comprimidos do móvel e jogo-os na minha boca, engolindo-os a seco e de uma só vez. Em seguida deito novamente e fecho meus olhos, ele disse que vamos partir quando eu estiver bem, e definitivamente eu ainda não estou.

As horas passam e consigo dormir mais um pouco em meio ao aglomerado de pensamentos, mas são apenas cochilos leves. Os comprimidos fizeram efeito e a dor lancinante que sentia, agora é apenas um latejar .

Ainda na cama penso em como sair do quarto, como olhar para ele e fingir que nada aconteceu, como encarar uma viagem de volta?

Até que ouço uma batida na porta, repetida e ritmada.

O que eu faço?

Viro para o lado e cubro meu corpo com o edredom e aperto meus olhos, as batidas se intensificam até que ouço a maçaneta da porta ser girada e sua voz emanar suave pelo ambiente.

— Agatha?

Aperto meus olhos ainda mais, esperando que ele vendo que estou dormindo saia do quarto, mas isso não acontece porque ouço seus passos avançarem para cada vez mais perto de mim.

— Agatha — ele repete, e eu continuo imóvel sobre a cama. — Agatha.

Cristo, ele tocou meu ombro! O que eu faço? Finjo acordar? Finjo continuar a dormir?

Ouçó um riso contido e em seguida:

— Sei que está acordada e que tomou os remédios que deixei aqui. Por que não me responde?

Merda! Eu deveria ter fingido uma respiração de sono, ou um ronco.

— Ainda estou com dor de cabeça.

— Eu imagino que sim, pela quantidade de álcool que ingeriu. Mas, é quase uma da tarde, temos que ir.

Droga, agora sou eu que não quero ir com ele, estamos a beira da estrada, talvez seja até mais fácil pegar um ônibus daqui.

— Por que está fazendo careta, Agatha? Não vai vomitar agora, não é?

O quê? Abro meus olhos e giro meu corpo ficando de frente para ele.

— Eu vomitei? — pergunto, alarmada.

— Talvez — ele diz.

— Merda!

Afasto o edredom às pressas de mim, e saio correndo para o banheiro, esbarrando nele pelo caminho.

— Agatha, você está bem? — ele diz, do outro lado da porta do banheiro.

— Sim, eu vou tomar um banho e aí nós vamos, ok?

Alguns segundos de silêncio até que ouço sua resposta.

— Ok. Vou esperar no carro.

Abro o chuveiro, recolho os itens de higiene que o hotel oferece e parto para o chuveiro. Após estar refeita e com uma aparência melhor, visto-me novamente e agora não há mais nada que eu possa fazer do que seguir para aquele carro e enfrentar meu ex-chefe numa viagem que está sendo longa demais.

Saio do quarto e logo o vejo em pé ao lado do seu carro, respiro fundo e caminho firme.

— Sua cabeça melhorou? — ele pergunta.

— Sim, está bem melhor.

— Então vamos.

Dou a volta no veículo e ocupo meu assento, vejo um copo grande com suco de laranja e alguns muffins numa embalagem transparente sobre o painel.

— Eu comprei para você, é melhor que coma alguma coisa.

— Você comprou para mim? — pergunto, desconfiada. Inclinando meu corpo e colocando a mão no peito.

Ele estreita os olhos e responde da mesma maneira, inclinando o corpo e colocando a mão no peito, antes de responder sarcástico.

— Sim.

— Obrigada... não precisava se incomodar.

— Não estou incomodado.

Aish! Esse homem.

Ele dá a partida no carro e em segundos estamos na estrada novamente, dessa vez no sentido correto seguindo para a casa.

Devoro o lanche que ele comprou, o suco de laranja e os muffins entram no meu corpo como um manjar dos deuses saciando toda a falta de água e glicose no meu organismo.

Ele dirige em silêncio por muito tempo, estamos na estrada há mais de uma hora e nenhuma palavra foi dita. Ao que parece a viagem de volta será muito mais tranquila. Isso é ótimo, não sei se quero entrar em mais nenhuma confusão com ele.

Recosto minha cabeça no banco e penso em mil formas de conseguir um novo trabalho, mas são todos frustrados, porque meus pensamentos sempre voltam para uma única cena.

Minha mão no seu peito, minha mão em seu rosto e minha boca na dele.

Cristo, Agatha! Será que você pode se concentrar?

É isso, vou esquecer que é ele quem está ao meu lado, vou abstrair que seu braço está a uns dez centímetros da minha perna, vou esquecer que os pelos da barba dele são tão macios...

Que ótimo trabalho, Agatha. Está de parabéns nessa tentativa ridícula de ordenar seus pensamentos...

— Sinceramente, eu quase consigo ouvir o que está pensando, Agatha. Você parece uma minhoca jogada na areia quente.

— Hã?! O quê? — Viro em sua direção e o vejo olhar rapidamente para mim e depois para a estrada.

— Você está aborrecida com alguma coisa e para pensar no assunto precisa se remexer tanto assim no banco?

Ajeito-me no banco e mantenho uma postura formal.

— Não estava pensando em nada, estava apenas encontrando uma posição melhor. Esse carro não é muito confortável.

Ele solta uma lufada de ar e depois me olha, perplexo.

— Ah, mulher! Tenho certeza que pode pedir carona na estrada para alguém com um carro mais confortável.

— Você já fez isso, já me abandonou uma vez, acha que tenho medo de ficar aqui sozinha? Acha que não consigo encontrar o caminho de casa? Ah, faça o favor!

— Eu não abandonei você.

Oberon assume uma postura mais firme e aperta o volante com força.

— Não?

— Não, você é uma mulher adulta, saudável e inteligente. Como deixar alguém totalmente capaz num determinado local, pode soar como abandono?

— Você é ridículo.

— O que? Eu nunca ouvi isso, sério! É a primeira vez que alguém me chama de *ridículo*.

Ele mexe a cabeça de um lado para o outro e mantém seu aperto no volante.

— Pois bem, sempre há uma primeira vez para tudo. Ao menos é o que dizem.

Ele abre a boca e depois a fecha, atônito.

— Acho melhor voltar para seus pensamentos, Agatha — diz, por fim.

— Não quero mais pensar no que estava, você acabou de fazer esses pensamentos perderem o sentido.

— Sabe o que descobri, Agatha?

— Não quero saber.

— Por que não? Somente eu devo ouvir quando você deseja cuspir toda a sua piedade em cima de mim?

— Piedade? — Dessa vez sou eu que me viro e o encaro sem acreditar no que acabei de ouvir.

— Sim.

— Eu não estava sendo piedosa, estava sendo solidária, ajudando uma pessoa que claramente estava num momento ruim ao meu lado, era isso que eu estava fazendo. Mas, pode ficar tranquilo, foi a última vez que levantei um dedo para ajudar você. — Ergo minha mão sinalizando meu dedo.

— Não pedi sua ajuda.

— Percebe-se que você não sabe o significado da palavra solidariedade.

— A única coisa que estou percebendo é em como você consegue me tirar do sério.

Cruzo meus braços e viro meu rosto para o lado oposto ao dele.

— Quer saber, vamos fazer um favor a nós dois, eu não sou mais sua funcionária mesmo e não temos nenhum laço, ou nada em comum, eu vi que você me pagou até além do que eu deveria receber, então me deixe na primeira parada que encontrar, vou embora sozinha.

— Me beijar faz parte do seu pacote de solidariedade?

Viro meu rosto para ele, estupefata.

— Não beije você.

— Não? Que estranho! Tenho certeza que era você, será que confundi com outra mulher?

— Outra mulher? Era isso que esteve fazendo durante a noite? Eu achei que Lara era única para você.

Ele tira uma das mãos do volante e agarra meu punho com firmeza.

— Não fale dela, entendeu? Não fale de Lara.

Depois dessas palavras nossa comunicação é cessada imediatamente. Agora não sei se ele vai realmente me deixar na próxima parada.

Ah, quer saber, é até melhor, muito melhor.

Mas, não é isso o que acontece, ele se mantém firme no trajeto e a cada quilômetro que passa, mais perto estamos de nossa cidade.

Até que finalmente ele entra na minha rua deixando-me em frente de casa, ainda em silêncio. Eu pego minha bolsa do banco traseiro e saio do carro sem dizer nada, e quando estou prestes a bater sua porta...

— Obrigado — ouço-o, sussurrar.

Não respondo nada, aliás finjo que não ouvi, apenas termino de fechar a porta e dando-lhe as costas, caminho para entrar na minha casa. Encerrando os breves dias que dividimos.

Não escuto seu carro sair, ou seja, sei que ele ainda está parado em frente à minha casa. Pego as chaves da minha bolsa e abro a porta, entrando em seguida, assim que a fecho, corro para a janela da sala que está com as luzes apagadas e o vejo olhando para minha casa.

— Por que não vai embora? — murmuro.

— O que está olhando? — Eli chega sorrateiramente atrás de mim, e pergunta.

— Ahhhhhh, que susto! Quer me matar? — grito.

— Credo! Eu moro aqui também, caso não se lembre.

— Não estou olhando nada.

Mas, não adianta dizer, porque ela olha por trás de mim e vê Oberon estacionado.

— É o Oberon? O que ele quer?

— Não sei. Ele me deixou aqui agora, e deve estar olhando o celular, antes de ir

embora. Bom, vou tomar um banho que esses dois dias foram... foram... cansativos.

— Ele não parece estar olhando para o celular, está olhando aqui para dentro.

— Saia da janela. Não me interessa o que ele está olhando, vou tomar banho e dormir, estou exausta.

Saio em direção ao meu quarto, jogo minha bolsa e meu corpo sobre a cama e respiro profundamente, tentando absorver com clareza tudo o que aconteceu.

Desvio minha mão até o peito e sinto um aperto que não sei explicar. As imagens dele circulam em minha mente toda vez que fecho meus olhos. Aliás desde que o vi pela primeira vez, é isso o que acontece. Porém, depois de ontem, eu não consigo mais ter um pensamento coeso. E as coisas que eu disse para ele trazem-me uma angústia desmedida.

Como pude ser tão irracional? Aquilo foi cruel. Dizer que ele não estava de luto coisa nenhuma. A expressão em seu rosto naquele momento e a frieza em seus olhos, junto ao amargor que escorreu de suas palavras...

Minha língua ainda vai me levar ao fundo do poço.

— O que foi, Tha? Não está se sentindo bem? — Eli pergunta, ao acender a luz do quarto e me encontrar largada sobre a cama.

— Não, eu não estou... sou uma idiota completa, tenho uma língua que não cabe dentro da minha boca.

— O que aconteceu?

Penso no que dizer a ela de uma forma básica e concisa, mas que ao mesmo tempo demonstre toda essa tempestade dentro de mim.

— Eu o beijei.

Silêncio invade o quarto novamente e me apoio em meus cotovelos, abrindo os olhos para ver se Eli ainda está ali. E sim, ela está, com a boca aberta e dois olhos esbugalhados fixos em mim.

— Eu estava bêbada — completo.

Seus olhos e boca aumentam ainda mais.

— Não vai dizer nada, só me olhar com essa cara?

— É sério? Vocês dois...

— Não — apresso-me em responder. — Eu só o beijei. Ah, sei lá! Nem sei se aquilo foi um beijo de verdade. — Caio para trás, largando-me na cama novamente.

— Sua boca estava na dele? — ela pergunta.

— Sim.

— Então foi um beijo. — E, enfim, ela sai do transe e corre para minha cama. — Explica isso, agora. O que deu na sua cabeça para beijar um homem como ele?

— Para. Não existe isso de homem como ele, ok?

— Agatha! Eu não acredito nisso. — Ela diz, ao colocar as duas mãos na boca. — Você não serve para essas coisas. Vai ficar apaixonada só porque o beijou?

— Eu disse que estou apaixonada, Eli? Se eu disse, não ouvi.

— Conheço você, desde que seu namoro acabou você está sozinha.

— E?

— E que você é romântica, acredita em príncipes encantados.

— E onde Oberon se encaixa como um príncipe? Ele é ríspido, grosseiro e mal-educado. — Ergo meus dedos enumerando os adjetivos.

— Sério? Tão ruim assim? Lembro de Roger dizer que Oberon está machucado, mas que é um homem bom, que deixa de comer para te alimentar. — E a imagem do suco de laranja com muffins volta a minha memória. — Que ele tira a roupa do corpo para te ajudar. — E a imagem do mecânico consertando meu carro volta a minha memória.

— Chega, não quero mais ouvir — respondo, e tapo meus ouvidos com as mãos.

— Agatha, Agatha... não vejo solução para você. Mas, pense pelo lado bom, se for para rolar mais alguma coisa entre vocês. Você descobrirá amanhã no trabalho.

Solto uma risada sarcástica que ressoa pelo quarto, mas não digo a ela que não tenho mais um emprego.

— Eli, depois a gente fala mais, quero realmente dormir — demando.

— Tudo bem. — diz, levantando-se da cama e fechando minha porta em seguida.

Eu giro meu corpo sobre o colchão mais algumas vezes, inquieta e arrependida por ter tocado no nome de Lara. Na hora, dizer aquilo pareceu tão certo, mas por que agora me sinto uma pessoa péssima?

Saio da cama para tomar um banho e na volta abro meu armário para escolher uma roupa e vejo minha pasta de desenho. Abaixo-me lentamente até estar agachada no chão e a toco com a ponta dos meus dedos, resistindo a vontade de desenhar. Contudo a vontade de rever seus traços é tão forte que não domino meus desejos e a levo para a cama comigo.

Devagar, separo as folhas e meus lápis e mesmo antes de começar eu já sei exatamente o que desenhar. Começo os finos, mas precisos traços, por seus lábios, desenhando-os entreabertos, como se estivessem convidando alguém para tocá-los, em seguida risco os pelos de sua barba, além do nariz afilado e dos olhos pequenos e amendoados, suas sobrancelhas estão continuamente arqueadas e parece que ele está sempre questionando alguém, desenho também seus cabelos castanhos ora bagunçados e caindo pelo rosto, ora arrumados e penteados para trás.

Esboço também, seu peito nu e as tatuagens que já consigo definir com melhor clareza, mesmo não tendo tido coragem de perguntar o que elas significam e há quanto tempo estão ali adornando sua pele.

Desenho uma, duas, três vezes, as folhas com Oberon estampado circundam-me sobre a cama, e as observo até que meus olhos fiquem cansados o suficiente de vê-lo comigo.

As horas passam e o cansaço que espero não chega, mesmo depois de horas, eu continuo olhando para cada traço dele no papel e imaginando cada palavra dita por mim e por ele.

Revivo cada segundo desses dias e em especial dos últimos dois, e não consigo chegar a uma conclusão que mostre por que estou tão fascinada por um homem rabugento como ele. Mas, isso não importa, porque eu não o verei mais.

E por fim, forço-me dormir, rodeada por sua imagem, tanto nas muitas folhas com seu rosto ao meu redor, quanto na minha mente.



Durante a manhã continuo sem nem uma gota de disposição, sento-me no sofá, largada e ainda de pijama, segurando minha xícara e observo através da janela, relembrando de seu carro parado no mesmo lugar da noite anterior. Ele disse “obrigado”, mas pelo que exatamente? Eu deveria ter dito alguma coisa, qualquer coisa e não sair daquela maneira.

— Acho que Eli tem razão — murmuro, constatando que talvez eu tenha ficado um pouquinho interessada nele.

Sorrio, pela mentira que acabei de pensar. Acho que fiquei bastante interessada nele, só não entendo a razão.

Olho para o relógio e vejo que são onze e meia da manhã e, eu que até dois dias atrás tinha um emprego, agora estou aqui vestindo um pijama quase perto da hora do almoço, analisando como minha vida andou uma casa para frente e depois duas para trás.

Volto meu olhar para fora e continuo a observar o mesmo lugar, em seguida pisco várias vezes para ter certeza que meus olhos estão funcionando, ou se estou tendo alucinações. Porque tenho certeza que vi o carro dele passar pela rua.

Claro que não, o que ele viria fazer aqui? Meu Deus, será que estou alucinando? Devo estar muito desesperada mesmo. Levanto e volto para a cozinha para deixar minha xícara na pia e passo no meu quarto para pegar um livro. Algum tempo depois retorno para a sala e me sento no mesmo lugar.

— Não é possível — assusto-me, vendo seu veículo estacionado em frente à minha casa.

Alucinação? Não pode ser. Corro até a janela e colo meu nariz no vidro para ter certeza do que estou enxergando bem, quando me surpreendo ao vê-lo descer do carro.

— Caramba, ele vai vir aqui?

Oberon dá a volta e anda até o meio da calçada, depois leva a mão até o rosto, afagando sua barba por algumas vezes. Ele parece nervoso, fica parado por alguns segundos e quando parece decidir vir até minha porta, dá meia volta e entra no carro novamente.

Ergo minha mão e a encosto no vidro, prestes a chamá-lo, mas não faço, apenas o observo ligar o carro e sair, completamente perplexa.

O que foi isso? Por que ele veio até aqui?

Corro até meu telefone e começo a procurar seu nome nos contatos, e logo que encontro e estou prestes a tocar na tecla que completará a chamada fico com meu dedo no ar, antes de tocá-la. O que vou dizer? Eu nem sei se ele veio falar comigo, Oberon poderia estar procurando por Roger. É isso, ele estava atrás de Roger e vai parecer muito estranho eu ligar do nada...

Céus, estou ficando louca! Desisto da chamada e deixo meu telefone de lado, se ele quisesse realmente falar comigo teria me ligado.

Meu dia passa entre os cômodos da casa, não faço absolutamente nada, só vago, de um canto para o outro. Casa essa que em breve terei de desapegar, sem trabalho não tenho como

honrar minhas obrigações com Eli e para isso só tem uma saída, mudança.

No fim do dia, recebo uma mensagem de minha amiga dizendo que dormirá na casa do Roger, os dias em que ela passa na casa dele estão cada vez mais frequentes, e isso está me deixando ainda mais incomodada, pois não para de passar pela minha cabeça que estou sendo um fardo para todos.

Inspiro o ar ao meu redor e penso numa saída para colocar minha vida de volta nos trilhos.

A noite chega e eu volto para o mesmo sofá e com as luzes apagadas continuo a olhar para a rua, hipnotizada, esperando que o veja novamente, e só quando meu telefone começa a tocar é que volto para a realidade.

— Oi, mãe — digo.

— Filha, como você está, meu anjo? — ela pergunta, com uma voz doce e aveludada.

— Estou bem, mãe.

— Você precisa ligar mais para mim e seu pai, sentimos saudade de você.

— Desculpe, mãe... eu também sinto saudade de vocês, muita.

— Você está trabalhando?

— Não — respondo, com um gosto amargo na boca.

— Filha, então venha nos ver. Passe umas duas semanas conosco, sabe que não temos muito, mas o que temos é seu.

Sorrio, sentindo-me confortada.

— Eu sei, vou ver uma semana para ir, prometo...

— Promete mesmo?

— Sim, não vou esperar o feriado, vou antes, eu juro.

— Vou esperá-la, meu amor. Agora deixa eu ir, que seu pai inventou de cozinhar, e está tudo um caos por aqui. Tchau, meu amor.

— Tchau, mãe. Amo vocês.

— Nós também te amamos muito, meu anjo.

Encerro a chamada e deixo o aparelho ao meu lado, e penso que ir para minha mãe seja uma boa ideia, nada por aqui dá certo mesmo, talvez eu deva desistir de tudo e voltar para o lugar de onde nem deveria ter saído.



Ela não me ouviu, ou não quis ouvir. Tenho certeza de que não tem ideia de como é difícil para mim dizer “obrigado” para alguém que me viu num dos meus piores momentos. Mas, quis dizer a Agatha, mesmo que ela não tenha ouvido, ou não tenha querido ouvir.

Continuo parado em frente à sua casa e não consigo ligar a porra do carro para ir embora, porque estou com uma sensação estranha dizendo que fiz alguma coisa errada, mesmo não sabendo o quê.

Sua casa está escura, mas ela já entrou. Por que não acende as luzes? Por que ficar no escuro? Será que está tudo bem?

Aperto minhas mãos no volante e continuo esperando que alguma luz se acenda para eu ter certeza que está tudo em ordem, e aí está, a luz da sala é acesa e vejo uma mulher do outro lado da janela, entretanto, não é Agatha, é a namorada do Roger. Desvio meu olhar e finalmente minhas mãos alcançam a chave e dão partida no carro, levando-me daqui.

O caminho para minha casa é rápido, e, logo estou estacionado em frente ao meu portão.

Eu deveria ter pedido desculpa em vez de ter dito obrigado? Mas, desculpas pelo que, exatamente? Não fiz nada, ela é quem está falando de Lara desde ontem, provocando-me de todas as formas, levando-me ao limite que sei não ter.

Esfrego minhas mãos no rosto com força, tentando ordenar tudo o que ronda minha mente, porém, nada adianta, desisto e bato minhas mãos com força contra o volante, descarregando a tensão que estou sentindo.

Desço do carro e entro em casa, a primeira coisa que faço é ir até a cozinha e abrir o armário na parte que mais visito.

Pego a garrafa de uísque que havia colocado de lado, achando que ela me dera visões. Que palhaçada! A bebida é ótima, Agatha é que não sabe cuidar da própria vida. Encho um copo, e quando digo encho, é porque não me servi de uma dose e sim de um copo inteiro para começar.

O líquido desce quente por minha garganta, incendiando cada centímetro do meu

esôfago, e é assim que mais uma noite começa. Porque os dias são sempre mais fáceis que as noites, sento-me na banqueta da cozinha e encho um copo depois do outro, quando sinto que o álcool está atingindo o nível de me entorpecer por completo, caminho cambaleante até o quarto que fiz para ela.

Estou com saudade, muita saudade.

Encosto na porta e pergunto se ela pode me ouvir, minha voz sai trôpega e nem eu entendo as palavras que estou dizendo. Mas, mesmo assim espero por uma resposta, contudo, não há nenhuma e nunca mais haverá. Ela não voltará e isso é tão certo quanto o sol que nascerá amanhã pela manhã, ou como a chuva que cai do céu.

Ela não vai voltar.

Abaixo-me e sento no chão. É a segunda vez que hesito, é a segunda vez que a deixo sozinha aí dentro.

— Lara, desculpa. Estou com saudade, mas sei que tenho que parar de te chatear, preciso parar. Só me diz como faço? Só me diz como parar?

Bato minha cabeça contra a porta algumas vezes, e quando me dou conta não tenho mais controle dos meus olhos e choro sem nenhuma vergonha de ser visto ou ouvido, e há tempos não deixo a agonia sair pelos meus olhos, no entanto, dessa vez deixo que toda a angústia vaze de mim e talvez por hoje me deixe completamente vazio.

— Lara... — murmuro em meio as minhas lágrimas — eu acho que Agatha sabe como faz para parar. Ela fez ontem... por um minuto eu senti parar... eu senti...

Essas são as últimas palavras que ainda consigo ouvir sair da minha boca, antes de deixar meu corpo cair totalmente no chão e chorar até que a exaustão e o álcool façam-me repousar, ao menos até que o sol esteja no céu novamente.



Acordo e sinto a dureza do chão, a dormência em meu ombro e quadril, a cabeça latejante e o estômago embrulhado, e são sensações tão comuns, que aprendi a conviver com elas em perfeita harmonia, mas hoje ao abrir os olhos uma nova sensação está presente, não é

algo físico, e não sei como explicar, mas é como se eu estivesse ansioso, à espera de alguma coisa ou de alguém.

O álcool está sendo cada vez menos eficaz, porque dessa vez eu me lembro de cada palavra dita diante dessa porta. Levanto-me do chão e espalmo minha mão contra a madeira e assim permaneço com a cabeça baixa antes de seguir para vagar por mais um dia.

Quando entro no estúdio, observo cada canto dele com atenção, porque ainda não estou habituado a vê-lo como está agora. Tento ignorar o efeito causado e caminho até minha mesa nos fundos e inicio meu trabalho, abro meu e-mail para verificar todas as mensagens e começar a respondê-las com orçamentos, propostas, agendamentos, pagamentos, recebimentos...

Eu odeio fazer isso. Eu odeio! Foi exatamente por isso, que contratei alguém para o trabalho, para não ter que lidar com essa chateação e poder focar no que realmente sei e gosto.

Olho para o relógio e vejo que já são quase onze horas da manhã. Bato a caneta na mesa várias vezes enquanto acompanho os ponteiros se mexerem, pensando se vou até sua casa ou não.

Eu a demiti, mas, posso recontratá-la, tem alguma lei que diga que um funcionário não possa ser readmitido? De qualquer forma, será ridículo, o que vou dizer? Contudo é ainda pior fazer essa parte do trabalho.

Esquece, eu mesmo faço. Abro minha gaveta para pegar a pasta de recibos e vejo os dois desenhos que Agatha fez de mim, meus dedos param no ar e vacilo para não tocar naquelas folhas que dizem tanto mesmo não dizendo nada.

Fecho a gaveta, rapidamente, e lembro que não peguei a pasta de recibos.

Droga!

Abro novamente e tiro a pasta e antes de fechá-la, retiro os dois desenhos e os ergo até a altura do meu rosto.

O que ela realmente enxerga em mim?

Pensei que ela diria outra coisa quando perguntei do beijo. Não imaginei que ela desdenharia, ela parecia tão sincera quando me tocou e disse aquelas palavras.

Suspiro resignado, porque isso não importa, não importa mais.

Guardo os dois desenhos e volto para meu trabalho, porém, dois minutos depois, levanto-me e apanho a chave do carro para sair.

Digo a mim mesmo que será mais fácil se ela voltar a trabalhar aqui, em vez de eu ter

que sair atrás de outra pessoa.

Dirijo até sua casa e quando estaciono percebo como foi idiota ter vindo até aqui assim, eu poderia ter simplesmente ligado ou enviado uma mensagem. Agatha pode nem estar em casa.

Desço do carro, caminho até a calçada e paro. E se ela me disser mais um monte de desaforos e recusar? Agatha não vai aceitar, não depois de ontem, ela me repudia, eu vi em seus olhos.

Idiota. Isso foi muito idiota. Logo eu, que sei tão bem que o tempo não pode voltar, estou aqui.

Recuo para meu carro, porém, antes olho para sua casa novamente e aquela sensação continua presa dentro de mim. Repito, agora em voz alta que não importa, não importa mais.

No caminho meu telefone começa a tocar e rapidamente o tomo em minhas mãos, imaginando que talvez seja Agatha pedindo pelo emprego de volta e assim me poupando de uma cena canastrona, mas não é, o nome Roger aparece no visor. Deixo o telefone tocar e continuo a dirigir.

Em casa, meu telefone volta a gritar em minha orelha e por fim o atendo.

— Fala.

— Porra, é assim que atende seu amigo?

— Roger, diz o que quer, estou ocupado.

— Quer sair para beber alguma coisa?

— Não, era só isso?

— Só isso? Não vai nem me dar uma desculpa para recusar?

Fecho meus olhos e levanto minha cabeça, Roger às vezes parece-se com uma garota, querendo motivos para tudo.

— Depois de tantos anos ainda precisamos desse tipo de formalidade, Roger?

— Porra, cara! Estou sentindo falta do meu amigo, queria sair para beber alguma coisa, já que não posso entrar na sua casa.

— Você parece uma garota.

— Sou sua garota. E aí, vamos sair?

— Não.

Ele fica em silêncio e de todos, Roger é o que tem um talento especial em fazer com

que eu me sinta culpado.

— *Ok.*

— SÉRIO?

— Roger, qual o seu problema? Você é sempre esquisito, mas hoje está superando-se.

— Não é nada. Convide Agatha também, ela pode ir com você.

— Por que eu faria isso?

— Porque ela está aí, e também é minha amiga.

— Se sua intenção é dar uma festa, avise agora, que minha resposta voltará para um sonoro “não”.

— Só pensei que seria educado chamá-la.

— Se quiser sair comigo para beber, *ok!* Se for para dar uma festa, não me ligue.

— Tudo bem, tubo bem! Encontre-me umas nove da noite naquele bar que sempre íamos.

— Estarei lá.

Encerro a ligação e balanço a cabeça algumas vezes, Roger está cada dia mais estranho.

Finalmente, foco minha atenção nas tarefas e consigo fechar mais alguns trabalhos para daqui alguns dias, são projetos grandes, mas fáceis e que posso fazer aqui dentro do estúdio e me renderão um bom dinheiro.

O trabalho me distrai, mas mesmo assim, seus olhos voltam a minha memória algumas vezes ao dia, ligeiramente os afasto de minha mente e volto para os diversos afazeres que tenho.

Já no fim da tarde, descarrego as fotos dos carros antigos de Yuri no computador para começar a tratá-las e enviar para sua aprovação, é um trabalho que demanda técnica, mas principalmente um olhar artístico, é o fim do processo e é algo que gosto de fazer tanto quanto clicá-las.

Quando me dou conta do tempo, vejo que está bem perto das nove. Levanto-me e pego minha jaqueta saindo para encontrar com Roger no bar que frequentamos desde o começo da vida adulta.

Chego antes dele e escolho uma mesa no canto mais distante, peço por uma dose de uísque e sento-me sozinho alheio a todas as vozes que começam a me rodear. Apesar de estar no lugar mais distante, daqui ainda posso enxergar cada pessoa que passa pela porta e depois

de uns quinze minutos, vejo Roger passar e vir até mim.

— E aí, cara! — Ele ergue a mão e bate contra a minha. — Está tomando o quê?

— Uísque.

— Vou pedir uma cerveja.

Ele ergue o braço e logo tem uma garrafa de cerveja à sua frente.

— Você está bebendo todo dia?

— Roger, mas que merda, você me chama para *beber*, e quer saber se *bebo* todo dia?

Se acha que estou bebendo em exagero, deveria ter me convidado para ir ao cinema.

Ele explode num ataque de risos, entretanto, o que faço é arquear uma das minhas sobrancelhas.

O que deu nele? Por que está agindo assim?

— Seu humor está cada vez melhor, Obe. E o estúdio, seus clientes voltaram?

— Alguns. Não posso reclamar, o dinheiro que estou recebendo é maior do que eu esperava.

— Isso é ótimo, cara! Fico muito feliz que tudo está voltando ao mesmo ritmo. E Agatha?

— O que tem ela?

— Ela está se saindo bem... é... no trabalho? — Ele tosse e leva as mãos a boca no fim da frase.

Ele não sabe que a demiti. Que merda! Como posso dizer de um jeito que ele não comece a chorar no meu colo?

— Eu... eu...

— Você... — ele abre um sorriso imenso e se aproxima mais de mim, em expectativa.

— ... a demiti.

— O quê? — grita. — Por que fez isso? Que droga, Obe! Porra, eu achei que estavam se dando bem.

— Vai chorar? Porque ela não o fez. Você vai fazer?

Roger estreita seus olhos e aperta os lábios. Em seguida passa a mão no telefone, disca um número e logo começa a falar.

— Amor, cancela... cancela, entendeu... beijos.

— Você vai sair com sua namorada? Não precisa cancelar por minha causa.

— Hã?! Ah, não é isso, eu passo na casa dela quando sair daqui. Vou ao banheiro e volto já.

Assinto e ele sai. Que porra deu nele hoje? Desisto de pedir por doses para o garçom e peço uma garrafa, logo que meu copo está cheio outra vez desvio meu olhar para a porta e começo a contar cada pessoa que sai ou entra por ela. E então sinto aquela sensação de novo, a mesma ansiedade que senti pela manhã.

— Agatha — sussurro.



CAPÍTULO NOVE

Agatha

Depois de falar com minha mãe, decido que a hora de ficar aqui sentada olhando para o nada acabou. Então, levanto-me e sigo para o banho, quando estou no quarto, recém-saída do banho, ainda com uma toalha enrolada no corpo e outra na cabeça, ouço o carro de Eli estacionar na garagem e logo percebo seus passos encaminhando-se para dentro de casa.

— Tha? — Ela chama, assim que abre a porta.

— Quarto — respondo.

— E aí?

— E aí, o quê? — questiono, quando ela se joga na cama.

— Como foi seu dia com ele? Estou curiosa, quero saber tudo...

Como dizer a ela que não houve dia com ele? Porque ele não faz parte do meu dia, assim como eu não faço parte do dele.

— Normal.

— Normal, como? Não importa, você me conta no caminho, senão vamos nos atrasar. Vista uma roupa linda, não esses conjuntos sociais de trabalho.

Ela está eufórica sobre a minha cama, mas eu continuo parada observando-a sem entender absolutamente nada do que está acontecendo.

— Vai, Agatha. Põe uma roupa linda, porque vamos sair hoje à noite.

— Eli, você está louca? Eu vou vestir um pijama e deitar, isso sim. Não há nada que me tire de casa hoje à noite — digo.

Sigo para meu armário e tiro dele o pijama mais confortável que encontro e quando volto para a cama Eli está com uma expressão que caminha entre a raiva e o total desconsolo.

— Não acredito que não vai sair comigo hoje. Roger e eu estamos tão felizes e queríamos dividir com você, mas está certo, é assim que as pessoas são, fazendo-se de amigas por todos esses anos — diz e baixa a cabeça. Dramática. O prêmio de melhor atriz dramática vai para Elizabeth.

— O que aconteceu para estarem tão felizes?

— Se sair comigo eu te conto.

— Ah, Eli! Sério? Quer sair mesmo?

— Sim, eu quero.

Suspiro resignada e vencida em batalha, volto para meu armário e escolho uma nova roupa, dessa vez visto um vestido preto justo de um ombro só. Eli sai para seu quarto para banhar-se e trocar de roupa e nesse meio tempo seco meus longos cabelos castanhos e os cacheio, deixando-os soltos e com volume. Passo uma maquiagem simples, apenas curvando meus cílios e passando sobre meus lábios um batom num tom leve de rosa que combina muito com meu tom de pele latina.

Completo calçando sandálias na cor preta com saltos altíssimos e estou pronta para sair com Eli e Roger, seja lá para onde querem ir. Saio do meu quarto e caminho para o de Eli e ela está pronta. Eli é sempre mais rápida que eu para se arrumar, e muito disso se deve aos cabelos curtos num corte moderno que ostenta sobre sua cabeça.

— Vamos? — ela pergunta.

— Sim.

— Tha, não precisa se preocupar que pagamos a sua conta, sei que está sem dinheiro e só vai começar a receber daqui uma semana.

Ah, Jesus! Melhor eu dizer de uma vez que não tenho mais emprego.

— Na verdade... eu não estou trabalhando, fui dispensada e Oberon pagou meus dias.

— É o quê? — Seus olhos parecem saltar do rosto. — Por quê? O que aconteceu? É por causa do beijo?

Ergo minha mão para ela se acalmar e perguntar uma coisa por vez.

— Não é pelo beijo, o beijo foi depois de ser demitida. Eu disse a ele que entrei em sua casa e... ele não gostou muito de ter tido sua privacidade violada... então, pagou meus dias e

me dispensou.

Ela continua olhando para mim, em silêncio, depois corre até sua cama, pega seu celular e começa a discar um número.

— Para quem vai ligar?

— Roger.

— Não, Eli. Você vai dizer o que para ele? Eu não sou uma criancinha que precisa desse tipo de proteção, não quero Roger falando com ele sobre isso.

Ela baixa o aparelho e suspira antes de falar comigo.

— Você o beijou depois disso?

— Sim.

— Hum!

— O que é “hum”?

— Nada, acho que isso não importa, é até melhor. Vamos, não quero me atrasar marquei com Roger às nove.

— Você está estranha hoje, o que está tramando?

— Eu? Nada. Vamos.

Ela agarra minha mão e saímos em direção ao seu carro. No caminho pergunto para onde estamos indo e ela diz que é para um bar do outro lado da cidade, um que Roger frequenta há muitos anos.

— E por que vamos para esse? Tem tantos bares novos que não fomos ainda...

— Ele quer esse...

— Nossa, como estão misteriosos, hein? Estou começando a ficar assustada com tanto suspense.

— Não fique, vamos nos divertir muito hoje e...

Seu telefone começa a tocar e é Roger quem a chama, ela atende no segundo toque.

— Oi, amor... cancelar? Por quê? Roger, Roger... — Ela olha para o telefone com a chamada encerrada por ele, estupefata. — Não vou cancelar nada — murmura.

— O que houve? — pergunto.

— Nada. Achei, é ali. — Ela aponta para um bar pequeno, mas com uma aparência bem receptiva do outro lado da rua.

Depois de estacionar, seguimos para o tal bar, passa das nove e assim que atravessamos

as portas do lugar vejo que está lotado, muitos homens e mulheres dividem o espaço com seus copos cheios nas mãos, algumas mesas espaçam-se entre os cantos para os que só querem conversar e beber, enquanto tantos outros ficam de pé e divertem-se ao som da música. Olho para todos os lados a procura de Roger, mas não o avisto em lugar nenhum, aproximo-me mais de Eli e pergunto a ela por seu namorado, que dá de ombros e continua a caminhar olhando para todos.

— Onde ele está? — murmura, com a cabeça erguida procurando por ele. — Ali, acabei de achar.

Ela aponta suavemente em direção a uma mesa no fundo e quando encaro para o lugar onde ela cita, meu coração acelera e sinto minhas pernas sucumbirem por um instante.

— Eli?

— Ah, esqueci de dizer que Roger chamou Oberon também — diz, com um sorrisinho falso no rosto.

— Por que fez isso, Elizabeth? Acabei de contar que fui demitida e você o convida sem me avisar. — Seguro seu braço e imploro por uma explicação.

— Desculpa, mas é que você é minha amiga e Oberon é amigo do Roger, e queríamos vocês dois aqui.

Solto seu braço e fecho meus olhos por um segundo, enquanto decido se vou embora ou continuo aqui. Quando abro e olho na direção de Oberon novamente o vejo encarando-me com um copo nas mãos na altura dos lábios, estático.

Nossos olhares se prendem, e o dele parece tão incomodado quanto o meu. Não desviamos um do outro e o magnetismo que nos prende só é quebrado quando ouço a voz de Roger ao lado de Eli.

— Eu disse para não vir, amor!

— Sei disso, mas não me importa, quis vir mesmo assim. E aí, vamos poder sentar com vocês?

— Você é muito impulsiva, sabia?

— Sabia, por isso você me ama. — Eli responde. Roger lhe beija suavemente no rosto e segurando a sua mão a encaminha para a mesa onde Oberon está. Eu o sigo também, hesitante.

— Obe, Eli sabia que estávamos aqui e quis vir me ver. — Roger informa a Oberon, que a cumprimenta com um aceno de cabeça.

A mesa tem quatro cadeiras, Eli senta-se ao lado de Roger e a única cadeira restante é ao lado de Oberon.

— Espero que não esteja atrapalhando o papo de garotos? — Eli diz, num tom brincalhão e Oberon esboça um meio sorriso para ela, educado.

— Vai ficar de pé? — Oberon pergunta a mim.

Eu balanço a cabeça respondendo “não” e sento ao seu lado, meu vestido é justo e curto, assim que me acomodo na cadeira, sinto a necessidade de puxar a peça mais para baixo para esconder um tanto de pele a mostra.

— O que vão querer beber? — Roger questiona.

— Quero cerveja também. Agatha um refrigerante? — Eli olha para mim e eu aceno positivamente.

— Peça uma cerveja, Agatha. Vamos brindar mais tarde.

— Posso brindar com refrigerante, Roger. Você sabe que não gosto de beber.

— Não? — Oberon indaga. Inclinando a cabeça para mais perto de mim.

— O que querem comemorar? — pergunto para o casal, ignorando o comentário do meu ex-chefe.

Os dois se entreolham e sorriem um para o outro, enamorados. Deixando Oberon e eu ainda mais constrangidos.

— Vamos dizer quando todos estivermos com nossas bebidas.

E assim que as bebidas chegam, Roger pede para levantarmos nossos copos e diz:

— Hoje, Eli e eu estamos aqui com nossos melhores amigos para dividir algo que é muito importante para nós dois, depois desses três anos de relacionamento nosso amor só aumentou e por isso decidimos que o próximo passo é algo que desejamos muito...

Ah, não! Eu sabia que essa hora chegaria, a hora de dizer adeus a minha amiga.

— ... desejamos que todos os nossos dias sejam dedicados um ao outro, e por isso decidimos nos casar.

O sorriso que Eli carrega no rosto é iluminador, ele irradia alegria e paixão por todos os cantos desse recinto e vê-los com tanto amor transbordando de seus corações faz com que eu me sinta privilegiada em ter amigos tão queridos, mas ao mesmo tempo, traz a mim uma certa tristeza, em saber que logo estarei por conta na vida, dividir esses anos ao lado de Eli foi reconfortante demais, chegar a uma cidade onde não conhecia nada nem ninguém e por muito

tempo ela foi meu único alicerce aqui. Sei que nossa amizade continuará, mas será diferente agora, vou precisar respeitar seu tempo com seu futuro marido e vou precisar aprender a caminhar sozinha.

— Não fica com essa cara, Agatha. Você não está feliz por mim?

— É claro que estou feliz, não só por você, mas por Roger também. — Ergo-me da cadeira e vou até os dois para abraçá-los. — É que agora não seremos nós três, serão apenas vocês dois, e só quando tiverem tempo é que lembrarão de mim.

— Não seja ridícula, Agatha. Vou reformar os cômodos no fundo da minha casa para levar você também. — Roger diz e eu começo a rir, pois tenho certeza que foi Eli quem disse a ele algo do tipo.

— Não sou um cachorro sem dono, não preciso de uma casinha nos fundos da sua, pode dizer isso à sua mulher, pois tenho certeza que ela disse que só aceitaria se casar com você se arrumasse um lugar para mim.

— Que mal tem isso? A casa dele é grande e tem espaço para você viver lá também.

Eu abraço ainda mais apertado Roger e em seguida Eli, depositando neles todo o carinho e afeto que tenho pelos dois.

— Não precisam se preocupar comigo. Eu sei me virar. E agora não é hora para discutirmos isso, vamos comemorar esse casamento. E para quando estão pensando?

— Em dois meses. — Os dois respondem em uníssimo.

Por essa eu não esperava, por que casar tão rápido?

— Você está grávida? — sussurro a pergunta.

— É claro que não — respondem, rindo.

— E por que vão casar assim, nesse desespero?

— Porque estão apaixonados, porque já estão juntos há três anos e porque perceberam que não querem e nem precisam ficar separados. — Oberon diz e nós três viramos para ele. — Desejo que sejam felizes.

— Valeu, Obe! Nós seremos.

Volto a sentar, enquanto Roger pede mais uma bebida para ele e Eli, já que eu estou tomando um refrigerante e Oberon está com uma garrafa de uísque.

Com Roger na mesa a conversa flui calma e divertida, ele é do tipo que fala e responde pela maioria de nós, então a mudez seletiva de Oberon não causa nenhuma espantes na mesa.

Eu, que estou sóbria, acompanho a alteração nas nuances de suas falas e gestos, Roger e Eli estão caminhando para um estado de agitação e conhecendo-os como conheço é questão de minutos para estarem de pé no meio da pista dançando colados um ao outro.

— Vamos dançar? — Eli pergunta.

— Vamos — Roger responde.

Aí, está. Hora do show!

— Vamos, Agatha?

— Podem ir, eu vou daqui a pouco.

Eles aceitam e seguem embriagados de amor e álcool para a pista de dança, eu os acompanho com meus olhos perguntando-me se um dia terei alguém que me ame como Roger ama Eli. E por um tempo me esqueço que estou sentada ao lado de Oberon, só me lembro quando ouço a profundidade de sua voz ressoar próximo ao meu pescoço e todos os pelos do meu corpo se eriçam.

— Não parece que ficou feliz por eles. — Afasto-me, assustando com sua proximidade.

— É claro que estou feliz por eles. Não estou feliz por mim.

— Por que não está feliz por você?

Abaixo a cabeça, pensando nas palavras certas para dizer.

— Porque eles são tudo o que tenho nessa cidade, mas eu sei que preciso me afastar dando-lhes espaço para viverem suas vidas como um casal, não posso ser tão dependente dos dois e não tenho o direito de ser egoísta, querendo-os sempre comigo.

— Você tem medo de ficar sozinha?

Ouvir essa pergunta de alguém que escolheu a solidão como sua melhor amiga pode parecer ridículo, mas respondo mesmo assim.

— Sim.

— Você não está sozinha, não de verdade, para sentir que porque seus amigos vão se casar seja uma porta aberta para seu isolamento.

— Não disse isso.

— Sim, você disse isso. Disse que estará sozinha, abandonada à própria sorte numa cidade que engolirá você viva assim que eles disserem sim um para o outro.

— Eu não disse isso — repito, enfática.

Ele pega seu copo na mão e sorve um grande gole de sua bebida.

— Acho que você é bem grandinha para aprender a andar com as próprias pernas.

Abro minha boca, chocada, com suas palavras.

— Quem é você para saber se ando ou não com minhas pernas? Você me conhece há alguns dias e não tem o direito de me falar essas coisas.

— A recíproca é verdadeira. Você também me conhece há alguns dias, mas isso nunca impediu sua boca de matracar na minha orelha.

Esse homem é muito irritante.

— Eu estava calada, foi você quem puxou papo comigo. E por que foi até a minha casa pela manhã? O que você queria?

— Não fui.

Solto uma risada irônica.

— Devo estar vendo coisas então, porque tenho certeza que era seu carro e tenho certeza que era você de pé em frente à minha casa.

— Provavelmente está.

— Vou dançar — digo, encerrando a conversa.

Levanto e deixo minha bolsa sobre a mesa e quando me viro para seguir Roger e Eli, sinto sua mão agarrar meu punho.

— Deixe-os se divertir. Por que vai até lá? Acho que eles não querem dançar a três.

— Solta meu braço. Quem disse que vou dançar com eles?

— Vai dançar sozinha? — ele pergunta, com olhos estreitos.

Olho ao redor e vejo vários homens sem acompanhante.

— Tenho certeza que encontro um par bem rápido na pista.

Ele balança a cabeça e encara meu rosto, em seguida solta meu braço, fazendo um gesto indicando que eu fique à vontade. E é o que eu faço.

Esse homem me leva do céu ao inferno em apenas algumas palavras.

Ando confiante sobre meus saltos e avisto Roger e Eli, seguro a vontade de ir até eles e caminho para o lado oposto parando no meio da pista. Agora que cheguei aqui, não tenho nenhuma vontade de dançar, muito pelo contrário tenho vontade de dar meia volta e retornar para minha cadeira, ou ainda melhor, tenho vontade de pegar minha bolsa e ir embora.

Fico por alguns segundos parada na pista e sei lá por que viro meu corpo em direção à mesa onde Oberon está e o vejo com uma mão sob o queixo observando-me atentamente.

Que merda! Bom, quem está na chuva é para se molhar.

Começo a dançar timidamente em meio as pessoas e logo um belo exemplar masculino se aproxima de mim e acompanha meus movimentos.

— Posso dançar com você? — ele diz.

Meneio minha cabeça afirmativamente e ele chega mais perto de mim. Eu danço, ele dança, mas não me toca, até porque ele pediu para dançar não para me tocar, só por isso permiti. A música se torna mais dançante e aos poucos nós dois sentimos a batida, deixando-nos envolver pela melodia.

Dançamos uma, duas, três, e perco a conta da quantidade de músicas que dividimos, quando estamos cansados ele me chama até sua mesa e me oferece uma bebida.

— Não, obrigada. Vou voltar para minha mesa, estou com alguns amigos — respondo, apontando para a mesa onde estava. Ele segue com o olhar meu dedo e ergue uma das sobrancelhas, antes de sorrir.

— Hum! Você é amiga do Obe?

Cristo Rei! Será que todo lugar que eu vou, tem um amigo dele?

— E você, é amigo dele? — indago.

— Com certeza, não. Mas, a maioria das pessoas que vem até aqui se conhecem, nem que seja de nome.

— E você o conhece só de nome?

— Não, estudamos juntos na mesma faculdade, e a maior parte do pessoal frequenta esse bar desde então, mas não temos nada além disso em comum.

E isso eu posso notar com meus próprios olhos, o homem diante de mim é o oposto de Oberon.

— É uma pena que esteja acompanhada. Quem sabe numa próxima posso te pagar uma bebida.

— Sim, quem sabe — falo, oferecendo um sorriso educado.

Ele tira um cartão do bolso e o entrega para mim, depois disso se despede com um beijo no meu rosto.

Quando estou voltando para minha mesa, noto que Roger e Eli voltaram também e Oberon continua com a mão sob o queixo encarando cada passo que dou.

— Tha, sua danada, encontrou um bofe para dançar e ganhou até beijinho, hein? — Eli

diz, assim que me sento.

Abro minha bolsa sobre a mesa e guardo o cartão.

— Vocês vão demorar? Eu vou embora, posso ficar com o carro de um de vocês? — pergunto para Eli e Roger, como vim de carona com Eli eles podem voltar em apenas um carro.

— Ah, não! Por que quer ir tão cedo?

— Posso ou não? Senão peço um táxi.

Eli e Roger olham um para o outro, deixando-me na expectativa.

— É que... temos trabalho bem cedo amanhã, então, Roger vai para a casa dele e eu para a nossa, precisamos dos dois carros, espera mais um pouco e volta comigo. — Eli diz.

— Ou Oberon te leva... e aí, você pode dar uma carona para ela, Obe? — Roger pergunta e minha vontade é dar uma voadora em sua cabeça.

— Não precisa, vou de táxi. Fiquem aí e divirtam-se — digo, já de pé.

— Sim, eu posso.

— Valeu, cara! Vamos ficar mais um pouco aqui. Obrigado por ter vindo.

Ele se levanta e antes toma mais uma dose de sua bebida.

— Não vou com você.

— E por que não?

— Olha a quantidade de álcool que você ingeriu, nunca ouviu a frase *se beber, não dirija*?

— É sério? — Ele pergunta.

Eu viro para Roger e Eli, os dois intercalam seus olhares entre mim e Oberon.

— É claro que é. Eu nunca andaria de carro com alguém que virou praticamente uma garrafa inteira, ainda por cima de uísque, que é uma bebida fortíssima.

Eu o vejo fechar os olhos e morder um canto do lábio antes de soltar o ar pela boca, claramente ofendido. Em seguida, levanta-se e deixa uma nota de cem sobre a mesa, ao passar por mim para ir embora, diz:

— Você pode voltar de táxi.

— Está explicado por que ela foi demitida, amor! — Eli diz para Roger.

— Vocês não têm um pinga de amor por minha vida, não é? Olha a quantidade de uísque que ele bebeu. — Ergo a garrafa e mostro para eles.

— Não estamos falando do uísque, Agatha. — Eli continua meneando sua cabeça.

Deixo-os para trás e saio do bar, fico na porta à espera de um táxi, porém como *nenhum* passa, chamo um por meu celular, que em menos de cinco minutos para na porta para eu entrar.

Ele segue o caminho da minha casa com a calma costumeira de um taxista em bandeira dois, depois do que pareceu uma eternidade ele me deixa em casa. Pago a corrida e desço abrindo minha bolsa para procurar minha chave.

Distraída, caminho pelo jardim e quando estou próxima da porta de entrada, quase desmaio de susto ao ver Oberon sentado no chão.

— O que está fazendo aqui?

— Estou inteiro.

— De novo, o que está fazendo aqui?

— Mostrando para você que se tivesse vindo comigo também chegaria inteira.

— Você está bêbado, só um cara bêbado atravessaria a cidade para me dizer isso.

— Não estou bêbado o suficiente, você já me viu bêbado, e sabe que isso não chega nem perto — diz, apontando para si mesmo.

— Isso não importa. Obrigada por me mostrar que está suficientemente sóbrio e que pode dirigir em segurança pela cidade. Agora se me der licença. — Indico para ele se levantar e eu conseguir passar.

Oberon ergue seu corpo do chão e me dá passagem, passo por ele e enfio minha chave no buraco da fechadura e quando vou dar a primeira volta, ouço-o dizer:

— Você quer seu emprego de volta?

Minha respiração desaparece e minha mão aperta a chave contra a porta.

Ah, Deus! Eu ouvi direito? Solto a chave e viro-me lentamente para ele.

— O quê?

— Se não ouviu, não é nada.

— Eu ouvi.

— Então, ótimo. — Ficamos os dois com olhares cruzados na mesma intensidade.

É por isso que estive aqui pela manhã, para me oferecer o trabalho de volta? Não respondo nada, apenas observo seu rosto e vejo um misto de ansiedade e desdenho, posso perceber que metade dele quer que eu aceite e a outra metade não.

Parece que ele luta contra um dragão que o consome de dentro para fora, com cada vez mais intensidade. É aterrorizante olhar para Oberon e saber que vive dessa forma, apreensivo em falar com as pessoas ou de se expor.

Aquele forte sentimento empático retorna quando percebo que está falando comigo sem se esconder detrás daquela armadura que só o fará sufocar até a morte.

— Por que está oferecendo o trabalho novamente?

Ele engole a seco e pisca algumas vezes, mas não me responde, e dessa vez não consigo captar o que ele está sentindo de fato. Então, decido terminar com sua ansiedade.

— Eu agradeço, mas, acho que não vai funcionar.

— Por que não? — questiona.

— Porque eu não consigo conversar com você sem batalhar e, o mesmo se aplica a você quando fala comigo — respondo, sorrindo, só me dando conta agora que nossas conversas desde a hora que me demitiu sempre caem num tom nada amistoso.

Como poderia trabalhar para ele depois de um beijo e tantas farpas trocadas?

— Talvez se você falar menos, funcione.

Eu sorrio ainda mais abertamente, com seu comentário impertinente.

— Talvez se você for menos irritante, funcione.

Ele coloca as duas mãos na cintura e morde um canto da boca e posso ter visto um quase sorriso.

— Vou precisar contratar alguém de qualquer forma, poderia ser você. Como vai pagar por essa casa sem trabalho?

— Não vou, vou me mudar antes de Eli e Roger se casarem.

— E você vai para onde?

— Não sei ainda, não pensei.

— Estamos brigando, agora? — ele pergunta e dá alguns passos ficando a uma distância mínima de mim.

— Não. Estamos conversando como pessoas normais e civilizadas.

— Se fizermos assim no trabalho, você acha que funcionaria?

— Talvez sim, talvez não.

Ele dá mais um passo e agora apenas alguns centímetros nos separam. Ele é mais alto que eu, então preciso erguer minha cabeça para continuar olhando-o diretamente.

— Seus olhos são bonitos — ele diz.

— Obrigada — sussurro, intimidada com a proximidade de nossos corpos.

— Por que você me beijou?

A mesma pergunta de antes. Não posso negar novamente, como fiz quando estávamos no carro. Mas, também não sei o que dizer.

Como posso explicar que estava bêbada, comovida e atraída por ele e, por tudo o que o envolve, por isso, não fui capaz de controlar um impulso e acabei beijando-o.

— Eu não sei, desculpe.

— Você não sabe?

Balanço minha cabeça negando enquanto ele solta um suspiro e lança um olhar gélido em minha direção.

— Por que você quer tanto um motivo? — questiono.

— Você sentiu aversão?

— O quê? Não, é claro que não, por que está pensando isso?

— É só olhar para mim. — Ele diz, baixando a cabeça por um segundo.

— O que você está dizendo, Oberon?

Não posso acreditar que ele possa pensar assim de si mesmo. Que sua dor e amor pela mulher morta lhe traga todo tipo de sofrimento e arrependimento eu ainda consigo entender, nem todos passam pelo luto da mesma maneira, alguns passam por ele por dias, outros por meses e alguns por anos. Mas, daí ele pensar que as pessoas sentem aversão ao olhá-lo ou tocá-lo, leva-me a um estado de consternação profunda.

Seguro seu rosto entre minhas mãos e o encaro antes de dizer com toda a firmeza que tenho dentro de mim:

— Não senti aversão e não vou sentir nunca. E duvido que qualquer outra pessoa o sinta estando perto de você.

Seus olhos perscrutam toda a minha face com calma e cuidado, percebo sua respiração se acelerar sob o meu toque e seus lábios entreabrirem. Antes que eu faça alguma coisa estúpida novamente, solto seu rosto e me afasto bruscamente.

— Obrigada por me oferecer o trabalho novamente... eu vou pensar, boa noite.

Vou para a porta outra vez e termino de destrancá-la, quando giro a maçaneta sinto sua mão em meu braço virando meu corpo com força, deixa-me de frente a ele e dessa vez sem

nenhum prévio aviso é ele quem me encosta contra a porta e cola seus lábios nos meus.

Sinto seu toque e sabor e noto que mesmo ele tendo vindo até mim, ainda está inseguro de seu ato, mas só de senti-lo novamente contra minha boca, leva-me a um estado de torpor alucinante que me encoraja a aprofundar instantaneamente nosso beijo.

Suas mãos descem até a minha cintura, e as minhas sobem até o seu peito, quando minha boca abre o convidando a prová-la sem reservas, sinto minhas pernas fraquejarem mais uma vez, além da sensação flutuante em meu estômago, é como se eu estivesse descendo de uma montanha russa desgovernada.

Sua língua invade a minha boca e a minha invade a dele, numa frenética e ardente luta em busca de mais e mais e mais...

Nossos corpos dessa vez estão colados um no outro e não consigo entender como em segundos pudemos nos deixar sucumbir a esta fome desmedida. Nossas cabeças giram de um lado para o outro, nossas línguas dançam para dentro e para fora, sem rumo, sem direção. Sua barba resvala contra minha pele e a leve fricção dos pelos em meu rosto causa um arrepio que é delicioso.

Poderiam se passar minutos, horas, dias, meses e eu não me importaria de ainda estar aqui sendo beijada por ele. Como esse homem pôde pensar por um segundo que seja que alguém teria repulsa dele ou de seu toque?

É inebriante, simplesmente inebriante tê-lo contra mim, sendo tomada e invadida por um beijo sufocante. Eu não quero parar, quero sucumbir à falta de ar, mas não separar minha boca da dele, muito menos suas mãos de mim.

E assim ficamos por mais tempo que qualquer pessoa comum já conseguiu prolongar um beijo sem partir em busca de ar.

Até que lentamente, depois de muito tempo sinto seus lábios se afastarem dos meus e sua testa repousar sobre a minha.

Nossos olhares se prendem e nossa respiração, ofegante, demora a recuperar. Ficamos nos encarando, ofegantes e sem fala.

Eu agora não tenho a menor ideia do que isso significou ou do que significará em nossas vidas.

Finalmente, quando descemos da montanha russa de sensações, Oberon se afasta minimamente de mim, deixando que todo o calor que acabamos de compartilhar se dissipe no ar.



Afasto-me dela apenas o suficiente para sentir o vento frio da noite nos abraçar e separar nossos corpos. Seu olhar sorri para mim, seu rosto sorri para mim, seus lábios sorriem para mim.

Ela ergue uma mão para me tocar, mas eu recolho meu braço antes que seus dedos encostem em minha pele. Meu coração arde quando vejo seu sorriso puro e honesto começar a diminuir e pouco a pouco sua mão recuar, à medida que seu semblante se torna abatido.

— Por que me beijou assim? — murmura.

Eu gostaria de ter uma resposta clara para oferecer a ela, mas não tenho. Talvez a doçura de suas palavras tenha me atraído tal como o mel atrai uma abelha ou talvez sua implicância tenha me atraído tal como a luz de um vagalume numa noite escura, ou talvez sua ingenuidade, leveza e o pedido oculto de seus olhos dizendo que precisa de proteção tenham me seduzido e atraído tal qual uma ninfa a um sátiro.

De todas as razões que posso pensar nenhuma delas é real, nenhuma delas é falsa. Apesar disso não é algo que eu possa simplesmente soltar no ar, porque eu ainda não sei ao certo o porquê de estar aqui, e, não sei o que dizer para a doce mulher a minha frente.

Agatha vira o rosto, aborrecida, pelas respostas vagas e desconexas que saem da minha boca e depois de alguns segundos inspira o ar profundamente e começa a dizer a razão pela qual me beijou a primeira vez. Ela diz que não se arrepende de nada que fez e que queria fazê-lo novamente.

E isso me faz pensar que aos seus olhos eu deva parecer arrependido.

Seus lábios se movimentam e eu me concentro neles atentamente, enquanto a luz da varanda sobre sua cabeça traz uma luminescência singular a essa mulher; sua voz, seus lábios, seus olhos, brilham ainda mais. Ela é como um anjo batendo suas asas ao meu redor, sussurrando para a minha alma “Você consegue fazer qualquer coisa, você consegue”.

No entanto, a resposta que ela quer ouvir ainda não sou capaz de oferecer.

Não deveria ter vindo aqui, nem a ter beijado. Por que fiz isso?

Ajoelho-me no chão, percebendo o quão miserável é a minha vida. Eu não deveria ter

beijado outra mulher que não fosse a minha, mas a minha não está mais aqui, e eu estou... eu estou aqui...

Seguro minha cabeça e aperto o máximo que consigo, implorando para que alguma coisa aqui dentro faça sentido. Agatha também se ajoelha e agarra meus braços, tentando fazer minhas mãos afrouxarem o aperto contra mim.

— Esquece, não é como se estivéssemos três séculos atrás e um beijo fosse selar nossa união com um casamento. Fica tranquilo. Não foi nada, esse beijo não significou nada para mim e nem para você.

Suas palavras escorrem como sangue de uma ferida aberta, a minha ferida aberta e não cicatrizada. O anjo que me beijou agora faz a ferida abrir e jorrar sangue, encharcando meu corpo inteiro.

Afasto suas mãos de mim e a vejo me encarar esperando por uma resposta, eu sei que ela quer que eu desminta sua fala, eu sei. No entanto, minha cabeça dói tanto, meu peito dói tanto, meu corpo inteiro dói tanto, que eu só quero ir embora, não quero pensar em mais nada por hoje.

Levanto do chão e lhe dou as costas. Cambaleante, tropeço algumas vezes em seu gramado até conseguir avistar meu carro do outro lado da rua.

— Agatha, só vamos fingir que esse dia não existiu, nem esse, nem os anteriores.

É a única coisa que profiro antes de entrar no meu carro e sair sem destino. Dirijo sem saber para onde, enquanto meus braços e pernas movimentam-se mecanicamente.

Uma sequência de imagens, se misturam e repetem dentro da minha cabeça insistentemente. Elas vêm com força mostrando a mim o último beijo que dei em Lara antes de sua partida, antes de me deixar sozinho, vagando abandonado pelo mundo, aliada a ela o primeiro toque que recebi e dei em uma mulher que não era a minha, a calentura que senti naquele momento, as duas se embaralham e me levam a um vórtice de emoções, girando e girando, que me deixam tonto e sem capacidade de discernir sobre qualquer coisa.

Por que algo tão simples tem de ser tão doloroso, e por que soar como uma heresia?

Bato com a mão contra a minha cabeça tentando me livrar das imagens, das duas imagens. E quando dou por mim, estou em frente ao lugar onde não piso há exatos três anos e cinco meses.

Observo o pórtico com elementos góticos e vacilo sem saber por que estou aqui. Aperto minha camisa na altura do peito, desejando que a dor que irradia por todo o meu ser seja

arrebatada de uma só vez, como um *band-aid* puxado no susto.

Desço e caminho a passos arrastados, vagarosos, minhas pernas pesam mais de uma tonelada cada uma. Ultrapasso os portões de entrada da sua morada e passo por passo chego cada vez mais perto de sua atual casa.

A essa altura a única luz que ilumina a noite, é a da lua, tão clara e vistosa, que traz algo ainda mais melancólico a esse lugar.

Deixo meu corpo cair de joelhos defronte à sua lápide e leio os dizeres que escolhi para ela.

AQUI DESCANSA A MINHA ESTRELA
AQUI REPOUSA A MINHA AMADA
AQUI DORME A MINHA LUZ.

Meus dedos deslizam por cada letra. Talvez a dor seja tão forte e o calor que senti ao tocar Agatha seja tão incômodo, porque as duas coisas esfregam na minha cara que ainda estou vivo.

Mesmo querendo estar morto, ainda estou vivo.



CAPÍTULO DEZ

Agatha

O escolto sem que perceba, ele dirige sem destino, vira várias vezes nas mesmas ruas, não para em alguns dos semáforos, deixando-me cada vez mais aflita, decido dirigir ainda mais perto para abordá-lo e fazer com que desça e eu possa ajudá-lo.

Até que estaciona...

— Por que ele veio até aqui? — murmuro.

Vejo Oberon se embrenhar vacilante em meio as lápides, até que o assisto cair de joelhos em frente a uma delas, aproximo-me mais e paro atrás dele, o espaço que nos separa é tão curto que posso ouvir sua respiração ofegosa.

Não preciso pensar muito mais para entender quem ele veio ver. Sua falecida esposa está aqui.

Seus dedos vagam pela lápide, alisando cada palavra escrita nela. Sinto-me mais uma vez invadindo sua intimidade, não entendo por que estou sempre presenciando seus piores momentos, é como se um ímã me atraísse para ele a todo instante.

Seu peito sobe e desce, o ato de respirar aparenta lhe causar uma dor excruciante. Sinto a tristeza emanar dele e experimento uma vontade dominante de abraçá-lo e dizer que tudo vai ficar bem.

Estico minha mão a distância e a posiciono de uma forma que fique no mesmo ângulo de sua cabeça e a movimento para cima e para baixo desejando no fundo da minha alma que ele sinta o afago distanciando que ofereço.

Pouco tempo depois ouço o som do seu choro, um choro quase infantil, carregado de

tristeza e solidão. Seu corpo se curva e sua cabeça encosta em seus joelhos, enquanto suas mãos espalmam sobre a lápide cravada na grama.

É impossível não se comover presenciando uma cena como essa, se meu coração se magoa ao vê-lo ali, imagino como o dele esteja infinitamente pior.

Quando menos espero lágrimas começam a escorrer de meus olhos, elas molham toda a minha face, levo minhas mãos a boca, apressada, tentando conter qualquer som que saia de mim e interrompa esse momento que é somente dele e de mais ninguém.

Recuo a um espaço seguro para não ter perigo de ser pega e o observo de longe. Depois de muito tempo, seus soluços que ecoam por todo esse lugar, enfim, cessam. Mas, ele não se levanta para ir embora, Oberon se deita na grama ao lado da lápide e estica uma das mãos em direção ao céu. Instintivamente olho para cima e vejo algumas estrelas com um brilho radiante e penso que ele deva estar representando sua esposa em uma delas.

Baixo a cabeça e fecho meus olhos, ansiando para que minhas lágrimas também cessem. É hora de deixá-lo aqui.

Volto para meu carro e ao entrar ainda observo os portões do cemitério espantada por tudo que vi e senti aqui. Seco meus olhos antes de ligar o carro e dirijo de volta para casa, seguindo direto para meu quarto, deixando todos os questionamentos de Eli para trás. Não tenho nenhuma disposição para explicar tudo o que aconteceu e testemunhei hoje.

Deito na minha cama e olho para o teto por horas, buscando uma resposta que faça algum sentido.

Ele me beijou e depois foi para o cemitério. O que isso quer dizer? O que significa para ele? Ela morreu há três anos e no dia que me beija sai correndo para vê-la, por quê?

Ahhh! Minha cabeça vai explodir. Ele disse para esquecermos o que aconteceu hoje, mas eu não quero esquecer.

Eu não quero.



Quando abro meus olhos pela manhã, ainda estou na mesma posição do dia anterior,

deitada no centro da cama com a barriga para o alto, vestindo a mesma roupa e ainda calçada, não tenho ideia de quando adormeci. A primeira coisa que faço é observar o teto acima de mim, e a principal visão que vem a minha mente é a dele deitado ao lado daquela lápide olhando para as estrelas.

Respiro fundo e levanto para tomar uma ducha, experimento meu corpo pesado e cansado, é como se eu tivesse sido atropelada por um rolo compressor, é assim que me sinto. Emoções e sentimentos são muito mais agressivos e destrutivos que acidentes físicos. Penso enquanto me banho que a dor de um ferimento físico aberto é mais rápida de cicatrizar que a dor de um ferimento na alma.

Visto-me de um sorriso que não alcança meu coração e saio do meu quarto em direção a cozinha para comer alguma coisa e começar um novo dia. Quando entro avisto Roger e Eli tomando café juntos.

— Bom dia. Vocês não disseram que precisavam dos dois carros ontem, por que estão juntos aqui? Onde você estava Roger que não o vi ontem à noite quando cheguei?

— Bom dia, escondido dentro do armário — responde, brincalhão.

— Vocês dois... — sento e encho um copo com suco e pesco algumas fatias de presunto para fazer um lanche.

— Por que não me contou que ele havia te demitido, Agatha? — Roger indaga.

— O que adiantaria? — digo, enquanto mastigo.

— Oberon está cada dia pior, não sei mais o que fazer, ninguém sabe. — Roger diz e esfrega as mãos no rosto. — Ítalo quer levá-lo até um médico, à força.

— O quê? Por quê? — Solto meu lanche sobre a mesa e me viro para ele.

— Porque nada surte efeito com ele. Nada o faz interagir com as pessoas ao seu redor. Você não viu ontem? Ele mal falou conosco e depois foi embora daquele jeito.

Franzo meu cenho discretamente, lembrando de Oberon ter vindo até mim, ter me oferecido o emprego novamente e ter me beijado, naquele momento parecia que estávamos interagindo bem.

— Ele ainda não foi ver o pai, recusa-se a deixar alguém entrar em sua casa, mal fala com seu irmão e quanto mais eu tento aproximá-lo de mim, mais ele escorrega por meus dedos. Oberon precisa de alguns remédios, não tem mais nada de possamos fazer por ele. — Roger diz isso com uma naturalidade que me faz querer sacudi-lo.

Giro meu corpo para ficar o mais perto possível dele, para que me ouça com muita

atenção e então começo a dizer:

— Remédios? Talvez vocês o estejam pressionando além do que ele suporta. Pelo que sei Oberon ficou sozinho todos esses anos, mesmo assim decidiu voltar pelo bem do pai, não foi? E agora que voltou, vocês querem que ele aja da mesma maneira de antes, como se nada houvesse acontecido e tudo estivesse bem? Vocês não o respeitam!

— Calma, Agatha. Só queremos o bem dele.

— Eu sei, mas não acho que levá-lo à força para um psiquiatra seja o melhor tratamento.

— E o que sugere, doutora Agatha? — fala, cruzando as mãos sob o queixo.

— Não sei. Talvez ele só precise de alguém que o entenda e o distraia — murmuro.

Roger começa a rir e devolve sua atenção a comida à sua frente e toma mais um gole de suco.

— Se ele não se distraiu com você, Agatha. Não imagino mais quem o possa fazer.

— O que quer dizer? — pergunto, sem entender.

— Desculpe, não leve pelo lado pejorativo, mas é que você é tão divertida e atrapalhada que ocupa nossos dias da melhor maneira, mesmo nos cansando às vezes.

Torço o nariz antes de responder.

— Não acredito que disse isso. Sou o quê? Um bobo da corte? Ele me conhece há pouco tempo.

— Isso não faz nenhuma diferença, você é a mesma pessoa desde o primeiro minuto que a conheci. — Ele diz, piscando para mim.

— Se você não estivesse de casamento marcado com minha melhor amiga para daqui dois meses, pensaria que está tentando me cantar. — Sorrio e dou outra piscadinha para ele.

— Ei! Podem parar vocês dois. — Eli reclama e logo estamos os três rindo

— Bom, estamos atrasados, tenho que estar na clínica em vinte minutos, depois vocês conjecturam mais a respeito do tatuado mal-humorado.

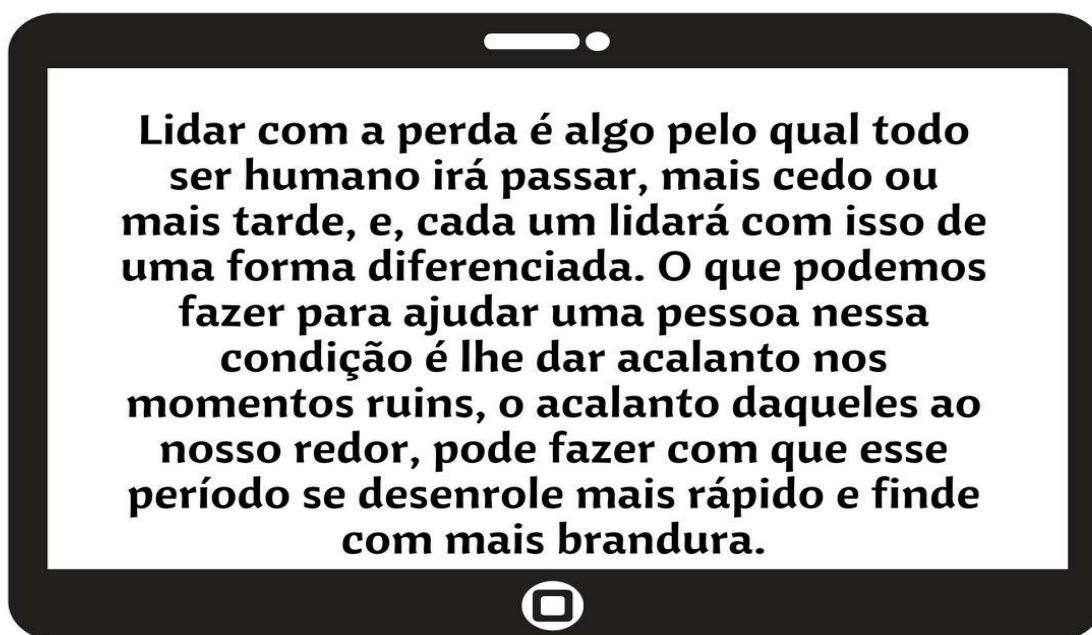
Eli vem até meu lado e estala um beijo no meu rosto, Roger faz o mesmo no outro lado. E eu fico sentada sozinha nessa cozinha que em breve terei de me despedir.

E estar sozinha está se tornando um dos momentos que mais detesto, porque Oberon invade meus pensamentos com tanta veracidade que às vezes acho que ele está, de fato, na minha frente.

Que ideia péssima a deles em levá-lo à força para um tratamento, que tipo de ajuda é essa? Os homens, às vezes, têm uma maneira brusca demais de resolver as coisas. Tão brusca que pode causar mais danos que solução.

Volto para meu quarto e ligo o notebook para pesquisar sobre o luto e fico surpresa com o que descubro. As diversas fases do luto são para todos que passaram por uma perda dolorosa, mas a periodicidade delas não, cada pessoa passa por elas num determinado tempo e de determinada maneira. Suspiro conformada com o que leio.

Depois de visitar vários sites e ler a opinião de vários psicólogos, um deles chama a minha atenção com a seguinte instrução.



Acalanto? Que acalanto Oberon teve? Nenhum, ele partiu assim que sua mulher morreu e ficou sozinho por todo esse tempo, remoendo a cada dia sua morte, ele está estagnado, para ele é como se o tempo não houvesse passado, é como se ela tivesse morrido ontem e não há três anos. Se não recebeu nenhum apoio ou carinho daqueles ao seu redor mostrando a ele que sua vida ainda é preciosa e válida de se viver, como Oberon passará por essa fase?

Sua família e até Roger querem lhe obrigar a acordar feliz só porque o tempo passou e apagar tudo de uma hora para a outra, mas a hora dele ainda não chegou. Estão lhe oferecendo o tipo errado de ajuda.

Mas por que estou tão preocupada com isso, já que não é da minha conta? Com certeza, não é da minha conta.

Fecho meu notebook e sigo para sala para ler alguma coisa, contudo não folheio mais de cinco páginas e meus pensamentos voltam até ele.

Ah, droga! Por que eu não consigo parar de pensar que posso fazer alguma coisa por ele? Nunca me senti tão consternada quanto ontem ao vê-lo caído daquele jeito dentro de um cemitério. Acho que eles nunca o viram assim, nenhum deles têm ideia da amargura que percorre em suas veias.

Mas, se ele sente assim, por que me beijou? Isso não faz o menor sentido.

— Argh! Não consigo entender — murmuro, com o rosto entre as mãos.

Bom, vamos lá, Oberon ofereceu meu emprego de volta, eu disse que ia pensar, ele me beijou. *Ok!* Em nenhum momento eu disse que não voltaria ao trabalho ou ele disse que não era para eu ir. Disse para esquecermos o beijo, não a oferta de trabalho.

Saio correndo para o quarto, visto-me, pego minha pasta e bolsa e sigo para meu carro.

Eu vou voltar, talvez eu possa ajudar ou possa ajudar os outros a ajudarem.

Isso é o que penso, mas sei que no fundo eu quero muito vê-lo outra vez e saber se está bem.



Paro meu carro em frente ao estúdio e reúno toda a força e coragem que existem dentro de mim.

Sigo caminhando com passos firmes e quando chego na porta de entrada, hesito por alguns segundos, no entanto, respiro fundo e a abro por completo e logo o vejo.

Oberon está completamente envolto em seu trabalho, vários objetos que parecem com peças de algum maquinário, espalham-se ao seu redor enquanto ele fotografa uma delas centralizada sobre o fundo infinito, ele posiciona os batedores e ajusta a iluminação focando na peça antes de voltar aos cliques e, de tão absorto, não me nota.

Vê-lo trabalhando assim, traz-me um certo alívio. Olhando para ele agora, ninguém diz que estava deitado ao lado de uma lápide na noite anterior e que provavelmente ali ficou até o dia clarear. Ele é bom em esconder o que sente, talvez por isso, sua família não o entenda.

Depois de alguns minutos começo a me sentir um tanto quanto constrangida, já que ele ainda não me notou, então volto alguns passos e fecho a porta, fazendo algum barulho, quando me viro novamente, ele está com as mãos na câmera, mas o olhar cravado em mim.

— Oi.

Ele não responde e continua com o olhar fincado em mim, e só depois de alguns segundos é que pisca algumas vezes e baixa a cabeça, confuso. Oberon parece não acreditar que estou aqui, e vendo sua reação, até eu estou começando a duvidar que tive coragem de voltar.

— O que está fazendo aqui? — Oberon indaga, com uma voz vacilante.

— Você ofereceu meu emprego de volta, lembra? — murmuro.

Ele solta a câmera e anda alguns passos, sua boca está entreaberta e o cenho franzido, tenho certeza que está pensando que tenho alguns parafusos a menos na cabeça.

Conforme se aproxima posso notar a expressão cansada em seu rosto e o vermelho em seus olhos. Meu coração se aperta com a visão dele assim, alguém que não saiba exatamente o que aconteceu durante a sua noite, pode imaginar mil e uma coisas a seu respeito, menos que estava aos prantos, desesperançado e sem vida. E não poder dizer nada que o console dói ainda mais em mim.

— Seu emprego? — questiona.

— Sim, você não se lembra que foi até a minha casa e ofereceu devolver meu emprego, é para isso que foi lá, não?

— Sua casa?

— Aish, homem! Você diz de mim, mas está respondendo tudo com perguntas. Bom, eu preciso do trabalho — aponto para mim. — Você tem um — aponto para ele. — Eu disse ontem que pensaria e... já pensei. — Finalizo oferecendo-lhe um belo sorriso.

Tipicamente ele baixa a cabeça e leva as duas mãos à cintura, posso imaginar que todo tipo de pensamento está passando pela cabeça dele.

— Agatha... eu...

— Não pense demais, porque eu não estou. Você disse para esquecermos o que houve ontem. Por que não começamos tudo de novo?

Diminuo ainda mais a distância entre nós e estico minha mão direita.

— Oi, eu sou a Agatha. Você está precisando de uma assistente e eu estou precisando

de um emprego — explano, sorrindo.

Oberon perscruta meu rosto e depois minha mão e responde:

— Oberon. Bem-vinda, Agatha! — diz, e aperta minha mão balançando-a junto a dele.

— E aí, vejo que tem muito trabalho, por onde eu começo?

Ele mantém o aperto de nossas mãos e olha para mim por longos segundos antes de voltar a si.

— Você pode... é... pode começar separando essas para mim — responde, à medida que começa a separar algumas das peças espalhadas pelo chão. — Todas elas têm um número e são pares de outras, você pode separá-las e deixar em ordem para que eu as fotografe.

— Sim, chefe! — Bato continência e me abaixo para começar a separar tudo o que ele pediu.

Aos poucos vou formando montinhos ao seu lado com as peças em ordem para serem fotografadas. Já aprendi que esse trabalho pede, de fato, roupas confortáveis, então, meus jeans e camisetas vão voltar para o topo das minhas roupas preferidas.

Cada vez que preciso parar ao seu lado para entregar um novo lote de peças, sinto um arrepio percorrer todo o meu corpo. Eu não sei como vou conseguir ficar tão perto e ao mesmo tempo tão longe dele, mas, se é para um bem maior é o que farei.

— Pronto, separei todas.

Ele assente e pede para que eu segure um dos rebatedores, diz-me o ângulo que precisa e eu fico de pé onde ele pede. Oberon volta para detrás da câmera e começa uma infinidade de cliques. Desvio meu olhar para ele algumas vezes e percebo sua mão firmar o aperto contra a máquina, e seus lábios entreabrirem cada vez que o encaro. E tenho a sensação que ele estava tirando fotos de mim, em vez das peças.

Aish! Claro que não, que loucura a minha.

Depois de horas de trabalho, finalmente ele conclui.

— Terminei, você pode descarregar todas as fotos no computador, enquanto eu termino de responder algumas propostas.

— Ok.

Ele se senta atrás da mesa maior e eu fico sem saber ao certo se é para eu usar a mesa ao seu lado, já que ela também tem um computador e no caso é o único disponível.

— Eu uso essa mesa? — pergunto, apontando para a estação de trabalho ao lado da

dele.

Oberon me encara pensando numa resposta, que nunca vem.

— Posso fazer outra coisa, por enquanto.

— Sim, você pode usá-la.

Ele se levanta e vai até ela e começa a organizá-la, depois disso aperta o botão ligando o *desktop* e puxa a cadeira para eu me sentar. Agradeço com um aceno de cabeça e sento. Em seguida ele me entrega vários cartões de memória.

— Eles estão com etiqueta indicando o nome de cada um, você vai abrir pastas compartilhadas e salvar todo o conteúdo nelas, para que eu possa tratar e separar as imagens depois.

Oberon volta para sua mesa e eu fico esperando o computador terminar de iniciar para começar a fazer o que ele pediu, mas assim que a primeira tela é carregada, tenho vontade de fechá-la novamente.

O papel de parede no computador é uma foto dele com a falecida esposa, sua aparência é muito diferente do que vejo ao meu lado, mas ainda assim, é impossível não reconhecer a profundidade do seu olhar, seus fios caindo pelo rosto e uma sombra do que sua barba é hoje.

Tenho certeza que essa era a mesa dela. Por conta própria, altero o papel de parede para um motivo comum dos oferecidos pelo próprio sistema operacional. Não há nenhuma condição de eu trabalhar com os dois estampados na tela olhando para mim durante todo o dia.

Começo a descarregar todas as fotos dos cartões de memória. Imaginei que seria um processo mais rápido, mas, na verdade, demoro umas boas horas fazendo isso.

Passa das duas da tarde quando termino e sinto fome. Esse homem parece viver de uísque e luz, porque não o vejo nem tocar no assunto almoço, e, quando não aguento mais, decido falar.

— Você não almoça?

Ele gira sua cadeira em minha direção e inclina a cabeça.

— Por que pergunta?

— Fiz uma pergunta tão simples e você me devolve outra — respondo, franzindo meus lábios —, parece que alguém está aprendendo alguma coisa comigo...

— Sim, Agatha, se quer saber se eu me alimento? Sim, eu me alimento. Mas, não nos horários que as pessoas estão habitadas a comer, tenho meus próprios horários.

— Hum! Que exótico isso. Bom, eu sou uma pessoa comum, então, estou com fome.

— Você pode fazer seus horários, não é minha prisioneira, não vou impedi-la de sair para comer.

— Não disse que sou, e nem passou pela minha cabeça supor que você imaginaria que eu fosse uma prisioneira sua.

Ele entorta os lábios antes de me responder:

— Mulher, se está com fome, vá e coma. Simples assim.

— Nossa, como você é azedo, credo!

Ele larga a caneta na mesa e solta um suspiro.

— O que mais você quer, Agatha? Por que está realmente aqui? — pergunta, com olhos investigativos.

— Nada, eu não quero nada... — Levanto e tiro minha carteira da bolsa, seguindo para a porta. — Você conhece algum restaurante por aqui? Que sirva comida mesmo, na última vez eu comi lanche, mas queria um bom prato de comida.

— Sim — ele diz. Aguardo que continue, mas ele não diz mais nada.

— E?

— Estou anotando o endereço, se tiver um mínimo de paciência lhe direi.

Senhor, dê-me muita paciência!

Depois de um minuto, mas que pareceram vinte, ele se levanta e segue até mim com um pedaço de papel nas mãos.

Recolho a pequena tira e começo a ler.

*Três ruas à esquerda, seguido por duas
à direita, outra à esquerda, terceira
saída na rotatória, mais duas à direita,
outra à direita e procurar por
restaurante com uma fachada vermelha.*

Leio o papel e meu cérebro já fundiu com a quantidade de vezes que vou precisar virar à direita e esquerda até chegar ao lugar.

— É em outra cidade? — questiono, erguendo minha cabeça para encará-lo.

— Não.

— Pois parece, com a quantidade de ruas que tenho que virar, você não escreveu nenhum nome de rua, como vou saber se estou virando nos lugares certos? — Balanço a tira de papel na direção dele.

— Você é uma criança? É só contar e virar — diz e aponta para o papel.

— Não sou uma criança, mas nem meu avô me daria instruções tão vagas.

Ele aperta os lábios, tornando-os apenas uma linha fina no rosto, a partir daí volta até sua mesa, guarda sua carteira no bolso e vem até mim.

— Vou levá-la hoje para aprender o caminho, nos outros dias estará por conta para almoçar no horário que achar mais conveniente. Vem.

Ele segura minha mão e me arrasta para fora, seu carro está estacionado em frente à sua casa e Oberon abre a porta do passageiro para eu entrar.

— Podemos ir com o meu — ofereço.

— Ou podemos ir com o meu, entra.

E assim o faço, entro e me sento, ele faz o mesmo e seguimos para o tal restaurante de fachada vermelha, observo todas as ruas onde ele vira para aprender o caminho.

Depois de muitas esquerdas e direitas, estamos em frente ao tal restaurante de fachada

vermelha.

— Obrigada — digo, descendo do carro. Ele desce também, surpreendendo-me. — Você vai almoçar? — pergunto, curiosa.

— Sim ou quer que eu vá embora?

— Não, claro que não. Eu detesto comer sozinha... para mim é... um alívio que terei companhia.

Oberon acena timidamente com a cabeça antes de entrar no restaurante e eu o sigo porta a dentro.

O lugar é um encanto. Limpo, organizado, aconchegante e com cheiro de comida caseira. Sentamos numa mesa encostada em uma das janelas e logo uma senhora de uns sessenta e poucos anos encosta ao nosso lado.

— Veio comer essa hora, Obe? Que surpresa, eu estava separando algumas coisas para mandar entregar para você à noite — ela diz, enquanto afaga seu ombro. Em seguida se vira para mim e me olha por um tempo. Eu sorrio, sem saber ao certo o que dizer.

— Essa é Agatha, assistente no estúdio. — Oberon esclarece.

— Ah, então os negócios estão indo bem, tem até uma assistente. E que assistente bonita você contratou. — Ela sorri para mim. — Meu nome é Ieda, sou dona desse restaurante e amiga de longa data de Obe e sua família.

— Muito prazer, Ieda! Seu restaurante é lindo e tem um cheiro ótimo.

— Muito obrigada, Agatha! Escolham o que quiser no cardápio que vou pedir para alguém vir tirar o pedido de vocês.

Ela se afasta de nós e eu pego o cardápio na mão, assim que começo a ler fico surpresa com os preços dos pratos. Um restaurante como esse, com preço justo, é um achado na cidade. Já virei fã.

— Hum! Então, é Ieda quem te alimenta?

— Sim, Agatha. É Ieda quem me alimenta. Sua bisbilhotice tem algum limite? Pode informar para Roger que não vivo só de uísque. Tenho certeza que ele já falou sobre isso com vocês.

— Deixa de ser ranzinza, ele não disse nada, é que eu nunca vi você mastigar, só beber... — sussurro a última palavra.

— Verá hoje — responde, sem olhar para mim.

Pouco tempo depois um rapaz uniformizado vem anotar nossos pedidos e em mais alguns minutos, nossos pratos estão sendo dispostos sobre a mesa.

A aparência é ótima e o sabor é ainda melhor, cada garfada que levo a boca, faz-me suspirar de amor por esse restaurante.

— Há quanto tempo você não come, Agatha?

— Hum?!

— Você suspira e fecha os olhos a cada garfada. Parece que está sem comer há semanas.

— Na verdade, faz tempo que não me sento para comer como estou fazendo agora. Então, acho que é por isso. — Dou de ombros e encho minha boca com mais uma garfada. — E essa comida é muito boa, muito, muito, muito boa... — concluo, falando com uma voz abafada, já que estou com a boca cheia.

Ele meneia a cabeça de um lado para o outro e desta vez sorri, sorri de verdade, posso até contar os dentes em sua boca. Eu já o vi sorrir outras vezes e até rir quando nos encontramos no bar em Pieza, entretanto era um riso meio desdenhoso. Esta é a primeira vez que vejo todos os dentes de Oberon, num sorriso sincero e verdadeiro.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — Solto meu garfo e levo minhas mãos ao peito, espantada, com o que acabei de ver.

— O que foi? O que foi?

— Você...

Tento dizer, mas acabo engasgando com a comida. E antes que eu possa engolir o que sobrou em minha boca, Oberon larga seus talhares e dá a volta na mesa, parando ao meu lado e segura meu rosto entre suas mãos.

— O que foi? — Ele me encara, preocupado, com os olhos quase saltando da face.

Termino de engolir tudo o que há na minha boca e tenho vontade de fechar os olhos e deixar o calor de suas mãos contra a minha pele me aquecer por inteiro.

— Agatha? — Ele me chama.

— Você sorriu — murmuro.

Continuamos nos olhando sem piscar, sem falar, sem respirar. Até que seus dedos começam a escorregar por meu rosto, deslizando um a um para longe de mim.

— Você é louca? Achei que estava passando mal.

— Eu estava. — De certa forma, eu estava mesmo. Assim que ele sorriu e tocou meu rosto, pensei que não continuaria a viver.

Ele ri sarcástico e sai para os fundos do restaurante. Estico meu pescoço procurando por ele em todos os cantos, mas não o vejo mais.

Inspiro longamente o ar à minha volta, resignada. Oberon sorriu, tão docemente, mas um segundo depois está mais azedo que araçá-boi batido com limão taiti.

Termino de comer e o espero por cinco, dez, quinze e somente trinta minutos depois decido me levantar e ir atrás dele, e, quando me viro na direção dos fundos do restaurante o vejo de pé olhando para mim, assim que nossos olhares se cruzam ele desvia e move-se ficando de costas mais uma vez.

Não acredito que ele ficou todo esse tempo ali me observando. Continuo parada no mesmo lugar, esperando por sua próxima reação, até que ouço a voz de Ieda ao meu lado chamando por ele, Ieda segura uma sacola com várias embalagens contendo muitos tipos de comida. Ele é obrigado a girar o corpo na minha direção e caminhar até onde estamos. Recolhe a sacola da mão dela e a agradece com um beijo no rosto, em seguida pergunta se estou pronta para ir. Eu concordo e Oberon sai do restaurante seguindo para o carro.

— Paciência, querida. Às vezes, Obe pode ser um pouco difícil, não?

Sorrio para ela, sem muito entusiasmo e respondo:

— Um pouco. — Ela sorri também, sem que precisemos dizer mais nada.

Voltamos para o estúdio em silêncio, ainda tento puxar alguma conversa, mas ele está monossilábico, então decido não forçar.

Retomamos o trabalho de onde paramos e lá se vão mais algumas horas, quando menos espero o relógio diz que são cinco horas. Mas eu ignoro e continuo a trabalhar, Oberon olha para mim algumas vezes, porém não diz nada. Só quando o relógio mostra seis e meia da noite é que ele fala:

— Você não precisa trabalhar até agora, Agatha. Pode terminar isso amanhã.

— Ou posso terminar hoje — sorrio —, não tenho muito o que fazer em casa, e se eu ficar até mais tarde quem sabe posso até ser gratificada por você — pisco.

Ele tosse e leva uma das mãos a boca.

— No trabalho, você... pode notar que sou uma boa colaboradora para o estúdio e... — Desisto de falar e balanço as mãos, indicando para ele esquecer o que eu acabei de dizer.

— Está tarde, Agatha. Você pode ir.

Aceno com a cabeça concordando e levanto para ir embora. Na saída, quando encosto na maçaneta da porta, antes de abri-la, viro-me encarando-o e digo:

— Até amanhã, Obe. Digo, Oberon. Até amanhã, Oberon.

Sinto-me um tanto acuada por chamá-lo de Obe, mas Oberon apenas esboça um meio sorriso e responde:

— Até amanhã, Agatha.



CAPÍTULO ONZE

Oberon

Às vezes pergunto-me quanto tempo do dia passo olhando para ela e se isso ainda pode estar dentro de uma certa normalidade, quanto mais os dias passam, quanto mais a vejo, quanto mais ouço sua voz, suas reclamações e suas intermináveis perguntas, mais tempo eu desejo passar observando-a.

Há um magnetismo em sua personalidade e modo de ser que me atrai mais do que a própria gravidade do nosso planeta, sinto como se eu fosse a maçã de Newton caindo e rolando em direção à ela.

Seu rosto é de uma delicadeza sem igual com traços finos e leves, sua expressão sempre carrega um tom tão angelical, que todos os dias quando entra no estúdio e sorri tenho a certeza de enxergar uma luz irradiando de seu corpo, trazendo-me uma sensação de abrindo irrefreável.

Eu não sei o que está acontecendo, mas minhas noites sempre tão frias, mal dormidas e solitárias, agora contrapõe-se com dias cada vez mais afáveis.

Em contrapartida, sua impertinência e curiosidade, tiram-me do sério diariamente, ela é melhor que Roger, nem ele consegue ser tão curioso quanto ela. Porém, de uma certa forma, chega a ser divertido vê-la fazendo caras e bocas toda vez que respondo algo que não está de seu contento, e, o que me irritava assim que a conheci, hoje se tornou algo tão habitual que espero por suas inoportunas perguntas durante todo o dia, mesmo que ela não saiba, eu espero.

Aproximo-me mais dela e paro ao seu lado.

— O que está fazendo?

— Procurando um novo lugar para morar — diz e abre o jornal.

“Um novo lugar”? Sei que o casamento de Roger é em poucos dias, mas achei que Agatha havia mudado de ideia e iria viver com eles, ela disse aquele dia no bar que não quer ficar sozinha. Então, por que procurar um novo lugar? Viver na casa de Roger seria até melhor, já que a casa dele é muito mais perto do estúdio que sua morada atual.

Tento controlar a curiosidade iminente que me cerca causando um pinicar sob minha pele, mas sou vencido por ela e pergunto para onde vai e se vai continuar nessa cidade.

Imaginei que voltando a trabalhar comigo, ela teria dinheiro suficiente para se manter e sustentar vivendo por aqui, mas pelo visto ela tem outros planos.

— Está preocupado de perder sua melhor assistente? — Agatha diz em meio a um sorriso escancarado, deixando-me sem reação.

— Não — respondo e saio para a frente do estúdio.

De fato, não estou, ela pode fazer o que bem entender da própria vida. Não cabe a mim... não cabe a mim... eu nem sei mais o que estou pensando, droga!

— Poderia ao menos fingir. — Ela grita, impertinente dos fundos. E eu sinto algo extremamente confortante em sua reação.

— Por que eu faria isso? — contradigo.

Começo a organizar as diversas lentes das câmeras fotográficas que possuo e a ouço levantar e andar, parando a uma curta distância de mim. Sua proximidade não passa mais despercebida, mesmo que ela não saiba, não passa.

— Deveria fingir ao menos para não ferir ainda mais os sentimentos que tenho por você.

Sen...timentos? Viro para ela com tanta pressa, que minhas mãos falham e deixam a lente que estava segurando cair no chão e espatifar-se. Ela se abaixa para ajudar a recolher os cacos e esbarramos, caindo os dois para trás.

Agatha se desculpa e vejo seu semblante mudar, eu já vi essa mesma expressão por duas vezes.

A primeira quando estávamos voltando do hotel e a segunda quando eu a beijei em sua casa, nas duas entendi que ela diz uma verdade, arrepende-se em seguida e tenta dizer algo por cima para se esconder.

Bom, ao menos ela tem coragem de dizer, mesmo se contradizendo em seguida, porque

eu prefiro não dizer nada, sobre nada, para ninguém, nunca, prefiro deixar tudo bem trancado e escondido nessa caixa preta dentro de mim.

— Eu não estava falando sério.

— Sobre se desculpar?

— Sobre ferir meus sentimentos.

É isso, tudo se resume exatamente a isso, a “ferir sentimentos”. A vida é uma avalanche contínua de sentimentos feridos, seja pela perda de um amor, de um parente, ou pelo término de um relacionamento, não importa, o resumo é esse: na vida sobram apenas os sentimentos feridos.

Essa mulher tão impulsiva e distraída que entretém e traz luz aos meus dias mais escuros não merece ser envolvida ainda mais nessa névoa sombria que é a minha vida, não quero que no fim ela também seja mais uma com sentimentos feridos vagando pelo mundo.

— acredite em mim, eu conheço suficiente do seu humor para saber quando está brincando, e quando não está, Agatha. Não derrubei a lente por conta do que disse, ela... é... simplesmente escorregou da minha mão.

Ela me encara esperando por um complemento do que eu disse. Eu sei que ela não estava brincando, entretanto, por que alimentar algo fadado a terminar antes mesmo de começar?

Agatha se levanta, descontente, e volta para sua mesa. Eu concentro minha atenção em recolher os cacos do chão, quando percebo ela seguir em direção a porta. Seu caminhar é tão destemido que me assusto com a ideia de ela não voltar mais e questiono, apreensivo, se voltará no dia seguinte. Quando ela diz que sim, sinto o sabor açucarado de cada letra que sai de seus lábios.

Assim que estou sozinho, solto todos os cacos de volta e ajoelho-me no chão, esfregando meu rosto com força.

Merda, o que estou fazendo?

Até que um grito ensurdecedor me arranca dos pensamentos.

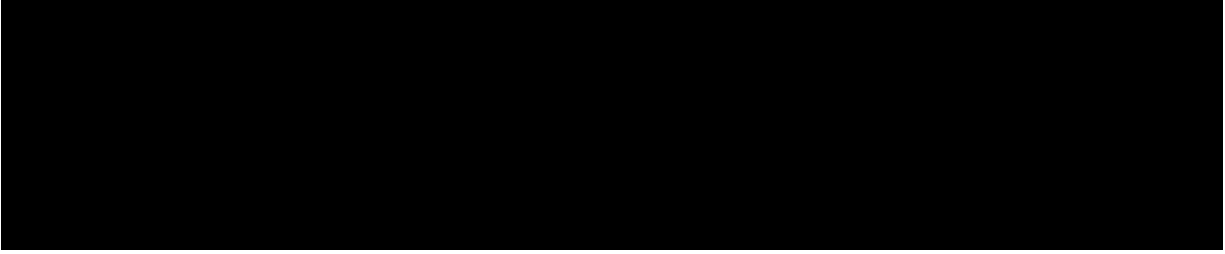
— Agatha — sussurro, em pânico.

Ergo-me depressa do chão, escorregando em alguns dos cacos espalhados e corro o mais rápido possível em direção a porta, quando a abro, meu coração simplesmente sai andando do meu peito e para.

Respiro fundo e observo a cena se desenrolar em lentidão na minha frente. Agatha caída ao chão no meio da rua com sua camisa branca toda suja de vermelho.

Meu peito sobe e desce sem controle algum.

Meu Deus! Ela...ela...ela... ah, meu Deus, não!



— Cristo! Aqueles olhos, eu não vou aguentar, juro que não vou...

Saio suspirando e corro pela rua sem olhar para lado nenhum, quando ouço alguém gritar para eu sair da frente. Viro meu rosto e vejo um ciclista vindo exatamente na minha direção ou talvez eu tenha corrido na direção dele, a questão é que os segundos passam tão rápido que em vez de eu desviar, acabo ficando ainda mais no caminho dele e...

O baque é forte e derruba nós dois no chão. Solto um grito agudo e intenso indicando a dor assim que sinto o impacto do asfalto quente contra mim. Minha bolsa é arremessada para longe e todas as minhas coisas saem quicando e espalhando pelo chão.

O ciclista começa a berrar assim que se levanta do chão e vai socorrer sua bicicleta, ignorando-me caída e sangrando.

— Você é doida? Por que anda desse jeito pela rua?

Apoio-me em um dos cotovelos, tentando sentar no chão. Observo a pele do meu braço e percebo que um bom pedaço provavelmente nem está mais aqui, e o sangue escorre manchando boa parte da minha roupa.

— Você pode me ajudar a levantar? — digo ao ciclista. Que não sofreu nada, ele usa todo o aparato de segurança.

— Preste mais atenção na rua, eu poderia ter matado você com a velocidade que estava — responde e me estende uma mão a contragosto.

— Desculpe — murmuro, em meio a dor.

Elevo minha mão para segurar a dele, quando outra pessoa entra no meu campo de visão.

— Por que está se desculpando? Ele é quem deveria se desculpar.

Oberon se agacha ao meu lado e apoia meu corpo ao dele para eu conseguir ficar de pé.

— Foi um acidente — digo, permitindo que ele sustente todo o meu peso.

— Acho melhor sumir daqui com essa bicicleta. Se eu o vir nessa rua de novo, juro que não vai sobrar muito dela ou de você depois disso.

O ciclista ouve o tom assustador na voz de Oberon e acena com a cabeça, sobe em sua bicicleta e desaparece rua abaixo.

— Você está bem? — Ele pergunta, voltando sua atenção para mim.

— Acho que sim. Meu braço está doendo.

— Espere aqui. — Oberon guia-me até a calçada e ajuda-me a sentar. Depois parte para o meio da rua e começa a recolher todas as minhas coisas do chão.

— Acho melhor levar você para um hospital — diz, quando volta com minha bolsa nas mãos.

— Não precisa, eu vou voltar para o estúdio e limpar um pouco desse sangue e depois em casa faço um curativo melhor.

— Como sabe que não está quebrado?

— Não está.

Estendo minha mão para ele me ajudar a ficar de pé novamente. Mas Oberon aproxima-se mais de mim, passa seus braços por baixo do meu corpo pegando-me em seu colo e segue para sua casa, quando chega à porta de entrada a abre sem descolar seu corpo do meu e carrega-me até seu sofá, colocando-me sobre ele, gentilmente.

Eu não consigo dizer nada, apenas engulo a seco, atônita. Ele se move pela casa, reunindo vários itens de primeiros socorros e vai deixando-os a minha frente.

Será que Oberon se deu conta que me trouxe para dentro de sua casa? Estou apavorada que a qualquer instante ele perceba e me expulse daqui, ao ponto de até esquecer a dor insuportável que estou sentindo.

Depois de alguns minutos ele se senta ao meu lado com uma bacia cheia de água morna e algumas toalhas.

— Você consegue tirar o braço da camisa?

Assinto em silêncio e desabotoo três botões da camisa, tirando apenas o braço machucado para fora dela.

Oberon molha uma das toalhas e a desliza por minha pele, eu recuo com o ardor inicial do tecido no ferimento e ele torna a passá-la ainda mais suavemente.

— Não sei como pôde ser tão distraída, e se fosse um carro? — implica.

Ele limpa com cuidado todo o ferimento, o restante do meu braço, além de minhas mãos.

O tempo para, o meu coração para, a minha respiração para, assim que ele afasta meu cabelo para o lado e passa a toalha do meu rosto escorregando por meu pescoço e ombro. No momento em que suas mãos deslizam por mim, não lembro mais que estou toda esfolada, porque desejo que ele continue tão próximo de mim, exatamente assim, pelo resto da minha vida.

Ouçõ sua respiração entrecortada e sei que a minha não está diferente. Entretanto não vou ultrapassar nenhuma linha, até ter certeza que ele quer a mesma coisa que eu.

— Está ótimo, obrigada — falo, afastando-me alguns centímetros de sua mão.

Oberon aprecia, sem piscar, a pele nua do meu pescoço e ombro e só depois de alguns segundos volta a si e deixa a toalha sobre a bacia para retirar um spray de uma caixinha, apontando-o em minha direção.

Assim que noto o que ele pretende seguro seu braço e digo:

— Não! Isso vai arder!

— Agatha, pelo amor de Deus. Você é mesmo uma criança?

— Não sou uma criança, mas vai arder... — choramingo, tal qual uma criança.

Ele balança a cabeça, incrédulo e sorri. Agarra meu braço e espirra o antisséptico mesmo assim, ignorando todo o meu choramingo.

E arde. Sério, arde muito.

— Ahhhhhh! Para, tira esse negócio do meu braço. Tira, tira!

— Fica quieta, vou acabar espirrando o remédio no seu rosto desse jeito.

— Ahhhh! Tira isso, tira... — Continuo a chacoalhar meu braço e me sacudir no sofá.

— Para com isso, Agatha — brada, tentando me conter. Oberon segura meus ombros e encosta-me no sofá, ficando cara a cara comigo.

— Para com isso, nem ardeu tanto assim — fala, suavizando novamente sua voz.

— Ardeu sim — choramingo, improvisando uma careta de dor.

Ele fecha os olhos e começa a rir, ainda segurando meus braços.

— Não é legal rir da desgraça alheia — murmuro, fingindo-me ofendida, mas simplesmente encantada com o som de sua risada.

— Está doendo? Muito? Diga a verdade, Agatha.

Viro meu rosto para o outro lado antes de responder.

— Um pouco.

— Um pouco não é muito. E você se balançou tanto que não consegui jogar em todo o machucado, vou espirrar mais.

Dessa vez, ajo como uma boa menina e estico meu braço para ele e espero sentir o gelado do antisséptico tocar minha pele, no entanto, dessa vez arde menos, bem menos.

— Pronto.

Olho para minha pele e vejo que está bem melhor, agora que está limpa e sem todo aquele sangue, mas continua toda esfolada, vermelha e um tanto inchada.

— Obrigada.

— Agatha... — ele diz, com uma voz alarmada.

Ah, meu Deus! Ele percebeu que estou na sua casa e vai me expulsar daqui.

— Sua barriga, achei que esse sangue era do seu braço, mas é também da sua barriga.

— Hã?!

Olho para baixo e vejo uma marca redonda com um sangue quase seco colado na minha pele. Seguro o tecido e tento puxá-lo, mas a dor é bem maior que a do meu braço.

— Espere, o sangue está seco. — Oberon pega uma nova toalha e molha trazendo-a até mim — Deite-se, eu vou molhar o tecido para poder tirar.

Faço o que diz e sinto-o empapar o local do machucado com água. Involuntariamente repuxo meu corpo e franzo a testa, sentindo mais dor dessa vez.

— Calma — diz, docemente. E algo em sua voz faz eu não desejar sentir calma em nenhum outro lugar que não seja com ele.

Aos poucos ele vai tirando o tecido de cima do ferimento.

— Agatha?

— Sim.

— Você pode abrir mais alguns botões? Para eu ver como está o ferimento? — sussurra.

Assinto e abro os botões de baixo, erguendo minha camisa para o alto deixando todo o meu abdômen livre.

Ele franze o cenho ao olhar para minha barriga.

— Está muito ruim? — pergunto, sobressaltada.

— Vou limpar.

E assim ele o faz, sinto a toalha tocar delicadamente minha pele por várias vezes. Seu

olhar é fixo em seus próprios movimentos, e o meu é fixo em seu rosto. Desejo que esse momento perduz pela eternidade.

De repente seus olhos encontram os meus e permanecem assim, à medida que seus lábios entreabrem devagar ele dá ares de querer dizer algo e eu espero ansiosa por qualquer palavra que salte de seus lábios. Mas não diz nada, move-se para a lateral do sofá e volta a mexer na caixinha de primeiros socorros buscando por alguma coisa. Fecho meus olhos e tento recuperar a sanidade que nem sabia que eu tinha.

— Vai arder — afirma. E eu abro meus olhos com extrema velocidade, virando-me para ele.

— Não, não, é sério... já está ótimo.

— Psiu! Não comece outra vez, afaste seus braços.

— Não... por favorzinho, está bom assim.

— Pode infeccionar se eu não colocar antisséptico, Agatha.

— Eu não ligo, todos vão morrer um dia mesmo, não ligo de morrer de infecção e... — Fecho minha boca percebendo o que acabei de dizer, enquanto ele apenas ouve as palavras pulando sem nenhuma ordem de dentro da minha boca grande.

Obedeço conformada, afastando meus braços e expondo a pele ferida para ele.

— Ahhhhhhh! — grito quando sinto o primeiro jato.

Ardeu muito, muito mesmo. Ele continua espirrando vários outros, até que não sinto mais nada. E finalmente um alívio toma conta de mim.

Oberon se levanta e vai para os cômodos dos fundos, levanto-me devagar e sento comportadamente no sofá, tento vestir minha camisa novamente, mas não consigo encaixar meu braço sozinha.

Droga!

Será que devo ir embora? Ele saiu daqui sem dizer nada, e isso já tem uns dez minutos.

O que eu faço?

Travo uma batalha interna quando ouço sua voz ao meu lado.

— O que foi? Ainda está ardendo?

— Hã?! Não.

— Troque sua camisa, a sua está suja de sangue. — Oberon me entrega uma de suas camisetas. — Pode se vestir no meu quarto.

No quarto dele? Acho que eu morri quando fui atropelada pela bicicleta, ou estou em coma num hospital. Esse é o mesmo homem que não permite que ninguém entre em sua casa? Não é possível, será que estou mesmo aqui?

— Por que essa cara, Agatha? Tem certeza que não está com dor? Vou pegar um analgésico para você — fala.

— Eu estou na sua casa, Oberon — afirmo. Sem entender por que ainda não fui convidada nada educadamente a sair.

Ele fecha os olhos por um instante, impaciente, e umedece os lábios antes de falar:

— Acho que você se lembra onde meu quarto fica, pode ir. — Ele vira as costas e segue para a cozinha, deixando-me de pé no meio da sala, completamente atordoada.

Quando meu raciocínio retorna, caminho pelo corredor, passando em frente ao quarto das fotos que está com a porta fechada. Visto a camiseta que ele me ofereceu, que é muito mais fácil e confortável de usar. Puxo a gola até meu nariz e inalo o inebriante perfume que emana dela, seu cheiro está impregnado no tecido, embriagando-me por inteiro.

— Agatha, definitivamente você está ficando louca... — murmuro, tirando o tecido do nariz.

Retorno para a sala e alço minha bolsa de cima do sofá caminhando até a cozinha para encontrá-lo. Oberon está de frente para a janela observando o movimento do lado de fora da casa, segurando um copo com água.

— Obrigada — digo. Estou, de fato, agradecida por ele ter me ajudado.

— Você consegue dirigir?

Assinto, confirmando com a cabeça.

— Posso perguntar uma coisa?

— Algum dia sua curiosidade será, enfim, satisfeita? — rezinga e começa a lavar o copo que estava usando.

— Por que me deixou entrar aqui?

Oberon para com as mãos imóveis embaixo da torneira aberta, pensando no que me dizer, não é possível que ele não tenha notado que eu entrei em sua casa.

— Não deixei você entrar, eu a trouxe para dentro.

— É a mesma coisa — contraponho.

Ele fecha a torneira, deixa o copo sobre a pia e se vira para mim.

— Não, não é. Eu a trouxe para dentro, Agatha.

— E qual é a diferença?

— A diferença é que desta vez, você entrou porque eu a trouxe, porque eu quis.

Não sei o que dizer, nem o que pensar, o que isso significa exatamente? Eu detesto charadas, detesto.

— Oberon, eu...



Termino de colocar antisséptico no corte em sua barriga e saio de seu lado, ando até o meu quarto para respirar e me apartar um pouco de sua presença.

Inalo o ar ao meu redor e encosto na porta do armário, fechando meus olhos em seguida.

O que está acontecendo comigo? Por que mesmo tendo certeza que tenho que manter todos longe, ainda assim, desejo que ao menos ela esteja por perto?

Deixo de pensar no que me aflige e abro a porta do armário procurando uma camiseta minha que sirva nela, não consigo olhar para Agatha toda ensanguentada como está, aumenta minha angústia em vê-la tão machucada. Ao lado das minhas roupas as de Lara continuam penduradas nos cabides, do mesmo jeito que estiveram antes dela partir, sei que a maioria das pessoas não faz isso, mas eu tento manter tudo como sempre foi, por mim, por ela.

Toco as peças amavelmente e deixo que o tecido deslize em minha mão, e nesse instante compreendo que olhar e tocar suas roupas não foi tão penoso quanto das vezes anteriores.

E minha mente se volta para Agatha. Solto as roupas de Lara e alço uma camiseta mais justa e caminho de volta para a sala. Quando chego perto o suficiente dela, observo-a sentada de maneira empertigada no sofá, com olhos fechados e apertando uma mão na outra. Fico por alguns segundos apenas olhando-a antes de anunciar que estou aqui. Entrego a camiseta em suas mãos e peço que se troque. Assim que menciono meu quarto, Agatha arregala os dois olhos e traz uma expressão alarmada e hesitante com a camiseta nas mãos.

— Por que essa cara, Agatha? Tem certeza que não está com dor?

— Eu estou na sua casa, Oberon.

Sim, ela está dentro da minha casa e eu ainda não sei o porquê de trazê-la até aqui, mas eu trouxe. Quando a carreguei no colo, não imaginei levá-la a nenhum outro lugar que não aqui, ela precisava de cuidado, dos meus cuidados.

Deixo-a e sigo para a cozinha. Pouco tempo depois ela retorna vestida com minha camiseta. Engulo a seco, quando a vejo com uma peça de roupa minha, meu coração bate, de

novos.

— Posso perguntar uma coisa?

— Algum dia sua curiosidade será, enfim, satisfeita? — reclamo, mas sinto um prazer quase insano em ouvir o que ela tem a dizer.

— Por que me deixou entrar aqui?

— Eu não deixei você entrar, eu a trouxe para dentro.

— É a mesma coisa.

— Não, não é. Eu a trouxe para dentro, Agatha.

— E qual é a diferença?

— A diferença é que dessa vez, você entrou porque eu a trouxe, porque eu quis.

Eu quis? Não havia pensado nisso ainda, mas a verdade é essa, eu quis trazê-la.

Ainda não sei quando, nem onde, nem como, muito menos se foi ontem, hoje ou a primeira vez que a vi. Mas sei que assim como ela entrou na minha casa sem autorização, da mesma forma ela entrou na minha mente e dessa vez eu permiti.

E o coração que há muito tempo não batia mais no meu peito, agora balança como um pêndulo entre o céu e a terra toda vez que a vejo. Esse órgão que serve para muito mais que apenas bombear sangue para o resto do corpo, continua quebrado, doído e partido em mil pedaços, mas sinto os mil pedaços começaram a bater.

Nem todos os começos evoluem, não sou capaz de compreender ou impedir o que começou, mas sei que o coração despedaçado que tenho dentro do peito teme progredir em qualquer caminho que não seja a preservação e é por isso que mesmo sentindo os pedaços batendo, ainda que lentamente, prefiro mantê-los em silêncio e escondidos dentro de mim.



— Vou separar alguns produtos para você aplicar nos machucados depois de se banhar na sua casa — diz e passa por mim, deixando-me sem terminar de falar.

Na volta ele traz nas mãos o antisséptico, esparadrapos e algumas ataduras.

— Não esqueça de manter os ferimentos higienizados.

— *Ok.*

Oberon caminha até a porta e a abre, eu o acompanho saindo de sua casa. Ele segue comigo até meu carro e espera até eu entrar.

— Liga o carro, pisa na embreagem e engata a primeira marcha — diz.

— Eu sei dirigir...

— Só faça, Agatha.

Acato e assim que vou trocar a marcha, a dor no meu braço irradia por meu peito e abdômen.

— Ahhhhh! — grito e solto a embreagem, deixando o carro morrer. Oberon está de pé olhando para meu rosto com uma sobrancelha erguida e uma expressão de “eu sabia”.

— Acho que não vou conseguir dirigir — murmuro, consternada.

— Imaginei que não. Espere um minuto.

Ele atravessa rua e vai até o estúdio, demora uns dois minutos por lá e volta correndo parando ao meu lado.

— Desce e senta no outro banco, vou levar você.

— No meu carro?

— Você quer ir no meu?

— Não sei o que eu quero — falo, olhando para seu rosto.

Ele franze o cenho, antes de complementar seu raciocínio com uma voz terna que faz meu coração derreter.

— Vou levá-la no seu carro, porque já fica com ele na sua casa, acho mais fácil para você.

— E você? Como voltará?

— Não se preocupe comigo, Agatha. Existem mil formas de eu voltar para casa depois de deixá-la.

Assinto e libero o banco do motorista para ele, que dirige bem devagar, desviando seu olhar para mim algumas vezes durante o trajeto.

Quando chegamos na minha casa, cerca de uns quarenta minutos depois, praticamente o dobro do tempo normal. Ele estaciona meu carro na garagem, desce e vem até o meu lado abrir a porta e me oferece uma mão para me ajudar a sair.

— Quer entrar um pouco? — pergunto, ansiando desesperadamente que ele diga sim. Entretanto ele acena negativamente com a cabeça.

— Obrigada, por ter me ajudado — digo.

— Se não estiver bem amanhã, fique em casa. Se precisar de alguma coisa, por favor, não hesite em me ligar.

— Não dê ideia, chefe! — respondo, brincando.

Ele sorri e baixa a cabeça, partindo em seguida. Observo seus passos lentos e precisos se distanciando de mim e não consigo tirar meus olhos dele.

Dizem que podemos nos apaixonar por uma pessoa em apenas alguns segundos, sem ao menos nos dar conta disso. Como a brisa que vem do mar ou como o sol brilhando num dia lindo de verão, eu fui envolvida sem perceber, fui completamente absorvida por ele. E percebo que não tem mais volta, eu estou irremediavelmente apaixonada por Oberon.



Quando entro em casa vejo Eli e Roger empacotando algumas coisas.

— Ei! O que estão fazendo?

Os dois olham para o relógio na sala e depois para mim, e quando me veem, uma expressão de espanto surge no rosto dos dois.

— O que aconteceu, você foi atropelada? — Os dois se levantam e correm até mim.

— Sim e não. Trombei com uma bicicleta e cai contra o asfalto.

— Agatha, não acredito. Você machucou muito? — Eli pergunta.

— Alguns arranhões pelo corpo.

— E por que chegou tão cedo? Não me diz que ele te demitiu de novo? E no caminho de volta estava tão transtornada que não viu a bicicleta.

— Não, é claro que não. Sou uma funcionária preciosa para o estúdio, fechei mais ensaios para ele no tempo que estou lá, do que ele sozinho em meses. Os clientes gostam de falar com alguém mais — reviro meus olhos procurando a palavra certa —, atenciosa.

— Disso não tenho a menor dúvida — Roger diz. — Você está bem mesmo? Quer tomar um analgésico?

— Estou bem, não precisa. O que vocês dois estão fazendo?

— Estamos separando as coisas de pouco uso e levando para minha casa, depois você precisa passar por lá para olhar o espaço e me dizer o que quer fazer com ele, chamei um pintor e um marceneiro para deixar os cômodos do fundo impecáveis para você.

— Verdade, Tha! Eu olhei o espaço e tem um quarto grande com banheiro, uma saleta e uma cozinha, perfeito para uma solteira. — Ela pisca para mim.

Noto os dois tão felizes e animados arrumando tudo para a mudança que fico até constrangida em dizer que não viverei com eles.

— Roger, estou me sentindo a filha de Eli que irá viver com o padrasto numa nova casa. — Os dois começam a rir — Quero que me ouçam, sem preocupação, culpa ou julgamento. *Ok?* — Sento-me no chão com alguma dificuldade por conta do machucado na minha barriga e tiro o jornal com os classificados da minha bolsa e mostro para eles. Ambos têm uma expressão séria estampada no rosto e assentam-se de frente a mim, esperando que eu termine de falar.

— Estou procurando um lugar para viver, sozinha. Tem vários apartamentos conjugados no centro que posso pagar com o que ganho no estúdio.

— Nem pensar. — Eli grita, e eu tomo suas mãos na minha.

— Escuta, eu vou me sair bem, sei que nunca vivi sozinha, desde que nasci estava na casa dos meus pais, depois nos alojamentos da faculdade, e por fim aqui com você. Mas, acho que será bom para mim, acho que vou aprender a cuidar de mim mesma, finalmente.

— Agatha, não vou deixá-la viver sozinha, você não sabe cozinhar, passar, lavar, limpar, além de ser uma desordem na casa e na cozinha. Você vai viver lá nos fundos do Roger até o dia que se casar ou voltar para sua mãe.

— Ei! — protesto — Não é assim também, posso não fazer como você, mas sei fazer tudo isso, é que você é perfeccionista demais.

— Já disse não, ou vai viver comigo e com o Roger ou volta para seus pais.

Roger e eu começamos a sorrir, quando Eli vira o rosto para o lado oposto e aperta os olhos prestes a chorar.

Arrasto-me para mais perto dela e a envolvo com meu braço não machucado. E quando faço isso, ela perde toda a compostura e começa a chorar desconsoladamente.

— Ei, por que está chorando? Quem vai ficar sozinha sou eu.

— Eu... quero me casar com Roger, mas também quero continuar vivendo com você.
— diz, em meio as lágrimas e soluços.

— Sei que sim, mas acredite em mim, se fosse eu me casando antes de você, não pensaria nem por um instante em levá-la comigo, minha amiga. Então, livre-se dessa culpa e seja feliz ao lado do seu marido. Estaremos sempre juntas. — Puxo Roger para perto de nós e o envolvo também. — Aliás, estaremos os três sempre juntos, só que agora em casas separadas, o que é ótimo, porque serei visita. Por isso, ficarei isenta de limpar qualquer coisa depois de jantar quase todos os dias com vocês.

Eli dá um tapa nas minhas costas e eu grito com a dor, em seguida ela beija meu rosto.

— Ela está tão crescida, não é, amor? — Eli pergunta a Roger, sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

— Sim, nossa criança cresceu, amor. — Ele responde e acerto um tapa em cada um.

— A única coisa que peço é que me ajudem com a minha mudança.

Ficamos mais um tempo no chão abraçados e agradeço aos céus por ter essas duas pessoas comigo. Entendo agora que não precisamos estar debaixo do mesmo teto para continuar a ter o mesmo afeto e carinho deles.



CAPÍTULO DOZE

Agatha

Assim que me olho no espelho antes de seguir para o banho, noto que os machucados em meu corpo estão muito melhores e já estão até formando aquela *casquinha* típica dos processos de cicatrização.

Já não era sem tempo!

Hoje faz cinco dias que fui atropelada por aquele ciclista e, para uma coisa aquele acidente serviu, Oberon pergunta todos os dias como estou, além de estar mil vezes mais gentil e atencioso.

Pode parecer loucura, mas sinto uma pontinha de tristeza nos ferimentos se curando tão rápido, gostaria de ficar esfolada por mais tempo se isso faz com que ele mantenha sua atenção em mim.

— Agatha. — Ouço Eli gritar meu nome, pouco antes de invadir meu quarto.

— Por que grita se vai entrar aqui de qualquer maneira?

Ela olha para o alto pensando no que eu disse, mas depois ignora meu comentário, chegando ainda mais perto de mim.

— Roger encontrou uma casa para você.

— Jura? — digo, saindo do banheiro e adiando meu banho por alguns minutos.

— Sim, e advinha só, é ao lado do estúdio, você nem vai precisar do seu carro para trabalhar, pode ir andando.

— Perto do estúdio? Impossível. Você já viu como são as casas daquele bairro? Eu nunca poderia bancar uma casa sozinha por lá. Desse jeito é melhor eu ficar aqui e esperar ser

despejada por falta de pagamento.

— Nossa, Tha! Você consegue ser tão ou mais dramática que eu.

— Não estou sendo dramática, estou sendo realista. Aquele bairro é caro.

— Sei que é, mas Roger encontrou uma casa que não é muito grande, mas é perfeita. E o preço que estão cobrando é tão baixo, que quase não acreditei. O valor do aluguel consegue ser ainda menor que o de um apartamento conjugado no centro.

— Está falando sério? Como isso é possível? — Ando até ela e seguro suas mãos.

— Também duvidei, mas ele me garantiu que o proprietário está fazendo esse preço porque não quer o imóvel parado por mais tempo.

— E você disse ao lado do estúdio?

— Na mesma rua, na mesma quadra.

Perco minha fala no mesmo momento, como uma casa naquela quadra pode custar menos que um apartamento conjugado? Isso é completamente impraticável, esse proprietário deve estar louco.

— Eu sei, eu sei. Também fiquei com essa expressão assim quando soube. Mas como uma coisa assim não dura para sempre, a gente precisa ir olhar essa casa e fechar negócio o quanto antes.

— Sim, vou ligar para visitar a casa ainda hoje.

— Já fiz isso, amiga. Vamos olhá-la daqui a pouco, vista-se e vamos.

— O que? Preciso passar no estúdio antes e avisar Oberon que vou me atrasar.

— Ele já sabe. Agora vá logo tomar seu banho. — Puxo Eli para um abraço e em seguida corro para o banheiro novamente para um banho rápido e visto-me ainda mais rápido, ansiosa para conhecer essa casa.

No caminho, Eli segue com seu carro atrás do meu, porque após a visita vou ficar no estúdio e ela segue para a clínica.

Estaciono na frente da casa de Oberon e Eli logo atrás, assim descubro o quão perto essa casa está do meu trabalho.

— O número da casa é 590. — Eli informa, descendo do carro.

590? Olho para o número da casa vizinha a Obe e vejo que é 570 e a próxima 590.

— Tem certeza?

— Sim. Eu disse que era na mesma quadra.

— São apenas duas casas de distância. Estarei praticamente dentro do estúdio.

— Isso é ótimo, pense no tempo de trajeto que economizará, além de gasolina e seu sono que pode prolongar por vários minutos.

Apesar dos claros benefícios em se morar tão perto do trabalho, ainda assim não sei se é uma boa ideia estar tão próximo dele.

— Que cara é essa, Agatha? Nós nem entramos na casa e você já faz essa *cara* de desgosto?

— Não é desgosto, só acho estranho estar assim tão perto.

— Estranho? Só se você quiser que seja.

Sim, talvez ela tenha razão.

Seguro sua mão e caminhamos sorridentes até minha possível futura moradia.

Quando paramos de frente a ela, apaixono-me de imediato. A casa está bem conservada e é visível que passou por uma reforma há pouco tempo. Os muros são de tamanho médio, rodeando toda a casa, os portões são bem fechados e impedem a visão de qualquer curioso para dentro.

Tocamos a campainha e, logo ouço uma voz familiar vindo até meus ouvidos.

— Vocês chegaram. Olha só que casa incrível consegui para você, Agatha. — Roger diz ao destrancar o portão.

Assim que ultrapasso os portões e posso ver o interior dela, a paixão bate ainda mais forte no meu peito, há um jardim na lateral à esquerda com algumas minis árvores frutíferas, dando uma recepção colorida e especial a quem chega.

— Vem, vamos olhar por dentro.

Entrando na sala vejo que as paredes foram derrubadas e os ambientes integrados, trazendo amplitude e otimizando todo o espaço.

Alguns móveis planejados já compõem os ambientes e isso facilitará muito a minha vida.

— É lindo.

— Sim, essa casa é um achado. — Roger diz, orgulhoso.

Tomo a liberdade de continuar meu *tour* por todos os lados para me familiarizar com tudo.

— Só vou precisar dos eletrodomésticos e de mais alguns móveis.

— Sim, e você pode ficar com tudo o que precisar da nossa casa, vou aproveitar as coisas de Roger. — Eli diz, feliz.

— Roger, como conseguiu encontrar essa casa? Estou aqui todos os dias e não tinha ideia que ela estava para alugar.

Digo e caminho para um pequeno corredor que com certeza dá acesso a suíte.

— Bom, na verdade, quem encontrou foi...

Abro a porta do quarto e dou de cara com Oberon de pé ao lado da janela olhando para o quintal.

— Obe... — Roger termina de dizer.

No momento em que nos ouve, ele gira seu corpo devagar e me cumprimenta com um aceno de cabeça.

— Oi — digo.

— Então, foi o Obe quem me disse que estava para alugar, quando estávamos conversando ontem à noite. — Roger diz.

— Por que não me disse ontem que sabia dessa casa? — pergunto, virando-me para Oberon.

— Eu... eu ainda não sabia.

— Você conhece o dono?

— Sim.

— E sabe por que ele vai cobrar um valor tão baixo?

Oberon meneia a cabeça em negativa e volta seu olhar para o quintal outra vez.

— É estranho ele cobrar esse valor numa casa tão incrível.

— Também achei, mas vai saber o que o cara pensa, talvez ele tenha muitos imóveis e o valor de um supre o outro. — Roger responde, dando de ombros. — E aí, Agatha, vai querer ficar com essa casa?

— Sim. Eu vou, com toda a certeza! — profiro, pulando de alegria por estar prestes a ter um lugar para viver que poderei pagar com meu próprio dinheiro.

Sorrio para Roger e Oberon. Roger me pega pelos braços e me dá um belo abraço de urso, Oberon mantém distância, entretanto, posso ver que também está feliz por mim, do jeito dele, comedido e distante, mas, ainda assim, vejo brilho em seus olhos.

— Quando posso encontrar o dono da casa para fechar negócio?

— Eu tomei a liberdade de pedir para ele passar o contrato no seu e-mail, você só precisa enviar cópia dos seus documentos pessoais e o valor do primeiro aluguel adiantado. — Ouço atentamente Oberon.

— Sério? Só isso? — pergunto, desconfiada.

— Sim, só isso. — Ele confirma.

— E depois disso posso me mudar?

— Sim, pode. Ele disse que você já pode ficar com a chave. — Oberon diz, apontando para a mão de Roger.

Roger ouve e sorri, balançando a chave na minha direção.

Que coisa estranha, que tipo de proprietário facilita tanto assim as coisas para um novo inquilino? A casa deve estar fechada há muito tempo mesmo.

— Que seja! — falo, irradiando alegria.

— Eu vou para o estúdio, você pode ficar por aqui, para olhar melhor a casa, Agatha.

— Sim, chefe. Obrigada! — Bato continência para ele.

Ele acena timidamente a cabeça, concordando, e em seguida sai porta a fora.

— Ah, estou tão feliz, essa casa é maravilhosa! Não vejo a hora de vir morar aqui.

— É ótima mesmo. Acho que Roger e eu viremos aqui jantar com você ou fazer um churrasco nessa área livre que tem nos fundos. — Eli diz, apoiando-se contra a janela para observar os fundos da casa.

— Que bom que conseguimos resolver isso há tempo, estava apreensivo, o casamento é em poucos dias e ainda não tínhamos um lugar aceitável para você viver. Agora fico mais tranquilo e podemos entregar a casa de vocês, assim que tirarmos tudo de lá.

— Sim. — Eli e eu gritamos e corremos para Roger.

Depois de namorar a casa por mais uma hora mais ou menos e planejar com Eli os móveis e eletrodomésticos que trarei para cá, eles avisam que precisam ir trabalhar.

Eu sinto uma dor no peito de ter que sair, estou tão apaixonada por esse espaço que não consigo me conter de tanta euforia.

— Quem diria que Agatha estava tão ansiosa para se livrar de você, amor! — Roger provoca.

— Ei! Não é nada disso, estava triste por ficar sozinha e sem um lugar legal para viver, mas agora estou feliz por nós três.

— Chega de conversa, temos que ir trabalhar, tenho muita coisa para adiantar na clínica, caso contrário não vou conseguir tirar os sete dias de folga depois do casamento e adeus viagem. — Eli choraminga.

— Ainda acho que vocês deveriam fazer uma festa de arromba.

— Concorde, Agatha. — Roger bate contra a minha mão, apoiando-me.

— Não, depois da cerimônia civil vamos dar um jantar com nossas famílias e amigos mais íntimos. Depois disso vamos viajar, que estou mais louca com a viagem que com o casamento em si. Não vejo a hora de chegar nas praias paradisíacas do Taiti.

— Por favor, leve-me na mala! Eu juro que enquanto estiverem no quarto se divertindo, eu fico na praia torrando ao sol.

Os dois começam a rir e prometem que vão trazer muitos presentes para mim.

Por fim, saímos da casa e eu sigo para o estúdio, enquanto Eli e Roger partem para seus respectivos trabalhos.

Assim que entro, encontro Oberon de cabeça baixa sobre uma pilha de papéis em sua mesa.

— Ocupado?

— Não, só verificando algumas planilhas de custo.

— Quer ajuda? Sou uma ótima administradora, posso te ajudar com seus custos fixos e variáveis e lhe indicar as melhores formas de investir seu dinheiro. Fechamos muitos trabalhos nessas últimas semanas e o estúdio vai ter uma excelente rentabilidade — explano, puxando algumas planilhas de sua mão.

— Não! — Ele grita, puxando os papéis de volta. — Quer dizer... não precisa, eu vejo isso e, qualquer coisa pergunto a você se eu tiver dúvidas...

— Ok! Só queria ajudar.

— Sei disso. Agradeço — diz ele, guardando todas as planilhas. — Melhor você olhar seu e-mail e preencher o contrato da casa o quanto antes.

A simples menção da casa já me faz abrir um sorriso imenso.

— Sim, sim. Vou fazer isso agora mesmo.

Dou a volta na minha mesa e ligo o computador para começar a preencher toda a papelada.

Algum tempo depois, envio o e-mail em retorno para o proprietário da casa com todos

os meus documentos pessoais anexados e solicito o número da conta bancária para eu fazer o primeiro pagamento. Por sorte o meu salário continua intocado na minha conta, já que Eli não me deixou usar nada dele para a nossa casa, no último mês. Então, vou poder pagar pelo primeiro aluguel tranquilamente.

— Oberon, você conhece esse proprietário? Foi ele quem te disse que a casa estava para alugar? — investigo.

— Conheço — diz, com a cabeça baixa e não fala mais nada.

— E?

— E, o quê?

— Foi ele quem te disse sobre a casa?

— Sim, eu... o encontrei na rua ontem à noite e... eu comentei que minha assistente estava procurando um lugar e ele ofereceu a casa por esse preço que você já sabe.

— Vocês são amigos?

— Não.

— Hum!

— Pode não parecer, mas eu conheço a maioria das pessoas dessa rua, vivo nesse bairro há muitos anos, Agatha. Mas, independentemente disso, não significa que eu seja amigo de todos os vizinhos.

— Eu não disse nada — murmuro, quase inaudível.

— Mas pensou. Se não quiser a casa é só dizer que ligo para ele e cancelo tudo.

— Não, não. Eu quero, lógico que quero. E agradeço muito por ter lembrado de mim — respondo, balançando as mãos.

— Ótimo. Então, chega de interrogatório. Tem muita coisa para você resolver hoje, várias propostas para responder, além de fechar a agenda das próximas semanas e cobrar o envio das peças que precisam ser fotografadas aqui no estúdio.

— Aish! Eu sei, eu sei. Vou começar agora mesmo.

E assim o tempo passa num piscar de olhos, envolvida totalmente nos afazeres do estúdio que a cada dia fecha mais e mais negócios. A notícia de que Oberon está de volta ao mundo das fotografias se espalha e os contratos aumentam dia após dia.

— Quando pretende se mudar? — Oberon pergunta no fim do dia.

— O mais rápido possível, o casamento é no sábado e quero resolver isso o quanto

antes. O proprietário retornou meu e-mail, farei a transferência do dinheiro para a conta dele ainda hoje. E ele confirmou que posso ficar com a chave e ir trazendo minhas coisas.

— Isso é ótimo. Se você... se você precisar de ajuda, pode me dizer.

Ele está tão prestativo e gentil que meu coração palpita desordenado a todo instante.

— Obrigada, aviso sim e... — Meu celular começa a tocar e desvio minha atenção para o visor, lendo o nome do meu pai.

— Oi, pai.

— Filha, como você está, meu amor?

— Bem, e vocês?

— Também, sua mãe disse que você viria nos ver e estamos esperando.

— Desculpa, pai. É que está tudo tão corrido.

Sento-me na cadeira giratória da minha mesa e viro ficando de costas para Oberon.

— Você sempre vem dando desculpas para não nos visitar.

— Não é verdade. É que tem o trabalho e o casamento de Eli e minha mudança, as coisas começaram a acontecer...

— Você vai se mudar para onde?

— Para uma casa ao lado do meu trabalho, é uma casa ótima. Vocês terão de vir me visitar e dormir aqui alguns dias. Vão adorar.

— Tenho certeza que vamos, querida. Então avise quando estiver estabelecida que vamos passar uns dias com você na casa nova.

— Jura, pai? Vou adorar. Esperarei ansiosa por vocês.

— Nós também vamos adorar. Agora vou deixar você com seus afazeres, sua mãe está lhe mandando um beijo.

— Outro para ela. Pai, eu te amo! Ah, e amo a mamãe também!

— Também amamos você, querida. Qualquer coisa que precisar nos ligue, *ok*?

— Pode deixar.

Encerro a ligação e assim que giro de volta vejo Oberon estático olhando para mim, ele ouvia cada palavra dita para meu pai. E não consigo analisar sua expressão nesse momento.

— O que foi? — pergunto, curiosa.

— Hã?! Nada, nada. Eu... só estava ouvindo você falar com seu pai. Ao que parece vocês se dão muito bem.

— Sim, muito bem, meus pais são divertidos, amorosos e estão sempre dispostos a me ajudar, nossa relação sempre foi muito boa.

— Você tem irmãos?

— Não, sou só eu.

Ele nunca fala de nenhum assunto pessoal, então me surpreendo com a súbita curiosidade em saber mais da minha família. Será que a relação dele com seu pai e irmão é tão ruim, e por isso ele nunca fala deles?

Decido virar o jogo e investir, aproveitando a rara oportunidade de poder desenvolver uma conversa casual com ele.

— E você?

— O que tem eu?

— Você tem irmãos e pais?

Oberon baixa a cabeça e aperta os lábios, além de franzir discretamente a testa. Penso que ele está decidindo se continua a conversa comigo ou a encerra de uma vez.

Eu aguardo ansiosa por sua decisão.

— Sim, eu tenho um irmão e meu pai. Minha mãe faleceu quando eu era ainda criança.

— Ah, sinto muito por sua mãe.

— Não, tudo bem. Faz muito tempo e eu era muito novo, quase não tenho lembranças dela.

Concordo acenando com a cabeça.

— E seu pai? — pergunto, mas já sabendo um pedaço da história.

Ele umedece os lábios e expira o ar ruidosamente antes de continuar a falar.

— Faz tempo que não o vejo.

— Ele mora longe?

— Não. Mora nessa mesma cidade.

Hesito por alguns segundos, sem saber ao certo se esse é um terreno que devo continuar a avançar ou parar por aqui.

— Vocês não se dão bem?

— No passado não, no presente eu não sei.

Continuo a encarar seu rosto, esperando... não, esperando não, desejando que ele continue a falar. E de alguma forma Oberon parece atender meu pedido silencioso e volta a

contar mais sobre sua vida.

— Depois que minha mãe morreu, ele ficou responsável por dois meninos, meu irmão Ítalo e eu, e hoje tenho consciência de que não foi fácil para ele perder minha mãe e criar duas crianças sozinho, mas, na época, eu não tinha esse entendimento e o culpava por tudo. Por ser ausente demais, por ser presente demais, por ser raivoso demais, por se meter em tudo, por querer ditar o que podíamos ou não fazer. Conforme eu crescia os embates se tornavam cada vez mais frequentes, até que assim que entrei para a faculdade, ele pediu para eu sair de casa.

— O quê? Por quê? — pergunto, num tom acima, surpresa pelo que acabo de ouvir.

— Ele esperava que o meu caminho fosse o mesmo de Ítalo e Roger, tornando-me mais um engenheiro. Mas eu queria algo diferente disso — diz, dando de ombros.

— E desde então vocês não se falam?

— Ah, não. Com o tempo, ele foi se acostumando e depois eu me casei e... bom, depois as coisas voltaram a uma convivência confortável, mas nunca fomos como você é com seus pais. — Oberon fala sobre um assunto difícil, mas sua postura está mais relaxada, o que me surpreende.

— Você disse que não o vê há um tempo. Muito tempo?

— Alguns anos.

— Posso perguntar por quê?

— Não seria você se não perguntasse. — Ele diz, com um meio sorriso nos lábios.

— Desculpe...

— Eu... — ele fecha os olhos e suspira antes de continuar — eu fiquei um tempo longe daqui, vivendo pelo mundo e tentei ao máximo me desconectar de tudo e todos, e esperava continuar assim até o fim. Mas meu pai acabou por ter sua doença agravada e Ítalo não estava conseguindo arcar com todos os custos, apesar de tudo, eu não poderia deixá-lo sem os cuidados necessários.

Apesar de nunca ter ouvido tais palavras de sua boca, eu sei como deve ser difícil para ele retornar e assumir estas responsabilidades.

— Você ainda não o viu desde que voltou?

— Não — murmura, de cabeça baixa.

— Você quer vê-lo?

Oberon ergue sua cabeça novamente e me encara.

— Eu não sei.

— Você tem medo?

— Eu não sei.

— Vou fazer um jogo que sempre funciona, você tem que ser bem rápido para responder. Não pense, só responda em menos de um segundo, sem pensar em mais nada. Você quer ver seu pai?

— Sim.

Abro um sorriso orgulhoso de mim e ele me acompanha exibindo o mesmo sorriso.

— Algumas coisas em nossas vidas não devem ser analisadas profundamente, devemos deixar que nosso coração nos guie e não nossa cabeça. Nem sempre a razão tem razão.

Oberon levanta as duas mãos em sinal de rendição e suspira. Eu aproveito e continuo.

— Quer companhia?

— Para? — pergunta, desconfiado.

— Visitar seu pai. Posso ir com você.

Eu gostaria de ter uma filmadora nesse momento para gravar e assistir repetidas vezes a expressão de pânico no rosto dele. Acho que se eu tivesse pedido para Oberon tirar a roupa, sua expressão não denotaria tanta surpresa como agora.

— Eu...eu...

— Não pense tanto. É fim de expediente, nós só precisamos entrar naquele carro estacionado na sua garagem e seguir até a casa do seu pai. Você entra, o visita e volta para sua casa. Simples assim! — falo, enumerando os fatos para encorajá-lo.

Oberon esfrega o rosto com as duas mãos, de uma maneira tão vigorosa que parece viver um dilema doloroso. Eu franzo meus lábios, esperando por uma bronca do tipo “Agatha, por que não cuida da sua própria vida?”. Contudo depois de alguns segundos, ele olha para mim e meneia sua cabeça, concordando.

— Você concordou? Mesmo?

— Não era isso que esperava?

— Eu?

— Sim, você. Acabou de fazer um jogo e me dizer para não pensar tanto, era isso, não era?

— Era. Era isso! — Alço minha bolsa da cadeira, confiante, mas com pernas trêmulas e

caminho para a saída. — Vamos.



Quando Agatha pergunta a mim se quero companhia para visitar meu pai, fico completamente sem reação. Eu nunca sei o que esperar quando o assunto é ela, cada vez que uma nova frase salta de seus lábios em minha direção, sinto cair num poço sem fundo, daqueles que a gente grita e grita, mas nunca é resgatado.

É isso, eu caí.

Caí num poço repleto de situações inesperadas, seja de suas ações ou palavras, sou sempre surpreendido. Sempre.

— Por que está sorrindo? — pergunto para ela a caminho da casa do meu pai.

Noto que Agatha sorri em vários momentos e imagino se existe algo mais que a esteja deixando tão feliz.

— Estou? Não reparei.

— Sim, sorri a todo momento, como se lembrasse de uma piada ou algo engraçado em sua vida.

— Não, nem piada, nem algo engraçado. Mas, algo maravilhoso, estou tão feliz em ter conseguido essa casa, você nem imagina. E tudo isso, graças a você, que conhece todos os seus vizinhos.

Agatha estica sua mão e afaga meu ombro várias vezes, soltando alguns gritinhos.

Experimento uma sensação estranha percorrer todo o meu corpo a cada toque dela contra minha pele, sinto como se algo fosse depositado diretamente em minhas veias, posso alcançar cada célula sendo tomada por uma reação espantosa, como se comesse a revesti-las com algo mais que o comum clima gélido que as cercou por todos esses anos.

Seu comportamento me acalma e faz com que eu acredite que tomei a atitude correta. Mesmo não sendo da minha conta, mesmo eu tendo sido invasivo e mesmo... ah, eu não sei, não sei mais o que estou fazendo.

— Tudo bem, Agatha. Não foi nada, por acaso eu o encontrei ontem e deu tudo certo para você — respondo, tentando parecer o mais desinteressado possível.

Mas a realidade é bem diferente disso e, enquanto dirijo começo a recordar o dia anterior.

Quando Roger diz de sua preocupação com Agatha, porque não encontram nenhuma casa decente para ela e o tempo para isso se torna cada vez mais curto, sou tomado por um senso de urgência que há tempos não sentia.

Primeiro vou até minha vizinha mais antiga e amiga de longa data da minha família, ela diz que nosso bairro é difícil ter casas para alugar, pois são casas passadas de um para outro familiar, mas que ligará para algumas pessoas para saber mais informações.

Pouco tempo depois retorna e diz que o senhor Alfredo pretende alugar sua casa dentro de alguns meses.

Meses? Eu não tenho meses.

Ligo para ele para conversar pessoalmente, sua casa fica a uns trinta metros de distância da minha e estava ocupada por seu filho mais novo que acabou de se mudar para a Holanda e vai ficar por lá por cinco anos a trabalho.

— Não vai alugá-la?

— Vou, Obe, mas não fui atrás de nada ainda.

— Eu quero alugar, mas preciso da casa para amanhã.

— Amanhã? Você quer ampliar o estúdio?

— Eu...não. Na verdade, é para minha assistente, mas ela tem urgência em se mudar.

— Bom, se é para você, meu filho, está tudo bem. Venha aqui em casa pegar a chave.

— E quanto será o aluguel?

— Jonas disse para alugar por dois mil.

Dois mil? Agatha nunca aceitará pagar por esse valor. As casas desse bairro são inflacionadas demais. Mesmo se eu der um aumento de salário a ela, ainda assim ficará difícil. Contudo essa casa é ótima e está ao lado do estúdio e num impulso repentino tomo uma decisão.

— Eu vou precisar de um favor.

— Pode falar, Obe.

— O senhor fará um contrato de aluguel para ela informando a metade desse valor. O restante eu mesmo farei o pagamento mensalmente em sua conta bancária.

— *Você vai pagar pelo aluguel dela?*

— *Não, vou pagar por metade. Mas ela não precisa saber disso.*

Não consigo avaliar se tomar uma decisão tão imediatista foi o melhor a ser feito, eu provavelmente deveria apenas aumentar o seu salário e Agatha escolheria uma casa em qualquer outro lugar. Mas não posso negar que saber que ela estará a uma distância tão curta todos os dias não me impeliu de alguma forma a ser tão impetuoso.

— Falta muito? — pergunta.

— Não, estamos próximos, mais uns cinco minutos.

Sinto meu tórax se apertar e ser invadido por um efeito de opressão conforme a casa do meu pai se aproxima. A reação tão comum da ansiedade irradiando por mim, e, mesmo sendo uma reação comum em todas as vezes ela me assusta.

Com Agatha ao meu lado, resisto e me oponho a deixar que esse sentimento tome proporções maiores, por isso, procuro recursos aleatórios que me distraiam dessa sensação tão dominadora.

— Quantos anos você tem, Agatha?

— O que? Bom... achei que soubesse, pela minha ficha do trabalho e...

— Quantos anos você tem, Agatha? — imploro, com pressa.

— Tenho vinte e nove.

Mentalmente uso a técnica de somar sete. Uma técnica usada para distrair a mente e conseguir prever e adiar um ataque iminente de ansiedade. Então começo, vinte e nove mais sete, igual a trinta e seis, trinta e seis mais sete, igual a quarenta e três e por aí vou até sentir o aperto em meu tórax diminuir.

Quando meu cérebro volta a ficar controlado, noto que já passei pela casa do meu pai.

— Agatha, vamos embora.

— Embora? Mas nem chegamos ainda.

— Posso fazer isso outro dia.

— Oberon...

Ela chama meu nome com um tom de voz condescendente e tenho a impressão de que todo o meu esforço para ela não perceber nada tenha sido em vão.

— Oberon, escuta. Eu sei que pode ser difícil para você estar aqui hoje, mas pense que

dar um passo por vez é o melhor remédio em busca da cura. Imagino que tenha sido muito mais difícil voltar para sua casa e reabrir o estúdio, mesmo assim foi ficando mais fácil com o passar dos dias, não foi? Vamos entrar e ver seu pai e, depois disso vai ficar mais fácil quando quiser voltar.

Dizer *não* a ela, torna-se uma tarefa abstrusa dia a dia. Por isso aceno minha cabeça concordando com o que diz e dou a volta no carro seguindo para estacionar em frente à casa que nasci e cresci.

— É aqui? — Agatha questiona, olhando pela janela para a casa azul e branca do outro lado da rua.

— Sim.

— É linda, parece que estou na Grécia.

Sorrio ao olhar para seu rosto e notar como está encantada com a visão da casa mais destoante de todas as outras nesta rua.

— Quando eu era criança, odiava esse lugar.

— O quê? Por quê? Ela é incrível.

— Não era quando eu tinha oito anos e precisava explicar os porquês de viver numa casa que parecia ter vindo de barco diretamente da Grécia até aqui.

Acompanho o olhar de Agatha e observo a casa que não visito há anos. Ela é passada de geração em geração, meu avô a arquitetou e edificou nos mesmos moldes de sua antiga moradia na Grécia, com uma alvenaria rústica e paredes arredondadas, além de ter seu interior e exterior completamente branco com janelas e portas azuis.

— Crianças são apenas crianças. Essa casa é linda, de verdade.

Agatha se vira para mim e vejo em seus olhos pureza, honestidade e empatia. Sua essência transborda através do brilho que irradia de sua íris castanha e não posso deixar de me afetar vendo-a sorrir e olhar dessa forma.

— Seu nome é igual ao do meu avô. — Ela diz, sorrindo ainda mais abertamente.

— É mesmo?

— Sim, ele era grego.

— Meu avô também era.

— Sinto saudade dele e vendo essa casa sinto ainda mais, ele sempre disse que um dia visitaríamos a Grécia juntos.

— Não tenho muitas lembranças do meu avô — respondo.

— Eu tenho muitas. Íamos ao parque de diversões todos os finais de semana. Eu amo roda-gigante, algodão-doce e todas as guloseimas dos parques, mas desde que ele morreu eu nunca mais visitei um. Nos divertíamos tanto que não sei mais ir até um sem me lembrar dele — ela diz, nostálgica. — Eu posso entrar com você? — indaga, desviando seu olhar de mim. — Mas entendo perfeitamente se quiser que eu espere aqui no carro. É sério, eu espero aqui, sem...

— Sim, você pode entrar, vai gostar da casa.

Agatha abre mais um sorriso arrebatador, daqueles tão abertos que enrugam todo o seu rosto. E eu sinto vontade de sorrir pela simples visão de vê-la assim.

— Vamos — digo, abrindo minha porta.

Ela desce do carro também e para de frente ao portão de madeira azul. Encaixo minha mão por dentro dele e destravo a pequena tranca. Respiro fundo pronto para encarar esse lugar e Agatha toca meu braço suavemente encorajando-me a continuar.

Quando estamos na metade do caminho até a porta principal ouço-a se abrir e vejo Ítalo surgir com as sobrancelhas erguidas e uma expressão de espanto estampar seu rosto.

— Oberon?

Ele varre meu corpo de cima a baixo e em seguida volta-se para Agatha e faz o mesmo com ela, aumentando ainda mais o espanto em seu semblante.

— Oi, Ítalo.

— O que está fazendo aqui? Quer dizer, você está aqui? Mesmo? Não acredito que está aqui. Meu Deus, você está aqui?

Ele fala sem respirar, jogando uma pergunta em cima da outra, sem me dar tempo para responder.

— E quem é você? Quem é ela? — diz, apontando para Agatha.

— Sim, eu estou aqui. Vim ver você e o pai e essa é Agatha, minha assistente.

— Cara... — ele joga os braços para o alto e eu o alcanço.

Ítalo se joga sobre mim e me abraça, firme e demorado. Retribuo o gesto e deixo-me dominar pela presença de meu único irmão.

— Estou muito feliz em vê-lo aqui. Muito mesmo — ele diz.

Meneio minha cabeça, assentindo. Agora ele se vira na direção de Agatha e estende

uma mão.

— Sou Ítalo, muito prazer.

— Agatha.

— Eu posso entrar ou você vai ficar me encarando como se eu fosse um fantasma? — Ítalo está com a boca aberta olhando para mim e isso já está se tornando desconfortável.

— Claro, claro — diz e bate com a mão na testa, para lembrar a si mesmo que está a tempo demais me encarando. — Venham.

Ultrapassamos a porta principal e, assim que olho para o interior da casa sou puxado para um turbilhão de sentimentos que evitei sentir a todo custo.

Agatha disse ainda há pouco dentro do carro, que imaginou ser mais difícil voltar para minha casa e reabrir o estúdio do que entrar aqui. Contudo eu não sei, foi muito difícil entrar lá, muito mesmo. Mas entrar aqui é muito difícil também, talvez até pior. Uma vez que foi Lara quem nos uniu novamente, foi ela quem me trouxe para o convívio harmonioso com essas pessoas depois que saí de casa. Era aqui que passamos a comemorar cada feriado, cada aniversário, cada natal, cada ano novo. Sua presença aqui é tão forte, como é em nossa casa.

— Está tudo igual, não é, Obe? — Ítalo diz, batendo sua mão sobre um dos móveis.

— Sim, está.

Respiro profundamente para não me entregar à vontade iminente de ir embora. No entanto quando vejo Agatha contemplando cada centímetro da casa com um olhar quase infantil, admirada e absorvida pela magia da casa grega que atravessou o oceano nas memórias de meu avô e cravou-se no meio desta cidade.

Todos os pensamentos agoniantes sobre um passado que não consigo esquecer, são suavizados e, no lugar deles infiltra-se um contentamento em ver essa mulher tão desajeitada, com suas mãos esticadas, mas hesitante em tocar ou não os móveis integrados feitos em alvenaria que compõem a casa.

— Gostou da casa? — Ítalo pergunta a Agatha.

— Hã? Eu?

— Sim, só pode ser você, Oberon cresceu aqui — diz, rindo. E eu estreito meus olhos para ele, reprimindo o sarcasmo desnecessário.

— Eu amei, é tudo tão perfeito. A decoração é tão real que tenho a sensação de que acabei de chegar ao Mediterrâneo.

— É mesmo, todos que entram aqui pela primeira vez sentem isso. Quer conhecer o restante da casa? Posso mostrar a você.

— Eu mostro — digo, interrompendo Ítalo.

Ele concorda, acenando.

— Você veio ver o pai?

— Sim, e... você.

Ítalo segue adiante galgando os primeiros degraus e eu o acompanho, quando percebo que Agatha não está atrás de mim.

— Você não vem?

Ela balança a cabeça, negando.

— É um momento de vocês, eu vou esperar aqui.

— Gostaria que você viesse.

Vejo-a engolir a seco e entreabrir os lábios, analisando meu intempestivo pedido. E concebo que possivelmente minha rogativa possa parecer um tanto quanto estranha para ela, pois nunca pedi algo assim para ninguém.

Por fim, após alguns minutos, ela decide e caminha até mim, avançando a cada passo meu.

No momento em que entro no quarto principal da casa, avisto meu pai deitado sobre uma cama hospitalar. Sua aparência é tão distinta do que tinha em minhas lembranças, está visivelmente mais magro, com braços finos e de musculatura flácida. Seu rosto que antes carregava uma expressão sempre de insatisfação, agora não carrega nada.

Viro-me para Ítalo esperando que ele me diga alguma coisa.

— Está dormindo, às vezes reconhece alguém, mas na maioria das vezes não, de mim mesmo ele mal se lembra. Na maior parte do tempo, murmura frases aleatórias ou chama por nossa mãe, chama incansáveis vezes por ela. Sara, sua enfermeira, executa todos os cuidados necessários durante o dia e a noite ficava por minha conta, mas com sua ajuda, agora somos capazes de manter duas enfermeiras alternando os turnos, também pudemos melhorar toda a alimentação e comprar mais aparatos clínicos para o quarto. Sua ajuda foi fundamental, obrigado.

Eu sabia que as condições de meu pai não eram das melhores, sabia que estava dessa maneira. Mas mesmo sabendo, ainda assim, é penoso demais ver com meus próprios olhos que

aquele homem tão saudável e intenso, agora está sendo consumido por seu próprio corpo.

— Pode ir lá, Obe.

— Não quero acordá-lo.

— Você não vai. Esse horário nada o acorda.

Caminho em direção a cama e paro quando estou bem ao seu lado. Ergo uma das minhas mãos e coloco sobre a dele.

Lembro das vezes em que sua mão se levantou contra mim, das vezes em que ele disse que somente ela poderia me educar, deixando-me caído no chão, odiando ainda mais sua presença e esse lugar. Em contrapartida lembro-me também do seu aperto de mão vigoroso parabenizando-me no dia do meu casamento, lembro-me também do aperto em meu braço nos diversos aniversários que passei aqui, nos abraços desejando feliz natal.

Agora que o vejo, dessa forma, clamando por minha mãe em momentos de devaneio, compreendo que sua vida acabou no mesmo dia que a dela. Ele apenas sobreviveu através do tempo para criar suas duas crianças, para não nos deixar ao relento ou a própria sorte.

Ele apenas vagou esperando que o dia de encontrar minha mãe chegasse.

Olho atentamente para meu pai e penso que não quero ficar assim, não quero atravessar décadas para ficar sobre uma cama hospitalar gritando por uma pessoa que se foi antes de mim. Eu só queria ter tido força e capacidade para compreender isso antes e poder lutar contra a apatia que se instalou sobre minha vida.

Nunca fui forte o bastante. Sou fraco como meu pai, a única diferença entre nós é que eu ainda estou de pé e ele não.

É assim que quero terminar?

É assim que desejo passar meus últimos dias?

É assim que as pessoas devem sentir a falta de outra?

É assim que devo mostrar que ela faz falta na minha vida?

— Oberon? — Ouço Agatha sussurrar ao meu lado, à medida que toca meu ombro.

Ela oferece um sorriso tímido, mas extremamente reconfortante. Observo sua face e ela não desvia dos meus olhos, permite que eu a descortine, que enxergue cada sentimento oferecido.

Eu nunca desejei mulher alguma desde que Lara morreu. E jurei para mim mesmo, que nunca desejaria ou teria mulher alguma ao meu lado. Afastei todas que um dia pensaram em se

aproximar, tão rápido quanto se pode afastar um vendedor inconveniente que bate à sua porta.

Mas Agatha chegou atropelando e derrubando todos os obstáculos, como uma atleta olímpica veio saltando todas as barreiras e chegando mais e mais perto de mim, sem que eu fosse capaz de notar ou me prevenir de sua aproximação.

E agora ela está aqui, ao meu lado.

Sem que eu possa fazer mais nada, sem forças para dizer que se afaste e sem vontade alguma de fazê-lo. Porque minha real vontade nesse momento é que ela se aproxime ainda mais.

— Sim.

— Quer conversar com ele? — Ela pergunta, num tom de voz baixinho e aveludado.

— Não, ele está dormindo.

Ela acena, positivamente. E logo se afasta, parando embaixo do batente. Olho para meu pai novamente e me despeço dele acarinhando sua face.

Ao passar por Ítalo, despeço-me dele também, apressado para passar pelas portas e poder respirar outra vez.

— Você está bem? — Agatha diz ao meu lado.

— Sim, eu estou. Só precisava respirar um pouco.

Ela fornece o espaço que preciso afastando-se alguns passos de mim e depois de inalar o ar demasiadamente, estou pronto para sair.

Entro no carro e Agatha faz o mesmo, ambos olhamos mais uma vez para a casa, e ficamos em silêncio, até que ela volta a falar.

— Quer ir a um parque de diversões comigo?



CAPÍTULO TREZE

Agatha

A pergunta escapa de mim e só depois de pronunciá-la noto que ela deveria ter sido dirigida para Eli ou Roger, nunca para Oberon. Baixo o olhar para minhas mãos, envergonhada pelo que acabei de dizer e em seguida observo a casa da família de Oberon mais uma vez, fico encantada como um lugar tão singular pode existir aqui no meio dessa cidade sem que eu, ao menos suspeitasse.

Gostaria que meu avô e o dele ainda vivessem, tenho certeza que se dariam muito bem. Meu coração é inundado por um saudosismo impossível de ignorar.

— Agora? — pergunta, suavemente.

— Hã? Não. Desculpe, não sei por que disse isso, acho que essa casa acabou me deixando saudosa. Esqueça o que eu acabei de dizer e...

— Podemos ir agora. Tem um na cidade vizinha que funciona durante todo o verão.

Encaro sua face coberta pela densa barba e não consigo lê-la, ele habilmente esconde o que está acontecendo dentro de si, não deixando transparecer nenhum sentimento em seu rosto. Seus olhos fixos nos meus não se movem, os lábios cerrados não esboçam absolutamente nada.

— Não, imagine. Ideia maluca a minha. Deixei meu carro no estúdio, volto para lá com você e depois vou para casa terminar de arrumar minhas coisas.

Falo e começo a remexer no banco, buscando o cinto de segurança.

— Agatha?

Solto o aparato de segurança e viro-me para ele.

— Sim.

— Eu quero ir. Quero levá-la.

Eu não consigo me mover, não consigo falar, meu estômago parece flutuar dentro de mim, meu coração bate descompassado pronto para sair por minha boca.

O que isso significa? Como posso interpretá-lo sem dar nenhum passo em falso?

— Está falando sério? — falo, depois de muito tempo. Ele faz um sinal afirmativo com a cabeça. E meu coração bate ainda mais forte.

— Hoje?

Ele acena outra vez.

— Não sei o que pensar — digo, apertando uma mão na outra.

— Você me disse para não pensar.

Sim, eu disse isso a ele. Mas não sei até que ponto ele está seguindo esse conselho, se isso quer dizer que parou de pensar em tudo que atormenta sua vida, ou se parou de pensar só por hoje ou se parou de pensar para sempre. Ah, Deus! O que isso quer dizer?

— Está pensando, não é? Você se mexe bastante quando pensa. Parece que seus conselhos não são seguidos com frequência por você.

— É claro que são... bom... na verdade, não. Raramente faço o que digo — murmuro.

Ele suspira resignado ao meu lado e tenho um palpite de que Oberon tenha depositado sua fé em mim, presumo que ele espera que eu o encoraje a seguir adiante. E sinto-me irradiar com alegria, porque percebo que estou conseguindo o que nenhum outro foi capaz. Abrir seus olhos para o mundo ao seu redor e olhar para as diversas vidas que ainda estão aqui para ajudá-lo e acalantá-lo no que for preciso.

Oberon mesmo que em silêncio a maior parte do tempo, implora por ajuda, implora por compreensão, implora por paz, implora por amor. Basta abrir o coração para ouvi-lo.

— Sim, isso mesmo, não pensar e seguir. Vamos ao parque, agora.

Vejo seus lábios moverem-se timidamente e formarem um tênue sorriso.

Devo dizer que estou muito ansiosa, primeiro pela possibilidade de seu coração tão ferido estar se recompondo novamente e segundo por vislumbrar que seja eu a pessoa que esteja fazendo isso.

Giro meu corpo lentamente e o vigio disfarçadamente tentando descobrir alguma outra reação ou alteração de comportamento que denote uma aproximação.

— Por que está me olhando?

— Eu? — falo, afobada.

— Sim, estou dirigindo, mas consigo perceber você me olhando.

— Não estava olhando para você, estava olhando para a rua... através da... sua janela.

— Hum! A rua através da sua janela não deve ser tão interessante, imagino.

— Falta muito? — pergunto, mudando de assunto.

— Você definitivamente é como uma criança. Toda vez que estamos no carro você pergunta se falta muito.

— Não pergunto não.

— Pergunta sim, mesmo que o trajeto seja de alguns minutos.

— Não é gentil você apontar esse tipo de coisa, deveria apenas responder.

Ele começa a rir e eu arregalo os dois olhos, ainda é um som incomum para mim, surpreendo-me toda vez que o ouço e anseio poder ouvir mais vezes.

— Eu respondi corretamente da vez anterior, mas não resisti dessa vez. Vou tentar na próxima.

— Na próxima eu dirijo — resmungo.

— Avisei que o parque é na cidade vizinha. Quanto da nossa região você conhece? Tenho um pressentimento de que não anda muito por aí.

— Não mesmo, estava sempre estudando ou trabalhando, sem muito tempo para sair.

Ele não fala mais, só continua a dirigir. Depois de algo em torno de uns trinta minutos, posso ver as luzes piscando e todo o brilho do parque atingir e colorir o céu. A roda gigante, linda, assim como nas minhas memórias reluz e gira atraindo-me tal qual uma mariposa para a luz.

Não consigo acreditar que estou aqui num dia comum de trabalho e o mais incrível é estar com Oberon num lugar que para mim é muito especial, tão especial quanto ele é na minha vida.

Mesmo que ainda não saiba, ele é.

— Pronta? — diz, ao estacionar.

— Sim.

Descemos e a cada passo que dou em direção a esse mundo mágico, mais ansiosa e feliz me sinto.

Oberon para próximo a uma cabine e logo volta carregando em suas mãos vários

papeizinhos.

— O que são essas fichinhas?

— São *tickets* para acessarmos os brinquedos. Onde quer ir primeiro?

— Na roda-gigante — digo, sem pestanejar.

— *Ok*, então vamos lá.

Seguimos lado a lado até onde está meu brinquedo preferido no mundo e ao caminhar noto as pessoas que passam por nós sorrindo e muito felizes, aparentemente sem preocupação alguma, exatamente como deve ficar uma pessoa dentro de um parque de diversões.

Paramos na pequena fila e, aguardo inquieta pela nossa vez.

— Está com medo? — Ele diz, cruzando os braços de frente ao tórax.

— Não, claro que não, eu amo roda-gigante. Estou ansiosa para entrar logo, não ando em uma desde o fim da minha infância.

— Você parece feliz.

— Eu estou, estou muito feliz. Obrigada.

Oberon franze o cenho e inclina a cabeça alguns centímetros.

— Pelo quê?

— Por hoje.

Vejo seus olhos brilharem como nunca vi antes, talvez seja pelas luzes do parque, não sei precisar. Mas o que posso dizer é que nunca os vi brilhar assim antes. Olhos sempre tristes aprisionados dentro da grandeza de sua alma torturada, escondidos e apagados, agora brilham como o sol, incandescente e resplendoroso trazendo à tona toda palavra não dita, a pura e verdadeira, aquela que olhar nenhum é capaz de esconder.

— Obrigado. — Ele diz, fazendo-me sorrir.

— Pelo quê? — pergunto, entretanto, sabendo exatamente o que ele quer dizer.

— Por hoje.

Assinto em silêncio, apenas acenando com minha cabeça e volto-me para olhar a roda-gigante novamente.

Depois de alguns minutos nossa vez, enfim, chega. Entregamos os tickets ao monitor do brinquedo que nos auxilia a entrar na cabine.

Quando eu era criança as rodas-gigantes eram diferentes, sentávamos numa cadeira para duas pessoas e permanecíamos com as pernas penduradas e o vento batendo no rosto. Imagino

que essa seja mais segura, repleta de cabines fechadas, dentro dela é possível que fiquemos de pé para observar tudo lá de cima, ou sentados em um banco para duas pessoas em um dos lados.

O monitor diz que ficaremos no brinquedo por volta de vinte minutos e eu já começo a imaginar quantas vezes eu posso vir até aqui.

Assim que nos acomodamos dentro da cabine, Oberon se senta e eu fico de pé colada ao vidro.

— Será que vai demorar para começar a girar? — pergunto, ávida.

— Ainda me espanto com sua urgência para tudo — diz, sorrindo, antes de pegar o celular de um dos bolsos e começar a usar.

— Não sou.

— Ah, você é!

Chato!

Penso, franzindo meus lábios por um segundo, mas pulando e sorrindo no outro, quando finalmente sinto o brinquedo se movimentar.

É indescritível o que estou sentindo, um estado de felicidade me domina por inteiro, uma sensação de satisfação e plenitude por estar revivendo algo que para mim é tão marcante e sensível.

Viro-me para trás e vejo Oberon com o celular em uma das mãos, mas com a tela desligada, seu olhar está preso em mim, sua face denota a mesma satisfação pela qual estou passando e fico curiosa em saber se ele também gosta tanto da roda-gigante quanto eu, já que ele ainda nem olhou pela janela.

— É maravilhosa, não é?

Sem tirar os olhos de mim, ele pensa por alguns segundos antes de responder.

— Sim, é maravilhosa — sussurra.

Depois dos vinte minutos, nosso passeio chega ao fim e sinto-me automaticamente entristecida em ter que sair da cabine. Oberon toca meu ombro, impulsionando-me para fora do brinquedo, quando o monitor abre a porta.

— Eu já vou sair.

— Voltamos mais uma vez depois, mas agora tem que sair, Agatha.

— Eu sei, eu sei. — E por fim, saio do brinquedo.

Quando já estamos a alguns passos de distância, ouço Oberon começar a rir.

— O que foi?

— Você é impossível. O que pretendia, ficar lá dentro?

— Sim — murmuro, bem baixinho.

— Ah, Agatha... acho que nunca conheci alguém como você, sinceramente. Vamos, tem outros brinquedos para você ir.

E assim fazemos, andamos na montanha-russa, no navio pirata, no trem-fantasma e no carrossel.

— Está com fome?

Não estou com fome, mas quem precisa estar com fome para se deliciar com as comidas de um parque de diversões?

— Sim, vamos comer — respondo.

Arrasto-o pelo braço até chegar à área de alimentação. E assim que todos aqueles quitutes alcançam meus olhos, fico sem ter ideia de por onde começar.

— O que quer comer?

— Acho que vou começar com um cachorro-quente, um pedaço de pizza e um refrigerante, depois disso quero um algodão-doce e uma maçã do amor.

Oberon franze a testa, surpreso, pelo pedido que fiz.

— Exagerei?

— Não, não. Vou comprar para você.

Diz e sai em direção à lanchonete, eu escolho uma das mesinhas e me sento para esperar por ele.

Pego meu celular de dentro da bolsa para verificar as mensagens não lidas e logo vejo uma de Eli, perguntando onde eu estou.

Estou num parque de diversões.

Você está onde? Com quem? Num encontro?

Não! Não estou num encontro.

Depois falamos. Bjos.

Entretanto, ao olhar para Oberon em pé na fila para comprar comida para mim, penso que se isso fosse um encontro, seria o encontro perfeito.

Posso dizer que tudo no dia de hoje foi perfeito e ele fez parte de cada detalhe perfeito.

Ah, meu Deus! Não consigo parar de pensar na palavra “perfeito”.

Após alguns minutos vejo-o voltar, carregando uma bandeja repleta de guloseimas.

— Aí está. Aproveite!

— Eu vou.

Mastigo, mastigo e mastigo, incansavelmente e a cada mastigada uma explosão de sabores estoura dentro da minha boca. O cachorro-quente não tem sabor de cachorro-quente, tem sabor de domingo brincando no carrossel. O algodão-doce não tem sabor de algodão-doce, tem sabor de correr ao ar livre, jogando-me no gramado quando minhas pernas já estão cansadas demais para continuar.

— Eu gosto de ver você comer. — Oberon diz, segurando uma lata de refrigerante.

— Por quê?

— Porque a comida parece ter um sabor especial para você. Vejo como você aprecia cada pedaço como sendo único.

Paro de mastigar e estudo sua voz e face. E tento entender o que cada palavra quer dizer.

— Desculpe se a constrangi. Foi um comentário aleatório.

Balanço a cabeça, negando que tenha me constrangido e volto a mastigar.

Quando estou completamente saciada e não digo isso por causa do meu estômago e sim pela minha alma, minha alma está saciada por ter tido um dia tão fantástico quanto esse.

Por fim, pergunto a ele se podemos ir.

— Você não quer brincar mais? — Oberon olha diretamente em meus olhos e sinto meu coração ferver.

— Quero, mas outro dia — respondo, sorrindo e sem desviar dele.

— Vamos voltar outro dia? — ele pergunta, ansioso.

— Sim, nós vamos. — Nossos olhares ainda se sustentam por mais alguns segundos e sinto meu peito subir e descer com a sua proximidade.

Na saída do parque ele compra um saquinho de pipoca doce e entrega para mim. Meu coração pulsa desengonçado a cada gentileza dele.

No carro voltamos em silêncio, a não ser pelo som produzido por mim, enquanto aprecio cada grão de pipoca, tirando isso, não conversamos e ele dirige tranquilamente fazendo

o caminho de volta para sua casa.

— Você vai trazer suas coisas para a casa nova quando? — pergunta, ao nos afastarmos do carro.

— Já estou com tudo praticamente separado, só preciso encontrar um carregador para trazer os móveis maiores.

— Acho melhor se dedicar a sua mudança amanhã, não temos nada agendado no estúdio.

— Sério, posso folgar amanhã?

— Sim.

— Obrigada, você é melhor chefe do mundo. — Bato palmas e pisco para ele.

— Eu devo ser mesmo.

— Vou até a casa nova agora, quero olhar para ela outra vez antes de ir embora. Quer vir comigo?

Apesar de tudo o que dividimos hoje, ele não parece confortável em ouvir essa pergunta e desvia o olhar para sua própria casa. Eu espero ansiosa, até que tempos depois ele me encara e responde:

— Tudo bem, vou com você.

Andamos os poucos passos que em breve nos separará oficialmente e abro o portão para acessar a casa e assim que estou dentro dela aquela estranha emoção retorna, deixando-me seduzida com minha nova moradia.

— Esse lugar é incrível, ainda não acredito no valor que o proprietário vai cobrar.

Ele não diz nada e continua a observar tudo à sua volta. Acendo as luzes e apesar de estar vazia, é extremamente acolhedora.

Analisamos o espaço em silêncio, mas um silêncio tranquilo, sem nenhuma tensão, apenas andamos de um lado para o outro notando todos os detalhes em todos os ambientes, vejo-o se afastar e abrir a última porta tendo acesso à suíte e em seguida parar de frente a janela, olhando para o quintal.

— A vista é bonita — ele diz.

— Sim, é muito bonita — digo ao acompanhar seu olhar para as árvores, flores e arbustos.

Permanecemos por vários minutos somente apreciando o farfalhar das folhas movidas

pelo vento, esse som nos traz uma calma repentina, deixando-me com um sentimento de paz e harmonia.

Giro meu corpo em sua direção e ao examiná-lo imagino se está sentindo o mesmo que eu.

Será que o dia de hoje foi tão intenso e real para ele, quanto foi para mim? Estar esse tempo com ele só reforça o anseio crescente dentro do meu peito. Estou apaixonada por Oberon e queria poder dizer tudo o que rodeia minha mente e meu coração, mas desta vez tendo a certeza de que ele sente o mesmo.

Mas, é impossível saber, não sei quanto dele ainda está consumido pela escuridão da perda de sua falecida esposa, quanto dele ainda tem conserto ou se está fatalmente fadado a consumir-se pela angústia e aflição até o fim de seus dias.

— Posso perguntar uma coisa?

Ele se vira para mim e inala profundamente o ar.

— Estou começando a sentir medo toda vez que diz isso.

— Não digo tanto assim.

— Pergunte, Agatha. Mas aviso que nem toda sua curiosidade pode ser saciada por mim.

No momento toda a curiosidade que tenho só pode ser saciada por ele.

— Como sua mulher morreu?

Ele fecha os olhos e joga a cabeça para o alto, antes de soltar uma longa lufada de ar.

— Por que quer saber? Por que falar sobre isso agora, Agatha?

— Eu não sei, só gostaria de conhecer sua história.

Oberon ignora meu pedido e começa a andar em direção à porta. Estava tudo indo bem demais...

Até que para e apoia as duas mãos na cintura e permanece de costas para mim.

— Ela foi assassinada — diz, virando-se para mim outra vez. — Estávamos retornando do aeroporto quando um psicopata atirou a sangue frio contra ela.

— Meu Deus!

— Parei no sinal vermelho e não reparei quando ele se aproximou, somente percebi quando ele estourou o vidro disparando pela primeira vez.

— Isso é horrível!

— Não pude fazer nada para salvá-la, não houve tempo suficiente para isso, esperava que ele atirasse em mim também, mas não aconteceu, ele quis matar apenas ela.

— Foi um assalto?

Ando e paro de frente a ele. Não quero perder a chance de ouvir tudo o que tem a dizer. Ele observa meu rosto e continua a falar:

— Não, houve mais três casos semelhantes.

Abro minha boca até quase bater no chão, estarrecida.

— Ah, Deus! Você quer dizer que foi aquele assassino de mulheres que a polícia prendeu alguns anos atrás?

— Sim, foi ele. Sua motivação era matar mulheres aleatórias pela rua, naquele dia, infelizmente, foi a Lara. — Ele solta o ar de seus pulmões e fecha os olhos por um instante.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo. — Toco seu braço tentando dar algum apoio.

Eu realmente sinto, na época esse caso foi amplamente difundido pela mídia, andávamos todas com medo, por saber que havia um psicopata que matava mulheres, ele agia a qualquer hora do dia, mesmo quando elas estavam acompanhadas, o assassino apenas se aproximava e atirava, certamente, para matar de imediato.

Lembro-me que quando foi preso, o assassino aparentava uma atitude fria e livre de remorsos e foi um alívio saber que estava, enfim, fora das ruas.

Isso explica o ataque de pânico que teve ao ver aquela mulher sem vida na rodovia, sendo tirada do carro. Não é de se espantar que Oberon não conseguiu continuar vivendo aqui, não é de se espantar que tenha se fechado dentro dessa bolha de amargura. Penso que de alguma forma ele acha que poderia ter feito algo para impedir. Mas conhecendo o que houve com as outras mulheres, nenhuma delas teve chance, mesmo estando acompanhadas de outras pessoas.

— Não foi sua culpa.

— Não foi minha culpa ela morrer, mas foi minha culpa não a proteger como eu havia jurado fazer.

Seus olhos brilham, não como antes quando estávamos no parque, o brilho agora é de um marejar que pouco a pouco invade seus olhos prestes a se derramar em lágrimas.

Sinto meu coração se apertar em tristeza, por ela e por ele. Nenhuma daquelas mulheres mereciam ter suas vidas ceifadas de maneira tão cruel e nenhum dos familiares mereciam viver

com as memórias de presenciar um ato tão desumano.

Sem pensar em mais nada me aproximo dele, a vontade de abraçá-lo é tão forte, que não consigo evitar o desejo de tê-lo envolto em meus braços.

Oberon não refuta e permite que eu o enlace, com todo o meu pesar, silenciosamente, conforto-o da melhor maneira que posso. Ele se deixa cair sobre meus braços e chora, pela primeira vez chora diante de mim, consciente de sua ação.

— Você a protegeu, tenho certeza que mesmo durante uma cena tão hedionda, você fez o seu melhor para protegê-la e deixá-la em paz. Eu tenho certeza disso. Porque o pouco que sei sobre você é como seu coração é grande e acolhedor e Lara pode ter morrido de maneira repentina para você, mas onde quer que ela esteja está feliz por ter tido a sorte de ter vivido ao seu lado. Não se culpe mais, não deixe que essa dor seja seu combustível para continuar vivo, não permita sofrer mais, Oberon.

— É impossível — murmura, em meio as lágrimas e seu corpo começa a descer até estar ajoelhado no chão, ajoelho-me também e o abraço novamente.

— Deixe ela viver na parte ensolarada do seu coração.

— Não existe parte ensolarada dentro de mim.

— Existe sim, você só não se deu conta dela ainda. Mas eu já vi seu lado ensolarado várias vezes, você só precisa deixar que ele seja a maior parte do seu dia e não o contrário. É normal ficar triste, é normal sentir dor, sentir angústia, sentir um aperto tão grande no peito que parece que você vai morrer também. Contudo também é normal que essa dor com o tempo se transforme em saudade, que a angústia se transforme em lembranças e que o aperto seja cada vez mais fraco até se tornar apenas um incômodo. Quando pensar nela, pense lembrando dos velhos tempos, sem dor, sem amargura, apenas os dias bons, ninguém nunca será capaz de tirar as boas lembranças de dentro de você.

Seu choro aos poucos se encerra e ele levanta o rosto nivelando-o na mesma altura do meu, os olhos ainda vermelhos e molhados revelam a dor sendo exorcizada de dentro da sua alma.

— Nunca falei sobre isso com ninguém.

Seu corpo curvado mostra o peso que esse homem carrega nas costas, ergo uma mão e toco seu rosto, suavemente, sentindo a maciez de sua barba entre meus dedos.

— Eu imagino que não.

Oberon deixa que o restante de suas lágrimas role por sua face e não se incomoda em

secá-las ou tirar minha mão pousada em seu rosto, ele permite que eu divida esse toque e momento com ele. E pouco tempo depois ele volta a falar:

— Depois de duas semanas, todos diziam que eu tinha que doar todas as coisas dela, que eu tinha que trabalhar, que eu tinha que viver normalmente, porque era ela quem havia morrido e não eu.

Inalo o ar e baixo minha mão de seu rosto para segurar suas duas mãos contra as minhas e olho dentro de seus olhos, antes de dizer:

— As pessoas tendem a refletir no outro as suas próprias experiências e, querem quantificar o que o outro pode ou não sentir. Mas cada ser humano é de uma maneira, cada um reage de uma forma. Ninguém tem o direito de dizer a outra pessoa quanto ela pode sofrer a perda de alguém.

Ele pisca repetidas vezes e baixa a cabeça. Quanto de coragem ele está reunindo para falar abertamente sobre isso comigo? Isso já é uma vitória para nós.

— Não conseguia fazer nada, eu aparecia na delegacia todos os dias para saber se tinham alguma novidade sobre o assassino. Até ele ser preso isso foi minha única motivação para continuar vivendo. Mas quando, enfim, ele foi preso, não tinha mais nada no que eu me apegar, fiquei perdido, sem saber o que fazer e por isso fui embora. Não dava mais para viver aqui naquele momento e, a vida longe era muito mais praticável, não haviam cobranças, não havia ninguém dizendo o que eu tinha que fazer.

Assinto em silêncio.

— Você entende? Entende o que estou dizendo? — ele ergue seu olhar novamente, ansiando por uma resposta positiva.

— Cada palavra. Porém entendo também que você deve acomodar a dor numa fatia menor de você.

— Está repetindo o que todos dizem — diz, desviando o rosto para o lado.

— Eu vi você no cemitério, Oberon. — Seu rosto volta-se para mim imediatamente e eu ergo minha mão. — Antes de brigar comigo como da outra vez, escuta.

Ele aperta os olhos e balança a cabeça, indicando para eu continuar.

— Vejo o quanto você padece e entendo o que sente. Já presenciei sua dor em diversos momentos de diversas formas. Acredite, eu não gostaria de ter visto nenhuma delas, mas eu vi, e eu sei o que você sofre. Aquele dia no cemitério senti tanto, tanto por você. Foi a coisa mais triste que vivi na minha vida, mesmo não fazendo parte desse enredo, vê-lo chorar daquela

maneira deitado ao lado dela, foi angustiante demais.

— Por que foi atrás de mim?

— Você me beijou e saiu correndo, cambaleante. Fiquei preocupada e segui você, mas nunca imaginei que seria aquele o seu destino, desculpe por isso. Naquele dia entendi exatamente como você vive.

— E como eu vivo?

— Sem vida. Estagnado no tempo, num estado de apatia, permeado por uma tristeza profunda que inunda sua alma dia e noite. Isso não é só por perdê-la, Oberon. Não é mais só por ela, é por você também. O caminho mais difícil acabou por se tornar o mais consolável.

— Não sabe o que está dizendo.

— É mais fácil viver entregue a dor que já está tão habituado a sentir. Mudar de posição será tão ou mais doloroso do que sua vida atualmente.

Oberon meneia a cabeça repetidamente, negando tudo o que eu acabei de dizer. No entanto dessa vez não senti que deveria refrear minhas palavras, poder dizer a ele que as coisas podem tomar um outro rumo, foi uma necessidade dolorosa, mas legítima.

— Eu vou embora — comunica, levantando-se do chão e seguindo para a sala, quando está com a porta aberta, vira-se para trás mais uma vez e me avista sentada no chão da mesma maneira.

Nossos olhares se cruzam por alguns segundos antes dele partir definitivamente. Por que tudo deve ser tão difícil? Por que tinha que ser ele? Por que tinha que ser Oberon o homem pelo qual eu me apaixonaria perdidamente?



Os poucos passos até minha casa são nublados pelas lágrimas que voltam molhando todo o meu rosto. Assim que abro a porta da minha casa, sigo direto para minha cama, cama que um dia eu dividi com ela e agora não consigo nem me aproximar.

Sem vida, ela falou.

Seco as lágrimas em minha face e vou até meu armário, abro todas as portas e olho para tudo o que há dentro dele e assim fico por minutos ou horas, eu não sei. Analisando cada coisa dela dentro dele, está tudo aqui, exatamente como Lara deixou.

Sem vida.

Depois desse tempo desço até o estúdio, dentro dele encontro várias caixas, esvazio algumas e levo-as até meu quarto.

Sem vida.

“O caminho mais difícil acabou por se tornar o mais consolável”. A voz de Agatha ressoa em minha mente. Eu não quero ficar no caminho mais difícil, eu não quero mais.

Sem vida.

— Desculpa, Lara. Eu sempre vou amar você, mas não quero mais sentir essa dor.

Vida.

Acomodo todas as caixas em frente ao armário e começo a separar uma a uma cada peça de roupa, cada maquiagem e perfume, recolho tudo o que encontro dela dentro do quarto. A sensação de vazio dentro do meu peito é alargada a cada objeto que guardo, sabendo que nunca mais verei nenhum deles.

Mesmo assim eu não paro, continuo até que não resta mais nada, tudo o que um dia pertenceu a ela está, enfim, guardado. Começo a descer as caixas e deixo todas nos fundos da minha casa, uma ao lado da outra.

“Isso não é só por perdê-la, Oberon. Não é mais só por ela, é por você também”. Agatha invade meus pensamentos todo o tempo, eu bato contra minha cabeça esperando que sua voz me deixe, mas ela não sai, Agatha não sai de dentro de mim.

Eu sei que não é só por Lara, sei que é também por mim, sou egoísta demais para deixá-la ir em paz. Egoísta demais.

Respiro fundo quando chego até o quarto das fotos, encosto na maçaneta, buscando forças para girá-la e terminar o que comecei. Ser capaz de deixá-la finalmente ir é a coisa mais dolorosa que já senti, mais até que sua perda.

“Não se culpe mais, não deixe que essa dor seja seu combustível para continuar vivo, não permita sofrer mais, Oberon”.

— Não vou permitir.

Abro a porta e entro no quarto ficando no centro dele. De repente sinto as imagens começarem a girar em torno de mim, elas começam devagar e eu ainda consigo visualizar cada uma, podendo identificar nós dois nos diversos momentos da vida que dividimos um dia, mas pouco a pouco elas giram mais e mais rápido, e eu vou perdendo a capacidade de nos perceber nas fotos, até que de tão rápidas tornam-se apenas um borrão escuro e denso, diminuindo o espaço e por fim envolvendo-me por completo. A sensação de sufocamento é desesperadora, não consigo me livrar da pressão que elas fazem contra mim.

O que está acontecendo? Clamo por auxílio em meus pensamentos, para ter forças de me soltar do que esse lugar causa a mim. Ela não está aqui, ela não está mais aqui.

“Estagnado no tempo, num estado de apatia pela vida, permeado por uma tristeza profunda que inunda sua alma dia e noite”. Meus dias não, eu não sinto mais tristeza durante os dias, porque Agatha está sempre por perto, sempre levando a tristeza que antes dominava também os dias para longe de mim, eu só preciso ter coragem suficiente para levar a tristeza das noites, é só o que preciso.

Refreio todo o efeito de opressão em meu peito e ergo-me do chão, encarando de frente o que tem de ser feito.

Minhas lágrimas voltam a inundar meus olhos, quando a primeira foto é tirada da parede.

— Desculpa.

Meus lábios murmuram um pedido de desculpa repetidamente a cada foto tirada, a dor de seguir em frente é imensamente maior que a de deixar tudo como está.

“É mais fácil viver entregue a dor que já está tão habituado a sentir”. Sua voz volta a ecoar dentro da minha cabeça. Ela tem razão, ela tem sempre razão.

— Desculpa, Lara. Se de alguma maneira você puder me ouvir, desculpe. Eu não quero

mais sofrer, eu não tive culpa, não foi culpa minha...

Minha voz embargada pelo choro se torna impossível de entender por qualquer um, mas Lara entenderá. Se ela está vivendo no paraíso que tanto almejou, ela é capaz de me ouvir e entender que não posso mais viver assim, que não posso mais aguentar.

Amanhã será um novo dia.



CAPÍTULO QUATORZE

Agatha

O caminho para minha casa é extenuante, toda a alegria vivida no dia de hoje fica sombreada pela intensidade dos sentimentos dele.

Quando entro em casa Eli já está dormindo e agradeço por isso, pois não estou com ânimo para conversar. Sigo diretamente para meu quarto e assim que acendo as luzes, fico algum tempo apenas olhando para todas as caixas espalhadas pelo chão. Há muito o que arrumar, mas muito eu já havia embalado com Eli, porque sabia que acharia uma casa logo.

Solto minha bolsa sobre a cama e vou despindo-me em direção ao banheiro. Preciso de um banho longo e relaxante antes de dormir.



— Agatha, está atrasada. Já passou das nove horas.

Eli entra gritando no meu quarto, exatamente como fazia quando estávamos na faculdade e eu perdia o horário para a primeira aula.

— Pare de gritar, pelo amor de Deus. Estou de folga hoje.

— Ah, desculpe! Folga, hein? O chefe está cada dia melhor, não?

— Não tem nenhuma sessão agendada, então ele disse que eu poderia cuidar da minha

mudança hoje.

— Isso foi providencial, porque Roger contratou uma empresa de mudança para levar minhas coisas hoje e já aproveita para levar as suas também. O que acha?

— Acho que preciso dormir só mais alguns minutos e aí estarei apta a conversar com você, Eli.

Percebo o colchão balançar com o peso dela pulando ao meu lado e escondo minha cabeça debaixo do travesseiro.

— Hoje, minha amiga. Hoje é dia da mudança, temos muito o que fazer, levante-se. Vou lhe dar quinze minutos para estar vestida e de rosto lavado na cozinha para o café da manhã.

Não falo nada, contudo sei que se não estiver com ela no tempo estipulado serei atormentada num nível profissional.

Antes dos quinze minutos estou na cozinha e o cheiro de café renova minhas energias.

— Quando a empresa vai chegar? — pergunto, servindo-me de uma xícara.

— Em uma hora. Vamos levar primeiro as suas coisas, acho melhor. Você está com a chave da casa, não é?

— Sim, estou. Vou terminar de encaixotar minhas roupas antes que eles cheguem.

E assim eu faço, consigo embalar o restante das minhas roupas e separar mais alguns objetos que pretendo levar comigo.

Pouco depois do meio-dia, praticamente tudo que vou precisar está dentro do caminhão seguindo para minha nova casa. Sigo dirigindo meu carro atrás do caminhão para poder receber todas as minhas coisas. Estaciono um pouco à frente da casa que vou viver, mas o primeiro lugar para onde meu olhar é desviado é a casa de Oberon. Afasto meus pensamentos dele e começo a abrir a casa nova. Os entregadores com habilidade vão deixando os eletrodomésticos nos seus respectivos lugares e todos os outros móveis também, as caixas etiquetadas são deixadas nos cômodos certos, o que me poupará muito trabalho.

Quando os afazeres deles comigo está encerrado, tranco a casa e volto para encontrar Eli e ajudá-la a levar suas coisas para Roger. Duas mudanças no mesmo dia está se transformando numa operação logística bem cansativa. O dia passa num piscar de olhos e, enfim, despeço-me de Eli e Roger com um abraço bem apertado, a próxima vez que os vir será no casamento.

— Não esquece de olhar tudo por lá, se vir algo meu me avise... — Eli grita da porta de

sua nova casa, com Roger ao seu lado.

— Sim, mãe! Farei isso, fique tranquila — respondo, abrindo a porta do meu carro.

Sigo para minha casa, a nova casa, mas antes paro num mercado para comprar alguma comida, preciso abastecer ainda que minimamente minha geladeira.

Assim que entro em casa observo todas as caixas espalhadas, sinto alegria e desânimo, arrumar tudo por aqui vai levar ao menos dois dias.

Fecho meus olhos e começo a pensar na agenda do estúdio. O que temos para fazer, e o que é vital que seja feito por mim? Não consigo visualizar muita coisa, o trabalho pesado começa no meio da próxima semana, com as novas peças de roupas do catálogo de moda que teremos que produzir.

Pego meu telefone e passo uma mensagem para Oberon pedindo para folgar mais dois dias.

Por quê?

**Preciso terminar de organizar
minha casa.**

Ok.

Mesmo estando tão perto dele é como se estivéssemos a quilômetros de distância. Caso não nos vejamos nesses dois dias, vamos nos encontrar apenas no casamento de Roger e Eli.

Chega por hoje, tive de afastar os pensamentos envolvendo Oberon mais vezes durante esse dia do que as ligações de cobrança no meu celular. Largo o telefone, dobro as mangas e inicio a saga de desembalar todas as minhas coisas. Pouco a pouco vou deixando o máximo de coisas à mostra e destinando um lugar para cada uma nos armários e prateleiras.

Quando o relógio está próximo das dez horas da noite, dou uma pausa e vou até a cozinha para preparar algo para comer, primeiro ligo o micro-ondas na tomada e em seguida procuro algo nas sacolas que trouxe do mercado que seja aquecido dentro de um minuto.

— Não posso ser tão burra!

Brigo comigo mesma, após perceber que tudo o que comprei precisa ser preparado e não apenas aquecido.

Solto as sacolas na bancada tomada por uma bagunça descomunal e procuro pela chave do meu carro para sair novamente em busca de algo pronto. Reviro os objetos soltos no chão, mas não encontro minha chave em lugar algum.

— Onde soltei a chave? Estava aqui um minuto atrás — murmuro para mim mesma, enquanto giro minha cabeça em todas as direções.

Desisto e jogo-me deitada no chão com os braços e as pernas abertas, choramingando, por ser tão atrapalhada. Eli tinha razão, eu não posso viver sozinha se em poucas horas não consigo nem me alimentar.

Balanço meu corpo, ainda revoltada por ter perdido minhas chaves, quando ouço a campainha tocar. Sento-me apressada com as mãos apoiadas no chão, assustada.

Levanto-me e caminho até a porta e espio por ela para saber quem está lá fora e assim que o vejo, minha respiração para.

Passo as mãos pelo cabelo e depois por minha roupa e abro a porta para atendê-lo.

— Oi — digo.

— Oi, Agatha.

Ficamos os dois olhando um para o outro até que ele aponta para o portão.

— Não posso entrar?

— Hã? Entrar? Agora?

Oberon baixa o olhar para a sacola em suas mãos.

— Você acabou de se mudar e imagino que não tenha como preparar algo para jantar, por isso trouxe algumas coisas para você.

Sério? Ele trouxe comida. Nem acredito que tem comida naquela sacola. Que gentil, isso significa que tudo o que eu disse ontem não vai deixar um clima indigesto entre nós. Como vou abrir o portão se não encontro as chaves, nem do carro, nem da casa?

— Obrigada. Pode passar por aqui.

Chego perto dele e tento pegar a sacola através da grade que nos separa. Sem entender o que estou fazendo ele observa atônito minha ação.

— Não vai passar, acho melhor abrir o portão.

— Abrir o portão?

— O que foi, Agatha?

— É que... bom, eu não sei onde as chaves estão, procurei em todos os lugares, mas

não encontro.

— Você acabou de se mudar e já perdeu as chaves da casa?

— Sim, e do carro. E é por isso que perdi, porque acabei de me mudar — replico.

Oberon dá uns passos para trás e começa a observar o muro.

O que ele pretende?

— Vou pular o muro.

— Vai o quê?

— Pular o muro.

E assim o faz, primeiro ele amarra a sacola e encaixa em seu ombro e depois some da minha vista, desvio meu olhar para o alto do muro, até que vejo suas mãos seguidas por uma perna. Oberon consegue escalar e sentar no alto do muro, tira a sacola do ombro e pede para eu me aproximar, jogando-a do alto.

— Peguei — falo, ao segurar a sacola que acaba de pousar suavemente em minhas mãos.

— Espero que goste. Boa noite.

— Ei! Onde você vai? — indago, apressada, quando vejo que pretende pular de volta para a rua. Eu achei que ele entraria.

— Vou embora, só vim para lhe entregar a comida.

— Não, não vou comer tudo, podemos dividir. Você já jantou?

Ele balança a cabeça, negativamente.

— Pois então, já está aí mesmo, pule para cá e vamos jantar e depois me ajude a encontrar minhas chaves.

Oberon ainda fica alguns segundos pendurado no alto do muro, até que decide pular.

— Acho que precisa mais do que dois dias para arrumar essa casa — diz, quando entra na minha sala.

— Não duvide da minha capacidade de organização, chefe. Ficaré surpreso com o que sou capaz — respondo, abrindo a sacola e vendo que trouxe vários pratos congelados do restaurante de Ieda.

— Não duvido de você, Agatha — diz, tropeçando em uma das caixas.

— Cuidado aí!

Escolho o talharim à carbonara e abro o micro-ondas para iniciar o processo de

aquecimento.

— Você pode limpar a bancada para mim, enquanto procuro pela caixa com as louças?

Oberon assente e vem até a cozinha, eu saio em busca dos pratos e logo encontro.

— O que é isso? — ele pergunta.

Ergo meu olhar para saber o que ele está segurando e quase tenho um ataque do coração. Solto a caixa que estava prestes a abrir e corro em sua direção.

— Não é nada — grito, tentando alcançar sua mão.

— O que é? É macio.

— Devolve.

Ele aperta os olhos e com os braços para o alto continua a analisar o produto, apertando-o, até que encontra o pequeno botão e aperta.

— Oh! — Arregala os olhos, desliga e me devolve.

Eli me deu de presente no meu aniversário passado um massagerador íntimo, a peça em nada se parece com os massageradores que estamos habituadas a ver por aí, seu formato lembra uma esponja, de cor lilás e borracha extremamente macia, pode ser usado em qualquer parte do corpo, mas a mais usual é para regiões íntimas. Quando ganhei, Eli disse que era um dos itens mais discretos que já tinha visto, perfeito para mim.

— Desculpe.

— Você é bem curioso, não? — reclamo, tirando meu massagerador de suas vistas.

— Eu só achei estranho... bem... nunca vi algo assim numa cozinha, pensei que pudesse ser algum utensílio...

O sorriso em seu rosto, faz-me querer matá-lo pela vergonha que estou sentindo agora.

— Esquece que viu isso.

— Ok. Já esqueci.

Volto para a caixa com os pratos e pego tudo o que preciso para jantarmos, levo tudo até a pia e lavo novamente. Oberon termina de tirar as coisas da bancada e posso dispor os pratos de maneira mais civilizada para comermos.

— Acho que vou comprar comida com Ieda também, a dela é tão boa — falo, trazendo o assunto para o campo casual novamente.

— Ela não vende assim, mas tenho certeza que fará para você.

— Ah, é? É algo exclusivo para Oberon Kallis, o fotógrafo mais famoso da cidade?

— Pois é — responde, brincalhão. Não lembrando em nada o homem que chorava desconsolado em meu quarto na noite anterior.

Meu coração sempre se aquece quando a versão ensolarada que ele insiste em esconder está presente. Sorrio, contente, e levo a primeira garfada do talharim a minha boca.

— Ela terá que vender para mim também, caso contrário você terá que contrabandear essa comida para minha geladeira. É boa demais!

Oberon sorri e começa a comer. Ele disse que gosta de me ver comer, pois posso dizer que o mesmo se aplica a mim, fico feliz ao ter a oportunidade de vê-lo apreciar a comida da mesma maneira que eu e perceber que ultimamente seu prato anda mais cheio que seu copo é muito bom.

Costumava sentir o cheiro de uísque nele constantemente, mas de um tempo para cá o odor característico da bebida anda cada vez mais escasso.

— Posso mesmo terminar de arrumar as coisas por aqui antes de voltar para o estúdio? — questiono, de boca cheia.

— Sim — responde da mesma maneira. — Apesar de achar que dois dias não serão suficientes.

— De novo isso, já disse para não duvidar de mim.

Ele ergue um dos braços e movimenta a mão, indicando que não disse nada, e eu começo a sorrir ainda mais.

Depois de terminarmos o jantar, ele lava a louça e deixa sobreposta na pia para secar.

— Eu vou embora — fala e aponta para a porta.

Minha vontade é dizer “Mas, já? Fica mais!”, contudo é claro que não faço isso.

— Tudo bem, só me dá mais alguns minutos para procurar as chaves outra vez.

— Acho melhor você ir organizando as coisas em seus lugares, assim suas chaves vão aparecer sem precisar procurar especificamente por elas.

— E você? Como vai sair?

— Da mesma forma que entrei, não se preocupe.

Assinto e ele segue para fora e em poucos segundos está sobre o muro pulando para o lado de fora, saindo do alcance dos meus olhos.

— Ah, Deus! Eu quero esse homem para mim — reflito, voltando para a saga que será organizar essa casa.



CAPÍTULO QUINZE

Agatha

No sábado de manhã acordo e dou um pulo da cama, feliz por hoje ser o grande dia de Eli e Roger.

Consegui organizar cada coisa em seu devido lugar e minha nova casa está em ordem para receber qualquer pessoa. Estou enlevada com meu espaço, ainda mais agora que tudo está arrumado.

Separo meu vestido e o deixo sobre a cama, juntamente com os acessórios. Usarei dois vestidos um para a cerimônia civil do casamento e outro para o jantar à noite. Apesar de Eli não querer nada que se pareça com uma festa, Roger teve outros planos e, por isso, contratou uma equipe que transformará o enorme jardim da casa de seus pais numa linda e animada festa, com direito a muitos drinks, barman e DJ, Eli terá uma bela surpresa quando chegar na casa da sogra.

Ando até o banheiro e tomo um banho digno de uma rainha, ainda tenho tempo e posso usar todo ele para caprichar na minha aparência, esse evento merece todo o meu empenho. Ansiosa por encontrar Eli e vê-la no vestido branco que teimou em não querer usar porque a cerimônia seria apenas civil. Porém com muita persuasão a convencemos de que usar um vestidinho curto branco seria muito mais bonito.

Termino de secar meu cabelo e com auxílio de um aparelho para cachear, modelo os fios em cachos largos e soltos, dando-os um volume extremante sensual. Após isso, parto para a parte mais difícil, maquiar-me, assisto alguns tutoriais de blogueiras famosas e com algum jeito consigo repetir os passos e fico contente com o resultado e, enfim, posso me vestir. O

vestido escolhido para usar durante o dia é de um tom pastel estampado com um floral sutil, o tecido é leve e de caimento perfeito, cinturado e corte evasê de comprimento um pouco acima dos joelhos.

Quando estou pronta, giro em frente ao espelho, satisfeita com o resultado obtido. Recolho minha pequena *clutch* e coloco dentro dela meu celular, o batom para retocar, documento e algum dinheiro. Recolho minhas chaves e abro a porta principal para ter acesso à garagem e seguir para o local do casamento. Mas assim que saio de casa vejo Oberon em pé encostado no seu carro em frente à minha casa. Assim que me vê, afasta-se da lataria e anda alguns passos para ficar mais próximo de mim.

Por um momento perco os cinco sentidos. Oberon está lindo! Vestido com um jeans de lavagem sóbria, sem nenhum rasgo, camisa azul com os dois primeiros botões abertos e por cima um blazer bege claro, perfeito para usar durante o dia, e nos pés um sapato em tom terroso.

Oberon coloca as mãos no bolso e parece envergonhado por eu estar olhando para ele com tanta atenção, mas não posso evitar, porque ele está lindo, ainda mais lindo do que geralmente é.

— Não estou acostumado a me vestir assim — diz, percebendo que estou embasbacada com seu visual.

— Vista-se assim sempre que quiser, ficou ótimo.

Ele abre um sorriso acanhado e eu fico ainda mais maravilhada.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, por fim.

— Vamos para o mesmo lugar, pensei de irmos juntos.

— Ah! Ok. Vamos no meu carro.

Falo e entro ligando o motor, tiro o carro da garagem e paro atrás do carro dele e fico esperando que ele entre, mas Oberon vem até a janela do passageiro, abaixa-se e diz:

— Podemos ir com o meu.

Eu disse que da última vez eu iria dirigir e é o que vou fazer, ele nunca quer entrar no meu carro, sei que o coitado está passando dessa para uma melhor, mas ainda assim, ele consegue andar pela cidade. Bom, pode ser que ele pare no caminho? Sim, pode. Pode ser que alguma peça quebre novamente? Sim, pode. Porém eu sempre lhe dou um voto de confiança.

— Quero ir com o meu — digo, com certeza.

Ele suspira e abre a porta, sentando-se ao meu lado.

— *Ok.*

Começo a dirigir e vejo ele apoiar uma mão no painel e outra segurar o cinto de segurança.

— O que está fazendo? — questiono.

— Eu? Nada. Por quê?

— Por que está segurando o cinto e o painel? Acha que dirijo mal? Está com medo de andar comigo ou está com medo do meu carro?

— Dos dois.

— Hã? Aish, que absurdo! Você é desse tipo de homem que pensa que uma mulher não sabe dirigir, é?

Ele solta o painel e o cinto de segurança e apoia as mãos sobre suas coxas.

— É claro que não, nunca disse isso. É que não gosto de andar com outras pessoas dirigindo, é algo meu e de muito tempo. Não tem nada a ver com gênero.

— Hum! — Olho para o lado e vejo sinceridade em seu rosto, mas mesmo assim fico desconfiada. — Você anda com o Roger?

— Não.

— Você anda com seu irmão?

— Não.

— Então por que não disse antes, eu poderia ter cedido e ido no seu carro, não sabia que se sentia assim. Por que não me disse?

Oberon vira-se para mim e observa meu rosto com lábios entreabertos, e antes de responder fecha os olhos por um segundo.

— Você pareceu bem decidida em querer vir com seu carro, eu pensei que se insistisse você não viria comigo.

Suprimo a vontade em dizer que iria com ele a qualquer lugar que me pedisse.

Em pouco tempo estamos no centro da cidade e estaciono bem próximo do local marcado e logo avisto Roger parado de pé na calçada.

— Minha nossa, vocês estão uma visão dos céus. Acho que nunca vi os dois tão bonitos como hoje.

Roger se aproxima e me abraça, em seguida faz o mesmo com seu amigo e acrescenta

vários tapas em suas costas.

— Você também está lindo, Roger. E Eli quando chega?

— Ela está a caminho vindo com seu pai, ele foi buscá-la no salão de beleza. Muito obrigado por estarem aqui, esse momento não seria o mesmo sem vocês dois ao nosso lado.

Oberon assente e eu abraço Roger novamente.

Entramos para esperar por Eli que chega pouco tempo depois. Ela resplandece beleza e alegria, ofuscando todos a sua volta, é nítido em seu rosto a felicidade que está vivendo. Roger não fica atrás, o homem parece que vai sair flutuando a qualquer momento.

Penso se um dia passarei por um momento como esse. Desvio meu olhar para Oberon e entendo que a vida nos traz muitas surpresas, algumas não estamos prontos para viver, outras recebemos de braços abertos.

Estar apaixonada por um homem tão ferido quanto ele vai contra todos os prognósticos que imaginei para minha vida. Será que vou passar o tempo vislumbrando o que poderíamos ser juntos, sem saber se um dia acontecerá?

Seu olhar muda de direção e encontra o meu, não consigo desviar e sustento a profundidade de seus olhos nos meus. Ouvimos as palavras do juiz de paz destinadas a Eli e Roger e cogito como seria se fossem para mim com ele ao meu lado.

Oberon não desvia de mim, até o piscar é lento e pensado para não perder nem que seja por um milésimo de segundo a visão que agora dividimos.

Queria poder dizer a ele tudo o que sinto, queria ter certeza de que ele sente alguma coisa, que algo dentro de si grite meu nome ao menos uma vez.

— E vos declaro marido e mulher. — O juiz encerra a cerimônia e eu sou trazida de volta a uma realidade que não é a minha.

Visto meu rosto com um sorriso e o destino para Eli e Roger felicitando-os pela união tão desejada por ambos.

Na saída paramos para tirar algumas fotos.

— Vem Obe, você segura o braço de Agatha e fica desse lado. — Roger informa.

Gentilmente Oberon indica para que eu entrelace meu braço ao dele, e eu faço. Posso sentir uma invasão de borboletas batendo suas asas dentro do meu estômago. Estar tão perto dele causa um efeito devastador por todo o meu corpo, um ataque sensorial causado por seu cheiro, sua imagem, seu toque, por tudo que o envolve.

Depois de muitas fotos, nos despedimos dos noivos e seus familiares e voltamos para meu carro.

— Quer dirigir? — pergunto para Oberon, oferecendo-lhe a chave. Mas ele balança a cabeça, negando a oferta.

Abro sua porta e em seguida dou a volta para tomar meu lugar no banco do motorista.

— Você vai a festa à noite? — indago, quando estaciono em frente à minha casa.

— Sim.

— Podemos ir juntos e no seu carro, o que acha?

Oberon estuda meu rosto atentamente, enquanto franze o cenho.

— Você disse que não gosta de andar com outras pessoas, não disse? — falo, procurando esclarecer qualquer outra dúvida que esteja povoando seus pensamentos.

— Quero me acostumar com você.

Ele quer o quê? Desta vez sou eu quem franze o cenho, tentando entender mais uma vez o que suas palavras querem dizer.

— Eu não entendi — falo.

— Quero me acostumar com você — ele repete. Como se o problema tivesse sido esse.

— Por quê?

Ele aperta os lábios, impedindo-os de continuar a falar.

— Por quê?

— Eu não sei — fala, por fim.

Está aí algo que ele sempre diz e essas três palavras tão sucintas, tornaram-se as que mais detesto nesse mundo.

— Tudo bem, vamos no meu. — Saio do carro e ele me acompanha saindo também.

— Passe-me uma mensagem quando estiver pronta para ir.

— Ok, chefe — respondo, sem muito humor.

Ele começa a caminhar em direção à sua casa e eu o acompanho com o olhar.

— O que você está sentindo, Oberon? Por que não me diz? — pergunto para mim mesma, em voz alta.



Aqueço um dos congelados que ainda tenho de Ieda e almoço sentada no sofá com o prato na mão. A televisão ligada não chama minha atenção, meus pensamentos são focados apenas nele.

“*Quero me acostumar com você*”. O que isso quer dizer? Provavelmente não quer dizer nada, é bem capaz que seja minha mente fantasiando uma situação que nunca existirá.

— Cristo rei, estou ficando obcecada por ele!

Levanto do sofá e vou para meu quarto, jogo-me sobre a cama e programo meu telefone para me acordar duas horas antes do previsto para sair de casa. Rolo algum tempo sobre meus lençóis até que consigo dormir e esquecer um pouco sobre a confusão de sentimentos dentro de mim.

Quando o telefone começa a tocar, levo alguns segundos para identificar o que está acontecendo, é raríssimo eu dormir durante o dia e por um instante confundo os horários achando que devo ir trabalhar.

Arrasto-me da cama para tomar um banho bem rápido e começar a minha produção para o evento noturno. Não molho meu cabelo para ter menos trabalho e apenas refaço os cachos que haviam se desfeito da modelagem anterior feita pela manhã, a maquiagem dessa vez é mais forte e marcante e meu vestido é uma atração à parte, tenho certeza que Eli vai adorar, encomendei pela internet na semana passada e solicitei para o produto ser entregue no estúdio, a minha sorte que as medidas vieram corretas e o vestido caiu como uma luva, caso contrário teria que sair correndo desesperada atrás de uma costureira para salvar a minha vida.

Elegante num tom lindo de azul, o vestido é curto, rodado, de alças e sem mangas, produzido em renda e *chiffon* e, para finalizar um profundo decote nas costas. É simplesmente maravilhoso.

Eli também estará glamorosa em sua noite mesmo não suspeitando o que a aguarda. Providenciei para ela na mesma loja onde comprei o vestido para a cerimônia civil, um outro modelo mais marcante, deslumbrante. Curto, mas com vários saíotes que dão a ele o volume dos vestidos de noiva, Eli ficará encantadora nele, o busto é inteiramente trabalhado em

pedrarias de um mesmo tom, perfeito para uma noiva baladeira como ela, a essa hora Roger provavelmente já entregou a peça em suas mãos.

Quando termino de me arrumar passo uma mensagem para Oberon, que incrivelmente toca minha campainha um minuto depois.

— Uau! Ele já estava aqui?

Ao sair fico surpresa com sua roupa, tinha certeza que ele estaria com a mesma da manhã, mas não.

A calça de lavagem sóbria que usava pela manhã foi substituída pelo velho jeans rasgado, os sapatos formais foram trocados pelas botas surradas, a camisa azul foi o único item que ele manteve.

Ele percebe meu ar de riso ao olhá-lo e se adianta em falar.

— Eu fiquei com a camisa — diz, apontando para o próprio peito.

— Sim, você ficou com a camisa.

O que posso dizer é que ele é lindo vestido com as regatas e calças desfiadas e é lindo de blazer, não importa o que esteja usando, ele é sempre um primor para mim.

Entramos no meu carro e me dou conta que dirigir usando essas sandálias será um tormento.

— Você pode dirigir? — pergunto a ele.

— Quero me acos...

— Quer se acostumar comigo, *ok.*, já entendi essa parte, mas pode se acostumar outro dia? Não quero tirar minhas sandálias e não consigo dirigir com elas.

Ele franze a testa e olha para minhas pernas expostas quando as ergo para mostrar minhas sandálias, em seguida pigarreia e sai do carro para dar a volta e assumir meu lugar.

— Os pais de Roger moram... — começo a explicar.

— Eu sei onde moram.

É verdade, às vezes esqueço que a novata aqui sou eu, eles se conhecem há uns vinte anos.

Os pais de Roger não moram longe, mas o bairro é mais afastado assim como era o meu. Com casas que abrigam belos jardins é o lugar apropriado para festas ao ar livre, principalmente numa noite linda como a de hoje.

Assim que chegamos, meu queixo descola e cai da minha cabeça, sério, ele caiu. Eu sei

que a família do Roger tem algum dinheiro e ele também, contudo o que estou vendo aqui é um evento extraordinário.

— Meu Deus, o que é isso?

— Dona Ruth não deixaria nunca ser apenas uma festinha. — Oberon responde.

— Dona Ruth precisa me adotar, urgentemente. Esse lugar está um escândalo de lindo.

A decoração é repleta de luzes e flores, vejo várias mesas e sombreros rodeando o ambiente, além de uma pista de dança em madeira no centro do jardim, com uma mesa de som e o DJ ao fundo, ao lado esquerdo vejo um bar maravilhoso, com no mínimo três *barmen* trabalhando, girando e girando suas latinhas voadoras. E vários dos convidados já circulam para todos os lados com suas taças nas mãos.

Ele desce e dá a volta para abrir minha porta e oferece uma mão para me ajudar a sair do carro.

— Obrigada. — É só o que digo, mas suas gentilezas não passam mais despercebidas por mim.

Ele caminha confiante, como alguém que já está bem familiarizado com tudo, já eu só estive aqui uma vez e noventa por cento das pessoas que estou vendo ao meu redor, nunca vi antes.

— De onde veio tanta gente desconhecida? Você os conhece? — Aproximo-me de Oberon e falo perto de seu pescoço para me ouvir. Se ele conhece o lado de Roger é provável que saiba quem são essas pessoas.

— Eu não sei.

— Odeio quando diz isso — reclamo. — Olha o Roger ali.

Corro um tanto desajeitada por estar com um salto tão alto num jardim, porém ignoro minha própria observação, lembrando a mim mesma que uma mulher “elegante” ignora o tipo de terreno por onde andar. Mentira! Eu calcei porque são as mais bonitas que eu tenho e as usaria hoje nem que tivesse de atravessar um manguezal.

Mas só dou alguns passos e sinto o apoio das mãos dele no meu braço.

— Apoie-se em mim. Seus sapatos...

— Xiii! Não fale dos meus sapatos e, aceito seu braço de bom grado, obrigada.

Quando Roger nos vê corre até nós com os braços abertos.

— Até que enfim vocês chegaram. — Ele para e olha para meu braço entrelaçado ao de

Oberon e estreita os olhos, ao mesmo tempo meneia os dedos indicando o local por onde estamos unidos. — O que é isso?

— Os sapatos dela... — Oberon começa a explicar.

— Ah, entendi... Agatha sempre usas esses sapatos que não a deixam andar. Largue-a, Obe, ou será seu escravo pelo resto da noite.

— Nossa, Roger! Você me magoa, onde está Eli? — pergunto, olhando para todos os lugares.

— Vestindo-se. Quer ir vê-la?

— Sim.

— Obe, leva a Agatha até lá, Eli está no último quarto.

Oberon acena com a cabeça e começa a andar, apoiando-me pelo caminho. A casa é imensa, com uma sala de estar de dar inveja a qualquer editor de revista de arquitetura, subimos as escadas e andamos pelo longo corredor até chegar na última porta. Bato na porta e chamo por minha amiga.

Ouçõ passos e logo vejo a mãe de Eli aparecer.

— Agatha, meu amor, estávamos pensando por que não havia vindo até aqui.

— Acabei de chegar, dona Fátima!

Solto-me de Oberon e começo a entrar no quarto.

— Obrigada — digo a ele, e em seguida ouçõ a porta ser fechada.

Olho para os lados procurando por Eli, mas não a encontro.

— Onde ela está?

— No banheiro. Está nervosa pela quantidade de pessoas chegando. — Dona Fátima se aproxima um pouco mais de mim e sussurra: — Desde criança ela fica assim, nos aniversários era uma dificuldade sem fim.

Começo a rir e bater na porta do banheiro.

— Elizabeth, sai logo daí, quero ver seu vestido... vamos dançar muito essa noite, quero riscar aquela pista inteira.

— Eu já vou, Agatha. Espere.

— Aish! Quisera eu ter uma festa igual a sua. Saia logo daí! — Zango, mas logo me animo ao ver e mesa com morangos e champanhe que prepararam para ela.

— Uau! Isso aqui parece um quarto de algum hotel luxuoso.

Sento-me em uma das poltronas com dona Fátima ao meu lado e começo a me fartar com os morangos.

— Eli, anda logo — grito, com a boca cheia de morangos.

A porta do banheiro se abre e minha amiga sai de lá, enrolada em um roupão, com os cabelos curtos desgrehados e sem nenhuma maquiagem.

— O que é isso? — pergunto — Por que ainda está assim?

— Estou nervosa. Não consegui me arrumar.

— Ah, minha amiga, vem aqui. Vou deixá-la a noiva mais deslumbrante desse século. Se soubesse que ficaria tão derrubada, teria chamado o time do salão de beleza para vir aqui dar um jeito em você.

— Agatha!

— Brincadeira, vamos começar por esse cabelo.

Sento-a de frente para mim e começo a escová-lo do jeito que ela gosta, estou acostumada a fazer isso para ela e consigo deixar seu cabelo modelado poucos minutos depois. Em seguida, coloco uma almofada atrás de seu pescoço e ela encosta dando-me uma visão mais clara de seu rosto. Repito a maquiagem que Eli mais gosta, a que sempre pedia para eu fazer quando saíamos para algum bar à noite

— Está quase pronta. Levante-se para eu ajudá-la a se vestir.

Dona Fátima também ajuda a ajeitar o vestido no corpo de Eli e cerca de quarenta e cinco minutos depois ela está pronta para curtir sua festa.

— Olhe-se no espelho — digo a ela, que caminha devagar até ficar de frente a ele.

Seu sorriso ocupa todo o rosto e conseqüentemente o meu, porque a felicidade de Eli é a minha também, quando ela está bem, eu estou bem. E assim é feita a nossa amizade.

Saímos do quarto e dou de cara com Oberon agachado no meio do corredor.

— Obe? — Eli pergunta.

Ele ouve a voz dela e se ergue, esfregando as mãos pelo jeans rasgado.

— Resolvi ficar esperando por aqui.

— Esperando? — Eli diz e olha para mim. Eu franzo o nariz e balanço a cabeça, sinalizando que não é nada.

— Você está linda, parabéns por seu casamento. — Oberon diz a Eli, desarmando-a.

— Ah, obrigada, Obe. Muito obrigada.

— Vamos descer ou ficar conversando aqui? — falo, empurrando Eli gentilmente para a frente.

Oberon oferece seu braço a ela e começa a acompanhar minha amiga escada abaixo. Penso se seria muito estranho eu segurar em seu outro braço, ele poderia descer nós duas. Esquece, isso seria muito, mas muito estranho.

Ao fim da escada, Oberon vem ao meu lado e oferece seu braço novamente.

— Estou me sentindo um andador para idosos.

— Não estou pedindo que me apoie.

— *Ok* — diz e solta meu braço, desequilibrando-me.

— Ei!

Ele começa a rir e devolve seu braço. Logo Eli está com Roger e são rodeados por vários familiares e convidados, essa noite será assim para eles e, espero que aproveitem cada minuto.

— Vamos beber alguma coisa.

O tempo está muito agradável, por isso ficar ao ar livre com um céu estrelado como esse é uma ótima pedida. Sentamos os dois juntos em uma das mesas rodeadas pelo jardim e logo nos servem um *drink* e alguns petiscos. Observo os rostos circulando e reconheço alguns do trabalho de Eli, sua família e mais nada. A maioria deles são realmente desconhecidos para mim. Mas é nítido como todos estão curtindo e adorando a festa, a música começa a ficar mais agitada e alguns se aventuram na pista de dança. A luz cintila por todos os lados e ajuda a manter o clima vibrante.

Os garçons passam com frequência nas mesas e até agora não o vi beber nenhuma vez, olho o entorno de suas mãos e vejo uma água e um refrigerante.

— Por que não está bebendo?

Ele dá de ombros e não responde nada, e continua a olhar para as pessoas que circulam pelo jardim.

— Tenho certeza que Roger tem uísque.

— Sim, ele tem. — Oberon se vira e pega uma água de cima da mesa.

— Quer que eu peça a ele?

— Não — diz, e levanta a garrafinha com água em minha direção.

— Não vai beber hoje? — insisto.

— Eu não vou beber hoje. E não vou ficar aqui muito tempo, logo vou embora.

— *Ok.* — falo, encerrando a conversa.

Fico contente por ele conseguir não beber e tento parecer desinteressada. Se ele vai ou não embora, não é problema meu. Bom, não me interessar seria a expectativa, porque a realidade é que me interessa e muito.

Observo seu rosto e vejo que ele está se esforçando para estar num lugar tão tumultuado e, seria surpreendente se ele aguentasse até o fim. Não sei como ele era no passado, mas o que posso ver daqui é um homem introspectivo, que faz o possível para não precisar levantar a cabeça e encarar as pessoas.

— Meu pai diz que só há dois tipos de pessoas no mundo, as que admiram o céu estrelado e as que admiram a terra úmida. Uma faz você estar sempre com a cabeça erguida e a outra te obriga a estar sempre com a cabeça baixa.

Ele gira a cabeça em minha direção, estreita os olhos e arrasta sua cadeira e cola ao lado da minha, o espaço que nos separa é de no máximo uns dez centímetros.

— Vamos lá, o que mais? — diz, inclinando o corpo e deixando seu rosto nivelado ao meu.

— Não tem mais.

— Não tem mais? Jura? Tive a impressão que algo passou por sua cabeça e você sentiu a necessidade de compartilhar, mais especificamente algo que tenha a ver comigo.

— Nada a ver com você, só é algo que pensei em dizer aleatoriamente — falo, gesticulando minhas mãos no ar.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Hum! Eu pensei que pudesse ser algo como “Oberon vive na escuridão” “Oberon bebe descontroladamente” “Oberon quer ir embora de uma festa que acabou de chegar” “Oberon não pensa em ninguém além dele” coisas assim, e aí você me identificou como o cara que passa a vida olhando para a terra úmida e quis compartilhar seu pensamento.

— Não! Não é nada disso, eu só pensei que talvez...

— Talvez...

— Nada, esquece o que eu disse. Não falei isso para você se sentir ofendido. — Levanto para tomar distância e começo a andar pelo jardim até chegar à calçada.

Chega, cansei! Cansei de tentar mostrar a ele como a vida pode ser suave, cansei de tentar mostrar que momentos são únicos e devem ser vividos. Ele mais do que ninguém deveria saber que no minuto seguinte podemos nem estar aqui e isso seria a maior prova para parar de se esconder nesse casulo envolto em um sofrimento eterno.

— Agatha. — Sua mão encontra meu braço e ele segura com força, virando-me para si.

— Eu disse para esquecer, desculpa, *ok*?

Posso notar seu maxilar rígido e tenso, seu aperto contra mim continua, mas sinto seus dedos suaves contra minha pele. Ele inspira lentamente e umedece os lábios antes de continuar.

— Por que me diz essas coisas o tempo inteiro? Você tem alguma noção de como é difícil me reconhecer da maneira que estou?

— Tudo o que eu digo é para te ajudar. Você não percebe isso? Não consegue mesmo perceber?

Oberon solta meu braço e ergue a cabeça em direção ao céu. Tenho vontade de abraçá-lo e dizer que olhe para mim, que tudo vai melhorar se ele olhar para mim.

— Vejo a terra úmida, mas eu também vejo o céu estrelado. Eu vejo e percebo — diz, pausado. — Eu vou para casa, obrigado por ter vindo comigo.

— Espera. — Corro para alcançá-lo e ele para sem virar para trás. — Levo você.

— Não precisa, vou andando.

— Viemos juntos, vamos voltar juntos.

Ele gira seu corpo devagar e acena concordando, seguimos em direção ao meu carro e antes de abrir as portas ele aponta para as sandálias em meus pés.

— Tudo bem, vou tirá-las.

Entro no carro e descalço meus pés para poder dirigir. Pelo jeito o trajeto até em casa será feito em silêncio. Mas meu cérebro é uma fábrica de suposições, todos os tipos passam por ele, rodopiando em alta velocidade, deixando-me cada vez mais em dúvida sobre tudo.

Estou apaixonada demais e essa ânsia de tê-lo, mas não poder tocá-lo está acabando comigo. Eu deveria deixar de gostar dele, deveria começar a instruir meu cérebro e coração que é hora de largar, de desistir. De enxergar nele apenas meu chefe, vizinho e um amigo, nada mais que isso.

Contudo não consigo, cada dia, hora, minuto que passo ao seu lado reforça o sentimento latejante dentro do meu peito e...

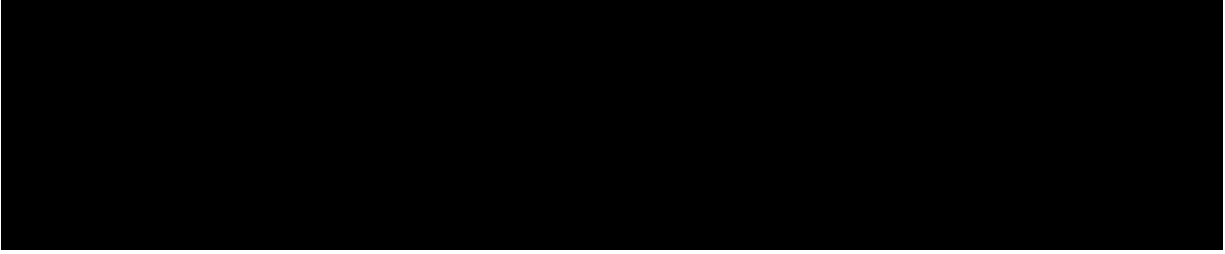
— AGATHA... — Escuto sua voz ensurdecadora chamar meu nome e, quando me dou conta vejo a árvore a nossa frente.

Piso no freio com toda a minha força e jogo o volante para o sentido contrário, para desviar o máximo que eu conseguir e proteger nossas vidas. Mas é tarde demais, o impacto é forte e faz meu carro girar.

Nesse instante é como se não estivéssemos nesse planeta, sinto que o tempo não é mais uma unidade de medida e estamos estáticos assistindo a tudo de uma outra dimensão.

Mesmo dentro desse montante de aço que gira implacável, consigo fixar meu olhar em Oberon e ver que seus olhos estão em mim também. O desespero estampado dentro deles, assusta-me mais que o turbilhão pelo qual estamos passando.

Não é justo com ele, não é justo que eu o faça passar por isso, é culpa minha, é tudo culpa minha.



— AGATHA...

Grito seu nome obstinado, desesperado para que ela me ouça, mas Agatha não dá nenhum sinal de que está me ouvindo.

Tento soltar meu cinto de segurança, mas não funciona, essa coisa deve ter travado, com alguma dificuldade sou capaz de pegar meu celular no bolso da calça e mesmo com a mão ensanguentada consigo digitar o número da emergência para pedir ajuda.

Apoio a cabeça caída de Agatha contra minha outra mão e continuo a chamar seu nome, não vejo nenhum ferimento grave em seu corpo e também não vejo nenhuma mancha de sangue. Contudo isso pode não querer dizer nada, ela pode ter algum ferimento interno, uma hemorragia.

Meu corpo inteiro estremece com a possibilidade de algo mais sério acontecer a ela, isso não pode estar acontecendo, não pode.

— SOCORRO... SOCORRO...

A pista está escura e não noto outros carros passarem, e mesmo que passem, nós estamos fora da rua e as pessoas não vão nem perceber que tem um carro acidentado aqui.

— SOCORRO... SOCORRO...

— Agatha, acorda. Acorda, Agatha!

Ah, Deus! Não faça isso, não faça isso de novo. Eu imploro, imploro por tudo nesse mundo, não deixe que Agatha morra, por favor, não faça isso.

Rogo por sua vida, desesperado.

— SOCORRO... SOCORRO...

Mesmo com meus gritos dentro do carro, ela não acorda e todo o controle que tento manter é esvaído de mim. Não me dou conta quando começo a chorar, mas choro desenfreadamente, as lágrimas escorrem por meus olhos sem contenção.

Agatha se parece com um anjo, sua face de traços tão suaves denota apenas que esteja dormindo, um sono calmo e tranquilo. Lembro-me de cada palavra dela e, percebo até mais

claramente como ela é o tipo de pessoa que passará a vida inteira olhando para as estrelas, porque Agatha é assim, nenhuma adversidade a fará baixar a cabeça para a terra úmida. Admirável é seu comportamento, sua personalidade, seu sorriso e sua forma de enxergar a vida, trazendo luz por todos os lugares onde passa, inclusive em mim.

Se essa mulher é capaz de enxergar qualquer parte ensolarada em um homem como eu, é reflexo da luz que irradia de si, a luz dela me ilumina e conforta a minha alma.

Ouçõ as sirenes se aproximarem, mas o medo que eu estava sentindo dá lugar a uma paz absoluta, porque essa mulher ao meu lado é paz, é luz, é vida.

Os minutos seguintes acontecem sem que eu me dê conta deles, os homens uniformizados removem-me do carro primeiro e deitam-me numa maca, porém eu me liberto ao convencê-los de que estou bem, apenas com alguns cortes, digo a eles que devem amparar Agatha.

Grito seu nome mais algumas vezes e tento me aproximar dos profissionais que a rodeiam, mas sou impedido de fazê-lo.

— O senhor fica aqui, estamos prestando os primeiros socorros a ela.

— Ela está viva? ela está bem? RESPONDE — exijo.

— Sim, está viva e provavelmente está bem, mas vamos levá-la para o hospital para ter certeza que não há nenhum ferimento interno.

— Eu vou junto.

Falo tirando a manta térmica aluminizada que colocaram sobre mim e entro na ambulância seguido pelos socorristas e Agatha deitada sobre a maca.

Escorrego meus dedos pela pele de seu rosto e noto como ela está brilhante. Sua face cintila em candura, inocência, pureza e fulgor.

— Fique tranquilo que sua esposa está bem, é provável que tenha tido um desmaio, que é uma reação comum do corpo ao passar por uma situação de medo e estresse, mas suas funções vitais estão normalizando e logo ela acordará.

Não o corrijo, não digo o que ela é ou não é. Ainda não tenho ciência do que ela é, mas uma coisa eu sei, Agatha é importante demais na minha vida, mais do que pode sequer imaginar. Por isso apenas ouço com atenção o que dizem para me tranquilizar e aceito o auxílio e o nome que quiserem nos chamar.

Chegamos ao hospital cerca de quinze minutos depois e uma equipe médica já está à espera dela.

— O senhor pode esperar aqui, vamos chamá-lo em pouco tempo.

Acato a ordem do enfermeiro e me sento no lugar indicado. Ansioso, balanço minhas pernas sem parar e esfrego uma mão na outra contando mentalmente os minutos até que alguém entre aqui e me diga que posso vê-la.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Agatha

— Olha só quem está acordando. Vamos, minha jovem, abra seus olhos por completo.

A voz grave e determinante que ouço não se assemelha a nenhuma conhecida por mim e por um segundo imagino que não seja comigo que esteja falando até ouvir uma que estou totalmente familiarizada.

— Agatha. — Oberon sussurra ao meu lado.

O som calmo que sai de seus lábios proferindo meu nome é mais que suficiente para me encorajar a abrir os olhos. Devagar, cada pálpebra se levanta e a figura dele se faz nítida à minha frente, seu sorriso se abre iluminando seu rosto por completo, um sorriso verdadeiro que se estende até seus olhos, vê-lo sorrir assim estimula os músculos da minha face a fazer o mesmo e, pouco a pouco meu sorriso se torna o reflexo do seu.

Vejo outra pessoa ao seu lado, possivelmente o dono da voz grave que acabei de ouvir e percebo que estou dentro de um hospital, lentamente todo os acontecimentos anteriores retornam à minha mente.

Apoiando em meus cotovelos ergo-me da cama e pergunto para Oberon, exaltada.

— Você está bem?

— Sim, estou bem.

Começo a varrer seu corpo e noto que seu antebraço está enfaixado.

— E isso, o que é isso? — Sento-me na cama e alcanço seu braço segurando-o em minhas mãos.

— Foi só um corte. E você como está se sentindo?

Começo a apalpar meu corpo, descoordenadamente, verificando se está tudo no lugar, apalpo minhas pernas, tronco, braços e cabeça e em seguida olho para o médico sorridente ao nosso lado.

— Não perdeu parte nenhuma do seu corpo, minha jovem. Está tudo aí.

— Ufa! — respondo, elevando minhas mãos até a altura do meu peito. — Pensei que íamos morrer.

— Está sentindo tontura, dor de cabeça, alguma outra dor? — O médico investiga ao abrir meus olhos e jogar uma luz dentro deles.

— Não estou sentindo nada, mas eu apaguei, não é? Não lembro de ser trazida para cá.

— Sim, você desmaiou na hora do acidente, é uma reação comum do organismo num momento de estresse elevado, mesmo assim fizemos uma tomografia para identificar um possível dano craniano ou hemorrágico, mas não há nada. Como dizem por aí, foi só um susto.

— E que susto, pensei mesmo que íamos morrer.

— Não hoje. Eu vou liberar você para ir para casa, mas se sentir alguma dor de cabeça fora do normal, volte imediatamente.

— E ele? — pergunto ao médico, indicando Oberon.

— Ele está bem, só cortou o braço, mas cicatrizará em alguns dias. Tiveram muita sorte. Agora me deem licença que vou preparar os papéis da sua liberação.

O médico sai, deixando-nos sozinhos. Sinto-me envergonhada em estar sozinha com ele, porque fui desatenta enquanto dirigia. Fiquei sonhando acordada com minhas suposições estúpidas e por conta disso poderia ter matado a nós dois.

Oberon deve estar explodindo de tanta raiva, toda vez que está comigo alguma coisa sai do controle.

Esfrego minhas mãos uma na outra e desvio minha atenção para o ambiente em geral e puxo uma conversa fortuita tentando desconversar ao máximo até a hora de ir embora.

— Esse é o hospital do centro?

— Sim.

— Eu tenho plano de saúde com ele.

— Sei disso.

— Como sabe?

— Eli me disse.

— Ah!

Volto a olhar ao redor e vejo outros pacientes chegando aos biombos para deitar em suas respectivas macas.

— Não tem nada para dizer, Agatha?

— Eu? Não! — falo, balançando a cabeça, rapidamente.

— Não quer saber do seu carro?

— Não — afirmo.

— Agatha, você...

— Aqui está a liberação, vocês podem ir. — O médico para ao nosso lado com um documento assinada em mãos e sou salva pelo gongo.

— Obrigada, doutor.

— Cuidado ao dirigir.

— Sim, doutor. — Ele sorri e acena despedindo-se.

— Calce esses, comprei lá fora para você. — Oberon se abaixa e ajusta em meus pés um par de chinelos.

— Obrigada.

Ando em direção a saída com ele ao meu lado e começo a sentir um fisgar na minha perna direita. Enquanto eu estava deitada não tive como avaliar qualquer outra dor, mas agora que estou com as duas no chão, sinto esse repuxar, dificultando meu andar.

— Está com dor?

— Não, não é nada.

Ignorando minha resposta, Oberon envolve meu corpo e sustenta meu peso, ajudando-me a caminhar.

— Seu celular está comigo, assim que chegar em casa você liga para Eli, ela e Roger ficaram em aflição quando contei a eles o que aconteceu.

— Ai! Por que disse a eles?

— Como assim? Eu precisava de informações suas, seria pior se eu tivesse ligado para seus pais.

— Tudo bem — aceito. De fato, seria pior se ele tivesse avisado meus pais, eles surtariam por estarem longe de mim.

Na recepção do hospital, Oberon solicita um táxi e poucos minutos depois temos um a

nossa disposição. Noto Oberon me encarar constantemente, mas finjo não perceber. Estou com medo do que ele vai me dizer sobre esse acidente, já estou me sentindo muito mal por essa situação, sempre dirijo muito bem, mas confesso que estava com a cabeça nas nuvens. Graças a Deus nada sério nos aconteceu e pudemos sair praticamente ilesos.

Assim que o taxista estaciona em frente à minha casa, lembro-me que estou sem minha bolsa e consequentemente sem chaves.

— Estou sem as chaves.

Oberon enfia a mão no bolso e tira meu celular e minhas chaves entregando a mim, tira também uma nota de cinquenta e entrega ao motorista. Ele sai primeiro e dá a volta no carro rapidamente, abrindo minha porta para me ajudar a sair. Depois disso pega as chaves que acabou de me entregar e abre minha casa, entrando nela comigo. É um alívio estar aqui depois de tudo.

Sento-me no sofá e ergo minha perna sobre a mesinha de centro e apoio minha cabeça no encosto, descansando por um minuto minha mente e corpo.

— Quer beber alguma coisa? — Ele diz, sentando ao meu lado.

Começo a rir em alto e bom tom ao ouvir sua pergunta, porque me lembro da primeira vez que nos encontramos oficialmente e eu tinha certeza de que ele estava me oferecendo algo alcoólico.

Meu Deus! Parece que aquilo aconteceu há anos.

— Agatha, você é bem estranha às vezes.

— Eu sei — respondo, ainda rindo. — Quero um pouco de água, por favor.

Ele se levanta e vai pegar para mim, voltando segundos depois com o copo na mão. Bebo todo o líquido e deixo o copo sobre a mesa à frente e estou pronta para o debate.

— Estou pronta — falo, erguendo e baixando as mãos.

— Pronta?

— Sei que está com muita raiva de mim pelo que aconteceu, então estou pronta para começar a ouvir o que tem a dizer.

— Ligue para Eli antes. — Oberon ordena.

— Vou passar uma mensagem, não quero ouvir os gritos dela agora, já tenho os seus para ouvir hoje.

Recolho meu celular e envio uma mensagem para ela dizendo que estou bem, que nada

de sério aconteceu, que estou ilesa e sem nenhum arranhão. Desejo-lhe boa viagem de lua mel e aproveito para pedir por meus presentes. Jogo o telefone no sofá ao meu lado e volto minha atenção para ele.

— Não estou com raiva de você. Por que pensa assim?

— Não está? Eu quase matei a gente.

— Não, eu não estou. E sim, você quase nos matou. Num minuto o carro estava na pista, no outro você estava indo para o canteiro. O que estava pensando?

O que eu estava pensando? Estou tão cansada de fingir e esperar que não tenho mais disposição para criar uma desculpa, por isso decido falar a verdade.

— Estava pensando em como eu faço para parar de gostar de você, como eu faço para parar de pensar em você o tempo todo, como eu faço para parar de sonhar acordada imaginando que um dia seu coração enlutado possa amar mais alguém e que esse alguém seja eu.

Vejo-o engolir a seco e entreabrir os lábios, umedecendo-os em seguida, suas mãos apoiadas sobre as coxas apertam o jeans rasgado e ler todos esses sinais, faz-me metade arrependida e metade feliz, mesmo sabendo que estou prestes a ser rejeitada, fico contente por tirar esse peso de mim.

Aceito que nada acontecerá entre a gente, mas não podia mais fingir que não sinto nada, se isso vai custar meu emprego e a nova vida que estou vivendo, não importa mais.

— Agatha... — começa.

— Sei que isso é loucura, você não precisa falar nada, eu sei.

— O que você sabe, Agatha? — Oberon diz e fica mais perto de mim, diminuindo um pouco nossa distância.

— Sei que seu coração é partido, ferido e que não tem intenção nenhuma de se relacionar com outra pessoa novamente, mas eu precisava dizer o que sinto. E quer saber? Está tudo bem, aceito sua rejeição e você pode ficar tranquilo que eu nunca...

— Agatha... — ele levanta as mãos para eu me silenciar. — Eu... eu... — Oberon fecha os olhos e toma ar, antes de prosseguir — você disse que já viu partes minhas que são ensolaradas, não disse?

Hã?! Por que ele está voltando nesse assunto, assim tão de repente?

— Sim, eu disse — falo, um pouco receosa.

— As partes ensolaradas que vê em mim, só aparecem quando estou com você.

— O que isso significa?

— Significa que meu dia e noite eram apenas noites, não tinha sol, eu passava vinte e quatro horas na escuridão, remoendo a vida que perdi. Mas não é mais assim, porque você é luz e consegue clarear meus dias mais sombrios.

Eu acho que vou desmaiar. Minhas pernas fraquejam, minhas mãos tremem e tenho certeza que meu rosto deve mostrar o quão inesperado é para mim ouvir ele dizer isso.

— O que está me dizendo?

— Estou dizendo que assim como você, não consigo mais guardar isso dentro de mim. Não vejo só a terra úmida, eu também vejo o céu estrelado e como um anjo você está nele iluminando a minha alma. — Ele fica mais perto e segura uma das minhas mãos.

Começo a sentir meus olhos verterem em lágrimas e preciso controlar minha voz embargada para continuar a falar.

— Eu não quero que você apague Lara de sua vida ou finja que ela não existiu. Sei que ela foi importante demais e parte de você por muitos anos. Mas peço que eu também seja, peço que eu ocupe seu coração e que eu seja importante para você também. Eu peço que seu amor ressurgja e seja destinado a mim. Isso pode parecer até um pouco egoísta, mas é o meu desejo mais profundo. Por que eu estou completamente apaixonada por você, Oberon.

Seus olhos não se separam dos meus e o brilho que vejo neles faz com que minha coragem em dizer tudo o que sinto seja ainda mais forte.

— Você é importante para mim.

— Eu sou? — pergunto, tentando conter as lágrimas.

— Sim, você é. Meu coração pode ser partido em mil pedaços, mas esses mil pedaços não sabem mais ficar sem você. Quando tento dormir é o seu sorriso a última coisa que me lembro, quando acordo seu sorriso é a primeira coisa que vem à minha mente. Um pouco a cada dia você entrou em mim e, quando me dei conta meu ser estava completamente preenchido por você.

Sua mão sobe até meu rosto e ele acaricia minha pele observando cada centímetro com atenção, noto que seus olhos estão molhados também e algumas lágrimas escorrem sem que ele se dê conta disso.

— Quando a vi no parque de diversões, feliz por uma coisa tão simples como andar numa roda gigante, tão alegre por se lembrar de alguém que perdeu e lembrar dessa pessoa

sem dor, lembrar apenas com saudade. Nesse momento compreendi que mais inevitável que a morte é a vida.

— As coisas que eu disse a você...

Oberon sorri e vejo a densa barba em seu rosto molhada com suas lágrimas.

— É difícil falar com você, como estou fazendo agora. Mas eu sei o que sente, sei que estava no limite. Você é tão fácil de ler, Agatha, que mesmo sem dizer uma palavra ainda assim sua expressão me diz tudo o que pensa. As coisas que disse antes, ressoam na minha cabeça o tempo inteiro, como um tratamento de choque mostrando a mim que a vida ainda existe, que eu ainda tenho pessoas especiais ao meu redor e que devo viver ao lado delas. E a mais especial de todas é você, um anjo atrapalhado que quase acabou de nos matar e mesmo desmaiada ainda irradiava luz e afeição. Não sei se serei tudo o que você quer e precisa hoje ou amanhã, o que sinto ainda é complexo e confuso para mim, mas sei que estou disposto a lutar e dar um passo por dia em direção a uma vida plena novamente e, que essa vida, seja com você ao meu lado.

— Você está falando sério? Não quero que se arrependa como da outra vez... — tento falar com as lágrimas ainda jorrando de meus olhos.

— Eu queria ter tido coragem de dizer antes, mas tinha medo de contaminar você com escuridão da minha alma.

Balanço minha cabeça repetidamente, sem crer que esse homem está finalmente me dizendo tudo o que sonhei.

Sem pensar em mais nada, simplesmente pulo sobre ele e o abraço apertando-o contra mim, nunca pensei que um dia ouviria essas palavras vindas dele, principalmente hoje que eu estava decidida a tirá-lo dos meus pensamentos de qualquer maneira.

O coração dentro do meu peito bate descompassado e, sinto todo meu corpo repleto com uma alegria que acabara de adentrar e fazer morada.

Eu o abraço mais forte e aninho minha cabeça contra a curva de seu pescoço e, pouco a pouco sinto seus braços, vacilantes, circularem meu corpo e, devagar ele ganha coragem e me puxa para ainda mais perto. Sentir todo o seu corpo contra o meu é mais exultante do que qualquer outra coisa que pude experimentar durante toda a minha vida.

Eu posso morar aqui, viver para sempre abraçada a ele.

Quando Oberon delicadamente afasta meu corpo do dele, tento resistir e não abrir espaço entre nós, mas ele toma meu rosto entre as suas mãos e seu olhar encontra o meu e

permanecemos assim por vários segundos. Ele observa atento cada detalhe e escorrega um de seus dedos em meus olhos, nariz e boca. Deixo-me levar pelo carinho e sorriso desejando que ele continue.

Até que devagar ele traz seu rosto para mais perto e o momento pelo qual eu tanto esperei se repete.

Sinto seus lábios tocarem os meus e tão suave quanto uma semente de dente-de-leão voando pelo céu é sentir todo o sentimento depositado num ato que para muitos se tornou banalizado.

A definição de beijo acabou de tomar um sentido totalmente renovado para mim, um beijo que é mais que prazer carnal, que é mais que uma preliminar, que é mais que um contato físico superficial. O movimento de nossas bocas que começa lento e hesitante, se torna a mais bela dança, a mais pura, a com mais significado.

Porque sinto que seu beijo dessa vez é inteiramente destinado a mim, sem dúvida, sem arrependimento, sem remorso ou penitência. Sinto que ele tem curiosidade e vontade de sentir o meu sabor, de sentir o meu beijo e de mais ninguém.

Dessa vez, tem sabor de renascimento, de liberdade, tem sabor de um homem que acabou de ressurgir para uma nova vida, uma vida que será ao meu lado.

Ele aprofunda nosso beijo e me ergue para ficar sobre ele, meus olhos ainda manam lágrimas e elas se misturam as dele. E nossa dança vai além de nossas bocas, ela irradia para nossos corpos e atingem nossas almas.

Docemente ele me deita sobre o sofá, nossos olhares se cruzam mais uma vez e sem precisar dizer mais nenhuma palavra, estica sua mão até a alça do meu vestido, por um momento ele para e apenas toca o tecido, sem se mexer. Eu sigo sua mão e baixo, corajosamente, a peça de roupa, expondo mais que minha pele para ele.

Cada centímetro de pele que expomos lentamente um para o outro é um passo a mais que damos para emergir de um lago profundo de solidão. Experimentar juntos como é colocar a cabeça para fora e poder sugar uma grande quantidade de ar, renovando e expurgando toda a tristeza que um dia habitou nossos corações.

E quando estamos ambos desnudos, observo e admiro seu corpo, despido não só de suas roupas, mas despido de dor e despido de culpa, o corpo lindo a minha frente, adornado com seus desenhos está pronto e entregue para me amar.

E eu não estou diferente, estou pronta e entregue para recebê-lo inteiro em mim. Sua

boca desliza por toda a minha pele, dos pés à cabeça, eu o sinto passear por mim. Ao mesmo tempo que minhas mãos viajam por ele, descobrindo cada centímetro dele que é oferecido a mim.

E assim fazemos, nos amamos e nos veneramos.

Veneramos nossos corpos nus unidos, veneramos cada toque que dividimos, veneramos cada sensação que passa por nós, veneramos a satisfação que estamos propiciando ao outro, veneramos o som de nossas bocas juntas e veneramos o som do prazer que nossos corpos emitem ao colidirem um contra o outro, ora com suavidade, ora com força. Deixamos que cada movimento seja ditado pelo próprio momento, deixamos que nosso desejo invada e se cumpra com nossas vontades.

Seu corpo colado ao meu, seus lábios deslizando por minha boca e pescoço, suas mãos que agarram minha pele com força, faz nossas mentes vagarem por outro mundo. Poderíamos construir um novo universo aqui, se todo o mundo desaparecesse agora, não perceberíamos, nem notaríamos, pois nesse instante Oberon é tudo o que eu preciso, e ao julgar pelo brilho escarlate profundo em seus olhos eu sou o que ele precisa também.

A alegria que sinto e que está vazando por todos os meus poros, estampada no meu rosto e no meu sorriso cada vez que ele olha para mim, é porque acima de tudo, aquele homem machucado que conheci, de coração glacial, congelado no tempo, enclausurado dentro de seu mundo, mundo esse que era somente dor e amargura, aquele homem que fugia com medo, permitiu que eu pudesse entrar.

E o homem que um dia eu vi desejando ardentemente a morte, agora permite que eu ilumine sua alma e traga-o de volta à vida.



Eu não consigo mais, não consigo fingir que ela não me afeta de todas as maneiras. Poderia até tentar me manter distante e afastá-la mais uma vez. Mas de que adiantaria?

Quando vi Agatha desmaiada naquele carro, percebi o quanto ela é, de fato, importante para mim. Viver sozinho e isolado de todos era um caminho fácil e preservativo, mas depois de ouvir ela dizer com todas as letras o que eu tinha medo até de pensar, não há mais motivo para eu me esconder, porque sei que também estou completamente apaixonado por ela.

Não há mais saída para mim, não tenho para onde escapar que não seja para ainda mais perto dela. Esse é o único lugar que quero viver a partir de agora, em seus braços.

Trago seus lábios até os meus e, assim que os toco, sinto que algo acabara de se abrir em mim, um arrepio circula freneticamente meu corpo, correndo por todas as minhas veias, derretendo qualquer resquício da vida gélida que existia em mim. Sem culpa, consigo sentir seu sabor, puro e suave, ao mesmo tempo que ardente.

E quanto mais eu me entrego a Agatha, mais eu desejo fazê-lo com toda a intensidade e força do meu ser. Quando seus olhos me dizem para continuar, não consigo pensar em mais nada que não seja tê-la para mim, não consigo mediar nenhuma ação, além de sucumbir ao desejo de estar inteiro com ela.

E assim fazemos, deixo que nossos corpos conduzam todos os nossos desejos, não refreio nenhuma vontade. No momento que permito sentir o sabor de sua boca, não é mais possível voltar atrás, até ter sentido o sabor de todo o seu corpo, até ter sentido tudo o que secretamente ambicionei desde que a beijei pela primeira vez. Sentir essa mulher inteira, mostra como fui ingênuo em achar que seria capaz de não me apaixonar por ela.

— Você ainda está aqui. — Agatha diz e toca meu rosto, resvalando seus dedos em minha barba, carinhosamente.

Estamos os dois deitados, cansados e suados sobre o sofá no meio de sua sala, a iluminação baixa da única luz acesa faz seus olhos brilharem com mais intensidade. O calor que provém de seu corpo nu encostado ao meu, aquece não só a minha pele, aquece todo o meu ser.

— Não tem outro lugar onde eu queira estar.

Seu sorriso se abre, escancaradamente, fulgurando todo o ambiente.

— Então você tem certeza?

Aperto sua mão contra meus lábios e a beijo, antes de sorrir e dizer:

— Sim, eu tenho certeza.

— Não vai fugir, como da outra vez?

— Como posso fugir depois de hoje? Como posso fingir que nada aconteceu?

Deslizo meus dedos sobre seu abdômen e sinto-a arrepiar diante do meu toque. Eu nunca imaginei que uma mulher pudesse quebrar a muralha que construí ao meu redor. E agora que ela conseguiu, que o último tijolo foi tirado, não quero que ela saia de perto de mim. Já não queria antes, mas agora, anseio estar assim por todos os minutos.

— Estou tão feliz. — Agatha murmura ao meu lado.

Será felicidade também o que sinto agora? Se é, eu não vou mais resistir, vou deixar que ela ocupe todo o meu coração, vou deixar que ela junte todos os cacos e faça que esse lugar insólito ame Agatha profundamente.

Sorrio para ela e desço meu rosto até que meus lábios encontrem os seus novamente. Agatha se agarra contra meu pescoço e faz nosso beijo arder de desejo e em poucos segundos estamos mais uma vez entregues um ao outro, até que ouço a campainha tocar, pegando-nos de surpresa.

— Ah, que é isso! Quem é a essa hora?

Agatha se levanta pulando numa perna só e começa a recolher seu vestido do chão. Eu a acompanho e faço o mesmo.

Ela corre até o interfone localizado próximo a porta de entrada e pergunta quem é? Em seguida olha para mim e arregala os dois olhos, como se tivesse sido pega em alguma travessura.

— O que querem? — Ela diz. — Não vão viajar agora, por que estão aqui? Eu estou bem, não precisavam ter vindo...

Pelo teor sei que Roger e Eli estão lá fora, termino de me vestir e calçar meus sapatos e vou até Agatha. Tiro o aparelho de suas mãos e falo com os dois que esperam por ela.

— Eu vou abrir o portão — digo e devolvo o aparelho para seu lugar.

— Termine de se vestir, Agatha.

— Ah, que vergonha! Por que eles estão aqui?

— Estavam preocupados, eu disse para você ligar, não disse?

— Acho melhor você se esconder no quarto, Oberon.

— Por que eu faria isso? — indago, sem entender a razão pela qual eu tenha que me esconder.

— Eles vão pensar coisas e vão começar a fazer várias perguntas.

Respiro fundo e seguro seus ombros virando-a para ficar de frente a mim.

— Eu acabei de falar com eles, e te disse que não fugiria mais, isso não inclui só você, Agatha. Isso abrange todos que fazem parte da minha vida. Finalmente entendi que não fiz nada de errado, que estar com você não quebra nenhuma regra, que eu não traí ninguém, então por que pede para eu me esconder nos fundos? Não importa se vão fazer perguntas, se vão pensar coisas, o que isso importa para nós dois?

Ela fecha os olhos e baixa a cabeça.

— Desculpa. Foi muito idiota o que acabei de dizer. Você tem razão, tem toda a razão.

Agatha puxa minhas mãos e segura contra as dela, em seguida, arrasta-me com ela e seguimos para a porta, assim que abrimos e alcançamos a garagem, ouço Eli começar a berrar.

— Que merda, Agatha! Você está louca? Acha mesmo que me passar uma mensagem vai me impedir de vir até aqui?

Roger tenta conter sua esposa, mas sem nenhum sucesso.

— Por isso, não te liguei, sabia que iria gritar comigo.

— Abre logo esse portão, que vou fazer mais que gritar com você. Ah vou!

— Fica calma, amor. Agatha está bem. Obe está cuidando dela.

— *Obe está cuidando dela*, é sério? Você acha mesmo que ele está cuidando dela?

Eu já havia notado que Eli tem uma personalidade forte, mas ao vê-la agora, espumando de raiva, começo a achar que Roger vai passar por maus bocados com ela.

O portão é aberto e os dois entram e Eli começa a passar as mãos por Agatha, para se certificar que não há nada de errado com sua amiga. Eu observo em silêncio e mais de longe, não quero interferir na dinâmica delas. Roger troca duas ou três palavras com Agatha e logo recebe um olhar castigador de sua mulher e se afasta também vindo ficar ao meu lado.

— Ela é impossível, parece até que Agatha é filha dela.

Cruzo meus braços e não digo nada, Agatha tem um talento em fazer as pessoas se

preocuparem, já que é extremamente distraída. Continuo observando as duas a distância e percebo que Agatha começa a levar sua amiga pelo braço até o portão.

— Ei, para! A gente vai entrar. Amor, pega as coisas no carro. — Eli diz, voltando-se para Roger. — Vou deixar alguma comida pronta para você, Agatha.

— Hã?! Não precisa, Eli. Vai curtir sua noite de núpcias, pelo amor de Deus!

Roger segue para fora e logo volta com algumas sacolas nos braços, olho para meu relógio e vejo que talvez seja melhor eu ir para minha casa e deixá-los.

Todos entram e eu sigo para a saída, até que ouço Agatha correr e mancar para chegar até mim.

— Aonde vai? Você disse que não iria fugir!

Sorrio ao ver seu rosto ansioso.

— E não vou. Estou indo até a minha casa, Eli parece estar bem preocupada e ela precisa ficar com você um tempo e ver por si mesma que está bem, só assim ficará mais calma. É só me ligar quando eles forem embora e eu volto até aqui.

Agatha sorri e acena concordando.

Eu caminho de volta para a minha casa e antes de entrar tento me acalmar. Recito mentalmente que não fiz nada de errado, que Lara não está mais aqui, somente eu estou.

Abro a porta e acendo todas as luzes, de todos os cômodos, deixo que a luz afaste qualquer fantasma que volte para rodear meus pensamentos. Sento-me no sofá e fecho meus olhos devagar e, pausadamente toco minha boca, lembrando dos beijos com Agatha, ainda é possível sentir o peso e o sabor dos seus lábios contra os meus.

— Eu posso viver, eu posso dar um passo depois do outro.

Levanto-me e vou até o estúdio, mesmo sem acender as luzes do lugar sei exatamente que gaveta abrir e no fundo dela encontro o envelope que escondi de Agatha e de mim mesmo.

Não há mais pretextos para mantê-lo em segredo.

A passos rápidos volto para minha casa e abro a porta do quarto das fotos, ainda dói estar aqui, dói muito. Mas eu entendo agora que é só um quarto, são só paredes. Olho ao redor e vejo tudo tão limpo e branco, sem mais nenhum resíduo do que havia sido, todas as fotos se foram.

Deixo-me cair no chão e abro o envelope em minhas mãos, dele tiro os desenhos que Agatha fez de mim e algumas fotos que tirei dela.

Na maioria das fotos ela sorri, sem nem imaginar que estava sendo observada e fotografada. Sorrio ao olhar cada imagem e pensar em como as coisas podem mudar.

— Oberon.

Olho para o alto e vejo Agatha de pé, encostada no batente da porta. Ela baixa a cabeça e se desculpa por entrar antes mesmo que eu diga qualquer coisa. Inspiro e expiro o ar ao meu redor e falo:

— Não precisa se desculpar. Por que está aqui?

— Eles já foram e você não atendeu minha chamada, por isso, resolvi vir até aqui. A porta estava aberta e as luzes acesas...

Agatha para de falar, e começa a olhar em volta, atenta, como se estivesse procurando por algo. Não entendo sua postura, ela nunca esteve nesse cômodo, então para ela é só um quarto sem mobília.

— O que foi? — pergunto.

Ela aponta para as paredes e entreabre os lábios.

— O que foi, Agatha? — Levanto e vou até ela.

— Nada, não foi nada. É que veio uma coisa à minha cabeça agora, mas é loucura minha — apressa-se em dizer, desconversando.

Não. Não é possível!

— Você já esteve aqui? — questiono.

— Eu? — diz, levando uma mão ao peito. — Não!

Ergo uma de minhas sobrancelhas e apoio minhas mãos na cintura, esperando por uma resposta honesta.

Agatha baixa a cabeça mais uma vez e diz:

— Sim.

Solto uma lufada de ar e por incrível que pareça não estou surpreso por sua resposta.

— Mas em minha defesa, eu estava procurando alguma coisa para limpar seu quarto no primeiro dia em que te vi e você estava bêbado e caído. Foi sem querer que entrei aqui, desculpe.

— Você é inacreditável, Agatha. Simplesmente inacreditável, eu queria saber o que você ainda não sabe sobre mim.

Ela ignora minha reprimenda e volta a apontar para as paredes.

— Onde estão?

— Onde estão o quê? — A curiosidade dessa mulher é praticamente um *superpoder*.

— As fotos.

— Fotos? Nunca houve fotos aqui, o quarto sempre foi assim. Será que você bisbilhotou o lugar certo? — falo.

— Eu já me desculpei, não precisa ficar bravo.

— Não estou bravo, não sabe a diferença de quando estou ou não bravo?

Ela abre um sorriso que domina todo o seu rosto.

— Sim, eu sei. E você está sorrindo agora, o que significa que não está bravo, nem um pouquinho e só por isso vou perguntar de novo. Onde estão as fotos?

Não me contenho e explodo num ataque de riso, ela é inconcebível. Como pode uma pessoa ser tão direta quando ela?

Não acredito que estou dentro desse quarto com Agatha e rindo.

— Tirei todas as fotos no dia que fomos ao parque, elas estão guardadas em caixas.

— Hum!

— Satisfeita?

— O que esse quarto era para você?

Olho ao redor e penso no que responder, não preciso esconder nada de Agatha, porque tenho a sensação que ela descobriria mesmo se eu tentasse.

— Esse quarto era uma máquina do tempo, entrar aqui era como ser transportado para os dias em que ela ainda estava viva, eu revivia cada memória, cada dia que passamos juntos, fazia-me pensar que ela ainda estava comigo.

Agatha mantém seu olhar em mim e fica em silêncio por alguns segundos, talvez esteja tentando entender o que acabei de lhe dizer.

— Então por que você tirou as fotos? — ela sussurra a pergunta, desviando, enfim, seu olhar.

— Porque ela não está aqui, Agatha. Ela não está aqui.

Abaixo-me e recolho do chão as fotos de Agatha e seus desenhos, em seguida passo por ela e vou até meu quarto. Na primeira gaveta da cômoda alço um rolo de fita adesiva e volto para o quarto onde Agatha está.

Corto um pedaço de fita e colo seu desenho com meu rosto na parede branca e vazia, a

mesma que um tempo atrás eu mal era capaz de tocar sem chorar e me desesperar. Repito a mesma coisa com o outro desenho e depois com as fotos dela.

Agatha está imóvel no centro do quarto, observando minhas ações sem dizer nada.

Quando termino de colar viro-me para ela e seguro seu rosto contra minhas mãos.

— Obrigado.

Seus olhos brilham com o marejar prestes a começar a rolar por sua face e assim que uma lágrima escorre eu a beijo secando-a.

— Obrigado por acreditar que eu era forte o bastante para seguir em frente.

Trago seu rosto para perto do meu e com vontade a beijo.

Beijo sem pensar em mais nada que atormente minha alma, apenas me entrego de corpo e alma e agradeço por ela ter aparecido e ter visto além de mim. De agora em diante não vou deixar que nada mais apague a luz que acabou de se acender e devolveu minha vida.



UM ANO DEPOIS...

Oberon

Nada é mais difícil do que ver alguém que amamos morrer, sentir a dor fisicamente latejando pelo corpo, pensar que ela nunca abrandará, nunca deixará de causar sofrimento.

Foram anos difíceis os que passei sem disposição de sentir a vida bater dentro de mim, sem sorrir e ver a beleza nas pequenas coisas que me rodeava, tive certeza que nunca mais teria capacidade de olhar para o céu numa noite quente e pensar como o simples fato de estar aqui pudesse ser suficiente.

Anos sombrios, nublados, imerso numa aflição infinita, ansiando pela morte dia após dia como remédio para curar a dor que se disseminava como um vírus atacando cada célula viva que ainda tinha.

Mas, como muitos, não fui capaz de perceber como aquele sofrimento afetava a mim e a todos os outros, vivos, como eu. Porque quando estamos naufragados num sentimento que suga sua alma para a escuridão, a luz demora a chegar. Mas quando chega clareia de tal maneira que não é mais possível que não a enxergue, que não a reverencie, que não a ambicione novamente para si.

O anjo que apareceu em minha vida não teve medo de acender uma lanterna e jogar toda aquela luz sem aviso sobre mim, como um vampiro que foge da luz do sol, assim era eu dentro da escuridão do meu ser, acostumado a viver nas sombras.

Na verdade, eu sempre clamei pela luz, sempre clamei por socorro, por ajuda, ninguém

é infeliz porque quer ser, ninguém entra na escuridão por conta própria, ninguém abdica da própria vida achando que essa é a melhor solução, não é assim.

A perda se transforma em raiva, se transforma em dor, se transforma em angústia, se transforma em desolação. Depois de atraído para o vórtice é quase impossível sair dele sem ajuda, se alguém não lhe estender uma mão, não lhe jogar uma corda ou não pular dentro e te mostrar que é possível sair, você ficará nele.

Agatha estendeu sua mão, jogou uma corda e pulou no meu vórtice com toda a sua luz resplandecendo ao ponto de me cegar, mas quando convivemos com a luz não é mais possível voltar para as trevas. A escuridão não serve mais.

E isso não significa que aquela pessoa pela qual você daria a sua própria vida não faz mais parte de você, não, não. Ela continua viva dentro de mim e dentro de todos aqueles que a conheceram um dia e assim continuará. O que significa é que o lugar destinado a ela não é mais nas sombras, é também na luz.

Descobri que a saudade e as lembranças se fazem presentes, mas quando uma lembrança surge, ela surge sem a dor de outrora, ela surge sem consternação. Quando uma lembrança invade meus pensamentos, ela vem abrandada, vem com o carinho de alguém que não vemos há um tempo, mas que sempre sentiremos afeto.

Porque a morte faz parte da vida, mas a vida não faz parte da morte.

— Você está bem? — Agatha pergunta ao me abraçar.

— Sim — aperto-a ainda mais e estalo um beijo em sua testa. — Vamos.

Abaixo-me e deixo um ramo de gérberas rosas e laranja sobre a lápide de Lara, eram as suas preferidas. Hoje seria seu aniversário e poder estar aqui sentindo paz ao invés de agonia é algo que tive certeza que nunca aconteceria, mas aconteceu.

E estar com Agatha ao meu lado é um presente que ainda não sei o que fiz para merecer. Porque ela é a pessoa que habita meus pensamentos por todos os minutos do dia, com sua tagarelice infinita, ela consola, distraí e afronta minha paciência com uma capacidade sobrenatural. Agatha é firme, segura e decidida, mas ao mesmo tempo é doce, singela e inocente. Amar essa mulher é tão inevitável quanto respirar.

Seu entendimento leve sobre como a vida deve ser é uma dádiva que divide tão gentilmente comigo. Com ela aprendi que um coração pode se dividir e amar novamente. Que isso em nada tem a ver com o amor passado, que ambos podem coexistir cada um com seu espaço.

Nesse momento Agatha é a estrela maior do meu céu.

— Obrigado por ter vindo aqui comigo.

Ela sorri e me beija. Lembro-me de quando a vi pela primeira vez e imaginava o porquê dessa mulher sorrir tanto, Agatha mantinha seus dentes à mostra a maior parte do tempo e, enquanto eu mal abria os olhos, ela era como uma flor desabrochando na primavera.

— Estou feliz que tenha conseguido vir até aqui. — Ela diz, após deixar meus lábios e sustenta uma de suas mãos presa ao meu peito, na altura do coração. — Significa que não dói mais aqui.

— Não dói — confirmo, sorrindo também.

Caminhamos de mãos dadas pela rua e Agatha começa a contar sobre um novo seriado que está acompanhando, ela fala sem parar e tenta me convencer que esse é o melhor seriado que já assistiu, que eu deveria assistir também. Mas ela sabe que não tenho paciência para tal coisa, de todas as vezes que tentei acabei por dormir no segundo episódio e ela sempre acaba brava comigo.

— Esse você não vai dormir, tenho certeza. — Garante e balança sua mão entrelaçada a minha elevando nossos braços para cima e para baixo.

— E se eu dormir, vai ficar brava e começar a brigar comigo?

— Claro que vou — diz e começa a rir. — Qual seria a graça se não fosse assim?

— Ah, mulher!

Solto nossas mãos e a puxo para mim erguendo-a em meus braços, ela ri e grita para eu descê-la ao chão, mas começo a girar o mais rápido que posso com ela suspensa. Nossos risos ecoam por todos os lados, chamando a atenção de várias pessoas que passam pela rua.

— Para! Eu vou ficar tonta, você vai me derrubar...

Suas gargalhadas me impulsionam a continuar e ignorar seu pedido que sei não ser sério, ela adora quando faço isso. E eu adoro ouvir seu riso solto e genuíno.

Quando ambos estamos cansados de rir e rodar, eu a coloco de modo gentil no chão e voltamos a caminhar.

— Amanhã vamos jantar com Ítalo e ver seu pai. Ele passou mensagem para mim, nos convidando, disse que essa semana seu pai o reconheceu e conversou com ele, além de perguntar por você, talvez ele te reconheça amanhã também.

— Ah, é? Por que ele não passou a mensagem para mim?

— Porque ele prefere conversar comigo — diz, gabando-se. — E hoje à noite tenho uma surpresa para você.

— Não, Agatha. Chega de surpresas, dá última vez você quase colocou fogo em nossa casa.

— Ei! — ela grita e acerta um tapa em mim. — Não coloquei fogo em lugar nenhum, você sabe muito bem que eu estava tentando flambar aquela carne e fazer um jantar especial. Só esqueci de tirar o pano de copa que estava ao lado da panela.

— Sim, e aí o pano pegou fogo, e o fogo do pano pegou na toalha e por pouco não pega na casa inteira. E você ignorou a existência do extintor.

— Você é tão exagerado, sabia? E fique sabendo que eu já sei usar o extintor de incêndio. Quer saber? Não vou fazer surpresa nenhuma.

Ela é irresistível quando fica brava. Paro de andar e seguro seu rosto contra minhas mãos e pouse meus lábios sobre os dela, que começa a sorrir contra minha boca, cedendo pouco tempo depois.

— Eu quero a surpresa — murmuro. Pouco antes de encontrar sua língua e degustar todo o sabor mágico de nossos beijos.



Deixo Agatha no estúdio, porque vou para uma sessão de fotos num cliente próximo. Acompanho-a com o olhar até ela entrar e depois desvio para minha casa. O lugar não se parece em nada com o que já foi um dia.

Depois de uns dois meses estando com Agatha ela me convenceu mais que facilmente a deixar aquela casa e dividir o mesmo espaço com ela, por isso acabei por construir um muro separando o estúdio da casa e a aluguei para a criação de uma escola infantil.

Ainda fico surpreso como aquela casa que mais parecia um mausoléu agora transborda em vida, as cores alegres, o som das crianças correndo pelo jardim, os gritinhos agudos a cada brincadeira, encanta-me mais que tudo.

Viver nessa rua, vendo minha antiga casa ganhar vida, meu estúdio totalmente

recomposto e viver com Agatha duas casas ao lado parece um sonho, um presente de natal.

Sorrio.

Ligo o carro e começo a dirigir seguindo para terminar meu trabalho o quanto antes, estou ansioso para voltar para casa e ver o que ela aprontou dessa vez.

Cerca de três horas depois finalizo a sessão de fotos e retorno para o anjo que brilha no meu céu.

Estaciono em frente ao estúdio e ao entrar constato que Agatha não está, olho para o relógio e imagino que ela já esteja em casa. Ando os poucos metros que separam nossa casa do trabalho e ao chegar encontro a porta trancada.

— Agatha, por que trancou a porta? — reclamo, tirando minhas chaves do bolso e ao abrir a porta encontro-a de pé no meio da sala.

Há balões brancos por todos os lugares, espalhados pelo chão e muitos outros presos ao teto com fitas de tecido penduradas. Na ponta de cada fita ela amarrou fotos e desenhos. As fotos são as que eu tiro dela o tempo todo, mesmo antes de ficarmos juntos eu já tirava algumas. Já os desenhos são os que ela faz de mim, Agatha me desenha o tempo todo, ela diz que é seu passatempo preferido. Bom, e no meio de tudo isso está meu anjo, usando um top e uma saia curta também brancos e no abdômen uma fita de cetim amarrada em forma de laço.

Sorrio com o visual que ela criou, porque nossa casa está linda, mas não entendi ainda qual o tema da surpresa e a razão de tanto branco.

— É ano novo? — pergunto, indo até ela. Agatha entorta os lábios, contrariada. Eu adoro como ela reage às coisas que eu falo.

— Não acredito que não entendeu.

Olho novamente para todos os lados e depois para ela, analiso seu corpo e imagino que essa fita amarrada na barriga signifique que ela é como um presente para mim.

Bom, eu imagino que seja isso, mas vendo suas sobrancelhas erguidas em expectativa por minha resposta, começo a temer qualquer coisa que saia da minha boca nesse momento.

— E aí?

— Você é o meu presente? — pergunto, com medo.

— Aish, homem! É sério? É isso que pensou, que eu sou seu presente?

— Mas você é meu presente.

Ela fecha os olhos e franze os lábios, sorrindo em seguida.

— Tudo bem, eu sei que você me vê como um presente na sua vida e isso é bem fofo. Porém, dessa vez o presente não sou exatamente eu, apesar de ele estar comigo nesse momento.

— Outro presente? — indago.

Agatha começa a mexer o corpo e apontar para a própria barriga e no momento que todas as fichas do planeta caem ao mesmo tempo, me dou conta de quão idiota eu sou por não entender de cara o que uma mulher com um laço na barriga significa.

— Você está dizendo... — Não consigo terminar a frase, minha voz desaparece e minhas mãos tremem ao agarrar sua barriga.

— Sim, aqui dentro tem outro presente para você — ela fala, com amor, segurando minhas mãos em sua barriga.

Caio ajoelhado no chão e encosto meus lábios contra seu ventre. Agatha abaixa-se também e começamos a nos beijar, rindo e chorando, porque a alegria que estamos sentindo é absolutamente fora de todos os padrões.

Quando me diziam que o tempo curava tudo, eu sentia vontade de fazer com que as pessoas engolissem cada maldita palavra.

Oh, Deus! Como fui tolo, porque o tempo é de fato quem guarda todas as chaves da vida.

Onde os caminhos vão te levar? Que estradas vamos seguir?

Só o tempo.

Quando um coração morre e quando outro renasce?

Só o tempo.

O que acontecerá em um dia? Em um mês? Em um ano?

Só o tempo.

Desde que aceitei que o tempo é meu aliado e não meu inimigo, as coisas mais maravilhosas do mundo começaram a cair sobre mim como uma chuva refrescante num dia ardente de verão.

Agatha com coragem e sutileza estendeu sua mão e içou-me do buraco mais profundo, purificou minha alma e transcendeu em afeição. Se hoje sou um homem completo novamente é porque ela me deu toda sua paciência, luz e amor.

FIM.



NOTA DA AUTORA

Finalizar essa história acabou por ser tornar um dos maiores desafios da minha vida, onde eu poderia imaginar que descrever a dor de um personagem, seria descrever a minha própria dor.

Mas a vida e a morte andam ao nosso lado todos os dias, cabe a nós buscar dentro da gente capacidade de entendimento e espiritualização para viver com uma dor tão lancinante quanto essa.

Aos que não conseguem por si só, resta buscar ajuda. Por favor, olhem ao seu lado ou olhem para dentro de si, se você passa por isso, se você conhece alguém que precisa de ajuda para passar por essa fase, ajude-o da maneira certa.

Não force, não imponha suas crenças e dogmas sobre o luto, se para você o luto durou um dia ou um mês, não condene aquele que após anos ainda passa por ele.

Ajudar, sem julgar, é o primeiro passo para trazer alguém de volta à vida.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE APOIO AO ENLUTADO

Casulo - Associação Brasileira de Apoio ao Luto - é uma organização da sociedade civil, laica e sem fins lucrativos, criada para apoiar pessoas enlutadas. Fundada em 20 de setembro de 2001 e sediada em São Paulo, a associação também presta serviços a grupos localizados em outras cidades brasileiras.

A imagem do casulo nos remete ao processo de transformação da lagarta em borboleta. E é este o conceito que sintetiza o objetivo da associação: auxiliar quem perde um ente querido a atravessar essa difícil fase de transformação, acreditando sempre que é possível, no final do processo, reencontrar a dignidade e a alegria da vida.

OBJETIVOS

- Acolher e apoiar pessoas enlutadas em variadas situações de perda.
- Oferecer atividades terapêuticas aos enlutados.
- Estudar e pesquisar temas ligados ao luto.
- Divulgar e disseminar as atividades da associação.
- Estimular parcerias que auxiliem no desenvolvimento da associação.

CASULO - Associação Brasileira de Apoio ao Luto email:
falacasulo@hotmail.com (11) 3542-7857 ou 98710-4551
ou anacrisf.rocha@gmail.com (Ana Cristina)
(11) 99218-1705 (Alice) (11) 99155-8944 (Marilena)

Endereço das reuniões do grupo de autoajuda:
Paróquia do Colégio Assunção
Alameda Lorena, 655, Jardim Paulista, São Paulo/SP

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus por permitir que eu possa continuar a contar minhas histórias.

Agradeço a meu marido e filho que são os amores da minha vida, esses dois homens tornam meus dias entretidos e atarefados na mesma medida, são eles quem mantêm minha mente sã.

Agradeço as pessoas envolvidas nesse projeto que são como verdadeiros anjos, ajudando-me a contar histórias cada vez melhor.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a vocês leitoras que preenchem o meu dia com as mensagens mais incríveis, cada vez que recebo uma mensagem de alguém dizendo que *Sem Vida* lhe traz mais acalanto e entendimento sobre sua vida, meu coração enche de alegria por saber que de alguma forma eu consiga passar através das palavras a coragem necessária para enfrentarem sua angústia e seguir em frente.

FIQUEM ATENTOS AOS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

SEM CAMINHO E SEM DESTINO

Em **Sem Caminho** vamos conhecer
Pierre e Chantal.



Os caminhos de Pierre nunca foram fáceis, a vida é especialista em lhe dar rasteiras, em uma delas foi gravemente ferido, o resultado são marcas profundas que ultrapassam as visíveis em sua pele. Desde então, ele não esconde somente seu corpo, ele esconde principalmente seu coração. E quando mais um tapete é puxado debaixo de seus pés, sua alma se fecha por inteiro.

Mas, os caminhos da vida, levam Pierre até a distante Lores, e através da batalhadora Chantal, ele vai finalmente encontrar a esperança e aceitação que tanto anseia.

Uma história que mostra como a vida pode ter muitos caminhos e que em um deles podemos encontrar alguém disposto a nos acompanhar.

Um romance que fará seu coração bater mais forte a cada caminho traçado.

Redes Sociais

Para conhecer melhor o trabalho da autora, ver vídeos e fotos dos personagens, e estar sempre atenta às novidades, acesse as redes sociais:

Grupo fechado Facebook:

[Dani Assis – Leitoras Seduzidas e Conquistadas](#)

Fanpage Facebook:

[Dani Assis](#)

Instagram:

Dani Assis [@daniassisautora](#)

Spotify:

Playlist com todas as músicas tema desse livro,
siga [Sem Vida](#) no aplicativo Spotify em seu celular, tablet ou computador.

Biografia



Dani Assis

“É só fechar meus olhos e deixar minha mente vagar por quanto tempo ela desejar. E quando abro os olhos, sem pressa, devagar, uma nova história começa a se formar.”

Dani Assis tinha nove anos quando entrou pela primeira vez numa biblioteca. A professora pedia para que escolhesse um novo livro a cada semana. A partir daí, ler se tornou sua brincadeira favorita. Vive em São Paulo com seu amado marido e filho. E foi na escrita que descobriu sua principal fonte de paz e calma.